THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

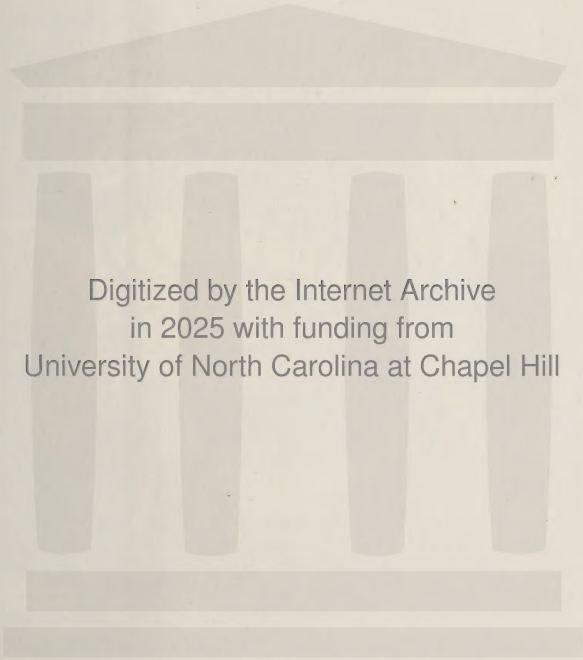
PQ9261
.S65
F7
1929

a 00001 27848 7

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513


Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/frtoprobidoroman00unse

SOUSA COSTA
DA ACADEMIA DE SCIENCIAS

FRUTO

PROÌBIDO

ROMANCE
SCENAS DA VIDA DE COIMBRA

FRÚTO PROÍBIDO

De SOUSA COSTA

Os que triunfam — novela romantica — 2.ª edição
Excentricos — contos — 3.ª edição
Fruto Proibido — romance — Scenas da vida de Coimbra — 3.ª edição
Os meus Pecados
«Sempre Virgem» — romance — Scenas da vida de Lisboa — 3.ª edição
Coração de Mulher — romance — 3.ª edição
Regresso à Felicidade — novela naturista
Como se vingam mulheres — comedia — 1 acto
A Pecadora — romance — 3.ª edição
Romeu e Julieta — novela em cartas — 4.ª edição
Que vergonha! — farça — 1 acto
Ressurreição dos mortos — romance — Scenas da vida do Douro — 2.ª edição
Paginas de Sangue—Brandões, Marçais & C.ª— 3.ª edição
Frei Satanás — 3 actos
A Marquesita—3 actos
O canto do eisne — novela
Dramas da Serra — novelas
Amor 1.º, o cruel — romance duma carióca
História d'El-Rei Camelo — novela infantil
Uma Divorciada — romance

C

SOUSA COSTA

DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

MYC

PQ9261
.S6S5
F7
1929

Frúto Proíbido

ROMANCE

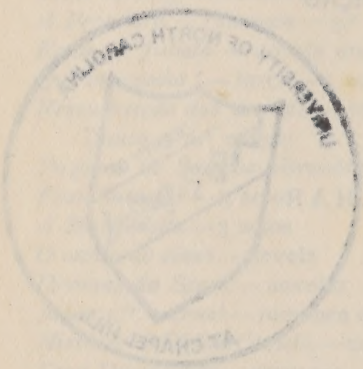
(Scenas da vida de Coimbra)

3.ª EDIÇÃO

10.º MILHAR

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA



Comp. e imp. na IMPRENSA LUCAS & C.ª
59 — Rua Diário de Notícias, 61 — LISBOA

LIBRARY UNIV.
NORTH CAROLINA

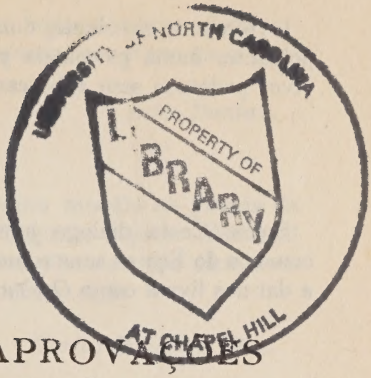
A ti, minha EMILIA

No dia em que casamos, horas depois de entrarmos em Coimbra, já me falavas da «saudade com que has-de deixar as belezas romanticas das perspectivas que nos cercam», logo que eu atinja a gravidade ponderada do bacharel em direito.

Nalgumas das paginas dêste livro fiz por fixar um pouco da vaga e enternecida melancolia dêssas perspectivas — para que daqui a anos, lendo-o, as possas reviver, com saudade dos dias que serão no futuro, por certo, os nossos melhores dias.

869.3
S725f

814082



LICENÇAS E APROVAÇÕES DA 2.ª EDIÇÃO

Era lei, em tempos passados, autorisar o dizêr dos livros com as licenças e aprovações da ordenança as do Santo Oficio e as da Congregação do Oratório, as do Desembargo do Paço e as da Mêsa Censória, a que conferia e taxava: — «para que corra e sem elas não correrá».

Vamos reeditar o Frúto Proibido, o primeiro romance de Sousa Costa, escrito em Coimbra como estudante de Direito, e para Coimbra como terra de estudantes. Ora, sendo êste o seu romance dos vinte anos, entendemos devêr precedê-lo das licenças e aprovações dos desembargadores e padres mestres da literatura, expressos sobre o exame da 1.ª edição. Não para que corra, pois sem elas já correu — mas para fixar a nota cavalheiresca da recepção do primeiro trabalho folgado do romancista da Ressurreição dos Mortos.

Seguem as licenças e aprovações dos mestres:

... romance excelente, duma efabulação clara, recta, empolgante, duma psicologia profunda e precisa, dum estilo vivo, poderoso sem rebuscamento, elevado sem enfase.

Dr. Max Nordau.

Sousa Costa dialoga admiravelmente, como o Eça, e como os do Eça os seus romances hão-de ficar, se continuar a dar-nos livros como *O Frúto Proibido.*

Gomes Leal.

O Frúto Proibido é um verdadeiro monumento erguido á mais bela terra de Portugal. E' um dêsses raros livros que trazem sol á nossa casa no mais nevoento inverno. Lembra Camilo e lembra Eça, mas é outra a voz, outro o gesto, outra a palavra.

Lopes de Oliveira — ULTIMAS GERAÇÕES — SOUSA COSTA.

Todo o drama central, todo o drama dos amores de Rodrigo e Beatriz, afirma um romancista a valêr — dos que molham no sangue vivo da emoção a pena doirada da fantasia.

Quero acentuar a minha admiração pela scena da ida de D. Isabel e de Mariana a Celas. E' uma scena em que tudo é belo e magistral. Só isso bastava para dar a prova dum romancista a sério.

Manuel da Silva Gaio.

O Frúto Proibido é um livro que honra uma geração e uma escola literária. Concebido e escrito com um forte e real talento, é a afirmação irrecusavel dum romancista. Soberbo o desenho dos tipos — duma frescura de quadro

holandés; magistral a pintura do meio coimbrão, dado em páginas de descritivo que bastavam, por si sós, para consagrar um artista da palavra.

Julio Dantas.

A figura de Beatriz ficará como modêlo na galeria da nossa literatura romantica... Ninguem hoje em Portugal escreveria essas paginas, com semelhante ardor sentimental e tão minucioso escrúpulo de observação.

Carlos Malheiro Dias.

Este marinhou muito para cima do anterior. E' o livro másculo dum temperamento de feminina sensibilidade. Desbaste-lhe um pouco a exuberancia da composição, e temos um romance perfeito.

Fialho de Almeida.

. . . . . .

Fiel aos mandamentos de Fialho, no desejo de aperfeiçoar o livro sem lhe prejudicar a acção ou desvirtuar a feição primitiva, Sousa Costa aproveitou a oportunidade desta segunda edição para um cuidadoso desbaste na primitiva exuberancia de forma do Frúto Proibido.

Os Editores.

FRÚTO PROIBIDO

I

Rodrigo fez o curso dos liceus em Evora e veiu para Coimbra sete anos depois, matriculado em Direito, com vinte e seis completos e o fulgôr da mocidade nas pupilas claras.

Era casado. Casou no ultimo ano de preparatorios com uma histerica beata das relações da familia — e uns contos de réis de renda anual em moios de trigo e cortiça. O pai, o Mascarenhas de «Almendra», miguelista ferrenho por tradição e por amôr á sagrada religião de Jesus-Cristo, disse-lhe um dia: — «Prepara-te. Vais casar com a Terezinha da Carregosa, bôa menina, temente a Deus e... a melhor herdeira dos sitios» ... Curvou a cabeça, submisso. Ouvir a voz forte do pai, duma inflexão autoritaria de comando, era ouvir a propria voz do Horeb, entre as sarças ardentes, ditando a lei a homens e mundos. E até dos seus fartos bigodes de general reformado se temia pelo aspecto aguerrido que lhe impunham.

De facto, Mascarenhas pai, instalado no culto austero da sua religião e do seu rei — o Senhor D. Miguel, como ele dizia, respeitosamente, num esboço de genuflexão — mantinha dentro do lar a atmosfera do mais severo rigôr patriarcal.

Era verdadeiramente o chefe, o senhor, o todo poderoso. Não se discutiam as suas ordens, não se contrariavam os seus caprichos. A propria esposa, a amoravel D. Rosaria de Sepulveda Mascarenhas, lhe obedecia na passividade automatica de ponteiro de relogio sob a pressão mecanica da corda.

De maneira que, quando Rodrigo fez saber á mãe a resolução inesperada do pai, ela limitou-se a responder, cheia de amargurada ternura:

— E então, meu filho? Custa-me, porque me vais deixar. Mas ficamos perto... E podes ser feliz. E' boa menina, muito dada ao arranjo da sua casa...

E nem sequer dissera «não contraries teu pai». O que não significa, apenas o filho retirou, conformado e indiferente, que não considerasse as vantagens e desvantagens do casamento, á luz profectica do seu afecto de bôa-mãe.

Tereza e Rodrigo podiam ser felizes, acomodando-se resignadamente ao destino que lhes preparavam.

— E se fossem infelizes?

Podiam ser infelizes. Ela era muito voluntariosa.

Rodrigo, impulsivo, não dominaria os nervos a ponto de lhe aceitar serenamente certas exigencias de temperamento e educação.

Rodrigo possuia a robustez sadia dos Mascarenhas, distinguida e ilustrada em luzidas façanhas de terra e mar. Nas suas veias azuladas, porém, sob a pele branca e veludosa, corria impetuoso sangue fidalgo.

Tereza, fidalga tambem, herdara da mãe o linfatismo duma raça degenerada por jejuns e penitencias. Era debil, de formas escorridas, de movimentos pesados. Uma meia tinta roxa sombreava-lhe as palpebras languidas. Revelava o ar doentio do ser nascido e criado na humidade de cela subterranea, vivendo exclusivamente para a paz do claustro.

Esta circunstancia, principalmente, apavorava-a. Te-

riam talvez filhos enfermiços... Sentiriam talvez, um pelo outro, a repulsão instintiva de duas criaturas que se encaram com nôjo ou com receio.

— E afinal não será tudo isto senão a minha rabujice de velha! — rematou a bondosa senhora, encolhendo os ombros e sorrindo á ideia que a fez ainda murmurar: — Até podem ser muito felizes...

O certo é que Rodrigo e Tereza casaram, numa manhã festiva de setembro, com repiques de sinos e arcos de murta e flôres por todo o caminho embandeirado da Carregosa.

As bôdas foram opulentas. Durante dois dias os parentes e amigos não abandonaram os noivos, embecidos no par venturoso que ligara as duas mais nobres familias do Alemtejo pelo sangue e pelo afecto — como afirmava, prodigo de estilo assucarado, o padre Martinho, o gôrdo padre Martinho, o abade da freguezia, á hora soléne dos brindes, na primeira tarde das bôdas.

— E' mesmo o enlace mais auspicioso destas dez leguas em redôr e destes dez anos ultimos — asseverou, com a lagrima a espreitar no olho velado de ternura. — A senhora D. Tereza, a herdeira mais rica destes sitios, com vinho e cereal, fóra a cortiça, para carregar vinte navios. Um coração de pomba... O noivo inteligente, com todos os predicados que exornam a alma de sua mãe — e apontou D. Rosaria, a taça de cristal a bordejar espuma — e o caracter de seu pai, fidalgo dos doutras eras...

Os noivos ficaram na Carregosa, onde passaram a lua de mel — uma lua de mel glacial, sem beijos e sem efusões de amor, á sombra complacente das grandes arvores, ao rumôr das aguas limpidas das fontes, na bisbilhotice bucolica que ensina ás almas enternecidas os mil segredos da felicidade duma vida sem revoltas e sem ambições.

Rodrigo quiz seguir os estudos, matricular-se logo em outubro na faculdade de Direito. O sôgro opoz-se, objectou que tinha muito com que passar e «á larga» sem precisão de ir a Coimbra queimar as pestanas em inuteis canceiras.

Mascarenhas pai corroborou gostosamente a opinião do amigo, acrescentando que o filho não aumentaria no labôr das letras o brilho tradicional do seu nome.

Rodrigo e a mãe é que não perfilhavam, no intimo da sua alma, a doutrina dos ilustres descendentes de navegadores e guerreiros. Submeteram-se, vencidos pela sua propria fraqueza, no habito de obedecer sem rebeldias.

Então começou para Rodrigo uma vida nova, em que a leitura de romances, que o pai lhe proíbira sempre, ocupava uma larga parte de tempo. Fechava-se no quarto, emquanto a mulher, muito contrita, rezava de joelhos no oratorio de talha, ou bordava junto da mãe sobre um bastidôr de pau rosa.

Deixava-se absorver pelo caracter das personagens, apaixonava-se pelos seres amorosos, vibrava dolorosamente, cheio de compungida magoa, pelos desgraçados que o infortunio tortura.

Certo dia, debaixo da impressão violenta do desenlace tragico dum dos seus romances, Rodrigo ergueu-se da cadeira disposto a acender no coração de Tereza um pouco do amor que não gozara nunca. Tinham passado mezes sobre o casamento e não se lembrara ainda de a despertar, de se despertar a si mesmo para as suavidades deleitosas dum afecto comum.

Tinha dado até ali o menor tempo possivel á convivencia com a mulher. Não se manifestavam desprezo nem simpatia, indiferentes como dois cegos que se não sentem.

Ia fazer por procurar a combustão dum sentimento que instinto e leitura lhe segredavam e que se lhe

representava um laço muito solido, a uni-los para uma felicidade muito alta, onde não chegariam as nuvens impenetraveis da desventura.

Daí em diante procurava estar a sós com ela, comunicava-lhe doces frivolidades, contava-lhe lindas historias.

Mas não arriscava, na sua presença, uma palavra mais quente, um sorriso mais expressivo — as suas decisões, tão pensadamente elaboradas e tão cuidadosamente fortalecidas, a amarrotarem-se sob a atitude rigida de Tereza.

Foi com a voz entrecortada de receios que lhe preguntou um dia, a custo vencida a timidez natural, «se gostava dêle», se lhe tinha «amizade».

Tereza, que espanava o pó dum contador da India, com Brahmas e pagodes de tartaruga, respondeu-lhe, sem despegar o ôlho do preciôso movel secular:

— Tenho-te amizade.

Ele sentiu uma repulsão exaustiva por êssa criatura impassivel em face da sua mocidade sequiosa. Pôde refrear-se, pôde abafar no entanto a colera que o sacudiu.

E por um esforço obstinado conseguiu ainda reavivar as suas ternuras ingenuas de rapaz, na esperança de a chamar a si, á efusão dos beijos e das caricias.

Só quando se deu a pensar na inutilidade dos seus esforços, quebrados de encontro ao gelo da impassibilidade de Tereza, os impetos afectivos dos seus dezanove anos saudaveis esmoreceram, dolorosamente magoados.

E Rodrigo, convencido de que a sua vida se estragava naquela renuncia ascética, começou a vêr por traz da frieza reservada da mulher certos habitos de beata fanatisada — caso vulgar de que os seus livros estavam cheios.

Não o duvidava: as rezas de Tereza, os seus jejuns,

as suas penitencias, levantavam-se entre eles como cordilheiras nevadas e inacessiveis. Experimentou então um tôrvo rancôr surdo por essas praticas devotas — que se esbatiam, quasi apagadas, no fundo indeciso da sua educação.

Os santos rigidos, alinhados em volta do oratorio de talha, de vestidos debruados a pontinhos de oiro, irritavam-lhe o animo em explosões de exaspero. Porque via nêsses santos, cujas vestes se não agitavam num fremito de amor, o obstaculo entre ela e os seus braços, e os seus beijos, e a sua sêde de ternura.

Uma noite mesmo, ao deitarem-se, êle não pôde conter-se. Perguntou-lhe, numa ironia mordente, «se aqueles bentinhos, que deviam afugentar a morte e dar indulgencias á vida, tinham sido benzidos pelas gordurosas mãos do padre Martinho».

— Ouviste ? retorquiu, desaustinada pelos escrupulos em sobressalto — Não te consinto gracejos... Ficamos entendidos: nem a ti nem a ninguem ! — E voltou-lhe as costas, rancorosamente.

Rodrigo ouviu-a, assombrado pela reprimenda.

Mas conteve-se e observou, numa serenidade afectada, traída pelo tremor da voz:

— Não te exaltes. Não vale a pena. E não te exaltarás mais, prometo-o . . .

— E eu estimo-o...—continuou éla, irredutivelmente entrincheirada no seu histerismo mistico agravado. — E' mesmo o que eu quero. Em coisas de religião não admito brincadeiras, ouviste ?

Tinha ouvido, ouvira até de mais. Foi nêssa noite que mediu, pela primeira vez, o destino que o pai lhe traçara, unindo-o a uma mulher agastavel, alma sêca em peito esteril. Unido a éla para sempre ! E teve a impressão angustiosa de que se desequilibrava, de que se despenhava em negrumes de abismo, sem voz para gritar socorro.

O que seria o seu futuro ? — pensava, aniquilado. Nunca se interrogara a tal respeito.

E aí tinha agora, bem amargos e bem irremediaveis, os efeitos da sua transigencia, a inconveniencia da sua submissão !

Daí a dias a scena violenta repetiu-se, porque Rodrigo deixára de fazer sobre a testa, sobre a bôca e o peito, ao deitar-se na cama, o seu sinal de cristão.

Logo que a madrugada luziu pelas frestas das janelas, Rodrigo vestiu-se, evitando acorda-la, não fôsse increpa-lo por lhe perturbar o sôno da manhã. Depois desceu ao jardim, a cabeça ainda afogueada pela febre da noite. Sentia uma sensação deliciosa de frescura ao contacto do ar lavado vindo do norte e das neves. Sem dar por isso foi ter ao tanque de marmore com golfinhos de bôca aberta, a vomitarem grossos jorros de agua para uma grande concha estriada, sob a austeridade benigna de platanos vagamente rumorosos. Lembrou-se de que nêsse mesmo sitio, sentada num banco de cortiça, á beira do tanque, a sua mãe, tão afavel e tão bôa, lhe dissera poucas horas depois da bôda :

— E' preciso que faças por dar felicidade a Tereza. Só assim encontrarás a tua propria felicidade.

Beijara-o em seguida, muito comovida, meio sufocada, como se previsse o desenlace triste do casamento.

Essa recordação enternecida, pondo um tão fundo contraste entre a bondade carinhosa da mãe e a irritabilidade angulosa da mulher, humedeceu-lhe os olhos de lagrimas. Resolveu ir ter com ela, afim de desabafar, e principalmente — era essa a idêa que o possuia todo — de lhe manifestar a resolução subita de se separar de Tereza. Sim, ia separar-se da mulher, houvesse o que houvesse.

Ao entrar no venerando solar de Almendra, que se arruinava á sombra protectora de dois cedros gigantescos, nem reparou nos maltezes que se descobriam á sua

passagem. Um molosso lanzudo, o «Leão», foi lamber-lhe as mãos, agitando a cauda, roçando-lhe as calças. Afastou-o, mal humorado. Já ao alto da escada ouviu o pai na adega, a dar ordens no seu tom gutural de commando, a preparar o vasilhame para o azeite das lagaradas — e tornou os seus passos muito leves, avançou quasi pé ante pé, cautelosamente, num temor indefinido. Encontrou D. Rosaria na sua estreita e aconchegada sala de trabalho, a dispôr com meticulosidades de boa dona de casa a roupa branca da semana sobre um açafate de verga.

A excelente senhora alvoroçou-se ao vê-lo entrar áquela hora da manhã, as olheiras fundas, o olhar alterado. Conjecturou do que se tratava: uma questão desabrida entre ele e a mulher, em que naturalmente intervieram o sr. Bentes Rebordínho, a senhora D. Angelica, agastados contra o seu filho, isolado de afeições no soturno casarão da Carregosa. E foi para ele, sensibilizada pelas agruras adivinhadas no seu rosto transtornado. Deu-lhe a mão a beijar, puxou-o suavemente para junto da costura, sentou-o muito perto da cadeirinha baixa da Madeira, o olhar fito no seu olhar, sofrega pela revelação dolorida. Deixou-se sentar, enervado por aquela ternura adormentadora.

A voz saíu-lhe frouxa, em surdina, como se temesse que lhe levasse para além da sala de trabalho os seus propositos de emancipação. Mas não encontrava palavras tão ajustadas á sua dôr que a traduzissem. Monologava apenas, o cerebro ôco, o peito latejante:

— Sou muito infeliz, muito infeliz.

A bondosa senhora chegava a cadeirinha de verga para perto dêle, bebia-lhe as palavras, repetia, transida;

— Muito infeliz . . . muito infeliz . . .

— Muito infeliz, minha mãe. E não ha remedio para o meu infortunio, minha mãe . . .

Ela, mais tranquila já, começou a acalma-lo:

— Socega, filho. Não digas heresias. Todo o mal tem remedio, só o da morte não. Ora dize, anda, o que foi?

Rodrigo, sob a tepidez amorosa da afabilidade da mãe, sentia esmorecer a consistencia da sua tortura. De maneira que, ao rememorar, em toda a sua intensidade dramatica e afrontosa, a scena da vespera á noite, pareceu-lhe tão atenuada e longinqua que mal conseguia avivar-lhe os vagos contornos.

Era impossivel suportar aquela vida por mais tempo. Vinha declara-lo á mãe, disposto a saír da Carregosa, a abandonar a mulher.

D. Rosaría esqueceu no regaço a peúga e a agulha do trabalho, fitou-o por cima dos oculos, baixando um pouco a cabeça, a sorrir, cheia de magua. Chamou-lhe criança, «uma criança irreflectida». E comentou, numa serenidade simulada:

— Ora, que infelicidade! Isso acontece com todos os casados .. Questões, ralhos, amúos, com todos, filho, com todos, por muito que se queiram. Isso não vale nada, meu filho.

Retomou a costura, alisou a bainha com o dedal, puxou com os dentes uma ponta da linha que ameaçava desenfiar-se da agulha.

— Não vale nada, não, minha mãe, — observou ele, cheio de razão. — Não vale nada e ninguem calcula ao que me sujeito. E' uma indignidade. Não tem uma palavra de afecto. Repreende-me como se fosse um criado. Resa, come, dorme... e mais nada, e mais nada...

Tendo levantado a voz, calou-se de repente, assustado, o ouvido atento aos rumores que vinham da adega. E como se o curso das suas ideias tomasse outro rumo:

— Eu não ouço o pai lá em baixo...

— Pois ele para lá está a tratar das vasilhas. Já anda o azeite nos engenhos.

Efectivamente a voz do senhor Mascareuhas troou na adega, larga e severa.

Rodrigo voltou ás suas queixas, maldisse do desprêso de Tereza, dos seus ardores devotos, a que atribuia, em grande parte, a camada impenetravel da indiferença em que se encerrára.

— Talvez te enganes, Rodrigo. Êsse desprêso póde ser apenas desconfiança tua. Tereza póde até ser tua amiga e ter acanhamento, sim, bem sabes que ha pessoas dêssas, póde ter acanhamento em te mostrar que o é...

Rodrigo não se convencia. E assim, como se todo o seu sofrimento intimo redobrasse, afirmou, baixando a voz:

— Não queira iludir-me, minha mãe. Bem sei que o casamento está feito, está feito... Mas ha um remedio: é separar-me dela. Não posso mais. Fiz a vontade ao pai, não posso mais ..

— Então, Rodrigo, não te exaltes. Com isso nada remedeias. Não te peço que tenhas pena de mim, que tanto sofro por te vêr sofrer! — Duas lagrimas rolaram, silenciosas, pela sua face enrugada. — Vejo que tens razão. Mas sois muito novos. O tempo ha-de dar-vos ainda dias de felicidade... — Como ele resmuneasse tristemente a sua descrença, ela cofiou-lhe o cabelo, proseguiu: — Foste submisso á vontade de teu pai. Só ha que louvar a tua ação. Mas deves ter agora muita paciencia, deves resignar-te, obedecer tambem aos acasos do destino.

Falou-lhe em casados mais infelizes do que êle, nos que não podem lamentar a sua sorte e que da sorte conhecem apenas o sofrimento, dos que não têem pão na mêsa nem roupa no leito e se odeiam, e se insultam de dia e noite, e se resignam a viver em comum.

Uma criada chamou á porta da sala:

— Senhora D. Rosaria...

Rodrigo ergueu a cabeça. D. Rosaria voltou-se um pouco na cadeira, respondeu :

— Que me queres ?

— O senhor Mascarenhas pergunta a V. Ex.ª se viu a estôpa p'ra vedar uma fenda numa vasilha.

— A estôpa ?... Ah ! diz-lhe que está na adega, na prateleira, á esquerda, logo á entrada.

Quando D. Rosaria considerava que a maior infelicidade das criaturas estava em não se saberem conformar com a sua sorte, ouviu-se a voz do senhor Mascarenhas praguejando com a criada no corredor :

— E's uma estupida ! Não soubeste dar o recado !

E entrou na sala, colerico.

— São umas estupidas ! Eu não perguntei pela estôpa. Preciso do martelo. Onde está o martelo ? Foi o que eu perguntei.

A bondosa senhora informou humildemente que o martelo devia estar no celeiro. E ele, dirigindo-se ao filho, que lhe pedira a benção :

— Por aqui, a estas horas ?! Então que é isto ? Madrugaste muito. .

Rodrigo, confuso, disse-lhe que passára a noite incomodado. Levantára-se cêdo, viera até Almendra por passeio e distração.

Saiu com o pai, que ao despedir-se verberava ainda a estupidez e o desleixo «dêstes criados d'agora».

D. Rosaria viu-o desaparecer por detraz das piteiras da estrada, apertada entre olivedos e azinhais. Dirigiu-se ao seu quarto, e ajoelhou diante duma Nossa Senhora de porcelana, que tinha o Menino-Jesus ao colo, um Menino Jesus alvo e roliço com um escapulario pendente da mãosinha gôrda e rosada.

A esperança tomou Rodrigo facilmente e encheu-lhe a alma de promessas. Caminhava devagar, no antegôso da tranquilidade de espirito em que se propunha entrar

e que seria a bemaventurança, se Tereza possuisse os encantos que acendem e alimentam as fortes paixões. Estendia a vista pela planura imensa, cortada de onde a onde de filas de eucaliptos que se viam em diversos sentidos, decrescendo á medida que se afastavam no horisonte, até se perderem no vago nevoento do céu poisado na terra indistinta. O ar da manhã, aquecido pelo sol glorioso que dourava os telhados da cidade entrevista para là da ramaria do arvoredo, com claraboias em cupula e ardosias luzidias de torres, dava-lhe a sensação dum bafo de carinho e de amor. E as oliveiras, e as azinheiras, na sua melancolia romantica, afiguravam-se-lhe naquela hora menos tristes, menos pensativas — sentindo até uma supersticiosa comoção de bom agoiro quando as pontas mais baixas dos ramos lhe roçavam o chapéu.

Entregar-se-ia á administração da Carregosa. Esforçar-se-ia por furtar Tereza ao predominio espiritual do padre Martinho — o caminho mais seguro para realisar o desejo de a apear da sua hostilidade. Assim cumpriria uma alta missão libertadora, espargindo um pouco de boa luz vivificante, uns haustos de ar tonico, na aridez de alma fechada na penitenciaria dos seus escrupulos religiosos, em que o escorregar num desejo venial era o caír nas chamas do Inferno.

A Carregosa estava impregnada do halito doentio dum Deus tenebroso, dum Deus inquisidor, que o abade corrigia pachorrentamente, dia a dia, com uma nova inclemencia, uma nova pena, um novo furor. Representava-se-lhe no espirito tal qual o via através das invocações e dos terrores de Tereza : envolto na longa tunica, picada de estrelas, agitada ao vento das suas infinitas revoltas. Um simples jejum mal observado irava-lhe a imensa pupila azul — que devia ser o proprio céu, em que os astros eram as iras acesas abrangendo continentes e mares.

Afinal, dizia Rodrigo comsigo mesmo, o Deus do padre Martinho nem sequer sentia o homem, o barro fragil saído das suas mãos omnipotentes e da sua vontade omnisciente, todo entregue a castigar-lhe as fraquezas congenitas.

Tereza era uma das vitimas dêsse Deus, carregado de ferocidades pelos designios secretos do abade. Afasta-la do abade era, pois, aproxima-la do Deus verdadeiro e das ternuras do lar. Havia de instrui-la então nas bondades paternas do divino Deus. Faria por lhe adoçar a alma com a benigna afectividade dêsse Revelado-Indefinido que dispõe das tintas para as florações, que dissemina os gérmenes, que remoreja no seio das florestas o himno sacro das forças criadoras, que faz abrir a boca dos pequeninos, logo ao nascer, para o bico rosado dos peitos ainda trémulos da agrura do parto — e inclina a sensibilidade do rico para a miseria do faminto, e enluta os corações maus que desprezam a charrua e brandem o punhal.

Rodrigo já avistava o largo portão da Carregosa, com ameias ao alto, ao decidir começar a sua bela obra. Deixaria de falar ao padre Martinho, não lhe corresponderia «ás boas horas», afasta-lo-ia do «monte». Viria depois o resto; a insinuação lenta, nas crenças de Tereza, para lhe revelar o Sêr Todo-Poderoso, o seu Deus, sem vinganças, sem rancores, sereno e magnanimo. E Tereza, ouvindo-lhe a palavra eloquente de convicção, entregar-se-ia toda á adoração do Deus que aloira a uva, que põe no labio o sorriso e na alma o perfume que um beijo materialisa num filho.

Representava-se-lhe mesmo êssa Tereza, sadia, acomodada no novo crédo como num jardim cheio de sol — e ele, senhor da sua vontadê, a evangelisar sempre, a lançar as sementes, a desvia-la do padre Martinho, suspiroso do «malvazia» que lhe refrescava as mucosas sedentas.

Rodrigo cruzou, a meio da escadaria nobre do solar, com o anafado abade, que descia cautelosamente, a batina arregaçada até aos joelhos. Tirou o chapéo, atarantado, e apertou na sua mão a mão papuda que o abade lhe estendeu, regougando, sorridente:

— Ora Deus lhe dê muito bons dias...

— Deus lhe dê os mesmos, senhor abade — correspondeu Rodrigo, titubeante. E entrou em casa num desespero, desvairado de raiva pela pusilanimidade que lhe fizera acudir aos labios, com um sorriso humilde, um cumprimento respeitoso.

Mas que lhe aparecesse de novo e ele saberia manter-se no seu papel...

Encontrou a mulher e o sôgro á mesa, ambos agastados, entretidos a arredondar bolinhas de pão entre os dedos. O almoço decorreu num silencio reservado, cheio de hostilidades e exprobações. Rodrigo recebeu êssas hostilidades e êssas exprobações como pena justa de verdadeiro delito: não devia contrariar as devoções de Tereza antes de a amadurecer para as suavidades da sua religião. E depois do almoço, mandou-a chamar ao quarto, disposto a «humilhar-se», a pedir-lhe que esquecesse...

Mas a menina — como lhe veiu dizer a tropega senhora Rita, a dispenseira da casa — estava muito «ocupada», a acabar uma toalhinha, que era um encanto, para o altar do Coração de Jesus.

Só á noite, ao deitarem-se, lhe pôde falar. Ela entrou no quarto com a face miudinha e aguda vincada por um mau humor. Rodrigo foi para ela, o coração alvoroçado, todo o seu ser abatido em humildade. Tereza lavava as mãos, vergada sobre o lavatorio de talha. Perguntou-lhe, com a voz hesitante, amaciada de arrependimento, se ainda estava zangada.

— Não estou — respondeu, com secura.

— Não te queria ofender. Tu desculpa, afinal... Eu...

foi por que me fizeste desesperar... chamaste-me pedreiro livre, hereje... Mas o que lá vai, lá vai. Tu desculpas-me, desculpas?

Esperou alguns segundos pela absolvição. Tereza, porém, limpou as mãos, colocou a toalha de linho fino no toalheiro e começou a despir-se, sem olhar para ele, no silencio hostil e pesado do almoço.

— Vá, dize se ficamos a bem — insistiu ainda Rodrigo, perdida a energia para lhe afirmar altivamente a revolta intima que já lhe refervia no coração. Ela então disse-lhe que sim, «que fazia as pazes», mas exigia que Rodrigo se mostrasse mais temente a Deus e ás suas santas praticas. Trocaram explicações — e ele, novamente calmo, auxiliou-a a desapertar um colchete renitente do corpête.

Daí a dias, persuadido de que Tereza começava emfim a compreendê-lo, falou-lhe dum velho desejo, do seu veemente desejo de ter um filho. E acrescentou, envolvendo-a num sorriso bom:

— Era agora a minha maior felicidade... Um rapaz, um traquinas endiabrado que alegrasse isto, esta vida triste... este casarão...

Tereza, enfastiada, voltou a cara, acentuou, arrastando asperamente as palavras:

— Eu alegrias cá as tenho que cheguem. Alegrias são as que nos dá Nossa Senhora quando bem a servimos. Era o que me faltava, estar a aturar rapazes...

Estas palavras, proferidas em tom de reprimenda, doeram-lhe, passaram-lhe no coração como fio agudo de espada. Veiu-lhe nêssa hora desalentada a suspeita da impossibilidade de lhe abrandar o temperamento, eterno abismo inacessivel impedindo-os de se estreitarem num abraço amoroso.

Em breve a confirmação da sua suspeita estalou, lançando-o na escuridão dum odio irreconciliavel, duma amargura infinita. Foi numa tarde chuvosa de feve-

reiro. Achára «dum picaresco irresistivel» um habito de seda rôxa, com os emblemas da Paixão bordados a retroz. Tereza encarou-o, muda de raiva, cuspiu-lhe o seu desprezo, rangendo os dentes:

— Hereje!... E's dos de Almendra, uns pedreiros livres, e está tudo dito!

Rodrigo teve tentações de a estrangular. Conteve-se, lembrou-se do sogro, do pai, do desgosto da sua mãe. Separaram os leitos nêssa mesma noite. Novas scenas vieram em seguida, que acabaram de os afastar como se a parede que lhes dividia os quartos, tivesse a espessura de montanha.

Esmagado de desgosto, tornou-se taciturno, deixou as convivencias das horas ociosas. Nem sequer voltou a Evora — a cidade visinha. Mas olhava todas as manhãs, com saudade, da janela do seu quarto, a terra em que passara dias e anos sem o tormento duma mulher odiosa e sem a catarreira duma sogra irritante. Pediu mesmo á mãe que lhe não falasse mais em Tereza. E uma ou outra vez, a pretexto de lhe faltar o tempo, não ia jantar a casa, passava o dia inteiro num «monte» afastado. O senhor Bentes de Rebordinho lamentava-o então:

— Um rapaz trabalhador, um modelo de rapazes... Mas vocês — e dirigiu-se á filha — ainda hão-de vir a dar-se como Deus com os anjos. Questão de tempo...

Tereza e a senhora D. Angelica franziam a testa, baixavam os olhos e mudavam prudentemente de conversa.

Sete anos depois, sob a soalheira ardente de julho, o severo Mascarenhas de Almendra sucumbiu de apoplexia fulminante. Rodrigo chorou amargamente a morte do pai; mas, pela primeira vez, pôde olhar sem receio as doçuras consoladoras duma vida livre de humilhações. De maneira que, a despeito das instancias amigas do

senhor Bentes de Rebordinho, oito dias decorridos, — «emfim, sua mãe, inconsolavel na viuvez, não podia ficar só, num permanente perigo» — foi instalar-se no solar enlutado dos do seu sangue.

— E' um perdido! — comentou o padre Martinho, fungando o simonte nas ramagens dum lenço de Alcobaça.

E quando soube, em outubro, que sem se despedir da mulher e da sogra, ele preparou as malas e abalou para Coimbra, matriculado em Direito, o abade resfolegou alto e sentenciou profectico:

— Lá vai para as orgias da nova Sodoma... Ainda o havemos de ver apodrecer num hospital. Deus não dorme, tenham a certeza...

II

Quando Rodrigo entrou em Coimbra, na vespera da abertura solene da Universidade, eram oito horas e meia duma noite calma e estrelada.

Nos ultimos dias de Almendra, como durante a viagem, encolhido ao canto dum compartimento de segunda classe, a sua imaginação trabalhava incessantemente, repetindo e sobrepondo, numa obsessão de tortura, as perspectivas da nova vida que desejava como uma libertação e temia como um precipicio.

Deixara de estudar durante tanto tempo que se considerava incapaz, a despeito do muito que lia e do muito que meditava, de adaptar o espirito ás subtilezas e aos conceitos do Direito.

Tinha mêdo, um mêdo invencivel, de não pôder seguir, na sua marcha luminosa, as inteligencias soberanas, e que eram todas as que comungavam nos sabios preceitos das Faculdades. E representava-se-lhe o padre Martinho na sala de jantar da Carregosa, severa como refeitorio monastico, rindo alvarmente do seu fiasco, sob a aprovação azeda da sr.ª D. Angelica e o sorriso do sr. D. Miguel, um D. Miguel pendente da pa-

rede, de gola vermelha e colarinho alto, a fazer beicinho. Depois, a cidade de Coimbra apresentava-lhe negrumes de pavor, apesar da sua iluminação a bico Auer, da sua pacifica população de vinte mil almas e do seu corpo invulneravel de policia.

De cada esquina um trupe surgia, os rostos vendados, a moca em punho, a palmatoria e a tesoura prontas ao sacrificio. Para ele, Coimbra, não tinha senão trupes, o canelão, as troças, tais quais os ouvira descrever aos contemporaneos do liceu, formados já, e a um tio bacharel, irmão de sua mãe, advogado famoso em Aveiro. Este, na sua ultima visita a Almendra, pelos fins de setembro, advertira-o cavamente, aconselhando precauções rigorosas. Ao descrever uma trupe, a sua voz declamatoria, educada na arte da pintura criminal dos auditorios de Aveiro, eriçara-se de hiperboles, com pronuncios agoirentos de morte.

— E tem-me cuidado com o Arco da Traição... — ponderou o tio bacharel, contando uma historia de punhaladas e sangue para esclarecer o suspeito sabôr do nome fatidico. — Toma sentido: tu, depois da *cabra*, não me vás para o beco da Anarda, para o Arco do Bispo, para os Palacios Confusos... Para alguma coisa te arranjei quartel na republica da Couraça... Ficas entregue ao Rebelo Carneiro, êsse belo rapaz, um talento ás direitas, que ha-de saber encaminhar-te a preceito.

Só a ideia da robusta protecção do Rebelo Carneiro, quintanista de Direito, de Figueiró dos Vinhos, classificado mór do curso, o animava a afrontar a cidade.

Rodrigo relembrava tudo isto, que lhe passava pelo espirito em carreira veloz, como a das arvores e dos postes telegraficos que a sua vista abrangia atravez da portinhola da carruagem.

Em Pombeiro, mal o comboio parou, num ruido sêco de ferragens chocando-se, dois rapazes subiram ao seu compartimento, de chapéu mole para a nuca, o ar

atrevido e flamante de quem se sente bem acomodado na vida. Ele encolheu-se mais no seu canto, como se em cada rapaz que entrava, denunciando pela garrulice alegre a nota caracteristica do estudante folgasão, surgisse o carrasco do dia seguinte. Mas foi logo uma troca efusiva de cumprimentos, de compartimento para compartimento, por cima das divisões de madeira estofada.

— Adeus, Silvano! como passaste as ferias ?

— Olha o Sampaio e o Ataíde ! . . . Bravo ! Vocês veem famosos, com a boa batata e o bom paio dos patrios lares ! Eu, assim, assim . . . Amores mal correspondidos . . .

— O' Soares, ó maldito ! Acorda, que estamos em Coimbra !

Um rapagão ossudo poz-se a esfregar os olhos, a bocejar, erguendo a cabeça, resmungando :

— Já estamos ? — E ao reparar no outro : — Ah ! o Sampaio . . . Ui, que patife ! Então que tal, levas algum caloiro ?

— Este ano não tenho féras.

O Soares levantou-se, meio cambaleante na trepidação da marcha, e apontou dois rapazes esguios e amarelentos, de sorriso incerto, amarfanhados um de encontro ao outro, á sua esquerda.

— Apresento-vos duas novas vergonteas ilustres da ilustre casa de Minerva, que vão procurar nos úberes fartos da mamã o leite que a todos nós dá vida e saber . . .

— Muita honra em conhecê-los, senhores doutores— disseram o Sampaio e o Ataíde. E êste acrescentou, galhofeiro ! — Sejam bem vindos, ás glorias imortais de Atenas e que os genios bemfazejos lhes entornem sobre as frontes juvenis a cornucopia das graças . . .

Os dois caloiros, de chapeu na mão, obedientes aos ensinamentos do Soares, agradeceram, esboçaram um

sorriso livido, ao mesmo tempo que dos outros compartimentos se erguiam clamores de saudação aos bravos doutores do Soares. Os demais passageiros, de boné de viagem e paletó de lona, riam contentes, achavam imensa pilheria aos «marotos» dos estudantes.

Rodrigo esforçava-se por desviar de si a atenção dos veteranos, ora fixando o olhar num jornal, sem lêr palavra, ora associando-se sobre posse ás gargalhadas dos companheiros de viagem. O Ataíde reparou nele, interrogou-o com um ar sério de interesse:

— V. Ex.ª é primeiranista da Universidade?

E êle, de pé, cumprimentando gravemente:

— Sim, meu senhor, vou para a Universidade.

O Soares atroou a carruagem, num largo brado:

— Um caloiro, mais uma féra!...

E o Ataíde, sem desmanchar a sua atitude séria e comedida:

— Eu conheço V. Ex.ª... Tenho umas reminiscencias... A proposito: como vão o papá, a mamã, os manos?

— Eu não tenho manos, e o papá êsse morreu, vai para quatro mezes...

— Ah! morreu?!... Lamento, creia. Eramos amigos.

— ... duma apoplexia...

Os outros abafavam o riso, voltavam o rosto para o lado. O Soares assestou o monoculo, compoz a grenha revolta, ordenou imperioso:

— Basta de conversa! O' Ataíde, perfila-me lá o caloiro em posição de sentido. E na primeira estação ha-de fazer um discurso aos empregados da linha ferrea, a solicitar, percebeu? a solicitar a esclarecida atenção do agulheiro para a organisação ferro-viaria dos Putifares e para a influencia do calicida Franco no desenvolvimento da Renascença... Um discurso teso, percebeu, doutor? Com citações e chamadas á margem, hein?

— E a descrição minuciosa da côr e aroma das calcinhas de Cleopatra quando caiu nos braços marciais de Antonio — acrescentou o Sampaio.

Dos compartimentos partiam bravos e palmas. Rodrigo, no seu acanhamento de novato, tinha no olhar uma amargura confrangida.

O Ataíde interveiu então, protector, porque tinham sido muito amigos, quasi irmãos pelo afecto. Rodrigo não tinha o prazer de se recordar.

— Foi... ora deixe vêr se me lembro... — espetou o dedo indicador na testa:—Ah! já sei. Foi em Lisboa que nos conhecemos, em casa respeitavel da rua do Norte.

— Não, não póde ser. Eu nunca estive em Lisboa, senão hoje, de passagem...

— Mas donde é V. Ex.ª? — inquiriu o Ataíde, como que contrariado com a infidelidade da memoria.

— Eu sou da casa de Almendra, ao pé de Evora, e fiz lá os preparatorios.

— Em Almendra?

— Não, meu senhor, em Evora.

Rodrigo, sob o olhar trocista dos companheiros, atarantava-se nas respostas, balbuciava, aturdido.

E o Ataíde, cada vez mais sério, prosseguiu, dando agora uma palmada na fronte lisa de moreno:

— Justamente, em Evora! Nem mais... em Evora... Até lá ha um jardim publico catita, em frente do palacete Baraóna...

— Sim, isso mesmo.

— Com certas ruinas, estilo manuelino, atribuidas impropriamente ao reinado de D. Manoel...

Rodrigo corroborava, oscilando a cabeça.

— E a Sé, magnifica, com o altar-mór todo em marmore e colunas de marmore de três côres... E a praça, e o liceu... E tem uma rua que se chama... ora deixe vêr se me lembro... ah! chama-se a rua das Amas do Cardeal...

— Exacto, exacto — corroborava Rodrigo, muito simples.

— Pois não ha duvida... Foi em Evora que nos conhecemos, num café da praça de Sertorio, era já noite. Talvez por nos vermos á noite, á luz do gaz, é que V. Ex.ª se não recorda . . .

Ao apear-se na Estação-Nova, por entre o borborinho dos apregoadores de jornais e de pessoas que se despediam ou se cumprimentavam, Rodrigo ouviu clamar alto o seu nome, quasi ao seu lado. Voltou-se. Era um rapaz baixo, magro, de buço incipiente, oculos de aro de prata e um certo ar comedido e grave. Pela descrição copiosa do tio bacharel, que tanto lhe sublinhára o faiscar dos olhos negros atravez dos oculos de prata, não podia ser senão o talento do Carneiro...— e lá estava efectivamente o olhar, faiscando e denunciando.

Descobriu-se respeitoso, murmurou enleado:

— Sou eu o Rodrigo de Mascarenhas, um criado de V. Ex.ª. Muitas saudades do tio de Aveiro.

— Estimo-as e estimo conhecê-lo. Eu sou o Rebelo Carneiro.

Rodrigo quiz dizer-lhe que o conhecera logo, só pelos oculos, só pelo olhar, êsse olhar que o tio bacharel sublimava com adjectivos de respeito. «Oh! aqueles olhos do Carneiro! duma luz fulgurante, que penetra...» dizia o tio. Limitou-se porem a balbuciar o seu acanhado «muita honra em conhecer V. Ex.ª», emquanto o Carneiro avançou, familiar:

— Seu tio ainda hoje me escreveu, a recomendar o meu amigo com interesse, com o maior interesse... Não haverá duvida: por mim hei-de fazer o que puder. E alguma coisa se conseguirá. Ponto é que venha disposto a coadjuvar-me.

As palavras do Carneiro caíam lentas, como se quizesse fazer gozar á vontade, ao seu caloiro, sonoridades limpidas e tranquilas.

Rodrigo não encontrava que lhe responder. As ideias, os proprios termos enrodilhavam-se na pequenez atarantada do seu ser, perante êsse talento que as classificações ha muito haviam consagrado. Olhava-o num enlevo, fascinado pelo scintilar da sua linguagem.

Uma algazarra ruidosa, vinda da sala de despacho, por onde os passageiros se escoavam, sacudiu-o do seu torpôr. Apurou o ouvido: eram centenas de vozes que gritavam: «mais um! mais um!» seguidas logo dum bramar revôlto, em que havia assobios, apupos, gargalhadas. O Carneiro, observador, compreendeu a hesitação de Rodrigo ao chegar á porta de saída. Elucidou-o, pacificou-o:

— E' a montarem os caloiros. Não tenha receio. Vou eu aqui... Ninguem lhe toca, sossegue...

— O' sr. doutor: o numero 60! O numero 21! Não tem nada a despachar, sr. doutor? — ofereciam-se os carrejões entre o vozear da turba.

Só na Alta, já no seu quarto, no seu terceiro andar, ele sentiu o desafogo duma situação segura, mais forte e inviolavel do que o prestigio de todos os quintanistas amigos, de todos os Carneiros protectores. Recordou-se do Ataíde, lamentou secretamente a indelicadesa de não lhe haver apresentado as suas despedidas.

Foi recebido na sala de jantar por quatro dos comensais da republica, dois dêles caloiros de Figueiró dos Vinhos. Os veteranos dispensaram-lhe a afabilidade benevola de superiores indulgentes. A servente, a senhora Joana «Grila», escalavrada e dengosa, punha o chá na mêsa á sua entrada na sala. Passeou a palma da mão pelo avental, depois de pousar o bule, baixou-lhe a cabeça, balbuciando um «senhor doutor» cheio de untuosa melifluidade. Mirava-o muito, servindo-lhe as bolachas, analisava-o de frente, de lado, vorazmente, no farejo indiscréto de promessas apetecidas.

Rodrigo deitou-se ás dez horas, entorpecido de fadi-

ga e comoções violentas, recapitulando os episodios da viagem, a saida da gare, o receio das trupes, ao subir as ruas ingremes e tortuosas que o levaram á tranquilidade do seu estreito quarto de dormir, tão ingremes e tão tortuosas que lhe lembravam veredas de penitencia conduzindo á portaria bemaventurada de S. Pedro. Parecia-lhe escutar ainda o Carneiro, na sua voz lenta, repassada de ponderações maduras, a responder á sua estranheza por não encontrarem uma trupe em cada recanto sombrio :

— Hoje ainda não ha trupes. E que as houvesse ! Fossem elas até de quintanistas, eu cá estava . . . Havemos de encontra-las. Causam um certo abalo ao surdirem da treva, inesperadas, mesmo a nós, os que protegemos. Mas só causam abalo . . . Não ha-de haver duvida.

Aquilo acalmara-lhe o espirito relativamente ás trupes. Não arriscaria um passo fóra de casa, senão á sombra benigna do prestigio do Carneiro. E o canelão ? Sim, o canelão . . . As aulas já não eram todas á mesma hora, como no tempo do tio bacharel. As suas — informara-se logo á chegada — eram todas a horas diferentes das do Carneiro. Aí estava á mercê dum novo perigo, que não previra, a que Carneiro nem sequer aludira.

Adormeceu na pesquiza dum meio airoso de pedir á solida proteção do quintanista a inviolabilidade das suas canelas. Levou a noite em sonhos sobressaltados, em que havia ciladas, assaltos de grupos embuçados ao dobrar de ruas mais extensas do que cidades e mais escuras do que subterraneos — e que ficavam entre a escadaria nobre da Carregosa e o tanque de marmore do jardim. Tereza, escarranchada na cabeça escamosa dum dos golfinhos, bamboleava as pernas secas, assobiava lugubremente o «Tantum Ergo».

O sol entrava pelas janelas do quarto quando acor-

dou. Tinha a boca saburrosa. Tinha a impressão de que haviam tentado estrangula-lo, entre clamores selvagens e o «Tantum Ergo» da Carregosa.

Da sala de jantar vinha um côro ruidoso de vozes agudas e asperas, que se estendia por toda a casa. Ele passou a mão pelos olhos, feridos pela luz gloriosa que lhe batia em cheio.

— Os caloiros! Tragam os caloiros!—uivavam dentro.

— E' preciso leva-los á mangedoura! Venham os caloiros! . . .

Desconhecia o metal daquelas vozes. Um dos companheiros de casa chamou-o de fóra, pediu-lhe que fôsse almoçar, que «aquilo era brincadeira dos rapazes doutra republica».

A' entrada de Rodrigo na sala o tumulto redobrou. Haviam obrigado um dos novatos de Figueiró a servir á mesa e o outro a engraxar um par de botas. Rodrigo, depois de perfilado em cima duma cadeira, leu trechos do «Palito Metrico». Foi preciso que o Carneiro interviesse, com a sua autoridade acatada de urso e quintanista, para que lhe não impusessem ainda o recitar o «Noivado do Sepulcro» em falsête, com acompanhamento vocal dos caloiros presentes.

Voltou ao quarto arrependido de se ter matriculado. Decidia até voltar para casa, se os vexames continuassem, principalmente se á Porta-Ferrea o recebessem, como lhe afirmára o tio, na «ponta da bota».

Ao jantar dêsse dia falou da sua resolução, decidido e revoltado. Um dos comensais, rindo, insinuou-lhe que se calasse :

— Cale-se, homem. E' melhor calar-se. Se sabem que você dá cavaco, desgraçam-no. Desgraçam-no, é o que lhe digo . . .

O Carneiro limitou-se a achar-lhe graça, a achar imensa graça á sua ingenuidade. E obtemperou, limpando os labios engordurados ao guardanapo :

— Deixe-os falar. O canelão morreu, como devia morrer, ao canelão do progresso. Isso, hoje — eu ainda o tive — pertence aos dominios do «Palito Metrico» e das memorias de Coimbra. Como são de resto do dominio das ditas memorias — e cofiava, sobranceiro, o buço incipiente — para honra dêste seculo que se orgulha dum Bücker, dum Cimbali, dum Tolstoï, se bem que eu rebata a sua filosofia negativista, a tia Camêla, a sociedade da Manta e outras vergonhas das gerações passadas. Ha ainda para aí uma tia Cardosa, um Julião, mas não passam de excrescencias moribundas de boémia que devia ser estudada pela psiquiatria . . . Manifestações patologicas do nosso tempo, mais nada!

Os companheiros de casa ouviam-no subjugados. Os caloiros de Figueiró dos Vinhos, alapardados sobre o *roast-beef* com hervas, num ruido sofrego de narinas ressonando, devoravam e limpavam a boca ensanguentada ás costas da mão direita.

Pela Pascoa, Rodrigo estava aclimatado na atmosfera da sua vida de estudante.

As praxes, como lhe tinha dito o Carneiro, tão envelhecidas que não resistiriam aos frios do inverno, deixaram-no em paz desde o Natal. De modo que Rodrigo começou a sentir-se bem na sua liberdade e nos seus habitos regrados. Saía á hora que lhe convinha, dava os seus passeios pela Baixa depois do café do jantar, conversava, ria, alargava o circulo das suas relações. Só evitava, afastando-se dêles, os seus comprovincianos, mal sabendo o nome dum ou outro.

Mantinha no entanto a compostura pacata dum bom chefe de familia burgueza. A despeito do temperamento sugestionavel, não recolhia fóra de horas, não percorria as ruas aos torcicolos, arremessando beijos ás janelas fechadas. Apenas uma vez por outra, em vesperas de feriado, assistia a ceias estroinas com mulheres —

por temer que o recusar-se levasse a suspeitas desagradaveis.

E mercê do estudo e da disciplina, das suculentas leituras e do desejo de saber, a linguagem de Rodrigo tomou pouco a pouco uma flexibilidade corredia e sonóra.

Logo que foi chamado nas suas tres cadeiras, passou a vêr as lições por alto, só até ao chá, para prevenir as eventualidades perigosas duma chamada á *bóla*, indo depois jogar o *sólo*, conversar para o quarto dum dos companheiros de casa, o Temudo Baptista, com fama e obras de poeta. Juntavam-se mais rapazes no quarto acanhado da Couraça dos Apostolos, o Cenaculo da Couraça, jogava-se, discutia-se, tramava-se muitas vezes até ao alvorecer.

Foi nêsse quarto selecto, perto das ferias do «ponto», que Rodrigo se relacionou com o Pedro Zagalo, boémio de farta grenha crespa, da singeleza de criança, que se tornou em breves dias o seu amigo, o seu grande amigo, o seu unico amigo. Tinham acabado de tomar o chá, Rodrigo e os companheiros da republica, quando chamaram ao fundo da escada pelo Temudo.

O Temudo desceu, dizendo ao Rodrigo que viésse, que iam ter palestra acalorada, «mas da bôa palestra». O Carneiro berrou-lhes, esganiçado:

— Cautela, não falem alto! Quero estudar . . . — E para os outros: — Os literatos lá vão glorificar-se . . . Irra! tanta literatura, tanta literatice!

Era o Azevedo Lemos, auctor de sonetos que a critica consagrára e a academia vituperava, no aprumo facil do seu tipo moreno e agil de beduíno, as barbas muito negras apartadas ao meio — piramides de ebano invertidas — a pupila imersa num fluido de treva em que luziam resteas de sol do deserto. Vinha vêr se já estava o Manoel de Castro: dissera-lhe na Baixa que

aparecia ali, para o «cavaco». O Temudo, de quinzena de alpaca e chinelos rôxos de liga, pediu-lhe que entrasse. Acendeu o candieiro de louça sem quebra-luz, e olhando o Lemos de soslaio, colocou sorrateiramente dois sonetos da sua lavra no extremo da banca de pinho — de modo que dessem nas vistas. O Manoel de Castro não se fez esperar, no seu passo ligeiro de homem baixo, espadaúdo e brusco, intransigente e colerico dentro do seu socialismo colectivista. Vinha com o Alcides Franco, o poeta lírico do «Poema em braza», de capa em desalinho estudado, um pouco apanhada nos ombros, a cabeleira negra de risca ao lado, uma melena empastada, em bambinela, a fechar-lhe metade da testa. O monoculo entalado no olho direito, a cara rapada, e a gravata á *Directorio*, deixando vêr apenas a orla branca do colarinho, denunciavam subtilmente o seu estro, a sua chama — e a sua maneira de avançar, no passo curto de quem segue aos saltinhos a estrada da imortalidade, denunciavam a abundancia das rimas e poemas a germinarem nos misterios da *veia*.

O Alcides perfilou-se, baixou a cabeça em venia profunda, sem proferir palavra, passou a mão pela testa, a alizar a melena, avançou, solene e aprumado. Estendeu dois dedos ao Lemos, ao Temudo, ao Rodrigo.

O Temudo saudou-o, festivo:

— Venha de lá um abraço. Cai nos meus braços, filho. Vi o teu «Poema». Tem belos versos. Magnificos versos, sim senhor.

Abraçaram-se. E ao desligarem-se o Alcides cuspinhou, agradeceu:

— Obrigado ... A edição esgotou-se. Não sei porque ... mas esgotou-se.

Logo que entrou o Castro, estabeleceu-se uma algazarra, em que sobressaíam o seu vozeirão de baixo profundo e os guinchos dum rapasote da republica, magrisela e miope, o Alves, a quem os companheiros

chamavam o «Anita». Os dois, enfurecidos, afrontando o Lemos e o Rodrigo, protestavam:

— E' um exagero, é uma injustiça. A maioria dos estudantes não é tal de estupidos!

Mas calaram-se, a pedido do Temudo, que queria lêr ao Alcides os seus dois ultimos sonetos. E de pé, com o papel a palpitar entre os dedos comovidos, inclinado para o candieiro de petroleo, êle leu os sonetos, pausadamente, numa toada plangente e enfatica.

Olhou em redor, terminada a leitura, á espera do comentario. O Alcides cuspinhou, entalou mais o monoculo, decidiu com autoridade:

— Eu parece-me que ha aí uns dois versitos frouxos. Mas salvam-se no meio da beleza dos restantes. Gosto, não ha duvida... Sem lisonja, palavra, gosto.

Pelo olhar, pelos labios do Lemos perpassou fugidia expressão indefinida. Ele e o Rodrigo encararam-se, sorriram. E o Castro, atirando o vulto para o Temudo, de face arrepanhada em satisfação, corroborou com sinceridade:

— Eu, que não gosto de versalhada, francamente, tambem gostei.

E como o Temudo fitasse o Lemos, no desejo claro de o ouvir:

— Têem acento e ritmo. Principalmente acento — murmurou, enigmatico. E voltou-se para o Rodrigo, que estava meio deitado sobre a mala do Temudo, reatando a conversa que haviam interrompido. Agora discorriam acerca da arte, da poesia, do seu fim social, do papel que lhe está reservado no conjunto das tendencias modernas.

O Manoel de Castro não o deixou concluir. Atirou o vozeirão, declarou que estava farto de versos e poetas. Falassem-lhe mas era do bom livro social, o que esmiuça e escalpela as desgraças do proletario, do escravo, e os crimes do rico, do senhor. Isso sim, que tinha

interesse e proveito. Via-se ali, ao menos, a causa dos males que nos flagelam e os meios de os evitar.

— A causa dos males que nos flagelam ? ! — bramou, deitado de costas no catre do Temudo. — Onde está? onde está a causa ? Na má distribuição das riquezas! Emquanto aquele, tu, sim — apontava o «Anita», envaidecido — tens lá na aldeia duas leguas de terra, com hortas, vinhas e o diabo, eu, para beber meio litro, vou deixar muitas vezes o casaco no Favas! . . . Uns tudo, outros nada. Irra, que é preciso acabar com isto! . . .

Nós discretos de dedos bateram levemente á porta. E uma voz meliflua, de fóra:

— Ha licença para dois ?

— Olha o Chico! Viva o Chico! — clamaram o Alves e o Franco.

— Entra, carissimo Chico! — disse o Temudo, dirigindo-se para a porta.

Entraram dois rapazes de capa e batina. Á frente vinha o Chico, o Chico de Lencastre, veterano-mór de Direito, decimo quinto neto do Mestre de Avís, musico querido da academia, magrinho, ossudo, saltitante, em passinhos miudos e apressados, a cabeça em meneios languidos, os olhos congestionados sob os vidros luzentes da luneta. Atrás seguia o Pedro Zagalo, no contraste impressivo de linhas masculas, romantico incorrigivel, que tinha pela «cabula» e pelos fados cantados á guitarra apaixonado e cego fervôr. O Temudo poz a mão no ombro do Pedro, increpou-o:

— E's um patife. Nem sei como vieste hoje! . . . Desapareceste do mundo . . . Se é pela pequena, não vale a pena, crê, meu taciturno.

Ele, muito corado, protestou, disse que não. E o Temudo, palavroso:

— Pois parece que é . . . Ninguem te vê, ninguem ouve já os teus bons fados doutros tempos. Sentai-vos.

Cadeiras não ha, como vêdes. A cama e a mala estão ocupadas. Mas ha chão, rapazes, ainda ha um pouco de chão . . .

O Chico cumprimentou um por um, a arregalar os olhos bogalhudos de miope, a menear dengosamente a cabeça, a murmurar, como num suspiro:

— «La mia salutazione» . . . «la mia salutazione»... — Depois, parando ao meio do quarto: — Vinhamos de fazer musica no Montanha, eu e aqui o pequeno. Ouvimos discutir. Era o marôto do Castro, com a sua voz muito grande, muito grande, como um trovão . . . Santa Barbara, Santa Barbara! — Enviezou o olhar para o Castro, num gesto de pavor, esboçou o sinal da cruz. — Eu disse cá para o pequeno: Vamos levar-lhes o concurso da nossa bela voz, numa «magnificat» salvadora, a vêr se o trovão se afasta . . . E agora respirai, amorzinhos, e acalma-te tu, ó trovão! «Io sono adiroso!»

Riu, numa gargalhada nervosa, foi passar os dedos descarnados pela barba farta do Castro, que rugiu, novamente exaltado:

— E qual a causa da mà distribuição das riquezas? Qual? Deixa-me, tira as mãos — e empurrou o Chico. — A causa está nos conservadores, nos padres, nos testas coroadas, nos sangue-azul, a corja que vive do nosso suor, parasitas que é necessario destruir...

O Chico poz-se a distancia, os olhos mais esbugalhados, a boca meio aberta, numa expressão simulada de assombro. E quando o Castro decidiu, as pernas pendentes do catre, que era necessario destruir os parasitas com o seu duro gesto exterminador, êle adiantou-se, coleante, acariciou-lhe a face rubra com a mão descarnada, disse, amimado:

— Mas não destrois o teu Chico, amorzinho, não é assim? Ainda que te beba o suor, sim? Aí «caro mio», dá-me coraçãosinho, dá-me a tua alma! E voltando-se

para os outros, que riam, maldosos : — A fera transformada em pomba. Vêde, tão quietinha, tão mansa como se o seu pombo arrulhasse, aqui ao lado...

Riu de novo, no seu rir breve e sêco. O Lemos comentou :

— A fera adormecida pela mão divina de Orfeu...

— Féra será êle ! — rouquejou o Castro.

— Não é féra, não — insinuou Alcides É féro.. Ai Laura Pedroso ! O' soberba Sofia Campos, tristes corações vencidos...

— E' falso, é falso ! — declarou o Lemos. E o Alves na sua voz esganiçada de requinta :

— Isso, isso ! Falem-me de mulheres. E então déssas, da Pedroso, da Campos.. Soberbissimas, meninos, soberbissimas ! E' verdade — baixou a voz, dirigiu-se ao Pedro : — como vamos a respeito de Palmira ?

Ele fez-se escarlate, tartamudeou : — Assim, assim...

— Estão verdes ! — afirmou o Alves, ruidoso.

— Não ha em Coimbra mulher que valha dois adjectivos, ouviste ? — atroou o Castro, apopletico.

Os protestos estrondearam. Então apareceu á porta a cara congestionada do Carneiro, berrando para dentro :

— E' demais ! Eu preciso estudar ! Isto não pode ser, os senhores compreendem ..

Foi como se o proprio Deus surgisse, de oculos e irado, como se mostrasse o seu rôsto de Senhor, universalmente obedecido, dispondo dos raios e das maldições.

O Chico aproximou se, cumprimentou :

— Amigo Carneiro ..

O Carneiro avançou uns passos, pediu desculpa.

— Custou-me isto, creiam. Mas compreendem as exigencias do estudo : uma lição para ámanhã, devo ser chamado. Ah, meus caros, quem me déra poder ser

todo literatura, coisas leves, vaporosas, irreaes, como os meus amigos!...

O Chico obtemperou, desarticulando-se:

— Tem razão, «caro mio» tem muita razão. E vamo-nos, vamo-nos embora, deixamo-lo entregue ás locubrações, ao estudo... Ai, amorzinhos, vou nanar, nanar... Sinto-me amolecido, fatigado... Aquela Avé-Maria, hoje, nas Ursulinas, deixou-me sem nervos, sem forças para nada, mesmo para nada. Ainda vos não disse, ainda lhe não disse, amigo Carneiro: saiu-me um amorzinho a Avé-Maria de Gounod .. Tive vontade de me dar beijos. Estavam lá as Saldanhas, as Cunhas. a Martins, uma lindeza de mulher! que seios, rapazes!... e as Coelhos, tambem estava a mais nova das Coelhos, sabes, Alcides? Não vale córar . . . E outras, a nata, a fina flôr do sexo «fréle», louquinhas, mesmo louquinhas cá com a garganta do pequeno...

Deitou em roda o olho bogalhudo, deu uma volta sobre os calcanhares e ergueu a voz num dó de peito, muito alto, muito longo:

— A-mó-ó-ó-ó-ó-ré-é-é... — E mal terminou, agarrou-se ao Carneiro, num abraço, entre aplausos, dizendo para a direita, para a esquerda:

— Meninos, embora, embora.

Rodrigo saiu tambem. Só então, ao fundo da Couraça, o apresentaram ao Pedro, vendo os dois caminharem a par e em silencio.

Caíam lentos os tres quartos para as duas da madrugada quando Rodrigo e Pedro, que se haviam despedido uma hora antes dos companheiros, subiam do Cais para a Alta, muito encolhidos nas suas capas, trocando impressões, achando extranha a coincidencia das afinidades reciprocas que a conversa fazia ressaltar dos seus habitos e dos seus temperamentos.

Ficaram amigos, tornaram-se inseparaveis. Depois dos actos, em que Rodrigo ficou aprovado, a despedida,

á ida para férias, foi-lhes penosa, quasi angustiosa — dois ligeiros mezes tinham-nos estreitado numa solida comunhão afectiva.

No segundo ano de Rodrigo continuaram inseparaveis e mais amigos. E Pedro sentia-se seguro nêssa amisadé como num refugio sagrado, onde as suas melancolias de romantico, bem acatadas e bem compreendidas, se expandiam livremente.

Deu-se a apresenta-lo, a criar-lhe relações. E foi assim que pelos meados de novembro, para lhe amenisar as asperezas da «cabra» e das lições, o levou a casa duma familia da sua intimidade, a casa de D. Isabel Cardoso, na rua dos Estudos — viuva suspirosa, de fartos cabelos ainda negros, que tinha duas filhas, Beatriz e Mariana, deliciosas como fructos raros na hora da colheita.

Rodrigo nunca havia respirado a doçura de atmosfera tão amena — em que duas mulheres novas, no esplendor da beleza sã das Virgens rafaelicas, resplandeciam como astros em ceu muito calmo e muito limpido. E o certo é que em poucos dias, êle achava embriaguez inexplicavel a convivencia das filhas da viuva Cardoso. E desejava vagamente que fossem suas irmãs, suas parentes proximas, e que a casa dêle fôsse tão chegada á casa délas que lhes ouvisse até o respirar...

III

A porta do quarto de Rodrigo foi rijamente sacudida por duas palmadas fortes. Acordou, sentou-se na cama, como que aturdido, como que surprezo de si mesmo. De fóra, a servente, preveniu, no seu timbre esganiçado:

— São horas, senhor doutor.

Rodrigo teve um movimento brusco de mau humor, respondeu agastadamente:

— Não era preciso bater assim. Apre!

— E' que está a tocar a «cabra», senhor doutor. E tem hoje Civil. Mas faça favor de desculpar.

Rodrigo saltou da cama, de todo desperto ao ouvir falar na «cabra» e no Civil, aterrado á ideia subita da lição, da insuficiencia de tempo para apreender, antes da aula, a trama complicada das controversias que agitam o problema da codificação moderna. E a cada badalada lamentosa e espaçada que vinha do alto, da torre quadrangular da Universidade — de que êle via, destacando acima dos telhados fronteiros, o pau escuro e nú que nas festas e nas grandes galas se veste de azul e branco — o seu terror avolumava, manifestava-se em

recriminações contra o desleixo da servente, que o obrigaria talvez a «tapar-se», dando mais uma falta.

Esperava ser chamadc breve. Não conseguira estudar á noite, depois do chá. Mal poderia agora passar por duas leituras rapidas as desasseis compactas paginas da lição.

Sublinhava a lapis as ideias mais precisas, como se esse traço tremulo sob as palavras fôsse a obreia que lhas pegasse á memoria.

Lida a primeira pagina, demonstrando a necessidade da codificação regular, e a consequente superioridade sobre as confusas colecções romanas, ordenadas sem base scientifica, começou a repeti-la alto, de cór, os olhos erguidos para a estante de pinho envernisado em que os livros repousavam.

Reproduzidos os tres primeiros periodos, hesitantemente, ficou-se calado, imovel, os olhos vagos e esquecidos nos livros apinhados na estante. Parecia ter caído na absorção dum gôso, de felicidade que o alheava do mundo, e dos seus terrores, e das suas «colicas» — e assim, a expressão do seu rosto, ainda ha pouco apreensiva, tinha agora brandura e lucidez, quasi a paz mistica do extase.

As nove horas caíram da Sé-Nova, pesadamente, logo repetidas na Universidade. Ele estremeceu, acordou, passou os dêdos agitados pela testa e pelos olhos. Entrou a ler, apressado, a pagina impressa e esquecida. Não se lembrava já do que lêra antes, os proprios periodos que decorára esfumados no escuro de esparsa neblina.

Irra! Aí estava como na vespera á noite, impossibilitado de estudar, de afrontar as eventualidades da «chamada»!

— Nada, isto não póde continuar! — protestou Rodrigo, energico.

A sua vontade devia impôr-se, reagir contra a imaginação — porque era a imaginação, e só ela, que o afastava dali, dos seus deveres, do seu Civil.

Passeou uns momentos no quarto, a arejar a memoria, decidido a varrer do espirito as teias de aranha que a sua imaginação urdia, traiçoeiramente, impedindo-o de se entregar ao trabalho, ás fecundidades do Direito.

Sentou-se de novo, fincou os cotovelos na secretaria, enclavinhou as mãos na cabeça, pôz-se a lêr alto as afirmações dos escritores e das escolas acerca dos convenientes e inconvenientes da legislação cristalisada nos codigos. «Porque Thibaut, representante da escola do direito natural, defendendo a codificação... Mas Savigny, fundador da escola historica...»

Ao meio estacou, novamente silencioso, novamente caído nos fios traiçoeiros de que protestára libertar-se, como môsca incauta na teia invisivel.

Uma miragem interior subia do fundo da sua alma, alumiada de venturas, revestida de coloridos que tornam invejada e risonha a mocidade. Era solteiro. Cursava os sabios preceitos do Direito. Coimbra não era já a cidade das emboscadas e pavores das suas cogitações apavoradas de caloiro. A existencia de Coimbra deslizava facil, na suavidade de embalo, entre penugens de ave, sobre fios de mel, sob aromas de rosas, e gorgeios, e pomares.

Era bem a cidade amiga que lhe abria o seio e o seduzia, com ruas amplas, banhadas de ar e luz, com guitarradas ao luar, com descantes e passeios num rio de balada, e lindas mulheres palidas, dum amor mais dôce do que o Olimpo, onde havia o Chipre, o nardo, e mirtos. Conhecia uma dêssas ternas mulheres, familiar e simples, admirando-lhe a beleza de virgem com humildade de devoto. A convivencia e a consonancia das suas almas inclinava-os um para o outro como duas hastes que se prendem num abraço. E amavam-se com um amor veemente, capaz de heroismos e sacrificios...

Aqui, as faculdades de Rodrigo concentravam-se na

perspectiva dêsse amor. Decorrera primeiro sem dificuldades, sereno como ceo azul. Mas um dia surgem obstaculos a turbar-lhe o repouso. Ele esforça-se por vencer os obstaculos. E removendo-os pacientemente, um por um, chega a retomar a felicidade em que uma larga esperança verdeja e floresce. E' então que a sua face se anima, e pelas suas pupilas embevecidas na visão interior, e pelos seus labios paralisados no extase do sonho, uma expressão esmaecida de ventura erra e se espalha. E no silencio da sua alma êle escuta, êle acaricia a voz sonóra de cristal, a cabeleira espessa e negra que envolve, como nuvem, essa bela e quimerica mulher — a que, por coincidencia, correspondem os mesmos traços, a mesma expressão carinhosa da filha mais velha da viuva Cardoso, o ondulado flexivel do seu busto, a frescura rosea da sua boca, a ternura arcangelica dos seus olhos, escuros e profundos como misterios. A esperança que verdeja, e floresce, fructifica por fim: o seu casamento vai celebrar-se, numa recolhida capela dos arrabaldes, com lirios no adro e lumes no altar. E sua mãe, qua viera de Almendra, pela primeira vez feliz, dêsde a morte do marido, lança-lhes flores, abençoa-os risonha — quando a voz esganiçada da servente o chama para o almoço.

Rodrigo sentiu o abalo forte dum raio que caisse e lhe fendesse o tecto do quarto — e ficou estarrecido em face da lição aberta, de que logo lhe ressaltou o nome de «Capitant», com um traço muito carregado a lapis, a evoca-lo, a arremessa-lo impiedosamente á realidade e ao pavor da «chamada». Consultou o relogio: — Dez horas.

— Ai! dez horas! — monologou, num desanimor apertando a cabeça. E ergueu-se, foi á janela, sem sabe, para quê, voltou á secretaria, remexeu os papeis dispersos, folheou as paginas riscadas, automatico e excitado. Depois interrogou-se, interrogou a sua propria conscien-

cia, para que bem precisa e bem fielmente esclarecesse a situação. E como a consciencia se mostrasse hesitante, êle acusou mais uma vez a imaginação, essa exaltada e inconsequente imaginação que o levava ás puerilidades mais risiveis nas espirais dos sonhos mais desvairados. De todo refeito, sobre a acusação severa, volveu o olhar aos elementos da codificação, mesmo de pé, certificando-se desconsoladamente de que apenas uma ou outra ideia, mortiça e incerta, bruxoleava na turbação do seu espirito.

Decidiu faltar a Civil, contrariado. Iria a Instituições, a que não se recomendara ainda. E foi preciso que o Temudo tumultuosamente lhe entrasse no quarto e o arrastasse ao almoço, «que eram horas de seguirem», a cabeça e o estomago bem condimentados de saber e alimento, para a longa, para a tormentosa viagem até ao «tasco».

A' mesa, em frente do prato com tainhas fritas, o Temudo, alisando a lirica melena empastada, tomou uma expressão penetrante de investigador, intrigado pelo aspecto murcho e abstracto de Rodrigo. Falou-lhe das aulas, dos mestres, duma partida ao sólo, na vespera. E como não conseguisse interessa-lo, a curiosidade cada vez mais excitada, quiz saber se Rodrigo tinha desgosto, se havia desgosto na sua vida.

Rodrigo negou, riu mesmo da pergunta.

— Não, que ha coisa que te preocupa, isso ha, não pódes nega-lo — insistiu o outro, loquaz e arguto. — Até deixavas arrefecer a tainha e o bife . . . E se eu lá não ia, nem te lembrarias talvez do almoço. Questão de mulher, han ? Se é isso, não vale a pena. Arrelias á margem, meu homem ! E' seguir cá o sistema do Temudo : o desprezo. Percebes, Rodrigo ? Se é mulher, despreza-a, e tem-la na mão, aí, na tua mão, escravisada, vencida, percebes ? E' o que te digo : se a queres dentro de oito dias, em menos ainda, no teu quarto, até

no teu quarto, mais docil do que um cordeiro, alucina-a á fôrça de desprezo. E' cá a minha arma, Rodrigo. Eu sou assim : elas fazem-se esquivas. E eu, zás, é logo o estratagema em acção. E não ha nenhuma que resista, tu bem o sabes, nem uma . . . Ah ! espera . . . só me resistiu uma, mas porque estava noiva e eu não quiz desarranjar-lhe a coisa . . . E foi a unica, han ?

— Os ovos, senhor doutor ? — cortou a servente, com delicadeza e suavidade.

— Os ovos? Ora, os ovos! Deixe-me. Mas, ah, sim...

Rodrigo enlevava-se nas doçuras das suas cogitações, indiferente ás conquistas do Temudo, importunas á força de repetidas. E distanceado do amigo, olhando-o com fixidez sem o vêr, sem o ouvir, atravessava agora um adro pequenino, com lirios brancos a sorrirem, desvanecidos na graça da sua noiva, que saia da capelinha branca de aldeia, pelo seu braço, quasi tão palida como o setim da grinalda de larangeira. E todo êle vibrou, num sobressalto, á pergunta da «ti» Joana Grila, num ar recatado e discréto :

— V. Ex.ª toma chá, ou café com leite ?

— Café com leite — resmuneou, mal humorado. — Já sabe, eu é sempre café com leite.

— E o senhor doutor ? — inquiriu ainda, mais discréta, dirigindo-se ao Temudo.

— Olha a «ti» Joana Grila se nos dispensava da pergunta sacramental ! Isto é tão inalteravel como o domingo depois do sabado. Café com leite, «ti» Joana Grila. E amanhã, tome conta, «ti» Joana Grila, amanhã café com leite, e café com leite depois d'amanhã, e café com leite «per omnia secula seculorum», han ? Ouviu, «ti» Joana Grila?

A servente dobrou a espinha, em mesura de ceremonial antigo, sorriu, descobrindo as gengivas desguarnecidas de dentes, corroborou em pleno orgulho tradicional do seu nome :

— Grila, sim, meu senhor, com muito gôsto. Já o era a minha mãe e o meu pai que Deus tenha na sua guarda.

O Temudo largou uma gargalhada, inquiriu se o pai da «ti» Joana Grila era realmente Grila.

— Quero dizer, Grila era a minha mãe, porque meu pai êsse era Grilo, o José Grilo da «Arregaça», funileiro. Para a arte como aquilo não torna a Coimbra. .. Olhe, senhor doutor, que até os lentes lhe falavam, 'inda que fôsse no meio da rua. . .

Tinham acabado de tomar o café. Rodrigo ia levantar-se. O Temudo porém interrogou-o sôbre um caso picante da vespera: Um escandalo. Não sabia?

Fôra na Portagem, á hora da musica, ali mesmo, nas barbas dos estudantes, dos lentes, das senhoras que passeavam o seu sorriso e as suas «toilettes» para facilitar a «passagem».

O Temudo, que seguira as peripecias da comedia, sem perder as mais simples, pintou-as com vivacidade, satisfeito de si, da naturalidade deslisante do descritivo. E alarga-las-ía pormenorisadamente, — se Rodrigo não se levanta, apressado, que eram onze horas, «para vêr qualquer coisa de Instituições». Faltava a Civil, mas queria lêr ao menos o que havia ácerca da família entre os romanos.

Acabava de dar o meio dia quando chegou á Porta-Ferrea, enervado sob a caricia do sol brando caindo dum céu inefavelmente puro. E pensava em refrear daí em diante os vôos da imaginação, a que atribuia o «tapar-se» a Civil e o vêr-se obrigado a meter a sua primeira «farpa» a Instituições.

Ao fundo do arco da Porta Ferrea um archeiro de oculos esfumados, solene na severidade da sua farda escura, e no seu curto espadim tôsco, forte no rijo apoio de guarda-chuva de merino pardo, advertiu-o de que

levava a capa no braço. Ele lançou-a aos ombros, á maneira de manto, caminhando vagaroso pela primeira rua do atrio ajardinado, com canteiros cercados de sebes de murta e platanos. Uma paz augusta de solidão monastica errava no vasto atrio deserto, resplandecente de luz.

No extremo da rua, coalhada de folhas murchas, crestadas pelos gêlos dêsse belo dezembro soalheiro. Rodrigo quebrou á esquerda. E junto do observatorio, que fecha ao sul o amplo recinto, meteu à rotunda do jardim, em que uma araucaria, ao centro, alarga os braços simetricos na atmosfera luminosa. Sentou-se num banco, sob os ramos despidos dum platano, atravez dos quaes o sol o mosqueava de finas sombras emaranhadas.

Recolhido nas apreensões que lhe ocupavam o cerebro, começava a pensar que só renunciando á frequencia da rua dos Estudos a sua imaginação readquiria a placidez doutros tempos. E se assim fôsse, se nêsse sacrificio estava o reentrar no sossêgo de espirito que lhe traria o estudo facil e o cumprimento dos seus deveres, faria o sacrificio, sem custo e sem demora. Demais, acima da necessidade do trabalho regular para as aulas, estava a negra fatalidade irremediavel da sua situação. Presava muito a intimidade da viuva Cardoso, das suas filhas, principalmente da Beatriz, tão amavel, tão meiga naquela dôce melancolia que fazia lembrar a comovida pintura de artista apaixonado e infeliz. Mas presava mais do que êssa intimidade a severa inteireza da consciencia e do dever. Realmente, as suas abstrações, os seus acessos de amargura, os seus sonhos de felicidades absurdas —compreendia-o, reconhecia-o agora — acentuaram-se ultimamente, correspondendo á maior assuiduidade das suas visitas. Não lhes rendia preitos dissimulados, tinha por elas a veneração acrisolada de irmão pelas suas irmãs. Isso não o resguardava porém

duma forte simpatia, que o tempo poderia transmudar em forte amor. O unico caminho a seguir, honestamente, irremediavelmente, estava pois indicado : era o que mais o afastasse da modesta casa da rua dos Estudos e dos sonhos a que o alava o ambiente tépido do singelo ninho, donde não podia saír senão nas azas candidas, a elevarem-se em vôos candidos, para as calmas regiões em que a pureza fulge e sorri.

Da torre estreita, em fórma de castelo, subida muito acima dos telhados ponteagudos do velho casarão universitario, os dois «quartos» caíram, sonolentos. Um vago sussuro de floresta remota alterou o silencio, vindo da Via-Latina, da porta dos «Gerais», crescendo, alastrando, ecoando ruidosamente, dentro em breve, no atrio ajardinado. Da portaria central e da Via-Latina centenas de rapazes surdiram, as capas negras pendentes dos ombros, saíndo das primeiras aulas, rindo, conversando, cantando, descendo a escadaria dupla, as escadarias laterais, espalhando-se pelas ruas areadas, sob os platanos nús, como rebanho por campo de repasto.

Rodrigo, desperto, foi juntar-se a um grupo em que o Azevedo Lemos discorria, a mão direita a semear abundante gesto, a esquerda segurando a pasta de quartanista, vistoso no seu colete vermelho, em contraste vivo com o negro da capa e da batina. E quando os tres quartos bateram, mais sonolentos, toda êssa massa buliçosa e expansiva subiu as escadarias, se comprimiu, agora taciturna e lenta, na passagem da Via-Latina para os «Gerais», severos e desguarnecidos como claustro de comunidade pobre.

Rodrigo entregou ao lente, perfilado á porta da aula, um cartão de visita, com o seu nome, o seu numero e o consagrado «péde a V. Ex.ª dispensa da lição», entrando na sala com o desafôgo de quem se emancipa de tirania. E emquanto um condiscipulo, chamado á

lição, procurava, com erudição e confiança, traçar a curva larga da instituição familiar no seio barbaro dos ostrogodos, êle deixava-se embalar em nova corrente remansosa, que da sua alma derivava como mel dum favo cheio.

Na verdade, se as visitas á rua dos Estudos fôssem a causa das desvairadas visões que o encravavam para o trabalho, era indispensavel e urgente pôr-lhes um têrmo. Prejudicavam-no perante os mestres e prejudicavam-no perante os bons principios da dignidade, que desejava imaculada, de modo a equilibrar-se com o amor de sua mãe — porque, qualquer sentimento que lhe extravasasse da alma e do coração, acima de desinteressada estima, seria corrosivo como veneno e insidioso como perfidia. Ora êle não seria capaz de envenenar nem trair.

De resto, se chegasse a convencer-se de que Beatriz ou a irmã lhe aqueciam o coração proíbido de pulsar de amor, teria ocasião de se mostrar o valor de sã coragem guiada por sã razão.

Um motivo subsistia a tornar verosimeis receios e apreensões. A imagem candida de Beatriz, nimbada das delicadas tintas que reflectem a soberania de criatura fragil sobre criatura mascula, surgia-lhe radiosa nos sonhos e nas visões. Era o seu talhe nobre, flexuoso e solido de deusa pagã, era o sorriso discreto, na suavidade errante de perfume, a ternura dos seus profundos olhos, do negro vivo dum aço fôsco, mais variaveis do que o céu inconstante — ora irradiando a alegria interior que a envolvia e iluminava, ora pensativos e tristes, como braza solitaria meio apagada entre cinzas. Era até o seu buçosinho leve como penugem de frúto verde, que lhe apareciam, que davam vulto e encanto á quimerica mulher das suas abstrações. Isso não devia no entanto perturbal-o. Não significava mais do que a natural vertigem de alma sequiosa de venturas nunca satisfeitas, atravez da idealisação

dêssas mesmas venturas — de que Beatriz era o simbolo vivo e palpitante. Não passava de simbolo nos seus sonhos, porque era uma especie de irmã, respeitada, fervorosamente respeitada, nos seus afectos.

Continuaria porisso a visital-a, sem perigo e sem receio. Continuaria a aproximar-se dela, vendo-a como se veem as estrelas — sem pensar tocar-lhes, embaciar-lhes o brilho com bafo ou contacto.

A' saída da aula seguiu pela rua Larga, dobrou o largo do Castelo e passou á rua dos Estudos, ainda irresoluto, não sabendo se entrar, se guardar-se para o dia seguinte. Mas a resolução veiu afinal, brusca, imperiosa: e meteu dum salto pela porta baixa da casita humilde, caiada de frêsco. Subiu a escada a passos leves. Antes de bater levou a mão ao cabelo, a acama-lo, compoz a capa desdobrada sobre os ombros, a alinha-la. Depois bateu a mêdo, meio arrependido já de ter cedido. Dentro houve surdo rumor, o tic-tac ligeiro de tacões que se aproximam e uma voz cantou, em timbre sonoro:

— Quem é?

Rodrigo declinou o nome, muito baixo, o coração alvoroçado, a garganta presa. E quando a porta se abriu, um vulto franzino destacou na claridade, sorridente e banhado de graça.

— Ah! o senhor Rodrigo... Faça favor de entrar... Nem de proposito: tinhamos acabado de falar em si.

Era Mariana, que lhe estendeu a mão descarnada e alva, no cumprimento familiar da estima. Ele estreitou-a entre a sua, balbuciou um desconexo «muito obrigado» e foi direito a Beatriz, que suspendera a costura, sentada á luz, junto da janela do fundo. Da cosinha veiu voz frouxa e dolente, inquerindo de quem entrára.

— E' o senhor Rodrigo — volveu Mariana, em tom trocista, sublinhando a curiosidade da mamã.

D. Isabel chegou á porta da sala, de avental cinzento

sobre a saia prêta, as mangas arregaçadas, as mãos afastadas do vestido. As filhas, surpreendidas, disseram a um tempo: — O' mamã!

Rodrigo ia cumprimenta-la.

— Muito obrigada, mas desculpe, não lhe dou a mão. Ora que espanto as meninas fazem por eu vir assim! Estou a preparar uns filetesitos para o jantar e eis tudo... O senhor Rodrigo não é de ceremonia. Vim só saber do Pedro, aquêle rico senhor que não voltou desde que a imprudente da Mariana lhe falou, por brincadeira, dos tôlos amores. O senhor deve saber se êle está zangado. Olhe que ando preocupada. Sou amiga do rapaz...

Rodrigo asseverou que êle não estava zangado. Ainda no dia anterior falaram da D. Isabel, da D. Mariana, e nem uma palavra de que transparecesse qualquer ressentimento. E se o tivesse, a êle não o saberia encobrir.

— Bem, bem, é o que estimo. E até já; não demoro. Desculpe por lhe aparecer nêste arranjo.

D. Isabel escoou-se no corredor.

E Mariana, a face aberta em malicioso sorriso, chegando uma cadeira:

— Faça favor, sente-se aqui. E ha-de dizer-me a que proposito falaram de mim, o senhor e o menino Pedro. Haviam de dizer boas coisas...

Rodrigo sentou-se, puxou a capa para os joelhos, balbuciou, esforçando-se por se mostrar á vontade:

— Pois a respeito da D. Mariana só bôas coisas acodem aos labios

— Bravo, agradece o elogio, anda — comentou Beatriz, erguendo a bela cabeça ondeada de cima da blusa de flanela escosseza, em alinhavos. Mariana agradeceu, numa genuflexão exagerada. Mas insistiu:

— Não quero elogios, quero saber o que se disse de mim.

Tinha retomado o seu logar junto da irmã, metendo o dedal no dêdo e prendendo à saia o pano da costura. Curvou-se muito para o trabalho, picou o pano com a agulha e repetiu, fingidamente amuada:

— Não diz... Pois bem, não diz, mas tambem não torno a ser sua amiga...

— Faça-lhe a vontade, vá, senhor Rodrigo. Olhe que a menina chora...

Rodrigo, mais tranquilo, declarou que não queria de maneira alguma perder essa bôa amisade e muito menos fazer derramar lagrimas a quem tão agradavelmente lhe fazia derramar sorrisos. la porisso contar-lhe o que se dissera.

— Mas diz a verdade, não arranja historia?

Ele deu ao rosto e á voz uma expressão ofendida:

— Oh D. Mariana! Não faça êssa ideia de mim... Eu não sei dizer senão a verdade.

— Que imprudente! — acudiu Beatriz, fitando a irmã severamente. — Não faça caso, senhor Rodrigo. E' uma imprudente.

Mariana ria, trocista. E Rodrigo, afirmando a Beatriz que se não tinha melindrado, que bem percebia a intenção inofensiva de D. Mariana, satisfez-lhe a curiosidade. — Pedro, ao aludir a certo loiro, aluno do liceu, que manifestava ultimamente estranha simpatia pela rua dos Estudos — só pela rua, hein? insinuava, intencional — lembrára-se naturalmente duma das suas mais lindas moradoras, de quem louvara, no devido tributo á justiça, as fragancias de alma e os encantos de côrpo.

— Bravo! bravo! — aplaudiu Beatriz, a face banhada de carinho.

— Isso não póde ser, não póde ser! — protestou a irmã, rindo ainda, agora afogueada, num rubôr que lhe subia da brancura tenra da face á transparencia rosea das orelhas.

— Mas o que é que não póde ser, dize lá, Mariana?

Era a mãe, D. Isabel, que entrava nêsse momento, no seu trajo de rigoroso luto, sem que a houvessem pressentido. Mariana retorquiu, inalteravel:

— E' o que diz aqui o senhor Rodrigo, que hei-de ser muito rica, muito rica, a ponto de não saber o que tenho de meu...

Beatriz e Rodrigo entreolharam-se, maravilhados. E D. Isabel, indo juntar-se ao grupo, confirmou:

— Tem muita razão o senhor Rodrigo. E' muito rica, mesmo muito rica toda a mulher que tem o bastante para viver e juizinho.

D. Isabel Cardoso era a viuva inconsolada dum amanuense do governo civil, o Belarmino Cardoso, afamado pelo seu impecavel cursivo inglês e pela sua embocadura de privilegio, revelada em variações no cornetim — o que o enaltecia com os louros encartados de primeiro naipe da «real charamela» da Sala dos Capelos. Morrera de congestão pulmonar, sete anos antes, sobre as incontinencias duma ceia de iscas de figado e «solhas» no Paço do Bispo. E D. Isabel mantinha-se fiel á memoria do marido, a despeito dos seus quarenta e cinco anos verdejantes, como se êle lhe tivesse levado para a sepultura, entre as dobras da mortalha, a luz dos olhos e as sedes da alma para as vaidades do mundo.

O seu mundo, todo se circunscrevia ás suas filhas, por quem vivia e por quem fazia o sacrificio do desejo de viver — docemente convencida de que o dia da sua morte seria o duma nova união, a eterna união, com o saudoso Belarmino, que ansiosamente esperava a hora do seu noivado celeste, á luz das estrelas.

Beatriz acompanhava-a na saudade pelo pae, môrto quando ela entrava no viço dos quinze anos. Mariana lembrava-se dos seus carinhos, das bonecas bochechudas dos aniversarios, dos bôlos que lhe trazia aos domingos, depois da missa. Mas como não sentira a funda angustia do passamento, na inconsciencia infantil e gar-

rula dos dez anos, não sentiu a funda saudade da sua falta.

E a sua vida entrou nas florescencias da mocidade tão plena de jubilos, tão alegrada de risos, que Rodrigo muitas vezes proclamava, admirado, que a alma de Mariana, antes de ser o fluido vital de creatura com fala e anseios, devia ter sido harmonia na garganta alacre de melro de pomar.

Rodrigo gosava um prazer inefavel na convivencia das duas irmãs, tão suavemente carinhosas e unidas na dissonancia dos seus temperamentos — condizendo com a dissonancia das suas feições, das suas linhas. Porque Mariana, loira e alva, da alvura desmaiada das camelias, era franzina, debil como ramo novo de macieira nova. E o perfil correcto, o aquilino breve do seu nariz, a sua bôca em arco de fléxa, cortada em labios vermelhos, que faziam lembrar talhadas minusculas de romã abertas ao calor do sol, tinham a delicada beleza das Virgens de Murillo. O contraste, pois, dêsde a indole à massa densa dos cabelos, ressaltava na impressiva flagrancia de diamante e turquesa engastados no mesmo ouro.

Passava horas seguidas vendo-as trabalhar na costura, empenhadas em equilibrar honestamente o modesto passadio com os escassos haveres. Por morte do pai não ficaram senão com os restos minguados de herança havida dum tio padre, falecido no alto Minho. De maneira que, emquanto a mãe superintendia na gerencia e arranjo da casa, auxiliada na cosinha pela tia Brigida do «Cotovelo» — a servente que lhe fazia as compras e as voltas da rua — Beatriz e Mariana, muito felizes na obscura mediania do seu ninho, talhavam, alinhavam, pespontavam á maquina e á mão, agenciando ponto a ponto, infatigaveis, o suficiente para se vestirem.

E assim caminhavam na vida, sem dificuldades e sem

grandezas, entre o seu trabalho, os seus passeios nos festivos domingos de sol, e o estreito numero de pessoas das relações, em que Pedro ocupava logar áparte, conhecido velho da casa, amigo leal de Belarmino.

A primeira vez que Rodrigo entrou na sala pequenina de costura e de visitas, elas sentiram uma como que hostilidade secreta por Pedro, o imprudente que lhes violára o recatado viver. Mas em breve o seu ar comedido de bom rapaz as apaziguou, restabelecendo-as na antiga confiança pelo amigo. Rodrigo apenas sorria ás graças de Pedro, surpreendido naquela atmosfera de carinho e conforto que lhe era grata e o confrangia. Os seus olhos, ás furtadelas, percorriam a sala, iluminada por duas janelas de cortinados de cassa abertas para a rua, indo do canapé de palhinha, com cadeiras de braços aos lados, sobre um tapete em que beduinos de turbante e lança passavam sonalentos á sombra de palmeiras, para dois quadros de côres vivas, a saída de Vasco da Gama do Tejo e a sua entrada vitoriosa em Calecutt, depois para uma mesinha de nogueira, em frente do canapé, encostada ao papel azul e branco da parede. Sobre a mesinha com jarras de faiança, ostentando flôres de seda, artificiais e desmaiadas, havia fotografias dispersas, duas em caixilhos de madeira, em que quintanistas mostravam impertigados as fitas da pasta e a sobranceria galharda de quem vai chegar, vêr e vencer.

A cima das jarras e dos quintanistas via-se um «crayon» do bom Belarmino, em moldura larga, com perpetuas aos cantos. E entre o canapé e a janela do fundo ficavam as tres cadeiras de palhinha em que as duas irmãs e a mãe trabalhavam, o largo açafate de verga e a maquina Singer. Fronteiras ás janelas da rua as portas de duas alcovas, a da D. Isabel e a das filhas, a ladearem a porta que comunicava para saleta de jantar e cosinha, no extremo de apertado corredor.

Rodrigo percorria a vista satisfeita pela modesta sala, maravilhado do prodigio de amor que transformara acanhado e humilde cubiculo nêssa boceta que alegrava e confortava — enquanto Pedro, na sua desafogada cordialidade de velho amigo, fazia rir Beatríz e Mariana, narrando episodios comicos, ridiculos pitorescos da vida academica.

De vez em quando procurava a confirmação de Rodrigo, no intuito de desfazer uma suspeita de exagero, manifestada por um oh ! de descrença !

— Não é verdade, Rodrigo, que o caloiro pediu a benção ao lente, á entrada para a aula ?

Ele limitava-se a um laconico «é verdade», «ouvi dizer», balbuciado a mêdo, o acanhamento de seminarista boçal, na deliciada surpreza do estreito recanto onde cem anos de vida deslizariam céleres como ligeiro dia de felicidade.

Rodrigo, ainda timido, ainda acanhado, já não era a sombra sequer do Rodrigo dêssa primeira visita. Tinha horas felizes, em que a palavra lhe brotava espontanea, em que chegava a arredondar a frase, a imprimir-lhe relevo e espirito.

Naquele dia entrara dominado por estranho receio, que afinal a semceremonia da D. Isabel atenuou, com a prova de que o estimava, aparecendo-lhe de avental e manga arregaçada, e que o bom humor efusivo de Mariana absolutamente dissipou. E foi assim que respondeu á afirmação de D. Isabel, no momento em que surpreendeu a conversa sobre o loiro enamorado da rua dos Estudos, «mas só da rua» :

— E não ha pessoa de mais juizo, realmente, do que a D. Mariana. Ponho as mãos no fôgo.

Ela correspondeu com mesura agradecida. — D. Isabel continuou :

— Tambem, se não fôsse êssa idêa, eu não resistiria á saudade daquêle que Deus levou. Ai, sr. Rodrigo : só

por isto — e apontava as filhas, emocionada — vale a pena suportar êste vale-de-lagrimas . . .

A conversa derivou para as ferias de Natal, que estavam proximas. Mas, nêssa tarde, mais do que nunca, Rodrigo esquecia-se na contemplação obstinada, involuntaria da magnifica cabeça de Beatriz — e Beatriz, muito inclinada para a costura, alisava com o dedal as bainhas rebeldes, depois pespontava-as, mirando de lado a regularidade do pesponto. Uma ou outra vez erguia o olhar, lento e dôce, que se encontrava com o olhar dêle.

Córavam. Ela retomava a sua tarefa, êle voltava a face rubra, como que surprezo da sua propria insistencia, que afinal se explicou atribuindo-a á influencia das ultimas e alucinadas febres.

A proposito do Natal, Rodrigo referiu costumes caracteristicos da sua região: o cêpo de zimbro, o cêpo da tradição, a arder na lareira — e em volta a familia, com criados, ganhões, maltezes da faina domestica, desfiando historias de batalhas na Terra-Santa, ao sussurrar do Jordão, de moiras encantadas que junto das fontes limpidas, quando o sete-estrelo marca a meia noite no azul, choram doloridamente longinquos e perturbados amores. E até ao repique da missa do galo a bolota dos magustos a estalar no fogo, entre o crepitar do cêpo e a alegria grave da festa.

A consoada, ali designada pelo termo abacial de «missura», celebrava-se depois da missa do galo — uma «missura» copiosa, em que predominavam as carnes saborosas do pôrco, o bom paio rescendendo a cravo e pimenta, o bom lombo polpôso, ainda fresco da recente matança.

E prometeu trazer-lhes do Alemtejo uns paios, uns suculentos paios, para avaliarem da substanciosa e historica ucharia da sua provincia.

Mariana riu muito dos magustos de bolota, a que

atribuia o exclusivo destino das cevas. Ele então considerou, inchado do orgulho bairrista da bolota:

— Pois está enganada. E' magnifica! A bolota é até melhor do que a castanha. Claro, não a bolota do carvalho, a da azinheira . . .

Beatriz levantou a cabeça, a agulha fina e rebrilhante nos dedos indicador e polegar da mão direita, um sorriso a avivar-lhe os labios vermelhos, para dizer, suavemente:

— Eu já comi, em casa duma senhora do Alemtejo, mas cruas. E não desgostei.

— Pois são magnificas! — confirmou Rodrigo, lisongeado. — Deixem, que tambem hei-de trazer-lhes bolota, e verão, verá D. Mariana, como ha-de confessar que é magnifica.

Mariana, entre gracejos, afiançava que não tinha animo para provar. Então D. Isabel, até ali silenciosa, mergulhada na sua tristeza pensativa, suspirou:

— Só o lembrar-me o Natal... faz-me ter mêdo dêssa noite, tão feliz para os outros . . . Não me passa o bocado daqui — indicava a garganta — sufocada, só com apetite de chorar. E quando mais sentimos a falta dos nossos. E a daquêle que Deus levou, é das que não esquecem . . . Ele, sempre tão alegre, tão divertido, nêssa noite . . .

Beatriz limpou os olhos ao seu lenço alvadio de linho. E a D. Isabel disse ainda, por largo espaço, a amargura da sua dôr, que só encontrava alivio — umas abertas de alivio — no amor das filhas e no desejo de as tornar felizes.

IV

Rodrigo parou em frente da «mansarda», a casa do Pedro, nos Palacios-Confusos, gasta reliquia dos tempos em que o valoroso Sisnando traçava com a lamina da sua adaga o termo do seu condado.

Estavam cerradas as janelas, mais estreitas e mais negras do que seteiras de fortaleza. Chamou da rua a plenos pulmões:

— Pedro! ó Pedro!

Abriu-se uma das janelas com o ruido estridente de vidros, e um rôsto de mulher espreitou, ladino e palido, cingido na espessura dos cabelos negros, ainda no desalinho da noite e do travesseiro. Uma expressão acolhedora faiscou-lhe nos olhos, pequeninos e vivos, mostrou-lhe os dentes alvos, rebrilhantes sob o carmesim humido dos labios.

— Bons dias, sr. Rodrigo — murmurou, numa afabilidade cantada e cristalina.

— Bons dias, Palmirinha . . . O Pedro, está?

— Suba, faça favor. Está a acabar de se vestir.

Galgou a dois e dois os degraus ingremes da escada, que oscilava e rangia. No primeiro patamar, á esquer-

da, curvou-se para uma porta que a Palmira lhe viera abrir, fresca e graciosa no seu penteador branco, os ombros apertados no chale de ramagens escarlates, estendendo-lhe a mão gordinha e macia.

Rodrigo simulou venia de minuete á entrada no quarto sem papel, fendido no tecto, esburacado no sobrado, desconfortavel e humilde — com a sua cama de ferro escoriada no verniz pastoso, com as suas duas mesas de pinho, uma de jantar e a outra de estudo, em que repousava, secular e apagado, um candieiro de azeite, de trez bicos e metal amarelo, meio afogado entre paginas dispersas de lições, livros e jornais. De luxo, apenas a comoda de nogueira e o toucador de cristal, adquiridos ha pouco, denunciando a mão feminina que usava e dispunha, bem alinhados, frascos de «Opopanax», de «Trevo», de «Vigor d'Ayer», em camaradagem com boiões de porcelana e caixas de pó de arroz. A adornar as paredes dois retratos da Palmira, á cabeceira da cama. Em frente duas mócas e uma colher de pau, em atitude grave de trofeos. E uma guitarra, e um irrigador — este de tubo de borracha murcho, pendendo até ao chão.

Aproximou-se do amigo, que enfiava o pé no cano elastico da bota, esticando-o pela presilha, em mangas de camisa, dobrado á borda do leito.

— E's um patife! — asseverou, de sobrecenho descido. — Patife e preguiçoso.

— Ralhe, ralhe — pediu Palmira, na sua vozinha lenta, na doçura de melopêa. — E' um maroto, recolheu era quasi dia!

— Quasi dia! Só com a fôrca, uma fôrca armada na torre da Universidade, lá bem alto, para eterno exemplo. Irra, é desafôro! E são dez e meia, homem . . . E faltas, e caem sobre ti as coleras olimpicas de Minerva!

Ele encolhia os ombros, na sua melhor pachorra, na sua mais repousada bonomia:

– Se faltar, Minerva não dá por isso, meu velho. Sou o seu filho prodigo. Já dei nove este ano; calcula, nove faltas! — E erguendo-se, distendendo os braços, enervado, num bocejo: — Ai, meu velho . . . uma noite cheia, suprêma! Ceia no Julião, depois serenata, aí a uma pequena, a decima segunda namorada do Virgilio Reis. Aquêle . . . Ah, não conheces? Um belo môço, um soberbo môço! Pensei que conhecias, é quasi dos teus sitios.

Rodrigo mudou de conversa, perguntou por que não aparecêra no dia anterior. Mas que se apressasse. Eram horas de saír, não queria faltar.

Sempre pachorrento, Pedro dava o nó corrido da gravata e explicava: de manhã não pudera ir á Universidade, de tarde não pudera ir á Couraça. E aí estava o grande problema resolvido e firme — tão firme como conta de credor desúmano.

Palmira, em frente do espelho, os braços alçados em arco, penteava e apartava em bandós o denso cabelo retinto. E o seu busto roliço, solidamente modelado, ora se dobrava, ora se erguia na claridade, em atitudes vaidosas, meneando a cabeça de frente, de perfil, retocando madeixa mais rebelde á pressão das travessas, conferindo a regularidade da risca branca e direita na espessura encrespada dos bandós.

A' saída subiram a rua dos Grilos. Pedro travou do braço do amigo, e abriu-se então, contou-lhe porque não fôra á Universidade, porque não fôra á Couraça. Não quizera estar com explicações diante da Palmira, coitadita, a fim de evitar exprobações. Ela fizera anos na vespera, a primeira vez que fizera anos na sua companhia, e estava sem real, um triste real, para lhe oferecer uma prenda.

— Mais uma razão para me teres procurado — objectou Rodrigo.

— Bem sabes, custa-me abusar . . .

Rodrigo estacou a meio da rua, encarou-o, apostrofou:

— Olha, sabes que mais? E's um parvo, um tôlo, não me conheces!

— Pois sim, serei tudo isso, mas tu compreendes: ás vezes, apesar de tudo, temos os nossos escrupulos.

Caminharam de novo, e Rodrigo, ainda ressentido, repetia:

— Escrupulos... escrupulos...

Não tinham sido só escrupulos, havia de dizer a verdade. Supuzera que estivesse desprevenido. A questão é que recorrera ao ultimo refugio dos aflitos — e barbaramente, irreverentemente, recusaram-lhe misero metal por divina sciencia, por luminosa literatura. Não aceitaram no «prego» o «Codigo do Processo», nem o «Manual Eclesiastico», nem a «Toutinegra do Moinho!» — A «Toutinegra,» calcula! — considerou Pedro, abismado — porque estava velha!

Velha com tres anos e poucas leituras! Em suma, não a aceitaram, os barbaros fariseus! E já que a sciencia não rendia, já que a literatura falhava, recorrera á industria, representada no seu varino e aí encontrára a velha taboa providencial de salvação. Deram-lhe em troca do varino uma cedula, com dizeres cabalisticos, e quatro mil réis, ou melhor, trez mil seiscentos e cinco, deduzido o juro dum mez. Uma comedela, mas comedela abençoada que lhe dera para um espartilho, belo espartilho azul desmaiado que lhe ficava a matar, delicioso no setim do seu colo côr de rosa tenro de flôr nova. Tinham-lhe sobrado uns magros tostões, que se foram na ceia. E agora, sem varino e sem dinheiro, estaria mais pobre do que o pobre e paciente Job, resignado desde que a Biblia é Biblia, se não tivesse lá na «mansarda» a alegra-lo, a indemnisa-lo, o carinho consolador e os braços veludosos da Palmira.

E ela, coitadita, nem gostára que lhe estivesse a oferecer coisas, porque lhe queria sem interesse — sentidamente lho afirmára e jurára entre beijos agradecidos.

— Desinteressada como esta criatura não ha — garantiu Pedro, tocado. —Comprei-lhe a comoda, o toucador, uns frasquitos com essencias e já lá vão dois mezes sem mostrar o mais insignificante desejo.

Tinham acabado de subir a escada Minerva, em que a deusa mãe do Saber, sobre o arco, ao meio da escadaria, insinúa ás gerações que os seus vastos ensinamentos têm o vasto ambito do azul — cariada de musgo, corroída de fendas, o dedo pardo a apontar o infinito.

Rodrigo aproveitou uma pausa do amigo para aludir á D. Isabel:

— Estive lá ontem... Disse-me...

O outro interrompeu-o, malicioso, cingindo-o pelo pescoço:

— Anda, anda, visitas muito a D. Isabel! Aí ha coisa, marôto...

Muito vermelho, as orelhas e o rosto injectados de sangue, êle balbuciou, atabalhoadamente, querendo reforçar as palavras do tom aspero da censura:

— Não ha coisa nenhuma... nem póde haver. Tu não pódes supôr isso, sim, não pódes supôr! Conheces-me, sabes que a respeito. Mas não volto lá.

O amigo riu, num rir franco e consolado. Tinha dado casca! Ai que dera casca!... E cingiu-o mais a si, repetindo:

— Déste casca, não era para isso! Brincadeira minha, foi brincadeira. De resto, as duas pequenas são excelentes raparigas, nas melhores condições para darem a felicidade a homem que não tenha maior ambição do que a duma alma pura e muito amor...

Rodrigo, conformado, desculpou-se: podia realmente supôr que galanteava alguma délas. Mas não era ver-

dade e o motivo porque o não fazia — hesitou, disse a mêdo — «talvez lho contasse ainda». Referiu a apreensão em que se encontrava a D. Isabel, devido aos gracejos da Mariana, dias antes. Então resolveram ir acalma-la juntos, depois da aula, mostrar-lhe que não havia melindres a estorvar a sua velha amizade.

Quando Rodrigo dobrou a Porta-Ferrea, findas as aulas, já Pedro o esperava á esquina do recinto em que jazem, abandonados, os aliceres do Teatro Academico. Entraram na sala aconchegada da D. Isabel ao tempo em que a saudosa senhora recomendava á servente a compra de certo alcool para fricções. Cumprimentou-os, efusiva, logo investigadora :

— Estou bôa, muito obrigada. Mas vamos lá a saber : porque desapareceu, ha mais de seis dias, senhor Pedro ?

— Ha cinco, D. Isabel, ha cinco...

— Olhe como êle os tem contados ! Tal era o rancor ! — acudiu Mariana, formalisada. Arrastaram cadeiras, a D. Isabel persistiu :

— Mesmo cinco, porquê, porquê ?

— Pois se já tenho passado dez, quinze dias sem vir a esta respeitavel casa ! Não teem que agradecer, principalmente ali a menina Mariana não tem nada a agradecer, com êsse seu sorrisinho... cheio de ironia...

— Lá está a embirrar comigo ! Mas que mal lhe fiz, senhor Pedro ? Ha-de dizer o que lhe fiz.

— Nada, eu cá me entendo. E embora me zangasse com ela, inquisidora mais cruel do que Torquemada e Pedro de Arbués unidinhos na mesma fôrma, não deixaria de visitar a D. Isabel, a D. Beatriz, pessoas muito da minha estima.

Elas agradeceram, risonhas, Beatriz com a costura abandonada no regaço, D. Isabel de pé, ao lado das filhas.

Mariana declarou-se vencida, pediu a paz, para que Pedro, ao entrar naquela sala, não sentisse o frio enregeladôr duma inimizade.

— Pois faça-se a paz! Sejamos magnanimos! — acedeu Pedro, grande na liberalidade e na justiça.

A D. Isabel, louvando-lhes a bôa disposição e a saúde, essa saúde que ela invejaria se não fosse o seu abandono pelos regalos da vida, requereu licença para ir á cosinha, que tinha o jantar ao lume, e a Brigida parecia ter adormecido por lá. Pois tanto tempo, com a farmacia do Castelo ali a dois passos...

Logo que a dolorida senhora saiu, Rodrigo relembrou a scena da vespera, a D. Isabel quasi a ouvir-lhes a conversa a respeito do tal «loiro».

— Eu fiquei sem pinta de sangue — declarou Beatriz, na sua voz de cristal, limpida e dolente, — E então, com a mamã, tão exquisita!

Mas a irmã interrompeu-a, poisou a costura no açafate, encarou Pedro, entre abespinhada e trocista:

— E' verdade . . . Exijo do senhor Pedro, que me conte já, sem perda de tempo, êssa historia do loiro que simpatisa com a minha rua... e não sei quê, não sei quê...

Beatriz e Rodrigo riram da interpelação, asseveraram que ela «não sabia, a inocentinha não sabia do que se tratava»! E Pedro, rigido como sacerdote do Templo considerando as predições de Jehová, repetiu o que dissera a Rodrigo, seguramente convencido de que nem caluniára, nem atirára pedra que lhe merecesse castigo. Possuido de muita inocencia aludira á simpatia do môço loiro por certa rua arejada, com uma «tal» janela que fulgia entre as janelas contiguas — talvez porque os vidros reflectissem mais intensamente a luz do sol, o que devia prender-lhe por força o olhar...

— Mas quem será o loiro, qual será a rua? — repetiam Beatriz e Rodrigo.

— E' mentira, bem sei onde quere chegar, mas é mentira!

— Êssa agora?! Mentira! Como sabe que minto, se não lhe disse ainda de quem se trata?

A conversa prolongou-se até perto do jantar. A' saída, Beatriz pediu a Pedro, em nome da irmã, que lhe indagasse do dia em que a tuna partia para Espanha.

— Bravo! bravo! O loiro é da tuna, é dos intrepidos que vão espalhar o nome português entre estranhos!

Elas dobraram o riso, Beatriz voltada para Mariana, a dizer que não sabia, que a impostôra abusára da sua bôa-fé, Mariana escarlate, limpando os olhos verdes e irrequietos, marejados de lagrimas.

— Seja como fôr, se eu cá não puder vir, encarrego o Rodrigo de lhe trazer a resposta, ilustrissima, excelentissima e terribilissima senhora D. Mariana. — Voltou-se para a cosinha, elevou a voz:

— Adeus, D. Isabel... São horas, adeus!

Ela mostrou-se á porta do corredor, de avental e mangas arregaçadas:

— Então, já? Desculpem não lhes dar a mão. Aquela Brigida, aquela Brigida!... E veja se de ora em diante nos não esquece, senhor Pedro...

Prometendo não esquecer, que era um crime esquecer tão amaveis senhoras, desceu a escada, seguido pelo Rodrigo, que ao fundo se voltou, inclinando-se na ultima saudação da despedida.

Tomaram para o logar da Feira, Pedro pelo braço do amigo, caídos em fundo silencio refléctido. E já no largo, Pedro asseverou, declamatorio:

— Só queria dinheiro, ser rico, ter com que assegurar o futuro duma mulher! Casava com a Beatriz, palavra! E' bôa como as que o são . . . E gosto daquele ar triste, e serio . . . Não é mulher de romance, é o que ali está, pureza e sinceridade. A Mariana é talvez mais bonita, pelo menos mais perfeita. Mas de corpo! . . . E aquele olhar, meu velho, inteligente, dôce, sensual . . .

Fez uma pausa brusca, como que á procura do termo

ou da imagem que mais flagrantemente revelassem o olhar inteligente, dôce, sensual de Beatriz.

Rodrigo resmuneou:

— Os labios é que são um pouco carnudos.

— Quasi nada, e até a tornam mais picante.

Tinham chegado á Sé Nova, hirta e desolada na sua enorme frontaria jesuitica, mosqueada de nichos, com santos de vulto acusando a decadencia dum seculo dogmatico em que a Arte, desprezada, se revestia da rigida tristeza que ensombra a face dos torturados da graça celeste. Rodrigo estranhava o expansivo entusiasmo do amigo, a que atalhou com a proposta de passeio á Baixa para abrir o apetite. Pedro não podia ir, precisava estar na «mansarda» ás tres e meia. Foi êle só, chamando-lhe feliz, o mais feliz dos mortais — e ao fundo da rua das Covas cogitava ainda, vagamente intrigado, no entusiasmo imprevisto do amigo. E se houvesse qualquer coisa entre êle e Beatriz? — dizia para comsigo. E a Palmira? Ora, a Palmira! Uma rapaziada sem consequencias... E oxalá gostasse da Beatriz. Era um bom rapaz... Mas não, não podia ser. O Pedro tinha-lhe dito tudo, se houvesse qualquer coisa. E visita-la-ia todos os dias...

Ao dobrar o Arco de Almedina, austero e sombrio como os seculos cuja sanha dura atestava, um cego estendeu-lhe a mão, lamuriou:

— Uma esmolinha! O ceguinho...

— Adeus, Rodrigo — saudaram do passeio fronteiro, na Calçada. Era o Chico de Lencastre, de pasta de quintanista, as fitas vermelhas a esvoaçarem, mais vermelhas sobre o negro da batina.

Foi para êle, a cabeça erguida, os olhos arregalados, o passinho miudo, ora hesitante, ora apressado:

— «*O tante cosa que te voglio dire!*» — riu, apertou-lhe a mão forte entre as suas mãos afusadas. — Onde vais, amor?

— Não sei, sem destino.

— Pois eu vou ao meu França, a vêr se já aí tenho uma das sinfonias de Stefani, um amorzinho de sinfonia. Mistica, triste — trauteou em surdina: — «*Occhi? perché piangete . . .*» Causa arrepios, filho. E' para uma festa, em casa da Clarinha Melo.

— Olha, ela aí vem, do Salão da Moda. Falai no mau . . . Aqui, mau, significa celeste, divino.

O Chico perfilou-se, á espera, grave e concentrado, a pasta apertada debaixo do braço. E quando a Clarinha Melo passou em frente, agil e elegante, os olhos negros em amendoa, ao lado da mãe, de casaco preto á Imperio, o Chico dobrou a espinha, as palpebras meio cerradas, a bôca meio aberta, num cumprimento entre ceremonioso e intimo:

— Minhas senhoras . . .

— E' muito distinta.

— E inteligente, e espirituosa! Espirituosa sobretudo. Na intimidade, menino, só visto!

Um automovel buzinou perto, avançou veloz, vindo da rua Visconde da Luz. Eles afastaram-se, saltaram para o asfalto em que grupos de estudantes se sucediam, movendo-se arrastadamente. Conversavam, examinavam as vitrinas, seguiam, de olhar guloso, mulheres que circulavam pelos passeios, aparatosas e flamejantes. O Azevedo Lemos passou nêsse instante, franzino e erecto, a barba negra lustrosa, a capa dobrada no braço esquerdo, o colete vermelho cortado pelo oiro fôsco da corrente. Travou do braço do Rodrigo, disse um «adeus» apressado ao Chico, «que ia em missão secreta e urgente», e continuou rua fóra, com o outro muito cingido a si. Ainda ouviram o Chico apostrofar:

— Carrasco! Malvado! Levas-me o pequeno . . . «*O' eterno dolore!*»

A' porta do «Lusitano» o Alcides discorria, de ôlho

tenebroso sob o monoculo luzente, acamando a bambinela da testa, cuspinhando.

O Azevedo Lemos falou numa pequena linda, da rua da Loiça, um «peixe» delicioso. la vêr. A'quela hora já o esperava, recostada no peitoril da janela, na postura vencida e scismadora de menina folhetinesca. Mas era linda, tinha um perfil de santa bizantina talhado em puro marfim.

— Quantas, agora? — inquiriu Rodrigo, trocista.

— Não sei, são muitas, não é nenhuma, talvez todas, todas as mulheres bonitas!

Rodrigo considerou-o, assombrado.

— Todas, sim, e nenhuma. Não amo nenhuma em si mesmo, não amo uma Laura, uma Silvina. Amo-as a todas, as que me impressionam a retina pelo conjunto que se chama beleza, correcção, graça, a alta harmonia que tem inspirado a Arte em todos os tempos — e que não é por certo o conjunto carne, ôsso e condimentos que faz relinchar em verso, cada ano, milhares de imbecís... O que não quere dizer . . . — um clarão estranho faiscou-lhe na pupila...

— . . . que se uma Laura, uma Silvina . . .

— Pois claro . . . Nem sempre espiritualidade, carissimo Rodrigo! O amor era para os gregos, e talvez para nós, para mim, ao menos, a fonte sagrada das grandes, das nobres ideias.

— E só assim se compreende que Pericles, o grande e nobre Pericles, meditasse os dialogos de Platão em casa de Phryné, a divina cortezã, recostado em bancos de marmore rosa e almofadas de linho do Pyro.

Ao largo de Samsão quebraram á esquerda, para a rua da Loiça. O «peixe», de perfil talhado em puro marfim, não estava. Avançaram sempre — e o Azevedo Lemos perscrutava ainda a janela, olhava para traz, na esperança de o ver surgir. Não havia duvida, dizia, conformado. Iam pesquizar outros olhos negros, outros ne-

gros cabelos a abrigar perfis talhados em jaspe ou marfim. Eram frequentes os lindos tipos patricios naquele dédalo de ruas estreitas como fendas, de casas mais subidas que muralhas, onde o sol do Senhor nunca descia, a aquecer o ar humido, mas onde muitos soes de primavera refulgiam, cariciosos, a dulcificar as almas devotas.

Resolveram atravessar a linha ferrea, seguir depois á margem do Mondego até á Portagem.

E divagando sempre, rendilhando frases ácerca da mulher e da sua supremacia no destino do homem, lançavam a vista deliciada pelo cais empedrado e extenso, pelo rio largo e caudaloso, aparentemente adormecido sob a chuva luminosa do sol, que caía em fulgurações tremulas sobre a agua, a deslizar e a rebrilhar como corrente liquida de diamantes.

Rodrigo chamou a atenção do Azevedo Lemos para uma gaivota que pairava perto dêles. E ficaram-se emudecidos, atentos aos seus vôos, ora rapidos, ora serenos, parecendo que ela agora se fixava, se tornava inerte na atmosfera luminosa, para descer em seguida, veloz, até roçar a ponta alva da aza na superficie da agua.

Para Rodrigo não havia nada como aquilo, o largo rio lembrando os rios historicos da antiguidade biblica, tão rico de vergeis e pomares a adoçarem-lhe as margens, tão prodigo na diversidade das suas franjas vegetais, em que as densas moitas de canas, as densas sebes de vimes enfileiravam com a esbelteza dos choupos, curvados para as aguas e embebidos nos misterios suavissimos que as transformam em orvalhos e nevoeiros. Aquêle rio, noutro Tartaro, seria mais traiçoeiro do que o Létes — e era vêr essa ave, por certo sem cultura para rimar alexandrinos, como esquecida de si mesma a ouvir-lhe os vagos murmurios, a admirar-lhe o encanto das belezas. Estendeu o braço, apon-

tou a curva majestosa, lá ao fundo, para baixo da ponte do caminho de ferro, a perder-se na espessura exuberante do Choupal.

— E' admiravel! — sublinhou o Lemos, impressionado.

Por baixo do cais, que em rampa desce a mergulhar no rio, dezenas de lavadeiras, em fila, as pernas sanguineas metidas na agua, as saias sofraldadas presas entre os joelhos, ensaboavam e batiam roupas encardidas pelo uso economico da semana.

Uma delas chamou-os, franziu os labios em expressão gaiata, pediu adocicada:

— Senhores doutores, um vintemsinho para café.

Endireitaram á cidade, que dali se avistava em larga extensão, na sua descida soberba de anfiteatro, de curva alterosa de vaga, encrespada de paredes brancas, de telhados multiformes, a precipitar-se sobre o leito do Mondego. O sol poente, esbrazeado entre a leve cortina de vapores do rio e do vale, batia-a em cheio, reflectia-se nas vidraças lambidas de clarões e de chamas como se fossem bocas de fornalhas, como se o interior das casas fosse rubro brazido de incendio. Lá ao alto destacava o vulto macisso da Universidade, no seu aspecto soturno de fortaleza dos velhos tempos da Tavola e do Amadis de Gaula, enorme e enigmatica. Mais para a esquerda, a cupula central e a torre da Sé-Nova emergiam à tona do casario, apinhado em torno, num amontoamento confuso que lembrava o apertado recinto do burgo, noutras eras, entre os muros eriçados de baluartes, que resistiram ao mouro e ao castelhano. E a meio do vasto anfiteatro, em espaço desafogado, a Sé Velha mostrava a severa frontaria romanica, a luzente cupula recoberta de ardosia sobreposta, á maneira de escamas dum saio de malha, majestosa e calma, na tranquilidade de quem atravessou idades agitadas, se-

culos sanguinolentos, imperturbavel na pacifica missão de confortar e apaziguar.

Do lado da Couraça dos Apostolos, tocando a aresta da cidade velha, em que sobressaíam, de longe a longe, escassos predios de construção moderna cobertos de telha de Marselha, espreitavam trechos dos bairros novos, vendo-se proximo Mont'Arroio, mais para além os primeiros telhados da Cumiada.

No jardim da Portagem, junto do corêto, estudantes comentavam, em esgares comicos, o vestuario dum grupo esgalgado de inglezas, gesticulando á porta do «Avenida», de binoculo a tiracolo, o «Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra» no sovaco, a linha insexual dos bustos cingida em blusas e córte masculino.

O Azevedo Lemos ficava ainda pela Baixa, jantava com um amigo.

— Pois eu, filho, vou aqui pela Couraça de Lisbôa... Adeus, janta bem. E aparece lá por casa, quando os amores te derem uma abertinha . . .

— Só na minha hora derradeira . . . Porque até no tremendo dia de Juizo, apenas a trombeta do Apocalipse ressuscite os mortos, hei-de regaladamente amar. Será êssa a ocasião de fazer «pé de alferes» a Helena, e oferecer um soneto lubrico a Lucrecia . . .

— Adeus, venturoso . . .

— Talvez, talvez . . . Adeus!

Subindo a Couraça, Rodrigo reflectia na sua situação, posta em confronto com a situação do Azevedo Lemos, livre, podendo dizer alto, a toda a gente, em toda a parte, as suas afeições e os seus desejos. Êsse tinha a faculdade de escolher, de percorrer a Alta, as ruas tortuosas da Baixa em busca da satisfação dum sonho de beleza, ainda que satisfazê-lo não correspondesse senão a dissipa-lo.

E poderia êle fazer o mesmo ? Não. Tinha de seguir, inevitavelmente, o aspero caminho que um dia lhe traçaram, sem o cuidado de indagar se o encaminhavam para a felicidade, se para a desventura - o seu destino semelhava um pouco o dêssas aguas que em baixo rebrilhavam, paralelas á estrada da Beira, inevitavelmente apertadas entre vales e colinas, que as levariam á agitação e aos uivos dos mares.

Era novo, o seu temperamento herdára sensibilidade de bom meridional, rico da seiva ardente e nomeada dos Mascarenhas de Almendra. E, apesar disso, porque seu pai descera a vizeira e lhe impuzera casamento de que se envergonhava como dum crime, porque um padre obêso e indiferente mascára uns latins encardidos, ao ligar-lhe a mão á de criatura mais afastada da sua alma do que um pólo do outro pólo, tinha de se condenar á perpetua reclusão da abstinencia, ou cometer aquilo que, mesmo no seu caso, a moral fermentada da sociedade chancelaria de adulterio e concubinato !

Quando entrou na «republica» estavam a jantar. A «ti» Joana foi ao seu encontro, pressurosa :

— Esperamos mais duma hora, senhor doutor. Eu até disse que já não vinha.

— Mas vim, «ti» Joana Grila.

— Vieste, devias passar por baixo da meza. Isto não se faz ! — vociferou o Alves, num gesticular indignado.

— Não se faz, dizes bem, bravo Alves ! — secundaram os outros.

O Temudo fez-lhe lugar, arrastou-se um pouco para a extremidade da meza. E mastigando, indagou :

— O que fizeste, marôto ? O que fizeste por lá ? O diabo foi que nós outros, emquanto o doutor flanava, han ? percebeste ? isto é aqui para os dois . . . nós outros, esticavamos de fome !

— E de inveja ! — bradou o Alves.

Rodrigo justificou-se, garantiu que não se demorara pelo que supunham. Fôra á Baixa, encontrára-se com o Azevedo Lemos . . .

— Um tôlo! sentenciou o Temudo.

E o Alves, apoiado pelos companheiros:

— Tôlo e irritante, no seu atrevido nariz á Judas.

— E' isto, vocês, a falta de defeito que realmente o desmereça, emperram-lhe no nariz.

O Temudo poz o garfo de lado, passou nos labios engordurados guardanapo, afirmou, superior:

— E nos versos! . . . Que sonetos tem êle, dize lá?

— O' Pizarro, quando sai a tuna para Espanha?

— Mudas de tom! Meu amigo, não queres que te bulam no idolo . . . E' de barro, póde quebrar! — persistiu o Temudo, excitado pelo Alves.

O Pizarro nem levantou os olhos do prato, respondeu com a boca cheia:

— De hoje a sete . . .

— No dia 21?

— Sim . . .

— Mais um bocadinho, senhor doutor. Está de apetite — disse a servente, chegando-lhe a travessa de frango ensopado.

— Um bocadinho . . . — e serviu-se de mais.

O Temudo riu, piscou o olho ao Anita, que continuava a estimula-lo por gestos, e insistiu ainda:

— Não vale deixar de comer, amigo e sr. Rodrigo. O idolo não lhe agradece.

— Pois é verdade — disse Rodrigo, num tom declamado de entusiasmo. — Gorki está emfim salvo! Fomos nós, foi a Europa intelígente que o arrancou ás vinganças assassínas do Czar!

Só no quarto a má vontade do Temudo e do Alves o deixou á vontade. Encolheu os ombros, murmurou:

— Uns asnos. Inofensivos, apesar do coice . . .

O Pedro demorava-se, contra o costume. Os amo-

res da Palmira parecia quererem absorve-lo, monopolisa-lo: já não aparecera no día anterior, estivera nêssa tarde com êle umas escassas duas horas depois das aulas. E eram já sete, e não vinha para o passeio. Demais a um sabado, o seu dia, o seu grande dia — em que a guitarrra, apeada de adôrno mudo da parede fendida da «mansarda», suspirava tormentos, que a letra do fado dizia serem fundos como as aguas do mar.

Lembrou-se de que prometera confiar-lhe o segredo que o impedia de cortejar Beatriz. Devia-lhe êssa prova de lialdade, porque tinha nêle o seu maior amigo. Pois sim, mas se era certo o que supunha, a despeito das suas froixas afirmações em contrario? Se era a valêr a sua paixão pela Palmira? Nada mais verosimil do que deixar-lhe transparecer o segrêdo, no intuito amigavel de o lamentar . . . e aí estava o segredo tornado boato publico, assoalhado por bêcos e cafés. Não, esperaria melhor oportunidade para lhe contar a sua vida . . .

A's oito horas Pedro não tinha chegado. Pôz a capa, apagou o candieiro e tomou para a «mansarda». Não estava, saíra a passeio com a Palmira, logo ao escurecer — informou uma visinha.

Rodrigo voltou para casa, apreensivo com o aspecto exclusivista que ameaçava aquela ligação, que o não lesaria como rapaz, e estudante, mas que podia ser um compromisso futuro como homem social, bacharel, talvez magistrado, remotamente conselheiro.

— Dei em caturra e Bandarra! — decídiu, rindo das suas conjecturas de avô rabugento. E abriu a «Obra» de Zola, sob o candieiro de petroleo com quebra-luz de porcelana verde.

Tinha dado a meia noite. Deitava-se, enfiava-se na cama, na frescura dos lençois de linho, reconstruia a figura desgraçada de Claudio, impotente para atingir a

realisação da obra que êle queria luminosa e forte, que torturadamente lhe resultava baça e pueril — simbolo real do esforço inutil de tantos desgraçados para chegarem á plenitude de sonho defêso, nunca aproximado sequer . . .

Arpejos sumidos de guitarra, com acompanhamento de viola, chegaram-lhe ao ouvido. E uma voz languida definia-se, crescia no silencio, a evocar amarguras de amor infeliz. Saltou da cama, embrulhou-se na capa, abriu a janela. Um grupo de estudantes descia dos lados do Museu, lento, a arrastar as botas nas pedras polidas. Nas janelas, em frente, aos lados, cabeças curiosas vinham espreitar, dobravam-se para a rua. Duas visinhas namoristas, as meninas Silvas, muito sonhadoras, muito esgrouviadas, debruçaram-se na varanda do seu terceiro andar. O grupo parou em frente, as guitarras gemeram mais sentidas, as violas feriram notas baixas, mais acentuadas. E logo a mesma voz de ha pouco se elevou, repassada de tristezas reconditas, em que havia suspiros e «ais» de nostalgia :

Coração que a muitos quere
Não sabe o que é bem querer,
Quem tudo quere, nada tem,
Sempre assim ouví dizer...

E repetiu, ainda mais quebrada, ainda mais nostalgica, suspendendo o seu «ai» dolorido :

Ai... quem tudo quere, nada tem,
Sempre assim ouvi dizer...

A voz calou-se, as cordas choraram agonias de coração a despedir-se e a soluçar. E no silencio de espectativa, na noite calma, erravam suspiros de exilios, anseios de saudade. Mas já nova quadra se fundia na melopeia das guitarras, acompanhada em «lá» menor :

A vida sem ter amores,
Não é vida, não é nada,
E' como um cego que vai
Sósinho por uma estrada.

As Silvas quasi pendiam da varanda, inclinadas como se guindassem alguem que a penumbra da noite escondia, recolhendo a voz do fado, tributo de amor que os seus corações agradeciam com amor.

Rodrigo resmuneava, se um pigarro menos disfarçado feria a doçura da musica :

— Galinhas ! Querem gálo, as galinhas !

Dois estudantes apontaram ao fundo da rua, as capas de rastos, os braços inertes. Aproximavam-se, chocavam-se e impeliam-se, cambaleantes, a firmarem-se de encontro aos predios. Juntavam-se de novo, de novo se impeliam, desamparados, regougando :

— Ora deixa-me ! Chega-te p'ra lá ! Olha que rua tão estreita ! . . .

— Ai, lá isso é ! Mas eu sou muito teu amigo ! Ui, lá em cima, tantas pedras ! E cantam... cantam as pedras.

— Pedras, eu vos saúdo ! Não empurres . . . Eu vos saúdo !

Pararam junto da serenata. E entre os arpejos soluçantes, um dêles rouquejou, a voz pastosa, o braço estendido :

— Viva D. Filipa de Vilhena !

Rodrigo levantou-se cêdo no dia seguinte. Ao abrir as vidraças a lufada de ar humido produziu-lhe um arrepio. Fóra caía chuva miudinha. Para os lados da Sé caminhavam futricas, serventes engoujadas, tricanas lepidas, ao abrigo de guardas-chuva da moda, muito requebradas no seu passo cadenciado de nobres senhoras, encadernadinhas de fresco no chale vistôso, no lenço apanhado sob o chale com a galantaria de «côcas», nos sapatinhos elegantes de vêr a Deus.

Êle mesmo se estranhou, tão preguiçoso, ao acabar de se vestir, áquela hora da manhã, quando todos os da «republica» dormiam, no gôso legitimo dos favores do domingo.

Quiz almoçar mais cedo e instou a servente, a quem chamava «senhora», a senhora Joana, cheio de delicadezas enternecidas, a que lhe engraxasse bem as botas.

— Ouviu, senhora Joana? Bem engraxadinhas, sim?

Ela resmungava, por entre dentes, de escôva em punho, embezerrada:

— Hum . . . tem-la fisgada . . .

— Puxe-lhe bem êsse lustro, senhora Joana. E a respeito do seu reumatismo, como vai?

Escolheu entre os colarinhos o mais brunido, o que melhor assentava sob o laço da gravata, em que poz um esmero preocupado, tendo-o desfeito dezenas de vezes antes de lhe encontrar a forma definitiva. Ao calçar as botas começou pelo pé direito, num vago intuito superstícioso.

Corrigiu ainda a gravata, alisou de novo o cabelo. Mas não decidia, cheio de incerteza, se devia ir á rua dos Estudos, levar a resposta ácerca da tuna, se devia meter para a «mansarda». Mariana estava impaciente, por certo. Ocorria-lhe, porém, que podia tornar-se reparado . . . E não queria comprometer, aos olhos esquadrinhadores da bisbilhotice, o bom nome das pequenas. Entrou no café da Feira, a fazer horas. Eram onze. O Pedro estava na cama. Devia ir êle á rua dos Estudos. Prometera levar a resposta, e Mariana não veria agradavelmente a sua falta.

Um criado limpava nos marmores as manchas de café, as caricaturas a lapis, os nomes e arabescos. Dois futricas jogavam o bilhar. Êle estacou a meio da sala, o olhar fixo nas bolas. Insensivelmente seguia-lhes as trajectorias rapidas, entremeadas de marradas e estalidos sêcos sobre o pano vêrde cortado de cicatrizes.

O tempo arrastava-se, os minutos correspondiam a horas. Consultava o relogio da parede, de que ouvia o «tic-tac» indolente, e cujos ponteiros lhe davam a impressão de duas lanças cravadas nas onze e dez minutos, e ali para sempre paralisadas.

— Quantas fizeste?! — perguntou um dos futricas, a assentar o taco.

— Cinco . . .

— Cinco?! Marca duas e chegam . . .

Rodrigo começou a passear, os olhos no chão, para não vêr o mostradôr em que o reumatismo dos ponteiros zombava da sua impaciencia.

O meio dia retiniu por fim. Sentiu uma opressão maior do que a da ansiedade. O que diria a D. Isabel, o que imaginariam as visinhas, espicaçadas pela sua insistencia? Encheu-se de coragem, fechou o espirito á logica das conveniencias e largou para a rua dos Estudos.

Mariana estava á janela, a cabeça loira inquieta, o olhar penetrante e curioso. Corou, riu-se significativamente, correu a espera-lo ao cimo da escada. A D. Isabel, na sala, sentada no canapé, junto de Beatriz, que lia as «Pupilas do sr. Reitor», deu-lhe uma sensação de contrariedade. Balbuciou, atarantado:

— Ah! não está... Tinha-me dito que vinha aqui, a esta hora . . .

— Quem, senhor Rodrigo, quem? — interpelou a D. Isabel, estendendo-lhe a mão.

— O Pedro. Vinha procura-lo, precisava imenso falar-lhe.

— Pois não veiu. Talvez venha ainda... Ai! Já não é para nós o Pedro de outros tempos . . .

Afigurou-se-lhe que a D. Isabel lhe falava com secura.

E a propria Beatriz lhe não sorriu com aquela ternura facil, que o enlanguescia como se fosse uma ma-

deixa ou penugem a percorrer-lhe cariciosamente a epiderme.

Arrependeu-se de ter entrado. Deu-lhes razão. Abusava. Excedia-se. O pior era não conseguir informar Mariana. O Pedro que se incumbisse disso. E emquanto a D. Isabel falava do tempo, tão aborrecido com a impertinencia do seu chuvisco, prometeu a si mesmo não voltar lá, senão passado o Natal — e havia de espaçar as suas visitas, espaça-las o mais possivel.

Demorou-se pouco. Precisava do Pedro, ia procural-o a casa.

Despediu-se, ao alto da escada, quando Beatriz, instigada pela irmã, que lhe batia com o cotovelo nas costas, o felicitou :

— Muitos parabens. Soube que vai com a tuna á Espanha.

— Eu ? ! não vou ! — E percebendo, de relance. — Disseram isso, sim, é verdade . . . mas não vou. A tuna sai no dia vinte e um, e eu tenho de ficar até vinte e dois á noite, por causa de negocios. Senão ia, tinha tenção de ir . . .

— Faz bem, faz muito bem em se deixar disso. Demais a mais com este tempo ! — disse a D. Isabel, esboçando expressão dolorida. — Esta chuva é um veneno. A mim mata-me, trago o corpo cheio de dôres . . . E uma asma — indicava o peito — que me rala. Valha-me a Rainha Santa, que bem póde.

Ao fundo da escada Rodrigo desejou pela terceira vez as melhoras á D. Isabel, certificou as filhas de que não acompanhava a tuna por saír demasiado cêdo — a vinte e um, no comboio da noite.

Já na rua notou uma visinha côxa, a espreitar em frente do escuro do seu cubiculo, uma malicia investigadora a brilhar-lhe nas pupilas. Fez-lhe mal, acabou de o índispôr aquela curiosidade de ave de rapina.

Encontrou o Pedro a tocar guitarra, no recosto volu-

ptuoso da cama. A Palmira, sentada no vão da janela, ouvia-o embevecida.

— Então, homem? Tambem faltaste ontem! — acusou Rodrigo.

— Não tens mulher, não sabes o que são exigencias, filho.

— A culpa não foi minha. Fomos passear, viemos ás oito horas e não se quís arredar maís de ao pé de mim — assegurou Palmira, envaidecida.

— Uma lua de mel, uma esplendida lua de mel . . . Mas tem paciencia. Vais saír por uns momentos, peçote uns momentos, preciso de ti. Desculpe-me, Palmirinha.

Só na rua do Correio declarou o que desejava — era que não o comprometesse. Para informar a Mariana, como êle lhe pedira, do dia em que saía a tuna, inventára um pretexto, fôra procural-o a casa da D. Isabel. Contou a seguir o estratagema de que Beatriz se servira para colher a informação cubiçada, mesmo na presença da mãe. E mudando subitamente de voz, a mêdo:

— A D. Isabel não gostou que eu lá fosse hoje . . . Nem a Beatriz, tambem me pareceu agastada.

— Hum . . . Elas simpatisam comtigo. Disseram-mo no tal dia em que lá estive só, e em que a Mariana atirou piadinhas por causa da Palmira. Gostam de ti, posso jurar-to.

— Mas desconfiarão . . . podem supôr-me qualquer intuito, que afinal não tenho . . .

— Ora, desconfiam! A Beatriz gosta de ti, marôto, é o que é . . . Um felizardo! Deixa-te dêsses modos, sê franco! Tu tambem gostas déla!

— Não digas tolices, não é isso — interrompeu Rodrigo, comprometido e afogueado.

E Pedro, surdo aos seus protestos:

— E a rapariga não é para desdenhar. Bonita, principalmente bela de formas, com uns olhos de tentar

Santo Antão. Além disso inteligente, bem educada. Teve um namorico, aos quatorze, na Figueira. Namoro dos quatorze anos, com menino da mesma idade.

— Quem era êle? — inquiriu Rodrigo, interessado.

— Olha, olha, o ciume retroactivo!

— Deixa-me, tem juizo! Palavra de honra, dou-te a minha palavra de honra, não penso nela!

Nêssa tarde recolheu cêdo ao abrigo do seu quarto, e a tenção de não voltar á rua dos Estudos, senão depois do Natal, criava consistencia. Beatriz, pelo que lhe asseveráva Pedro, gostava dêle. Persistir naquela convivencia seria pois provocar na vida desgraça irremediavel. Precisava começar a afastar-se.

Correu as vidraças. Atravez da indecisão da neblina descobriu, por detraz dos vidros, a mais velha e esgalgada das Silvas. E se lhe requisitasse o amôr por uns dias? Ela, habituada ás complacencias acidentais do namôro, como ao chá das nove para as dez horas, não se ressentiria mais do que ao mudar de chapéo entre o verão e o inverno. Tornava o facto conhecido de Beatriz, e estrangulava-lhe assim, ao nascer, qualquer esperança que porventura abrigasse ao calôr brando dos seus sonhos de virgem.

Era uma necessidade. Impunha-se-lhe a obrigação, por si e por ela, de acabar com aquilo. E a sua decisão foi mais forte ao representar-se-lhe a D. Isabel fechada nas hostilidades imaginarias dêssa tarde, e a velha, a côxa da mulêta, a coca-lo do postigo, as pupilas fuzilantes de maldade satisfeita.

V

Faltavam dois dias para as ferias do Natal. Na Via-Latina, nos Gerais, á entrada e á saida das aulas palpitava a alegria rumorosa que anuncia a proximidade dos feriados — dias desocupados de aulas, noites afastadas de sebentas, longe da severidade da catedra e do bife mercenario do almoço. Rodrigo atravessava aquele rumor largo como o de floresta agitada, mais quente do que o crepitar de lume intenso, insensivel á alegria, indiferente á ideia dos dias livres, no sossêgo repousado da provincia. Era rapaz como êsses rapazes que ardorosamente projectavam passeios, partidas de jogo, bailes, caçadas. E a sua alma froixa era toda gêlo e desanimo.

Realmente havia tres dias que não entrava em casa da viuva Cardoso. Êsse facto, porem, em vêz de o aliviar, dera-lhe desespêros e torturas. Não o duvidava sequer : Beatriz era já, na sua vida alguma coisa mais do que criatura que se estima porque tem um lindo sorriso e a ternura casta de irmã mais nova. A prova a que se sujeitára abrira-lhe bem os olhos, mostrára-lhe clara e aterradoramente que não é sem risco que

um homem novo, com alma para amar, ignorando as suavidades do amor, se aproxima de bonita mulher, e se inclina assiduamente para o confôrto dulcissimo da sua convivencia.

Ainda a não amava, protestava Rodrigo! — ainda não tinha por ela uma dêssas cegas paixões que nem a vontade ilumina, nem a desgraça apavora — e tanto assim que deixára de a visitar . . . Que lhe queria muito, com um querer absorvente, que ora o punha á beira do Paraizo, ora lhe provocava a vertigem do abismo, sentia-o bem. Sentia-o pelo sofrimento da renuncia, nêsses tres longos dias, apenas de noite atenuado, ao dar-se o secreto alivio de lhe rondar a casa, de janelas cerradas, dormente como Beatriz, que a êssa hora tranquila devia dormir, sonhar. Mesmo a impressão dolorosa da ideia das ferias, passadas longe, donde não poderia vir contemplar a casinha humilde em que ela dormia e sonhava, era uma denuncia infalivel dêsse sentimento. A sua simpatia por Beatriz levava-o até a invejar-lhe as visinhas, porque moravam em predios, porque tinham janelas em frente do seu predio e das suas janelas . . . Simpatia? Era apenas simpatia? Tudo isto lhe vinha ao espirito, primeiro confuso, desordenado, sem lhe despertar o verdadeiro horror de futuras consequencias. E só ao relembrar muitas vezes a afirmação de Pedro, de que Beatriz gostava dêle, o abismo se lhe recortava aos pés, nitido e aterrador — como o leito negro de rio, em noite aspera de aguaceiro. Beatriz gostava dêle, deixara-o perceber a Pedro. Ele mesmo o suspeitára já, ao surpreender-lhe um subito rubôr, um tremor de voz indiscréta, ás vezes um simples gesto em que transparecia comoção ou receio. E a certeza produzia-lhe a sensação atormentada de que se encontrava num dédalo de caminhos, cruzados em todos os sentidos, ou num deserto árido, sem a frescura de veio de agua. Ao revelar-se-lhe a suspeita sentira um

pouco a vaidade de se saber interessante para mulher tão gentil e tão seria. Mas a vaidade transmudou-se em pavôr — num pavôr intimo, que lhe sufocava na alma todos os anseios e todas as energias, na visão de destinos tragicos.

Não, não podia condescender com êsse afecto, que podia ser a desgraça de Beatriz. la fazer namôro á visinha, decididamente, na necessidade de derivar para ali a corrente dos seus pensamentos.

Transmitiria o caso a Beatriz, por intermedio do proprio Pedro, a quem pintaria forte e irresistivel paixão, desvairando-o e subvertendo-o.

Ao saír das aulas esperou o amigo, que devia sair de Comercial meia hora depois. Passeava em frente da Porta-Ferrea, cabisbaixo e sombrio. O Alcides Franco abordou-o, perguntou-lhe se tinha havido Economia.

— Saímos agora mesmo . . .

— Eu não vim. Estes calhamassos matam-me, esterilisam-me — indicou os livros, cuspinhou, corrigiu as azas de borboleta do laço da gravata. — Não nasci para isto. O meu fraco é o que tu sabes, a literatura. Ah! a literatura! . . . E tenho agora cá um projecto soberbo. Vai dar brado, verás, mesmo brado! Um grande poema, cantando a vida, o amor, a fecundidade, os tres factores supremos do progresso humano . . .

— Adeus, Alcides! — gritou um rapaz magro, maçilento, de cara rapada, monoculo grave, colarinhos á «bébé», dando á palavra tonalidades cheias, falando de cabeça alta.

Ah! O Andrade Lebre... Adeus Andrade Lebre! Ha três dias que te não vejo no *Luzitano*...

O Andrade Lebre aproximou-se, a capa sôlta, o passo cadenciado, num pisar de «gavóta». E a sua voz rolou cadenciada, semelhante ao seu passo, tirada de dentro com a vaidade do joalheiro que entre joias escolhe as de maior efeito:

— Trabalho como mouro, ha tres dias. A vêr se concluo aquela serie de sonetos . . .

Despediram-se de Rodrigo, afastaram-se para os lados da biblioteca, graves e pesados, lembrando «cariatides» dos proprios craneos, sustentando a custo o peso dos mundos que gravitavam e irradiavam lá dentro.

Quando Pedro apareceu, entre a turba de estudantes que descia da Via-Latina no rumor de cachoeira, chamou-o, travou-lhe do braço, censurou-o pelo afastamento dos amigos.

— O' filho! tu pódes calcular. Êstes primeiros tempos, como é natural, estou sofrêgo de Palmira. Teu amigo da mesma forma, mas que queres?

— Estás apaixonado, tu estàs apaixonado . . .

Não, não estou. Reconheço que ela é minha amiga; e gosto da vida do lar, sou perdidinho por aquilo, é o que é.

— Outra coisa: tens ido a casa da D. Isabel?

— Não, não tenho . . . Fui lá comtigo, a ultima vez. Pobres senhoras, o que pensarão de mim!

— Eu tambem não voltei, desde aquele dia, desde domingo.

— Mas então, que é isso?! — inquiriu Pedro, parando, muito interessado. — Conta lá, temos arrufo?

— Não brinques . . . Pódes crêr, nunca fiz a côrte á pequena, juro-to, palavra de honra. Sentia-me bem naquele meio, mas receei que desconfiassem e não voltei, nem volto . . . E agora . . . é que tenho namôro — disse, num arranco, num desafogo.

— Han, namôro?! Com quem, anda, conta lá.

— Não rias, é a serio. Com a visinha, a Maria da Silva, aquela alta, muito airosa, do terceiro andar . . .

— Muito acegonhada, é que deves dizer . . . A D. Maria?! Aquela namorista, enganei-me, aquela estalagem de Cupido lá dos teus sitios?!

Rodrigo deu-se um aspecto compenetrado de seriedade ofendida:

— Não é má rapariga, francamente . . .

O outro desconjuntou-se numa gargalhada, espalmando as mãos na carcassa das pernas. E Rodrigo, sem perder a compostura:

— Homem, não sei de que ris assim! . . . A rapariga tem namorado? Ha muitas que o fazem, isso não desonra ninguem . . .

Pedro mudou de atitude, tornou-se sisudo, acentuou:

— Desculpa, não sabia que era a serio. Bem, bem, calo-me . . . Emfim, tem paciencia, empregas mal o teu tempo . . . Vale mais um dêdo da Beatriz do que, do que seis, oito, cincoenta Marias da Silva . . .

Rodrigo não respondeu. Tinham chegado ao Largo da Feira, povoado de estudantes, que seguiam em todas as direcções, rebuçados nas capas contra o vento frio e humido, sob um céo baixo, em que nuvens escuras se revolviam num colear de vermes enrodilhados. A' porta do «Favas» fervilhavam serventes, a transportar barras de camas, cabazes com candieiros de petroleo e livros, capas e batinas superfluas nos cabides magros das republicas durante as ferias.

Temos ferias de chuva — afirmou Pedro, convencido de que o amigo se doera da sua troça. — E é o diabo. Tinha uns passeios combinados . . .

— Quando vais?

Pedro não sabia. Talvez no dia vinte e um. Estava-lhe a custar seguir para a monotonia esgotante de Ponte do Lima, deixar Coimbra, afinal mais suportavel, uma terra em que se podia conversar, conviver, subir da Baixa para a Alta nos «americanos», que, a pesar de tão ronceiros como o dobrar dos seculos, sempre eram «americanos» e tudo isto fóra da vigilancia mexeriqueira do padre Fulano, do escrivão da camara e da senhora D. Josefa do administrador.

— Olha, menino — contraditou Rodrigo, sentindo em si o desafôgo de quem se liberta de pesadêlo. — Não ha monotonia pior do que esta. Basta-nos a «cabra» todos os dias, de manhã e á noite, durante o ano. Queres mais? Sempre as mesmas caras balôfas e opácas na Baixa, á porta do *Luzitano*, na *Havaneza*, no França Amado, as mesmas mulheres funebres saíndo do Salão da Moda, entrando no Chiado, gingando nos passeios. E então, a respeito de «americanos»? Nem falar nisso, menino. Outro dia vim da Baixa num dêsses sucessores da Eternidade. E sabes?

— Estás medonho! E' questão de lua, aposto . . .

— Ouve, deixa-te de patetices. E supuz, ali pelas alturas do Teatro Circo, a meio do caminho, que ao chegar á Alta iria encontrar uma raça nova, a admirar as ruinas da Universidade, a evocar os barbaros tempos em que ali se estudava a sciencia do Direito e a arte da Guerra . . . São a eternidade! Sai-se da Baixa môço como Telemaco e chega-se á Alta venerando como Matusalem.

— Estás insuportavel . . . Adeus!

— Vem cá, vem até ao meu quarto.

— Hoje não posso, àmanhã. Prometi á Palmira estar em casa ás três, e faltam poucos minutos.

Disseram-se adeus. Rodrigo, para além do Arco do Bispo, tornou atraz, chamou alto:

— Pedro, ouve, ó Pedro!

Ele voltou-se, esperou. Rodrigo encarou-o, timidamente, pediu a meia voz:

— Ouve, não digas nada a respeito da visinha . . . Não quero que se saiba. Não digas, hein?

— Vai descançado, não digo. Vá lá, vá lá . . .

— Palavra?

— Palavra, adeus . . .

Entrou no quarto apreensivo com o lampejo de bom humor que lhe florira a conversa. As relações da fami-

lia Cardoso trouxeram-lhe o terror pueril até da propria alegria. Uma casquinada de bom e franco riso tomava para êle proporções de pressagio funesto de desgraça. Chegou á janela, sob má impressão. Em frente, a visinha, a Maria de Jesus, baixou-lhe melancolicamente a cabeça, meio debruçada da varanda, os olhos pequeninos e maldosos meio escondidos na sombra do penteado. Afigurou-se-lhe airosa, sob o chale negro que lhe cingia as formas escorridas, donde saía a baqueta do braço magro, enfiada no tecido laranja fogo da manga perdída. Rodrigo correspondeu ao cumprimento, encostou à palma da mão a cabêça pensativa. E êle, que diante de Beatriz tinha o acanhamento boçal de seminarista na presença do senhor bispo, dava agora ao olhar expressões atrevidamente scismadoras de sonho e extase. Já se comunicavam sorrisos, uma ou outra vez esboçavam mesmo gestos, acenos que traduziam a confidencia de segredos na infancia do desabrochar. Apezar de tudo: apenas o espirito se lhe concentrava, deixava de vêr a figura assobiada da visinha, e era Beatriz que lhe surgia na retina, sorridente, na candura de tela antiga, clareada por ligeira tinta de madrugada ou crepusculo.

E representava-se-lhe inalteravelmente entregue á sua costura, o açafate em frente, ao lado a irmã, na sua frescura de pampano.

Saiu da janela, conjurando a obsessão que teimava em sujeitar-lhe a alma.

No dia seguinte entrou no quarto na companhia de Pedro, e nem se lembrou de abrir a janela. Apertou o braço do amigo, intimou, autoritario:

— Não, has-de dizer o que tens!

E como Pedro se mantivesse calado e a passear dum extremo ao outro do quarto:

— Palavra de honra, ou dizes o que tens, ou não quero saber mais de ti...

— Bem, queres saber, queres ? Não tenho vintem para ir a ferias. Recebi ontem a mesada, ontem mesmo a gastei . . . A Palmira não queria, mas comprei-lhe um chalesito, umas blusas. E' isto, sómente isto . . . E o diabo é não ter um traste que dê ao «prégo» pelos tres mil réis da necessidade.

— Ora aí está ! Falasses, homem. Eu tambem não tenho mais do que o preciso para a viagem. Mas espera, arranja-se . . . Tenho aí um alfinete de ouro, uma abotoadura . . .

— Não, custa-me êssa coisa . . . — protestou o Pedro, froixo, em passos menos agitados.

— Deixa-te de tôlos escrupulos. Vamos lá... — Chamou a servente : — O' «ti» Joana !

A servente não se fez esperar, a face escura cortada de rugas e iluminada de indulgencias. Recebeu os botões, o alfinete, murmurou discretamente :

— Hum... é capaz de não dar mais de dois mil réis...

Daí a pouco entrava açodada, declarava que não iam acima de dezoito tostões — fóra o juro.

Foi então um desapontamento. Êsses senhores do «prégo» eram verdadeiros ladrões, e aí estava. O seu alfinete, que lhe custára quatro mil réis ! E além disso os botões ! . . . Bem, que levasse tambem a corrente. Diria á mãe que lhe esquecera, fechada na gaveta da secretária.

Emquanto a «ti» Joana Grila labutava, os dois passeavam, conversavam acerca das ferias, do prazer enorme por elas proporcionado a tantos corações, principalmente ao coração simples dos caloiros, por serem as primeiras a passar na terra, impertigados no orgulho hieratico de futuros bachareis, com as namoradas, envaidecidas, a olha-los como seres imortais ou homens divisinados pelo contacto com os deuses. Emfim, desforravam-se, no acolhimento respeitoso dos seus burgos hospitaleiros, das humilhações cobradas silencio-

samente desde a Estação-Nova á entrada e á saída das aulas. No dia seguinte a academia desdobrar-se-ía pelo paiz inteiro, desde o placido e verdejante Minho ás hortas claras do Algarve, onde floresce e fructifica a alfarrobeira — e cada uma das suas parcelas selectas entraria nos lares patrios com a altiva sobranceria, grave e gôrda, de quem acumula nos celeiros do saber o grão que prodigamente ha-de redimir e salvar.

A «tí» Joana interrompeu-os, fê-los estacar, pedindo «licença» de fóra do quarto. Trazia «quatro mil reisinhos e um pinto. Ficaram-lhe com tres tostões e um vintem de juros do primeiro mez . . .»

Pedro agradeceu, comovido. Acenderam cigarros, chegaram á janela. Maria de Jesus pigarreou, cuspinhou para a rua.

— Marôto, dá-te uma dêstas sortes formidaveis !

— Já nem me lembrava da criatura — declarou Rodrigo, indiferente. — Não posso chegar á janela, que a vejo sempre, como se fôsse de gesso e a espetassem ali, colada áquelas grades . . .

— O quê ? ! Dize lá ! É para disfarçar ? ! — interpelou Pedro, desconfiado. — Mas então o amor, confessado ainda ontem ? Dize, anda . . .

— Foi brincadeira, crê. Estou arrependido. Não me larga, causa-me vomitos. — Retirou-se, fixou o amigo, muito serio : — Sempre vais àmanhã ? E não te despedes da D. Isabel ?

— Claro, hei-de despedir. Vou no comboio das três da tarde, chego lá ás duas.

— Eu vou á estação . . . E vê se elas te perguntam porque não tenho aparecido . . . E não fales nêsta brincadeira . . . Não é por nada, mas não vale a pena.

Pedro sublinhou-lhe intencionalmente as palavras, prometeu não falar :

— Bem sei, não é por nada . . . Não falo, está socegado. E porque não vais tambem ámanhã ?

Ele encolheu os ombros, murmurou :

— Nem sei . . .

Pouco depois de Pedro se despedir bateram-lhe agitadamente á porta. Mandou abrir. O Temudo entrou esbaforido, de grenha revolta e sobrôlho descido como viseira de elmo em lance de desafio. Foi para ele, bradou, patectico :

— Não vou a ferias ! E' um desgosto para minha pobre mãe, doente, doentissima ! . . .

Depois acendeu o cigarro, sorvendo-o a largos haustos, baforando-o para a janela. Baixou a cabeça á visinha num dêsses movimentos bruscos. Rodrigo esperava a explicação do caso inesperado. A explicação não se fez esperar, quasi chorosa :

— Calcula, recebo o dinheiro da mesada, um dinheirão, e ainda uns mil réis a mais para a viagem. E espatifo tudo, percebes ? em ceias, em «champagne», no diabo !

— Bravo, estás um alto estroina !

— Não rias, não é caso para rir . . . Vê que desgôsto o da minha pobre mãe, quasi ás portas da morte, se não vou lá no Natal ! A minha cabeça ! Esta cabeça precisa conserto !

E como Rodrigo, que se mostrava sensibilisado, mascasse um dolorido «é o diabo ! é o diabo !», Temudo encarou-o de frente, pediu-lhe com instancia :

— Empresta-me aí tres mil réis. Fazes-me grande favor. Se não fôsse por minha mãe, não me importava. Assim tenho de ir . . .

Rodrigo falou-lhe com penalisada franqueza, mostrou-lhe que, além de não ter mais do que o estritamente indispensavel para a viagem, não podia recorrer ao «prégo» a que havia «recorrido já para si proprio».

Temudo entrou a lastimar-se, tomado de legitimo panico, abundantemente provido de argumentos que penetravam fundo na sensibilidade fragil de Rodrigo :

— Estou perdido ! Dou cabo de minha mãe com esta coisa, verás. Porque não vejo, percebes ? não vejo meio de me libertar da dificuldade.

Rodrigo parafusava o meio de o libertar da dificuldade. Bateu afinal na testa, com aquele gesto conhecido que tanto póde significar o *eureka* de Arquimedes, como o mílagre de Moisés no deserto, tocando a rocha sêca. O olhar do Temudo fuzilou, na ansiedade reveladora. E Rodrigo, interessado :

— Espera . . . A Joana tem um cordão de ouro ; eu peço-lho, como se fôsse p'ra mim . . . Chama-se a Joana.

O outro titubeou, agradecido :

— Obrígado, Rodrigo, obrigado . . . E' um grande favor.

Afinal a «ti» Joana, que com muito gôsto serviria o senhor doutor, se pudesse, já tinha emprestado o cordão á comadre do Bêco de Anarda, para valer a um quintanista de filosofia que estava na «ultima». Mas que esperasse o senhor doutor. Ainda tinha as suas arrecadas, sempre davam uns mil reisitos sobre elas.

— Deus lho pague, senhora Joana. Eu não me esquecerei — insinuou Rodrigo com desvanecimento.

Temudo, ao receber o dinheiro, abraçou o amigo, o verdadeiro amigo. Logo que chegasse de ferias entregava-lhe a «mássa». E ofereceu-lhe casa e prestimo lá na terra, onde ficava ao seu dispôr.

A' noite, como nas noites anteriores, Rodrigo não pôde furtar-se á tentação de se embuçar, de passar na rua dos Estudos, rente á casa adormecida de Beatriz.

Beatriz, ao aproximar-se a hora a que Rodrigo costumava bater timidamente á porta, entrou na alcova, a substituir por sapatos de camurça a chinela de tapete com *myosotis* bordados a retroz. Inconsideradamente lançou o olhar ao espelho e corrigiu o penteado. E co-

mo achasse menos gracioso o laço de cassa lilaz que havia pôsto antes do almoço, substituiu-o por outro, tambem de cassa, muito largo, dum branco vivo e asseti-nado, que lhe dava frescura mais picante á pele morena, caindo sobre a curva farta dos seios á maneira de palmas de neve. Depois passou a pluma do pó de arroz pela face, amansou de novo as ondas negras do cabelo, e voltou a tomar pôsto junto da irmã e da costura.

Mariana mirou-a dos pés á cabeça, achou-a vistosa, felicitou-a, cheia de louvores maliciosos:

— Muito bem, minha senhora! Isto é que é luxo... Vai saír, senhora D. Beatriz?

E ela, sorridente, o rosto em afogueados de purpura:

— Ora, luxo! Nunca viste!... Por causa do laço? Quantas vezes o ponho e não reparas. Estás sempre com a maldadesinha afiada!

— Ah! é maldade, sim... Ora espara: parece-me que falta um quarto para as duas...

Riram ambas, consoladamente, do reparo de Mariana. E Beatriz objectou, os olhos humedecidos, mais negros e brilhantes no rubôr da sua pele:

— Não se póde falar comtigo a serio. É's um demonico. — Fez-se seria, continuou: — Bem sei ao que te queres referir... Se vem ás duas horas, a culpa não é minha. Quis pedir ao Pedro que o avisasse, para não vir tantas vezes, não haja por aí contos das visinhas! Tu bem o sabes. Não deixaste, e agora...

— Agora quê? Vá, dize... — acudiu Mariana, no tom postiço e faceto de melindrada.

— Agora... não sei nada!...

— Minha menina, não pódes encobrir, embora queiras.

— Aí estás tu com as do costume. Já te disse, não, muito a serio! já te disse que simpatiso com ele. Mas

daí a ter-lhe amor vai uma tal distancia... E tôla era eu se lho tivesse. Nunca mostrou mais inclinação por mim do que...

— Do que por mim?!

— Do que por ti!... — confirmou Breatriz.

— Tenho olhos, menina, tenho ouvidos, Beatriz . . . Aqueles tremorzinhos de voz quando te diz: «sim, senhora D. Beatriz . . . A senhora D. Beatriz nunca viu?» Parece que fica a saborear, por muito tempo, a «senhora D. Beatriz...» E comigo fala á vontade... não gagueja...

— És muito má! Estás a ouvi-lo com maldade, é o que é.

Mariana, a cada negativa de Beatriz, correspondia com argumento certeiro, flamejante de ironia, destruindo-a e inutilisando-a.

Até que Breatriz condescendeu, pondo os olhos na costura, cheia de cuidado na perfeição da obra:

— Póde ser que goste de mim, não nego. O certo é que nunca mo manifestou. Eu mesmo apenas o conheço por vir aqui êste ano. E sei que é do Alemtejo... É verdade que o Pedro foi quem o trouxe, e não traria a nossa casa um rapaz qualquer, capaz de brincadeiras... — Calou-se, como se esperasse a confirmação das suas conjecturas. E como Mariana não arriscasse opinião, absorvida no trabalho: — E parece-me bôa pessôa, muito timido...

— O que é... acho-o gôrdo — arriscou a irmã.

— Gôrdo... êle não é gôrdo...

Fez-se silencio, em que se ouvia, semelhando o roer de caruncho em madeira velha, o picar lento das agulhas na chita das mangas do corpête.

Foi Mariana que cortou o silencio, numa observação enternecida:

— Entra sempre com receio de incomodar, quasi com vergonha. Sim, é um belo rapaz...

Beatriz dobrou-se mais para o regaço, e simulando indiferença:

— E ás vezes, quem sabe? Póde ser um bom actor. Fingir-se timido, fingir-se envergonhado... quantas vezes!... unicamente para nos afeiçoar...

— Ora, que lucrava o rapaz com isso?!

— Não nos conhece, entenderá que somos umas levianas... pelo recebermos em nossa casa... E' capaz de querer divertir-se comnôsco.

— Comnôsco... perdão, contigo. De resto... póde ser, tudo póde ser...

Beatriz retorquiu, no tom o agastamento da vaga condescendencia com a suspeita que o seu coração vivamente repudiava:

— Póde ser! Não sei porque... Nós não somos para aí umas desgraçadas com quem se brinque. Além disso...

— Oh menina! Quem falou em divertir-se comnôsco, fôste tu. Tem graça! Foste tu!...

A mãe, dentro, interrompeu-as, reclamou o auxilio urgente duma delas, «que se arrufava a sôpa e não podía acudir-lhe».

A's duas e meia Beatriz acercou-se da janela, passou a rua pela vista numa impaciencia mal disfarçada. E quando as tres horas bateram na Universidade, vagarosamente, invadiu-a um amolecimento de fadiga, suspendeu a agulha, e ficou-se pensativa, a cabeça vergada, os olhos no chão. A irmã interrogou-a, procurando no açafate uma fita de nastro. Beatriz reanimou-se, retomou o trabalho, respondeu com serenidade:

— Não tenho nada.

Mariana, ainda sentida pelo incidente de pouco antes, não respondeu. Mas daí a segundos Beatriz volvia, a mesma fadiga a afroixar-lhe os nervos:

— Não te disse eu? Queria divertir-se. Viu que nos não prestavamos, e não volta... Não volta, tu verás...

— Eu calo-me, não vás acusar-me outra vez...

Beatriz interrompeu-a, a voz um quási nada alterada:

— Perdoa-me, Mariana. Não foi para te ofender. Bem me conheces. Digo ás vezes inconveniencias, mas sem intenção...

Toda a ingenua ternura de Mariana vibrou sobressaltada, intensamente sacudida pela humildade que lhe pareceu esconder lagrimas, soluços, todo o martirio de largo amor nunca confessado, que se revelava de repente ao choque de suposta adversidade.

Ajoelhou aos pés da irmã, abraçou-a, unindo a sua á cara dela, numa dolorida efusão de ternura, amimou-a, chamou-lhe «patetinha», que se afligia por tão pouco, podendo dar-se o caso dêle não vir por qualquer circumstancia imprevista.

Beatriz, surpreendida, os olhos humedecidos, emocionada pelo carinho de Mariana, afastou-a de si, brandamente, fez por sorrir, afirmou:

— O que estás a dizer, tolinha? Eu não estou triste, filha. Valha-te a Rainha Santa! Sempre tens coisas!... Criança, és uma criança... — Achegou-a ao seio, a cofiar-lhe a cabeça, a passar-lhe os labios pelos olhos, pelos cabelos, tão subtilmente como se aspirasse aroma cuja doçura lhe espreguiçava a voz em aveludados murmurios: — Que tolice!... E's tolinha, és... Por causa dêle não vir!... Sempre tens coisas!

A outra, enervada sob a tepidez dêsse banho amoroso e grato, arriscou ainda:

— Pois eu vi-te tão triste!... Principalmente depois das duas horas...

— Triste, porquê? Que me importa a mim o homem! Nem penso mais em tal...

Mas no dia seguinte só a muito custo conteve as lagrimas, convencida já de que Rodrigo não voltava. Preparára-se com esmeros galantes, aguardára a sua chegada na esperança indefinida de que não faltasse, e não

viéra, como se tivesse esquecido a rua dos Estudos, a casa délas, como se nunca ouvisse falar em tais pessoas! Decididamente, quizéra divertir-se. Voltou-se para Mariana, um ressentimento surdo a tremer-lhe na voz indignada:

— Ah! o Pedro, o sr. Pedro! Êsse é que eu admiro! Afinal, o outro, não nos conhecia...

— Para que estás a supôr coisas no ar? Estará doente... nada mais natural...

— Ora, doente! Se estivesse doente... mandava-o dizer.

Mariana encarou-a, triunfante, um grande ar de repreensiva magnanimidade no sorrir e no falar:

— Mandava-o dizer! Nega, anda! Descobriste-te, sem querer. Perdôo-to... Não sei porquê, encobres-me o teu coração, mas perdôo-to.

— Estou doida! Realmente, tens razão . . . Como, para que havia de mandar dizer? Não estou bem.

— Já vem tarde a emenda, minha menina.

Beatriz deu ao rôsto a transparencia expressiva da verdade, jurou com veemencia:

— Palavra de honra . . . não te encobri coisa alguma. Isto que se passa em mim . . . é uma coisa que não sei explicar . . . nem sei se é gostar, se aborrecer . . .

O certo é que durante toda êssa tarde, como durante o dia imediato, éla atribuía alternadamente a intenção e a doença o facto de Rodrigo não voltar. E em certos momentos via-o de cama, a escaldar de febre, com um lenço branco apertado á testa e o medico á cabeceira. Êssa ideia como que a desoprimia da ansiedade que ora lhe abrasava, ora lhe arrefecia o coração durante os interminaveis dias de espectativa — preferindo entre as duas conjecturas, a do esquecimento ou a da doença, a ultima, a que lho representava queimado de febre, mas inquiéto pela hora de lhe falar . . . De noite, apo-

quentada de insonia, revolvia-se na cama, espreitava de instante a instante as frestas da janela, no desejo de que as horas voassem, de que a manhã luzisse, decidida a mandar a Brigida aos Palacios-Confusos, a vêr se Pedro não tinha ido ainda para ferias. E nêsse caso pedir-lhe-ía que chegasse á rua dos Estudos. Atormentava-a o receio de que Pedro tivesse saído já de Coimbra.

Ao almoço a mãe notou a aureola arroxeada que lhe envolvia os olhos, a impaciencia denunciada no mastigar. Assustou-se, imaginou logo prenuncio de doença. Indagou do seu estado, se tinha alguma coisa, se se sentia mal.

— Doi-me um pouco a cabeça.

Mariana relanceou-lhe um olhar de inteligente piedade, e acrescentou, para desviar a atenção da mãe:

— Esteve com dores de cabeça durante a noite. Mas vai quasi melhor.

— Vê lá, se é coisa de cuidado, chama-se o medico.

— Não, mamã, isto passa.

D. Isabel falou em seguida das ferias, que fariam embaratecer os generos. Estavam pela hora da morte. A proposito aludiu a Rodrigo, ao seu desaparecimento, que não sabia explicar. E concluiu:

— Do Pedro já não admiro . . . Desde que se meteu com aquela perdida, esqueceu-se de nós. Mas o outro, que vinha todos os dias! E tinha modos de bôa pessoa . . .

Acabavam de arrumar a salinha de trabalho quando Beatriz ouviu passos na escada. Devia ser a Brigida. De dentro, da cosinha, vinha o ruido tilintante dos pratos e dos talhares entrechocando-se, acumulados no alguidar em que D. Isabel afanosamente procedia á sua lavagem.

Beatriz abriu a porta devagarinho, fez á servente, com o dêdo, sobre o nariz, o sinal de que não se de-

nunciasse, e mais alterada do que se cometêsse crime encarregou-a de ir a casa de Pedro, aos Palacios-Confusos, dizer-lhe que ela o esperava antes de retirar. E recomendou, em meias palavras medrosas, que não dissesse á mamã — porque «era para uma brincadeira».

Vendo-a saír a porta da rua esteve para intimar contra-ordem, já arrependida, com mêdo de que a mulherzinha désse á lingua. Voltou para dentro preocupada, a acusar-se de leviana. Sentou-se á costura. Não podia enfiar a agulha, não acertava o pesponto. A irmã incutia-lhe alento, cheia de observações sensatas, dissolvida na inquietação que o drama intimo de Beatriz lhe provocava a jovialidade de calhandra madrugadora. Assegurava-lhe que a Brigida nada diria. E que dissésse? Toda a gente sabia que o Pedro era amigo estimado e velho da casa, ainda do tempo do papá. Havia de estar sempre atormentada de terrores pelas visinhas, pelos soalheiros! Que lhe importava a maldade dos outros, se estava de bem com a sua consciencia?

Beatriz esboçou vago gesto de receio, o negro das pupilas cobriu-se-lhe de sombra, e atalhou, formalisada:

— Não, tem paciencia. Quantas vezes a nossa felicidade depende duma má palavra de quem nos quere mal.

Mariana insistiu nas suas considerações, tomando a revestidura rigida de criatura de intolerante consêlho — atitude tão contraditoria com o fresco dos seus labios e o sol dos seus olhos, que lembrava um rosto austero de velha conservando vivas, por milagre, as brazas dos olhos e a rosa dos labios.

Avultou-lhe a necessidade de se desprender dêsses terrores, que constituiam uma doença. Sempre com medo da visinha, do senhor que passava na rua, do desconhecido entrevisto ao longe! E então todos lhe tinham zanga, toda a gente a perseguia, envolvendo-a na rêde

das insidias e das calunias . . . Não, aquilo não devia continuar.

Beatriz, que a ouvia emudecida, sem energia para a defêsa, levantou-se, correu á janela, excitada pela demora da servente. Recuou logo, a monologar, a meia voz:

— Lá está a côxa, sempre com os olhos em mim... Não vive senão para espiar!

— E que te importa? O que póde espiar da tua vida? Deixa-a lá . . . Olha, ri para ela, faz-lhe duas mesuras, como eu, quando a descubro a espreitar-me, e verás, foge logo. Que tem lá que ela espie?

— Bem sei, mas que queres? Não posso ser superior á impressão que me causam aqueles olhos . . .

A Brigida palmilhou a escada devagarinho, pé ante pé. Abriu a porta furtivamente e chamou de fóra, tão baixo que apenas um indistinto cicio de folha murcha cortou o silencio. Beatriz certificou-se dos ruidos afanosos da cosinha e correu ao encontro da servente, que desabafou, em surdina, muita digna: emfim, pedia que a não mandasse mais a semelhante casa. Fôra sempre pessoa seria, não estava para esbarrar com mulherzinhas daquelas, da laia da do senhor Pedro. Lá o ter tres filhos não queria dizer nada. Ainda sabia quem eram os pais . . . Dispunha-se a enfileirar pormenores da entrada, do arranjo do quarto, dos luxos da Palmira. Beatriz lembrou impacientemente a mamã, que podia chegar de repente. E ela então cingiu-se ao assunto da missão cumprida: o senhor Pedro tencionava vir despedir-se, nêsse mesmo dia, antes das duas horas. Embarcava no comboio das três.

Foi um desafogo para Beatriz desafogo momentaneo, seguido de insofrida tortura. Ia emfim conhecer a verdade. A esperança da verdade refrescou-lhe a alma, orvalho de arvore em terreno calcinado por sol de julho. Mas que verdade seria êssa? — inquiriu, em segui-

da. E aí estava a tortura, a aperta-la de nôvo. Era melhor nem pensar em tal. Começou a esforçar-se por se concentrar na conversa, por desviar do espirito êssa ideia, que ora lhe clareava a imaginação, ora lha toldava de infortunios. Antes o Pedro não viesse!

Preferia a duvida. Oxalá se esquecesse, saísse de Coimbra sem se despedir. . .

Mas ainda não era uma hora e já Beatriz vigiava a rua, o pulso acelerado ao menor ruido na escada. E desesperada pela coincidencia infeliz que trazia a mãe, nêssa tarde, continuamente da cosinha para a sala e da sala para a cosinha, tinha a sensação de qualquer coisa dentro dela, que só agora descobrira, e era alta como torre, a desequilibrar-se e a ruir.

Nem de proposito! Nunca lhe dera para aquilo! Apenas chegava á janela, a mãe aí vinha, afadigada, porque lhe faltava um pano, um fosforo, uma frioleira. Acabava de se sentar, ela arrastava-se para a cosinha. Segundos depois a mesma scena: Beatriz levantava-se, com precauções infinitas, de modo a não fazer barulho. Ia espreitar a rua. E logo a Mariana:

— A mamã!...

Afinal Pedro galgou a escada, entron com a antiga e livre familiaridade. Mariana correu para êle, nos bicos dos pés, intimando-lhe silencio. Aínda se não haviam apertado a mão, porém, já a D. Isabel se fazia ouvir no corredor — e foi uma explosão de exclamações de surpreza, ao encarar com Pedro, hirto, agora meio comprotido no meio da sala. Até que emfim, se lembrára de que elas viviam! Podiam mandar tocar os sinos da Sé, pois se lembrára delas!

Era demais! Perseguia-a fatalidade implacavel! Sentia-se froixa, desalentada, capaz de chorar ali mesmo, na presença de Pedro, na presença da mãe!

Pedro não quís sentar-se. Não podia demorar. Relanceava o olhar para Beatriz, no desejo de a informar,

condoído da angustia que lhe adivinhava na alma. E na despedida não se conteve, inventou uma historia, de intenção piedosa e amiga :

Não as tinha importunado nos ultimos dias porque não pudéra. O pobre do seu amigo, o Rodrigo...

D. Isabel interrompeu-o :

— E' verdade, que é feito dêsse senhor ?

— Coitado, esteve doente, com uma doença repentina, motivada por desgosto de familia. Vou-me embora, deixo-o só, por dois dias. Ele vai depois de amanhã, porque os medicos o declararam melhor...

— Pobre rapaz, tão bôa pessôa ! — lamentou a D. Isabel. — Morreu-lhe alguem ?

Beatriz ouvía-o, ansiada, palida, sem força para articular palavra.

Mariana, antes de êle responder, acudiu com solicitude :

— Que desgosto foi, senhor Pedro ?

— Não morreu ninguem, felizmente. O desgosto veiu dum mal entendido. A noticia de que a mãe estava á morte, ontem desmentida...

— Ainda bem ! ainda bem ! — disseram as duas, a um tempo.

Pedro foi dali prevenir Rodrigo da sua mentira, exagerando o estado da Beatriz, arguindo-o de a matar, de lhe provocar morte lenta e cruel. Devia lá ir, impreterivelmente, no dia seguinte. E cuidado, não o deixasse mal...

Em toda a noite Rodrigo debateu-se em crise de tormenta, que lhe deu a prova aspera de todas as convulsões da dôr e de todos os desfalecimentos do desanimo. E ao acordar, de manhã, com uma ligeira hora de sono agitado, tinha a cabeça aturdida. Um magnifico sol doirava os telhados fronteiros, iluminava festivamente os moveis modestos. Foi almoçar ao restaurante dos Caçadores — a republica entrára no interregno for-

çado das ferias, sem presidente, sem cidadãos que a gerissem e sustentassem.

Não podia deixar de ir a casa da D. Isabel, como prometera a Pedro. Seria ceremonioso e frio, de modo a não alimentar impossiveis devaneios. E depois de ferias jurava contar a sua vida, confessar que era casado.

Teve de mentir, de corroborar a mentira de Pedro — recebera noticia inesperada da doença da mãe, uma doença que a tinha na agonia. O choque fôra terrivel, como calculavam. Felizmente, apenas a noticia desmentida, os efeitos do choque haviam cedido.

D. Isabel e as filhas felicitaram-no, Beatriz comedida e excitada, Mariana cheia de intimo contentamento. E na hora das despedidas desejaram-lhe mil venturas, junto da sua querida mãe, no carinho da sua casa.

— Sou um pusilanime, sou um covarde ! — rugia para comsigo, caminhando á pressa, sem destino. — Afinal, chego, e torno-me choroso, e torno-me lamecha... Troco olhares, animo-a !... Sou um covarde !

Era verdade que ela o envolvera em tão comovida ternura, que uma pedra, se visse e ouvisse, teria cedido á fraqueza amorosa que se confessava e agradecia ! Embora ! Não devia ter dado logar a êsse olhar, a êssa confissão inocentemente comprometedores.

Aos Arcos-do-Jardim cruzou com a Martins, «uma lindeza de mulher» como lhe chamava o Chico. Rodrigo cumprimentou-a distraídamente.

Impunha-se-lhe a necessidade — decidia, austero — de cortar de vez e dum só golpe as raizes nascentes da inclinação que desabrochava na alma de Beatriz. Êssa inclinação, que no fundo lhe lisonjeava a vaidade, tão vagamente que a consciencia mal o pressentia, ocupava-o mais que o seu proprio estado. Beatriz não era rapariga vulgar, no gosto da Maria de Jesus, das que aceitam o amor por distração, á hora ou ao mez. O

amor para ela devia ser um feudo de exclusivismo e escravidão.

Demais, segundo a palavra de Pedro, conservava imaculada a virgindade da alma como a do corpo. Tivera um namoro de praia, aos quatorze anos, passageiro como vôo branco da gaivota na hora do banho — sonho indeciso de ave ainda sem penas, que experimenta as azas, ao calor das azas maternas, atravez dum sono de madrugada.

Caminhando sempre, sem destino, trepou a rampa do convento do Carmo, quebrou á direita, pouco além do convento, indo dar ao Penêdo da Saudade. Três soldados, estendidos na relva, dialogavam lembranças dos seus. Rodrigo estirou-se no banco aberto no flanco do penêdo — uns restos chagados de penêdo, a esfarelarem-se sob o penacho romantico das oliveiras, cingido de puas de silvas e dardos de piteiras. Uma aragem fina e leve circulava, acariciava brandamente. Sentia-se melhor no sossego que o envolvia, as suas atribulações como que atenuadas no seio afavel da tristeza ambiente — uma tristeza singular que parecia escorrer do proprio sol, da sua luz mais viva, caindo do mais puro azul.

Rodrigo sofria. Mas sofria menos talvez ali, onde se lhe afigurava a natureza, a imensa e forte natureza, sofrendo com êle velhas dôres, reconditas e silenciosas.

Alongava o olhar para a linha do horisonte, ao longe recortada em serras e penedias, franjada mais perto de longas filas de pinheiros, até morrer á direita, a dois vôos de cotovia, nos declives debruçados sobre o Mondego. O vale, logo abaixo da plataforma em que assentava os pés, estendia-se, dôce e quieto, apertado na fita branca da estrada da Beira, com as suas casinhas caiadas, muito unidas, numa igualdade de irmãs do mesmo parto. E por todo o vale as hortas e leiras vicejavam, demarcadas por oliveiras melancolicas, pintalgadas de laranjeiras de pomos de ouro, destacando, donde a

onde, o vulto esguio do pinheiro bravo, a velar taciturnamente a quietação esparsa de claustro — e entre a oliveira da colina, entre a laranjeira e o pinheiro, brilhavam os casais, na brancura de pombas, como pombas aninhadas na frescura verdejante.

Não se ouvia murmurio, timido sinal de movimento e vida, tudo na mudez extactica das vegetações adormecidas — o lindo trecho de paisagem indeciso entre o rumor da cidade e o extases do campo. No ar transparente errava a melancolia das agonias resignadas.

Era como se tôdo aquele sólo, a colina e o vale, abundantes de ramos, sonhassem os misterios da germinação, num sono em que não havia respirar, nem o bocejo das folhas acordadas pela aragem.

E se não era sonho — continuava Rodrigo, romantico e fantasista — devia ser concentrada saudade. O nome cantado do «penêdo» indicava-o sugestivamente. Não passava por Coimbra alma de poeta ou de enamorado, no decorrer morôso das gerações, que ali não chorasse ou suspirasse as suas saudades.

Todas as noivas amoraveis, como todas as rebeldes desdenhosas, foram recordadas nêsse retiro consolador do silencio, sob os braços das arvores contemplativas. A' logica complacente das coisas não repugnava, pois, que lagrimas e suspiros, vividas emanações da tristeza, perdidos na terra, dispersos no ar, se misturassem ás seivas, subissem aos troncos, tomassem o vêrde incauto das fôlhas, e fôssem agora, e para sempre, a imagem vêrde da saudade, que é esperança e resignação.

De maneira que, até os ramos das macieiras, ao florirem, relembravam certa noiva casta e rósea, hoje palida avósinha, que ali fôra sonho e aspiração, lagrima e melancolia, melancolia e lagrima agora a reverem-se nas folhas e nas flôres.

Em cima da mesa de trabalho Rodrigo encontrou so-

brescrito azul em que o seu nome negrejava, pintado a letra espremida e circular.

Abriu-o, intrigado. Era um cartão azul, com uma pomba a pairar voluptuosamente ao canto e a segurar no bico outro cartão minusculo, que num fio de ouro dizia: «Bôas-festas». Ao centro, entre duas estrelinhas, deslisava a graça opulenta da visinha — Maria de Jesus Sampaio e Silva.

Rodrigo arremessou o cartão, num exaspero.

Que lhe queria a delambida, em quem nem sequer pensava desde a vespera?

Ia rasga-lo á janela, de modo que ela visse. Conteve-se á ideia de que seria descortez e feiamente injusto. Levou mesmo a condescendencia a um agradecimento laconico e sêco.

De madrugada, ao seguir para a estação, viu luz atravez da janela de Maria de Jesus — e dentro um vulto cingindo o rôsto aos vidros. Resmuneou, abafando o pescoço na góla do sobretudo:

— Irra, maçadora!

Deu volta por cima, pela rua dos Estudos. Toda a casa repousava. E da portinhola do comboio, rolando com estridor sobre a ponte do Mondego, lançou derradeiro e entristecido olhar á cidade afogada na neblina da manhã, coroada ao alto, vagamente, por fila de luzes mortiças. Teve a sensação de cidade queimada por vasto incendio, ainda fumegante, e com brasas dispersas nos escombros. Mas o fôgo, como os escombros, não tinham subvertido um simples coração, amoroso e palpitante, no confuso seio da penumbra.

VI

Em seguida ás expansões enternecidas da mãe, que não se cansava de lhe lastimar as olheiras e a magreza, de lhe aconselhar que se poupasse aos estudos, vieram as noticias do logar. D. Rosaria, sempre entregue ás canseiras da casa, pouco tempo tinha para ouvir e contar novidades. Ainda assim soubera do roubo nas tulhas da herdade dos Albuquerques, um roubo que lhes levara boas duzias de moios; tivera muito pesar pela morte dum tio dos Cordeiros, lá por êssas Africas; e fôra informada, mas não o garantia, que a filha mais nova dos Andrades namorava um rapaz de Evora, que não largava dos sitios. Por ultimo, e como que propositadamente, informou acerca de Tereza, muito doente, com um mal exquisito. Rodrigo afectou indiferença, repetiu em tom ligeiro:

— Com um mal exquisito?

Sim, não sabia porquê, mas o certo era que ela, havia quasi um mês — não lho mandára dizer para não incomodar, que êssas noticias sempre incomodam — começára a definhar, a manifestar aborrecimento pelas praticas santas, e por ultimo dera em se rasgar, em in-

sultar mãe e pai, em cuspir as imagens bentas. E fôra pena, lastimava D. Rosaria, compungida. Demais a mais agora, que o Bentes de Rebordinho, um bom homem, coitado! tratava de a preparar para a vida de casada, na companhia do marido.

— Na minha companhia?!... — acrescentou Rodrigo, enigmatico.

— Sim, na tua companhia. E' verdade que eu nunca dei nada por isso. Ela vinha por aqui, mandada pelo pai, mas sempre contrariada...

— Na minha companhia, minha mãe! Era preciso que eu estivesse doido. Fiquei cheio, não me submeto a nova experiencia...

D. Rosaria caiu em mudez indecisa scismando e olhando a toalha alva da mesa, a que se haviam sentado para o jantar á luz do candelabro de bronze. Depois arriscou uma pergunta timida:

— E se a visses arrependida? E' tão triste viverem marido e esposa cada um para seu lado!

Ele disse então o seu pensar a respeito de Tereza, insusceptivel de arrependimentos. Era uma epileptica com todas as táras hereditarias das avós beatas, como ela jungidas á opressão terrorista do inferno e do pecado.

A mãe pediu-lhe com carinho e sorrindo que não falasse nêsse tom. Era melhor deixa-la em paz, a pobre rapariga, entregue aos cuidados do senhor abade.

De facto, Tereza, depois de crises sucessivas de histerismo agudo, dera em «possessa». E o abade da Carregosa, qualificando consternadamente o mal, atribuia-o, no segredo das suas exprobações, á pertinacia do sr. Bentes Rebordinho em congraçar a filha com o endemoninhado de Almendra. A virtuosa menina estava possessa dos espiritos malignos. O padre Martinho compreendia e analisava, com lucidez, o estratagema perfido do Filho das Trevas — estratagema afinal desacreditado e vulgar á força de repetido, contra o qual a Sagrada Escritura,

Béda, Santo Agostinho, tantos varões santos e doutos se não cansavam de milagrosamente indicar prevenções. Ele não tinha na consciencia o remorso e a dôr de haver esquecido uma unica dêssas prevenções salutares, na santa missão de que o Senhor o investira. A culpa, porisso mesmo, se houve omissão ou descuido, competia inteira e tremenda ao sr. Bentes de Rebordinho — que parecia sugestionado pelo Cão Tinhoso para a desgraça da filha.

Nunca poderia esquecer a tarde chuvosa de novembro em que a pobre menina, á hora do jantar, diante do pão que Deus abençoa, se ergueu, palida e sinistra, os olhos metalicos em brasa, rindo e apontando na parede o seu noivo, o seu belo noivo, encostado ao tridente rubro, de chavelhos luzentes, a cauda enorme enroscada no braço, a palitar os dentes afiados como punhais a um pêlo agudo da propria cauda. E falava-lhe, e prometia-lhe encontrar-se com êle para além da meia noite, no jardim, perto do tanque.

Aquilo estragara-lhe o prazer do seu calice de malvazia, transparente e delicado. Mas fôra, em compensação, o argumento decisivo contra a heretica obstinação do sr. Bentes em aceitar a autorisada doutrina das Escrituras e dos mais discretos autores da Igreja, ácerca dos Demonios, e suas influencias nas criaturas. Já não era preciso citar-lhe Ptolomeo, Platão, que reconheceram os espiritos infernais, e muito menos os textos expressos dos Evangelhos. Ele vira, ouvira e ficára desoladamente inteirado.

O pai entregára-lhe a libertação da desventurada. E era êsse, ultimamente, o seu maior cuidado, cumprido com o escrupulo pertinaz devido ao santo sacerdocio.

Fôra logo consultar o seu «Brognolio», recompilado e substanciado com aditamentos e instruções de gravissimos autores.

Verificára, em primeiro logar, que os Demonios se

apossam dos incautos de dois modos comprovados; pela alma ou pelo corpo. A alma é a entrada que os instala «não na sua propria substancia», como subtilmente explica Béda, mas de maneira «a maquinar enganos, a sugerir na vontade o veneno do pecado, a vexar a criatura para seu exercicio e merecimento». Pelo corpo atormentam ora interiormente, ora exteriormente, conforme os seus habituais caprichos, exercitados desde a inocencia curiosa do Paraiso. O certo é que o padre Martinho tomava nota, e coçava compenetradamente a calva, dos ponderosos danos exteriores: a fantasia mudada como os sentidos corporais, para o que o Demonio torna o corpo aerio — o abade sublinhou com forte traço a circunstancia do «corpo aerio» de Satanaz — o mostrar aos vexados serpentes, touros, feras medonhas, ou figuras horriveis». E pôz de parte, por inuteis, as indicações dos prejuizos internos — «o comprimir das entranhas, causando dôres, chagas, grandes agitações, perturbando as potencias, abalando os humores, por si só, «simpliciter», na palavra de Job, ou com intervenção de Maleficio, Feiticeiro ou Feiticeira». E depois de considerar, bem apetrechado de indicações lucidas sobre a natureza do vexame, os preceitos para irresistivelmente domar e afugentar o Demonio, êle rejubilou, repoltreou-se na macissa cadeira abacial, a calva humedecida de orvalhadas laboriosas.

No dia seguinte, engrolada a missa, entrou no solar, os olhos arregalados de triunfo, os refêgos da papeira nas pulsações correspondentes ao arquejar forte da respiração. Perguntou pela sr.ª D. Angelica. As criadas não sabiam, iam ver se já estava no oratorio. Mas a dispenseira, a sr.ª Rita, reconheceu-lhe a voz, veio ao seu encontro, cheia de respeitosa beatitude:

— Está a acabar de se vestir, sr. abade. E' um instantinho . . . Eu vou dizer . . .

— Não, não diga nada — recomendou o paroco, de

chapéu braguez na mão direita e o imenso guarda-sol de paninho acomodado no sovaco. — Naturalmente não demora. E que demorasse . . . Eu já celebrei. Mas a sr.ª D. Angelica não demora.

A sr.ª Rita abriu-lhe a porta da sala de visitas, persistiu gostosamente em prevenir a senhora.

— Credo! até me ralhava, se a não fosse avisar . . . Vossa reverencia queira esperar um instantinho.

Deixou cair sobre a porta o pesado reposteiro de damasco azul — e no salão severo e alto, forrado de castanho, com frisos dourados, desceu o silencio solene das catedrais desertas. O padre aproximou-se lentamente, com o chapéu atraz das costas, da janela do centro, aberta sobre o jardim. Afastou os cortinados espessos de reps azul, filigranados a lhama branca, que desciam das sanefas em fartas pregas onduladas — e uma luz mais intensa penetrou no interior, rebrilhou nos pingentes de cristal do lustre nobre.

Era ali, naquele jardim — considerou o paroco, pensativo — que a infortunada se encontrava, nas alucinações demoniacas, com o espirito mau. O previdente «Brognolio» previa o caso especial. Porisso o remedio seria pronto na eficacia.

Pareceu-lhe ouvir ruido no corredor. Retrocedeu ao meio do salão, e pisou os tapetes na unção do ritual. O silencio adensou de novo, solene e prolongado. E na opulencia dos suntuosos mobiliarios, dos velhos quadros heraldicos, pendentes da parede, esbatidos na doçura da penumbra, os seus pensamentos derivaram para a abundancia, para a celebrada riqueza do sr. Bentes de Rebordinho.

E tudo aquilo, todas êssas riquezas que a claridade cautamente visitava, e tantas outras representadas em terras de pão, vinho e azeite, seriam em breve desbaratadas, vendidas a retalho pelos herdeiros profanos do solar. Porque era convicção sua, bem intima, de que

Tereza não prolongaria a nobre raça de que provinha, destinada a ser, no fim de largos seculos de prestigio, como um ponto final de admiração, tremulo e sumido, na linha heraldica dos Rebordinhos.

Um abafado rumor de passos no tapete fê-lo voltar-se. Trajada de escuro, D. Angelica seguiu para êle, os labios delgados num luar de sorriso. Adiantou-se, cumprimentou:

— Sr.ª D. Angelica . . .

— Fi-lo esperar muito. Tenha paciencia, sr. abade... Deus lhe compensará os sacrificios que nós nem sabemos agradecer.

— O' sr.ª D. Angelica! Pelo amor de Deus! V. Ex.ª ofende-me . . . Bem compensado estou do muito que os respeito, pelo muito que me querem . . .

— A bondade do sr. abade assim o julga . . . Mas nós . . .

O paroco, o olho molhado de gratidão, atalhou, modesto:

— V. Ex.ª desculpe interrompel-a . . . Não quero que me agradeçam, que falem sequer no que faço por dever, só por dever . . . — E sem lhe dar tempo á réplica: — A sr.ª D. Tereza, como passou a noite?

— Mal, muito mal — redarguiu a consternada senhora, a sentar-se no sofá Renascença. — Agora está descansadinha. Mas de noite outro ataque: via o Demo, louvado Deus! a acenar-lhe, a dançar diante déla. Mostrei-lhe um crucifixo, fui depois buscar ao oratorio a esquirolasinha milagrosa do braço de Santo André... e nada...

— Pois a reliquiasinha é das autenticas. Custou caro, mas trazia o sêlo da Sagrada Congregação das Reliquias.

— Oito horas... — murmurou Angelica.

— Bem, vamos ao que me trouxe aqui... E, é verdade, o senhor Bentes de Rebordinho? Ah, sim, está ainda no quarto... Deve estar atribuladissimo...

D. Angelica cerrou as palpebras, dobrou os dêdos da mão direita sobre as costas da mão esquerda, pousada no regaço, para observar, morosa e amargurada, que em parte se lhe devia a êle o estado da filha: á sua teimosia em entregar a infeliz ao pedreiro livre de Almendra. O paroco condoeu-se, absolveu a intenção do senhor Bentes de Rebordinho, que afinal era toda inspirada em piedosos ditames. Repetiu, untuoso:

— Vamos ao que me trouxe aqui, a esta hora... Venho de celebrar, e mandei o sacristão em busca de dois colegas meus. Entendo que ha só conveniencia em começarmos já a nossa tarefa, para... para o resgate duma alma dos maleficios de Satanaz.

— Ai, minha filha! — suspirou D. Angelica.

— Então, minha senhora! Ele escolhe de preferencia as melhores criaturas, as mais tementes a Deus, as mais... han... Sim, V. Ex.ª queira vêr os livros santos... Aí se vêm os meios, as artimanhas, e tal... de Belzebút, para... para agarrar, quero dizer, chamar a si os eleitos do Senhor. — Passou a dar as suas instruções: como a senhora D. Tereza estava liberta a êssa hora, era conveniente chama-la á sua presença, no intuito de a provar quanto ás disposições em que se encontrava para com êle. D. Angelica levantou-se, e a cauda do seu vestido teve um ruido de folhagem ao arrastar-se no tapête. O abade consultou o cebolão de prata: passava um quarto das oito. Estava a fazer-se-lhe tarde para o almôço. Emfim paciencia, visto que o sacrificio redundava em beneficio de Deus — e era natural que lhe oferecessem de almoçar. Tereza entrou na sala, minutos depois, seguida da mãe — vinha mirrada, cadaverica, a cabeça murcha, o olhar febril, a bôca descaída na prega mole do cansaço. Reverenciou o abade, desconfiada, estendeu-lhe os dêdos gelados.

O paroco animou-a.

O que se queria, era que ela estivesse disposta a auxilia-lo para vitoriosamente afugentar e ludibriar o Espirito das Trevas. E devia começar por ter toda a fé e confiança nas suas praticas.

Tereza não se mexia, enterrada no sofá, as pálpebras veladas. Foi preciso que a mãe lhe passasse os dêdos amoraveis pela face envelhecida, lhe suplicasse uma resposta para ela esboçar certo gesto fatigado, que o abade traduziu por assentimento tacito. E entrou logo a provar a enferma contra o Demonio, a assegurar-lhe que o não temeria, antes o daria ao desprezo, se confiasse na Divina Protecção. A meio das instruções que deviam fortifica-la contra as investidas do Tentador, chamaram á porta da sala, respeitosamente.

D. Angelica perguntou quem era.

— O sacristão — disse a senhora Rita, timidamente, a meia voz. — Vem com pressa, com recado para o senhor abade. Diz que . . .

Ele atalhou, consultando o cebolão:

— Diga-lhe que vou já. Que espere um pouco.

Alinhavou açodado as ultimas disposições preparatorias de salutar exorcismo, e a seguir, com licença da senhora D. Angelica, foi atender o sacristão.

O sacristão comunicou que já estava na sacristia o senhor padre José da Portela, e que o padre Firmino, apenas lera o bilhete de sua reverendissima, dera por paus e por pedras, o insultára, «o injuriára de palavras» que nem se atrevia a repetir. O paroco limitou-se a regougar, erguendo ao alto a face congestionada, os olhos em alvo:

— *Pater, demite illis* . . . E' dos tais, da nova escola . . . Uns perdidos! . . . — Mastigou desconsoladamente latins turvos, retrocedeu á sala de visitas, e pediu de novo licença, agora para chegar á Igreja, que o esperava o padre da Portela. Seria conveniente recolherem ao oratorio, que êle não demoraria.

Na sacristia é que foi o desabafar, o increpar o pateta do Firmino, que assim se insurgia estupidamente contra doutrina expressa dos Santos Padres, de insignes varões da Igreja, dos proprios Evangelhos.

Recordou-se de que as senhoras o esperavam.

— Amanhã conversaremos . . . A D. Angelica espera-me. Como sabe, caro amigo, a pratica tem de se deixar para ámanhã. São indispensaveis os tres ministros. Dá mais perfeição ao acto, como insinúa «Brognolio».

O padre José, sempre sorridente, abalançou-se a asseverar que já tinha visto celebrar com dois e o sacristão, obtendo exito, um exito completo. O paroco meditou uns momentos, aprovou:

— Tambem póde ser, diz bem. E vamos então á obra. Ah! aquele senhor padre Firmino! Padre . . . Aquilo, padre!

Estabeleceram o ataque, instruindo o sacristão, que entraria no oratorio de crucifixo alçado, á frente do abade, o exorcista. E êles, os ministros investidos do forte poder do Eterno, de sobrepoliz e estóla, conduziriam, o exorcista a caldeirinha da agua benta, o acolito a navêta com incenso. O sacristão levaria ainda um lapis para ir fazendo cruzes nas paredes.

— Sim, um lapis! — corroborou o paroco, ao notar que o padre José o fitára, em ar de duvida. — Leia o «Brognolio». Lá diz: «levando na mão um, ou dois dos ministros, algum bocado de lapis, ou cousa que o valha, para ir fazendo cruzes nas paredes».

Nêsta altura um maltez da Carregosa rompeu pela sacristia, a resfolegar e a clamar «que a senhora pedia pressa, que a menina lá estava na cama, ás voltas com o mal».

Encontraram-na rodeada da familia e criadas. O senhor Bentes e a dispenseira seguravam-lhe os pulsos. Apertando-lhe as pernas de encontro ao colchão dobra-

vam-se sobre ela a criada da cosinha e a lavadeira. E D. Angelica, amargurada, punha-lhe um crucifixo de marfim na testa, nos labios, no peito, monologava rezas recomendadas pelo abade. Tereza distendia-se, arqueava-se, firmada nos pés e na cabeça, para logo se revolver, estrebuchar desesperadamente, os olhos cerrados, e os labios comprimidos a espumarem.

O abade afastou a sobrepeliz, mergulhou o hissope, aspergiu de agua benta o rôsto livido e contorcido de Tereza. Padre José lançou o incenso no turibu o, balanceou-o, e com o fumo, o perfume e o tilintar de correntes, as orações elevaram-se no quarto, cortadas pelos uivos estertorosos da «possessa».

Foi o paroco que começou, soturno:

— *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti...*

— *Amen* — concluiu o padre José.

— *Pater-Noster* . . .

Houve um murmurio de labios rezando em surdina. A energumena caira numa prostração, as mãos roxas, o rôsto contraído numa expressão de agonia.

Recitou o *Credo*, a *Ave-Maria*, e tendo lido o «Exorcismo» pegou no crucifixo, levantou-o alto, declamou:

— *Ecce crucem Domini fugite partes adversae, per virtutem Domini nostri Jesu Christi, qui pependit in ea.*

Tereza voltou a escabujar, mordendo-se, rasgando-se. E dos cantos da sua bôca escorria, lento, um fio viscoso de baba e sangue.

Durante quinze dias os exorcismos repetiram-se, a mesma hora, na ostentação do acreditado ceremonial de «Brognolio». Tereza piorava, tornava-se da magreza sinistra dos esqueletos.

Na vespera do Natal, quando o senhor Bentes Rebordinho, muito abatido, fez a sua visita a Rodrigo, referiu-lhe lamentoso o estado desesperado da filha, os esforços do abade para a curar.

Rodrigo revoltou-se contra o abade e as suas maquinações, que alcunhou de torpes e criminosas, espertada toda a espontanea sinceridade á confissão ingenua do sôgro. Segundo ele, o padre era um scelerado que o Codigo Penal devia enclausurar na Penitenciaria. E como o senhor Bentes o encarasse, surprêso:

— Numa Penitenciaria, repito. Foi êle o que estragou o espirito da filha de V. Ex.ª, incutindo-lhe um terror de Deus que a martirisava de sobressaltos e escrupulos. Agora, em vez de a entregar a um medico que lhe combata o histerismo, lê-lhe exorcismos! E' um scelerado!

— Oh Rodrigo!... Excede-se. Olhe que o padre Martinho é muito considerado pelo senhor bispo, pelos colegas...

Ele não queria saber da consideração do senhor bispo, nem dos colegas. Atendia apenas aos seus actos, talvez ignorados, que aí estavam patentes. E senão, se o supunha a falar por acinte, por má vontade, o senhor Bentes que convocasse uma consulta medica e avaliaria claramente do estôfo repulsivo do farçante...

Ficou assente a consulta medica para o dia imediato. Mas nêsse dia soube Rodrigo que o medico não fôra chamado — tendo o senhor Bentes pacientemente suportado, durante quartos de hora, acusações fulminantes da D. Angelica, que lhe lembrou e avultou a responsabilidade do estado da filha: primeiro por concorrer para o seu casamento com o pedreiro livre, depois pela teimosia sacrilega de a querer unida novamente ao de Almendra. E ainda por cima, tentado por êssa alma danada, a desgraça da sua casa, queria arranca-la ás santas praticas daquele bom homem, o padre Martinho, que não sossegava na tarefa de a restituir á Graça Divina.

As suas informações da Carregosa consideravam Tereza perdida, irremediavelmente perdida. Na ultima noite

do ano, a um ataque violento, sobreviéra-lhe o nó histerico — a ponto de a julgarem morta, por mais de duas horas. E a sua fraqueza, o definhamento que a consumira e engelhára como fôlha murcha, tinham-lhe dessorado o organismo de modo a não poder resistir a crise semelhante.

Rodrigo não seria capaz de concorrer para lhe abreviar numa hora, num segundo, os dias atormentados da vida. Mas, se ela morresse, não sentiria mais emoção ou abalo do que pela morte de crente fiel de Buda nos frios asperos do Tibet. Numa carta a Pedro, sem aludir a Tereza nem a Beatriz, deixava até entrever confusamente o possivel advento de felicidades que dias antes se lhe representavam inacessiveis e quimericas. Porque já lhe ñão repugnava o confessar, no recato da consciencia, que Beatriz lhe ocupava a alma, o coração, as aspirações — desenhada em tôrno dela, á maneira de aureola no fundo brilhante de certas telas sacras, a suprema aspiração, realisada pelo amôr, sob o patrocinio convencional das leis religiosas e civis.

Foi sugestionado pela nova corrente em que a sua imaginação flutuava, abertos os desejos, amplamente, para o ar vivo da liberdade, que Rodrigo se despediu da mãe, no fim das ferias, recomendando com insistencia que lhe dessem noticias de Tereza e acomodando no fundo da mala suculentos paios e cartuchos de bolôta — para um «amigo». Lançou o derradeiro olhar a Almendra — sem saudades pelos carinhos de que a excelente senhora o cercava, sem piedade pelas lagrimas do seu ultimo abraço, todo possuido pela ansia febril de vêr Beatriz e a sua cabeça peregrina curvada sobre a costura.

Terminadas as abluções da viagem, jantou á pressa e seguiu para os Palacios-Confusos á procura de Pedro. Abraçaram-se, acharam-se soberbissimos, famosissimos,

o que enaltecia de epico valôr reconstituinte a batata patricia e o ar filtrado nas ramagens livres do campo, na urze solitaria dos montes. A Palmira andava numa roda viva, da cama para o cabide pregado atraz da porta, dali para a mêsa onde jaziam paginas de Direito Eclesiastico em promiscuidade licenciosa com numeros gaiatos do «Pimpão», entregue ao labôr satisfeito de tudo dispôr e arrumar, no cuidado meticuloso da ordem e asseio. De vez em quando interrompia-os, inquiria, a voz e o olhar repassados de alvoroçada alegria:

— E que disseste lá para ti ao receber a minha carta?

O rosto dêle avivava-se duma expressão de agradecida felicidade e era com enternecimento que respondia:

— Logo, minha tôlinha, logo te direi...

Vinha a seguir outra pergunta, que revelava a tortura de terem sido interrompidos nas cubiçadas expansões que a ausencia longa provocava. Rodrigo compreendeu que se tornava importuno e despediu-se — combinaram encontrar-se no dia imediato, depois das aulas, porque tinham muito que conversar.

Não duvidava do caracter tomado pela ligação de Pedro. Estava apaixonado, inteiramente submetido aos olhos sensuais, ao cólo redondinho de Palmira. No fundo invejou-o vagamente, não pela Palmira, mas pela faculdade de livremente poder ostentar êsse amor indemne de formulas e latins, aos olhos inquisidores do mundo. Mas talvez em breve amanhecesse a sua liberdade — e então, nada teria a invejar, unido para sempre a uma mulher que não era dêsses seres banais e frivolos como objectos de toucador, que são de quem melhor os paga. Insensivelmente encontrou-se na rua dos Estudos. Havia luz nas janelas, uma luz dubia coada pela cassa fina dos transparentes. Teve

desejo de subir, entrar na salinha humilde em que os seus passos avançavam com gravidade religiosa de fé muito pura no pavimento dos tabernaculos, e dizer a Beatriz, sem rodeios, sem frases, que a amava, que lhe queria como nunca quizera a sua mãe, que lhe tinha aberto desde ha muito, na intimidade do coração, o logar de companheira inefavel na paz suavissima do lar. A mêdo relanceou o olhar para o cubiculo da côxa — e entreviu-lhe a pupila esquadrinhadora a luzir no postigo da porta. Baixou a cabeça, como se passasse despreocupado, estugou o passo, e foi procurar na tranquilidade do sono o repouso dos cansaços da viagem e dos excessos irrefreaveis da imaginação.

Ainda estava na cama, ao outro dia, quando Pedro lhe bateu á porta entrando desabaladamente:

— E's um preguiçoso, um patife! Vai á «mansarda» chamar-me preguiçoso e patife, que eu respondo-te que na manhã de sete de janeiro, da era de Cristo, tu, meu patife, tu, meu preguiçoso, ás dez em ponto, roncavas como um... justo! *Surge et ambula...*

Vestiu-se, lavou-se e Pedro explicava, mergulhado de subito numa gravidade nebulosa, o motivo porque não respondera ás suas cartas. Devia lembrar-se duma Etelvina, de que lhe falára inumeras vezes e que fôra a sua primeira e unica paixão. Pois êssa linda mulher, que fizera dêle um boémio, sequioso de prazeres fortes, tudo no intuito desesperado de a esquecer, de a apartar da alma afogando-a em alcool, a divina mulher, mais fria dos que os marmores de Salomão, casára, enterrara-se durante êssas ferias na banalidade crassa do matrimonio. Sofrera profundo golpe, devia confessa-lo — a despeito de a julgar esquecida, de a julgar afogada. E daí o não lhe haver escrito, não têr coragem nem espirito para lêr os simples numeros do seu calendario de parede — operação indispensavel, como o Sinal da Cruz da manhã, ao homem prudente

que quere andar a bem com Deus e com os homens.

Pedro aceitou almoço na «republica». Almoçaram apressadamente, amodorrados sob a tagarelice da servente, que reconstituía os tedios, os episodios frivolos das ferias. Da Couraça para a Universidade Pedro retomou a palavra, sofrego de confidencias. E foi com a mais acentuada amargura na voz e no gesto, que descreveu a saída de Etelvina da egreja, pelo braço do noivo, um boçal, ela gracil e branca como amendoeira empoada de flôres, a cabeça de rainha, nobre e altiva, coroada pela gaze que lhe descia, em pregas fluctuantes, até aos sapatos de sêda alva, lembrando uma cascata de espumas.

Depois, durante a noite, que tortura, que desespero, que alucinação, os dentes cravados no travesseiro, a cabeça escaldante de febre, os olhos ardentes como brazas! Talvez fôsse ainda cêdo, pensava... Meia noite! Ainda estaria na sala, no deslumbramento das luzes e dos cristais!... E se êle morresse, congestionado, ao tocar-lhe a orla pura do vestido?... Mas bateu a uma hora, bateram as duas... Foi como se as pancadas do relogio, repercutindo-se-lhe no cerebro, tivessem o estridor de trovão! Duas horas!... Por entre o desespero, a alucinação, a febre, supoz ouvir cantar um beijo, depois morrer um suspiro... E viu, na brancura do travesseiro que os seus dentes colericos traçavam, desenhar-se, definir-se, nitido, palpitante, pequenino, o botão côr de rosa dum peito côr de neve — e logo uns labios sensuais, ávidos, a manchalo! Cerrou os olhos, rugiu de colera! E ao romper macilento da manhã correu á janela, a mergulhar a cabeça, a arejar o rôsto na frescura serena do campo — e então a luz do dia trouxe-lhe a certeza brutal, a realidade inevitavel.

Ela, a sua altiva rainha, não era já, a êssa hora cal-

ma da madrugada, senão um setim roseo grudado ao pêlo aspero dum carnivoro ! Tombou sobre o leito de ferro, ressonou até de tarde . . .

Rodrigo escutava-o, assombrado pelo crepitar da sua dôr. E pôde apenas murmurar, já ao cimo da rua de S. João :

— E a Palmira ?

Pedro apertou-lhe o braço com força, colou-se a êle, segredou entre dentes, com veemencia e convicção :

— Começo a compreende-la. E' a primeira mulher que me tem amôr. E eu, não a amo, estou longe de a amar, mas sou-lhe grato, mesmo muito grato . . .

Entre os dois fez-se um silencio meditado. E continuaram em silencio, até se separararem nos «Gerais», onde havia o rumor sonolento de multidão saciada, surpreza do prazer gosado, extincto e distante. Um grupo de condiscipulos seus procurava os «ursos» do curso para que representassem ao professôr pedindo-lhe que não chamasse.

Houve um bulicio alegre e franco, por toda a casa, á entrada de Rodrigo. A D. Izabel acorreu da cosinha, resplandecente, num largo ar de afavel acolhimento. Mariana, comunicativa, chalradora, achou-lhe um aspecto magnifico, perguntou-lhe pela mãe, pelas alegrias do Natal. E até Beatriz, afogueada e comovida, juntou a musica placida da sua voz ás curiosidades familiares da irmã, ás boas-vindas afectuosas da mãe. Ele não sabia a quem responder primeiro, maravilhado naquela atmosfera carinhosa, como se fôsse pessoa querida da familia, vinda de longe, de ausencia prolongada. Voltava-se para uma, para outra, balbuciava :

— Ficou bem . . . Não passei mal . . . Ora, não havia de ter saudades . . . Vivissimas ! E' muito isolado, muito aborrecido . . .

Arrastaram cadeiras, sentaram-se. Então D. Isabel queixou-se dos seus achaques, das suas molestias, que

lhe não davam dia de descanso. Uma tristeza magoada baixou aos olhos e á face das filhas. Beatriz murmurou :

— Tivemos a mamã quasi á morte, no dia de Natal . . .

E Rodrigo, logo alvoroçado, cheio de pesaroso interesse :

— Como foi ? ! Não sabia . . .

Beatriz começou a contar os prenuncios, os sintomas da doença, que a acometera pouco depois do jantar. A D. Isabel, a certa altura, interrompeu-a, pressurosa :

— Não, espera, não foi bem assim. — E desdobrou os mesmos detalhes, pela mesma ordem, procurando imprimir-lhes gravidade aterradora, avolumando os receios, as apreensões do medico, o doutor Aniceto, o melhor medico de Coimbra, e que chegára a convencer-se de que a não salvava.

Rodrigo, no proposito generoso de lhe proporcionar confôrto, ia lamentar tambem a doença duma pessoa de familia, justamente por ocasião do Natal. Mas a D. Isabel não o deixou falar. Relatou a aplicação dos causticos, dois causticos, pois tantos foram precisos para lhe provocar o acordo que totalmente lhe faltára. Felizmente no dia seguinte estava livre de perigo . . . Rodrigo pôde emfim dizer da doença dêssa pessoa de familia, que estivera tambem á morte, com febre a quarenta graus.

— A quarenta ? ! — fez a D. Isabel, na inflexão propria dos grandes triunfos e das rudes desgraças.—Pois a minha subiu a quarenta e um e quatro decimas! Mais algumas decimas e estava pronta . . .

Na verdade fôra muito, quarenta e um graus e quatro decimas ! E que desgôsto, que infelicidade, logo nêsse dia, em que as alegrias da festa tradicional da familia pulsam nos corações, desde as sombras das arvores de Java ás neves eternas da Noruega ! A infelici-

dade é maior quando visita a criatura por entre o concerto de risos e venturas que entra, como o sol dos dias claros, na choupana e no palacio, no burgo humilde que vive do cultivo da horta e da seára e no centro tumultuoso das largas actividades citadinas.

— Nós somos sempre infelizes .. — asseverou Beatriz, em dolorido acento pessimista.

— Infelizes somos todos, senhora D. Beatriz. V. Ex.ª não conhece a vida... nem sequer das pessoas com quem mais comunica... — sublinhou, muito intencionalmente êstas palavras. — Porque, se a conhecesse, veria aí infelicidades tremendas, talvez maiores do que as de V. Ex.ª. E depois, indo dêssas a outras pessoas, a infelicidade manifestar-se-ia sempre, em todas elas, mais ou menos pronunciada. Felizes, minha senhora, só os absolutamente estupidos e os que morreram . . .

— Está patetico, senhor Rodrigo — comentou Mariana, gracejando. E a D. Isabel, sem lhe dar tempo á replica:

— Os que morrem Deus sabe se são felizes ou infelizes .. Dos que vivem, é que alguma coisa sabemos. E olhe, senhor Rodrigo, se não fôsse o lembrar-me que tenho aqui duas filhas, a quem quero mais do que ás meninas dos olhos, não se me tinha dado experimentar se a morte é felicidade ou infelicidade. Que consolação para êle, para o meu Belarmino, aparecer-lhe lá em cima, sem mais nem menos, talvez sem me esperar! ..

— Oh mamã! — disseram a um tempo as filhas, impressionadas.

— Isto é a conversar. Já lhes tenho dito, milhares de vezes, que por causa das meninas, ainda olho com amôr pela minha vida.

Voltaram a discorrer acerca das ferias. Rodrigo historiou episodios comicos da viagem, arrelias a caloiros, partidas picarescas, condimentadas de abundante e fran-

ca gargalhada, que tiveram por executantes alguns dos seus companheiros e por vitimas empregados do caminho de ferro. Numa estação, por exemplo, em que o comboio demorou mais, por causa do cruzamento doutro comboio, um grupo de rapazes intimou urbanamente o chefe a vir á «gare». E no meio de aplausos e «hurrás» entusiasticos, aclamou-o presidente vitalicio da republica do Esquecimento. O chefe considerou-se atingido na soberania dourada dos seus galões, legitimo soberano nos limites dêsse asfalto em que a sua voz e a sua campainha superiormente dominavam. Quiz autoá-los, prendê-los. Os vivas e as palmas redobraram. E nêsse instante era digna da veia de Offenbach a scena magnifica do homem fardado e apopletico, brandindo o pau duma bandeirinha, e o grupo de rapazes fugindo, em clamores de vitória. A's portinholas das carruagens dezenas, centenas de bôcas escancaravam-se em consolada hilaridade.

— São muito maus os estudantes ! — declarou Beatriz, docemente. E pôz no olhar, que fixou em Rodrigo, toda a singela, toda a meiga e intima candura em que os poetas romanticos descobriam a linha ideal da afinidade entre a mulher e os anjos — como entre a mulher e as rosas languidamente estabeleciam a afinidade risonha da côr, da macieza, do perfume, da graça delicada, da pureza que se esvai ao contacto leve de impuro desejo.

Dois dias depois Rodrigo dirigia-se para a rua dos Estudos e parafusava no meio de lhe confessar que a amava — animado por uma carta da mãe, noticiando o agravamento da doença de Tereza, de maneira a ter sido preciso recorrer ao medico — animado sobretudo por aquele olhar, de que relembrava religiosamente a candura e o afecto.

Beatriz pregava uma renda, da leveza transparente de sorriso, em lenço de bretanha. Cumprimentaram-se,

no olhar profundo interrogações e promessas. Mariana, pouco depois da sua entrada, estranhou-lhe o aspecto murcho e meditativo. Tinha talvez alguma coisa que o incomodasse. Rodrigo negou. Pelo contrario, estava bem dispôsto, mesmo muito bem dispôsto — e as suas pupilas claras procuravam as pupilas negras de Beatriz, desviando-se logo, num retraimento timido. Calaram-se, êle distraído para o trabalho de Mariana, elas como recolhidas nas delicadezas da costura. Aquele silencio confrangia-o de hesitações e angustias, e deliciava-o como se tivesse a cabeça pousada em estôfos voluptuosos de sêda e lha acariciassem. Mariana, atravez da sua mudez contrafeita, descobriu o desejo de fazer qualquer confidencía, de que não devia ser testemunha. Disse que o seu «loiro» talvez a esperasse já na casa que dava para o saguão. Ia vê-lo da janela da alcova. Mas que a prevenissem, se viesse a mamã... Levantou-se, sumiu-se sob o reposteiro amarelo.

O silencio tomou uma taciturnidade acabrunhante. Da alcôva vinha o «tic-tac» apressado de relogio americano. Là dentro, na cosinha, a tagarelice da D. Isabel e da Brigida semelhava a lamuria de mendigos á porta das igrejas. A mão de Beatriz tremia ao picar a renda e a bretanha — a curva perfeita do colo agitada, como se acompanhasse a cadencia do «tic-tac» monotono. Rodrigo, que inclinara a cabeça para o açafate, esquadrinhava debalde, no cerebro vasio, a forma indecisa duma ideia.

Por fim fez um esforço, balbuciou:

— E' linda êssa renda...

Ela ergueu fugitivamente o olhar, acrescentou:

— Não é feia...

E Mariana, ao voltar á sua cadeirinha baixa de verga côr de creme, riu alegremente do par de môchos que parecia scismar «n'umas penas bonitas, ha muito perdidas e esquecidas»...

VII

Rodrigo vivia numa especie de feliz esquecimento, todo cheio da voz, do olhar, da ternura de Beatriz. Aquele amôr inconfessado era para êle como um banho de musicais harmonias, que o adormentava, dando-lhe por vezes a sugestão de que vogava sobre nuvens, na manhã da eterna ventura. Caíra numa quasi adoração fetichista, de que o idolo adoravel tanto podia ser o vulto escultural de Beatriz, como lenço por ela esquecido, escuro e enrugado, na palhinha entrançada duma cadeira.

Na sua flutuação continua de decisões, em face doutra carta que lhe anunciava a partida de Tereza para o Alto Alemtejo, a conselho do medico, êle entendera não dever manifestar-se abertamente, sem vêr no que redundaria êssa mudança de ares e de regimen moral, longe do esturrinho e das praticas hediondas do padre Martinho. E certo de que a D. Isabel, prescrutada pelo Pedro, não se desgostava da sua assiduidade, continuava a ir por là todos os dias, invariavelmente. A' saída, muitas vezes teve de se conter para evitar expansões que traduzissem a sua felicidade, no desejo

de abraçar os conhecidos, de apregoar aos desconhecidos a Bemaventurança realisada num verdadeiro amôr.

Os companheiros de casa, desde o almôço ao chá, não faziam senão louvar-lhe o esplendido ar radiante. Temudo chegou a interroga-lo, acompanhando-o ao quarto:

— Aqui para nós, ó Rodrigo... Tu tens pequena, han? E dás-te bem, corre-te o barco de vento em pôpa... Eu tenho confiado em ti, bem sabes... Dize lá, quem é a pequena?

Ele negou, jurou-lhe que era engano. Andava bem disposto, devia confessa-lo, mas sem motivo determinado — como de resto, outras vezes, tambem sem motivo, se deixava enevoar de sombria tristeza funeraria.

Nunca chegava á janela que não tivesse de cumprimentar a visinha, a Maria de Jesus, que não esmorecia na intenção de o render aos seus olhares de avidez. A principio revoltava-se, sentia coleras repulsivas pela sua teimosía impertinente de môsca. Mas habituára-se ás persistencias amorosas da esgrouviada — um pouco por condescendencia, um pouco tambem pela desconfiança apiedada de que talvez tivesse por êle uma «fraqueza» das que só o longo tempo e a pertinacia exgotada conseguem curar.

Deixou-se até levar a um baile em casa déla, pelos começos de fevereiro. Foi o Temudo que o convidou, resistindo ás suas recusas, elogiando muito as Silvas, tão delicadas, em especial a Maria, que era das senhoras mais interessantes de Coimbra, podia afirmar que das mais ilustradas que conhecia. Falava o francês, lêra Lamartine, sabia de cór o Soares de Passos e escrevia «umas prosasinhas de que muitos *pavões* se envaideceriam».

Ao outro dia é que viera o arrependimento, o receio de que Beatriz soubesse, a revolta contra a sua fraqueza, e uma certa desconfiança de que o Temudo havia concertado com a visinha o arrasta-lo ao baile.

E sorria, maldoso, ao recordar a ilustração e o Lamartine da D. Maria de Jesus, pomposamente celebrados pelo Temudo, e os seus arrulhos melifluos, que o perseguiram toda a noite. E de todos os seus arrulhos, perseguia-o, na obstinada teimosia de obsessão, o que lhe gemêra á despedida, quasi ao ouvido, estendendo-lhe a mão ardente, num tilintar de berloques:

— As pessoas de sentimento não podem ser lançadas no cadaz do olvido...

Decididamente, aquela frase, aquela duzia de palavras açucaradas, pastel de convento em noite festiva de «outeiro», não podia ter sido cosinhada senão pela «faisca» do Temudo em colaboração com os suores literarios de D. Maria de Jesus.

E dai em deante ficara na obrigação indeclinavel de lhe corresponder aos sorrisos e aos cumprimentos, com a urbanidade afavel de visita da casa. Fazia no entanto por evitar esses cumprimentos e êsses sorrisos...

Tereza continuava mal — assim lho comunicava a mãe, condoída de sofrimentos tão prolongados. Tivera intermitencias de pacificação nervosa nos primeiros dias passados nas cercanias de Portalegre, no solar duns remotos primos. As intermitencias, porém, foram como lampejo de sol em tarde de borrasca.

Março despontava, anunciado pelas graças bucolicas dos pampanos e pelo halito tépido das madrugadas, quando Tereza recolheu á Carregosa, impenetravel como sombra. A D. Rosaria, magoada, fôra visita-la: «estive na Carregosa — dizia, na sua carta em papel tarjado de negro. — Vi a tua mulher tão abatida que me fez horror. Afigurou-se-me o quadro da capela, com a santa morta e caída num areal, de que tu tinhas mêdo em pequeno... Infeliz criatura! E coitadinha, mal entrei, fechou os olhos, entrou a ranger os dentes, que não tive coragem de vêr nem ouvir mais».

Estas noticias levavam-o a pensar muito, compenetra-

damente, na forma de pedir Beatriz em casamento logo que Tereza morresse: porque não tinha duvidas acerca do destino breve e fatal dêsse sêr que era apenas vaga aparencia de mulher. Chegou a consultar Pedro, com promessa de rigoroso segredo, antecipada e autenticada sob palavra de honra, sobre se devia ele mesmo pedir Beatriz, no caso «de resolver casar-se», ou se devia delegar êssa missão. Pedro, muito satisfeito, considerou, a esfregar as mãos, num jubilo em que o seu fundo de bondade resplandeceu:

— Que alegria para D. Isabel, coitadita! Vêr a filha casada... Até morre em maior sossêgo. E a Beatriz ha-de fazer-te feliz, tu verás...

— Mas não é isso que te pergunto — clamou o outro, impaciente. — Responde-me: devo ir eu mesmo, ou vais tu pedi-la? Claro, não é para já, mas quero assentar no que hei-de fazer...

Pedro poz-se a pensar, enterrado numa cadeira de verga — emquanto Rodrigo, sem colarinho, em sapatos de pano e as mãos nas costas, passeava no quarto, apressado, embebido em suaves visões acariciadoras. A palavra de Pedro veiu indecisa, frouxa:

— O' menino, francamente, não sei o que te aconselhe... Agora se quizeres, eu vou, tenho muito prazer nisso.

Foi o que combinaram. Logo que Rodrigo «preparasse a sua vida», e isso poderia levar alguns mezes, ou simplesmente dias, «conforme lhe corressem os negocios», Pedro iria á rua dos Estudos e singelamente, metido na sua capa e na sua batina, pediria a mão de Beatriz.

— Fui eu que te fiz conhecer a deusa... serei eu que a peço, que vos encaminhe para o Olimpo. E que «peixão», marôto!... E então agora — inquiriu Pedro, radiante — quando resolves abandonar receios infantis, quando fazes confissão geral?

Rodrigo parou um instante, poz-lhe a mão no ombro, asseverou:

— E' preciso acabarmos com a rotina. Não se pede uma mulher sem lhe dizermos primeiro, em frase inflamada, que a amamos pelo esplendor dos olhos, pelo colo de cisne, os labios de coral... Devemos acabar com isso, nós, aqueles a quem incumbe renovar os costumes. Ela sabe que lhe quero, como o sabe a mãe e a irmã... E tanto basta... O resto tu lho dirás, mais eloquentemente do que eu, como futuro advogado de Ponte do Lima, proximo deputado dentre Cavado e Barrôso.

Uma tristeza subita passou na face resplandecente de Pedro, enevoando-a. Rodrigo encarou-o, interpelou-o com ansiedade:

— O' homem, que tiveste? Conta lá, Pedro... Não te percebo... Assim de repente... — Ele então ergueu-se, puxou-o para a janela, murmurou, com melancolia:

— Falaste-me de Ponte do Lima, lembraste-me a outra, a Etelvina. — E num inesperado ardôr, em tom cheio de fundos ressentimentos, a voz quasi afogada:

— Soube que se dão mal, ela e o sujeito, um cretino.

Rodrigo ouvia-o, compungido pela intensidade angustiosa do seu amôr sacrificado á vileza repulsiva do interesse — e indentificava a dôr do amigo, esquecido pela cubiça duns celeiras de pão e «cheques» de Banco, á sua dôr, á dôr de se ter deixado amarrar a uma sombra, para toda a vida, pela cubiça de seáras e adegas que não sonhára! Pedro tomou-lhe o braço, ardentemente, afirmou, no esplendido ardôr de ingenua candura:

— Juro-te, palavra de honra, eu matava, eu estrangulava quem me dissesse, ha dois anos, que ela, a Etelvina, se venderia! Vender-se...

— Dais licença? — Voltaram-se bruscamente. O Alcides tinha aberto a porta e entrava de vagar, num passo que tinha a cadencia de alexandrinos recitados com enfase. Trazia enorme gravata vermelha, plantada no peito com a arrogancia e a forma de amor-perfeito, crescido ali mesmo, ao calôr da intensa chama que petulantemente o alargára e enrubescera. Contrariados, saudaram-no, elogiaram-lhe a extravagancia da gravata. Alcides curvou a cabeça lustrosa, cortada pelo gilvaz branco da risca, aspirou ar pelas narinas, sibilantemente, puxou o pigarro, declarou, pausado, a saborear e a gosar a plastica rica dos periodos talhados com esmero:

— Desculpai, carissimos. Vim ao quarto do Temudo, encontrei-o indecentemente deserto. E vinha vêr se o «gajo» estava contigo, altissimo Rodrigo. Ouvi falar, «coquei» . . . e sai-me o Pedro, o famôso. — Cuspinhou, passou o dêdo mole pela melena pendente. E num tom sôlto de desprendimento: — Queria lêr-lhe um conto, um bocado de prosa alinhavada ontem, antes do chá...

— O Temudo saiu depois de almôço, não o senti mais... Levava os queixos apertados num lenço, sobre pache de algodão em rama e canfora. E lá foi para a aula, solicitar dispensa, ao ouvido do mestre... porque estava doente... Não o vi mais.

O Alcides compunha nos ombros o apanhado intencional da capa, em que se denunciava a preocupação de caracteristica a impôr originalidade e relêvo. Declarou:

— Venho á noite. Era para lhe lêr o conto.

— Sim, á noite deve estar — asseverou Rodrigo muito sêco.

Então o Alcides pigarreou com força, introduziu a mão no bolso interior da batina, tomou decisão:

— Vou lêr-vos o conto. Foi feito á pressa, para ofe-

recer aí a uma «pêga». E' um genero novo, que estou a ensaiar. Mas se não estais dispostos..'

Eles disseram que sim, que estavam dispostos. E num aniquilamento de fadiga dobraram a espinha, prepararam-se para ouvir. A voz do Alcides, anasalada, alteou-se, tumida de cadencias metricas: «Clarões» — entalou mais o monoculo, investigou a impressão do titulo nos rôstos resignados. E continuou a leitura, monotonamente.

Rodrigo elogiou o final; certas rãs, na agonia de certo amôr, estavam ali bem metidas, superiormente aproveitadas!

O Alcides cuspinhou, disse que era o primeiro conto duma serie de estudos de psicologia feminina.

— E a proposito... — mudou de tom, tirou o monoculo para esfregar o ôlho cerrado: — Vocês viram os sonêtos do Azevedo Lemos, publicados ontem? Não viram? Uma desgraça! Idiota! Canta as formas olimpicas e a graça altiva de imperatriz da Sofia Campos! — Riu, num rir mordaz, prosseguiu, sob a indiferença torturada dos outros: — Está doido, desde que se lhe meteu na cabeça ser Antero... Vocês querem saber? Ontem, sai-se com a teoria de que a terra ha-de ser lambida e carbonisada pela cauda dum cometa. E' de truz, rapazes! Nós, á sombra do Choupal, lambidos pelo tal cometa!

Rodrigo tirou-se do seu silencio, deu-se a afirmar, com uma pontinha de ironia a picar-lhe as pupilas claras, que seria justamente assim. E que lhe parecia? Riase? Fazia bem... Pois era a opinião de Flammarion, já Galileu a havia insinuado... e muitos outros tesissimos astronomos. Evidentemente: o cataclismo podia demorar seculos, vastos seculos... pelo que não seriamos lambidos á sombra do Choupal. Mesmo para então, a terra milagrosa em que agora sussurram choupos e eucaliptos, a abrigar guitarradas e amores furtivos, seria

uma praia de mar extranho, e egualmente o Bussaco, a Pampilhosa, o Senhor da Serra. Eles não gozariam os colos nús dêssa praia — já cantada pelo poeta Pinto, como êsta terra não seria já Choupal, como Guimarães não seria sequer a lembrança da industria das facas e canivetes.

— O quê ? ! — rouquejou Alcides, apopletico, deixando desprender o monoculo. — Guimarães ha-de ser sempre lembrada ! Tem o Afonso, tem os «gajos» de S. Mamede, caramba ! Como o belo vinho do Porto, como os *Luziadas,* não deixarão esquecer Portugal ..

Rodrigo interrompeu-o, pegou dum lapis de cima da banca atulhada de papeis, e brandindo-o, defendeu a afirmação de que Portugal desapareceria em breve, e com ele a sua lingua, os seus *Luziadas,* talvez os seus vinhos. Como de resto, mais tarde, teriam de desaparecer a Inglaterra, a França, a Alemanha, para dar logar á grande nação que havia de estender-se pela terra ignorada em que hoje o mar rumoreja e se estorce. E de Portugal não se falaria mais do que nós falamos da longinqua e lendaria Atlantida.

Alcides, de ôlho apagado, passeava no quarto, ruminava o amargo das possiveis previsões de Rodrigo—e considerava quão inutil se tornaria, com o desdobrar do tempo, o seu esforço, o esforço dos que produzem, e concebem, e criam na efemera lingua portuguêsa. Devia talvez dar-se ao latim, aprofundar bem o latim, a lingua imortal, e escrever... Mas não... Poucos conheciam o latim de maneira a distinguir o ablativo do nominativo. Mulheres, raras, rarissimas o sabiam... e a sua obra era principalmente, no verso como na prosa, de psicologia feminina !... Escreveria em português e francês. Em português para a atualidade. Em francês para o futuro ... porque o francês seria sempre lembrado, ao menos pela feição risonha do *vaudeville...*

Ao jantar, Rodrigo ria ainda, com o Pedro, que abancára á meza da «republica», do ar preocupado e murcho do Alcides na despedida. Parecia despedir-se da propria lingua em que amoldava e afeiçoava a obra da imortalidade. Mas os risos fôram abafados pelos clamores do Alves e do Temudo, que subiam a escada, gritando:

— Feriado! feriado ámanhã!

Ninguem acreditava, todos supunham brincadeira. Eles entraram, delirantes:

— Feriado, feriado! Mandou-se pedir ao rei. Já veiu...

— A que proposito, a que proposito? — inquiriam os outros, desconfiados.

— A que proposito? Caiu o primeiro dente ao Imperador da China!

Depois do jantar, que correu na animação estrepitosa das vésperas de feriado, dirigiram-se á rua Larga, onde centenas de estudantes esperavam a hora da «cabra» para se certificar. Os quartos para as seis ressoaram. Fez-se o silencio profundo da espectativa. E ao ronceiro bater das seis horas não correspondeu senão um brado enorme, que atroou a rua:

— Não tocou a «cabra»!... Feriado, feriado!

A seguir á missa nas Ursulinas, onde Rodrigo as acompanhou, esperando-as fóra, na escadaria do colegio, entraram, vagarosos, bem dispostos, o portão gradeado do Jardim Botanico. Torceram pela avenida lateral e pararam na esplanada do corêto. Rodrigo e Beatriz sentaram-se á sombra de grande arvore, aparada em fórma de guarda-sol, emquanto a D. Isabel e Mariana, aproveitando a ausencia do archeiro, colhiam e dispunham em ramo flôres minusculas, campanuladas, amarelas e brancas. Na transparencia luminosa erravam, com um sabôr de mel, aromas vivos de florações e fô-

lhas novas. Dentre as ramagens, na doçura da luz, caia o zumbido adormentador dos insectos a trabalharem. Por todo o jardim passavam, a êssa hora calma da manhã, com a estridencia de musica alegre, as tagarelices gorgeadas dos passaros, nos andares superiores dos seus predios, donde a luz se coava pelas persianas vêrdes da folhagem. Em baixo, na frescura das palmeiras, fazendo como que recanto inesperado de bosque tropical, cantava um fio de agua, evocando melancolicamente taças de jaspe, luminosos jardins da Grecia, nas margens preguiçosas do Axius. E um raio atrevido de sol, insinuando-se atravez dos ramos, vinha morrer, suavemente, no estôfo leve da saia de Beatriz.

Rodrigo, vestido á *futrica*, na quebreira da aragem impregnada de perfumes, com ruidos discretos de embalo, riscava a areia, com a ponteira da bengala. A certa altura riram-se ambos enternecidamente—a ponteira deixára atraz do seu rasto êstas palavras tremulas: «Beatriz... amo-te». E amodorrado, dando á voz branduras de caricia:

— Acreditas?

Ela murmurou apenas, a face para o chão:

— Acredito... — E a seguir, num tom compungido: — O pior é a tua mãe. Não me sai da cabeça... O que terá dito a êsta hora a pobre senhora, por não ires a ferias?

— E tu preferias que eu fôsse?

Beatriz calou-se, sorrindo e sorvendo uma idêa que lhe era sumamente dôce.

— Dize, antes querias?

— Não, bem sabes... Mas custa-me, deves compreender. A pobre senhora ha-de estranhar, apesar do pretexto, que não estejas com ela ao menos no dia de Pascoa...

— E que estranhe? — perguntou Rodrigo, satisfeito pelo sacrificio que lhe fizera. Compensa-la-ia es-

crevendo-lhe longa carta, toda cheia do seu amôr e do seu carinho, a pedir-lhe perdão. Custava-lhe a coincidencia da sua falta e da falta do tio de Aveiro, doente de cama com o eterno reumatismo que o inutilizava por mêses interminaveis. Mas que fazer, se ás magoas de filho, êle antepunha necessidades de amante, que o prendiam, que imperiosamente ali o retinham ? E a mãe não lho levaria a mal, estava certo disso. Pelo contrario. A êssa hora não faria senão lamentá-lo pelo excesso de trabalho, as montanhosas dissertações, as lições atrazadas que lhe descrevera e avultára, antepostas á sua vontade que nem muralhas inexpugnaveis a separarem-no das ternuras carinhosas de Almendra.

Beatriz, a despeito das admoestações de Rodrigo, e do grande prazer que lhe vinha do sacrificio, feito por ela, só por ela, não podia furtar-se a uma pontinha de remorso, pela mentira de que fôra causa, pela dôr que D. Rosaria curtiria. De modo que, dizendo a Rodrigo a apreensão que a dominava, dava ao moreno mate do rôsto a tristeza terna de rosa pendida, e a sua voz feria, com branduras setineas, todas as notas languidas da voz suavissima que na terra da lenda e da saudade faz lembrar a musica do «Cantico dos Canticos». D. Izabel não podia demorar-se ; a Brigida devia esperá-las para o almôço. Treparam vagarosamente a calçada de S. Bento, e Rodrigo deixou-as á porta de casa.

Contra o plano de não traduzir por palavras o seu amôr, á espera que Pedro o traduzisse no acto eloquente do pedido de Beatriz em casamento, uma tarde, num impulso irreprimivel, disse-lhe tudo, confessou-lhe que a amava, em palavras rapidas, sêcas, proferidas de pressa, desvairadamente, como quem alija de si segrêdo ou remorso que incomoda, e sangra, e queima.

Estorceu-se de desespero, em seguida á confissão, na contínua incerteza dos seus actos, acusando-se de fraco, increpando-se de imprudente, que podia con-

verter-se em infame ou criminôso. E ficou-se por largo tempo no confuso terror de quem tivesse começado a andar de manhã, em pleno sol, por estrada larga e suave, marginada de prados e frútos, e acordasse de repente, horas depois, numa floresta tenebrosa, cercado de olhos vorazes, irradiando o fôgo da ira e da fome: ferocidade e cubiça. Emfim, o mal estava feito. Não havia de fugir por lhe ter dito que a amava. Continuaria a frequentar-lhe a salinha recatada de trabalho, com o respeito ceremonioso de até ali. E tinha a certeza de que êsse respeito se manteria, inalteravel, porque o seu amôr por ela, mais alto talvez do que o amôr por sua mãe, mantinha com êste o proximo parentesco da devoção. Lembrava-lhe mesmo a pureza de beijo que aflora aos labios, e pousa, sem a ferir, na inocencia da cabeça de criança.

Depois, quasi insensivelmente tambem, começaram a tratar-se por «tu» — o «tu» singelo de irmão e irmã.

Sô espaçava agora as suas visitas, compreendendo que o animo impressionavel e timorato de Beatriz sofria com a bisbilhotice da visinhança, denunciada pela Brigida. E nas tardes em que lá não ia, escrevia-lhe fôlhas e fôlhas de papel, condensando, em letra tumultuaria, em frase desconexa, a paixão que o estontecia, arredando-lhe o espirito de tudo quanto soubesse a positivo ou real. Quasi esquecera as responsabilidades de estudante — faltava, metia dispensas, descurava as lições. A sua preocupação, o seu pensamento imutavel, deprimente no exclusivismo de que se revestira, era Beatriz, ou a doença da mulher, nas horas calidas de esperança, doença cortada de variações permanentes, ora tendendo a agravar-se, ora estacionando á força de cuidados.

Pedro perguntava-lhe, a cada passo, quando se resolvia a pedi-la. Então o receio assaltava-o, enchia-o de apreensões — mas forjava uma desculpa, quasi sempre

a mesma, o eterno pretexto «de negocios a resolver». Daí o ter sentido *alivio secreto* ao vê-lo partir para férias.

Num passeio á Quinta das Lagrimas, na companhia da Lucia Ribeiro e das duas Cordeiros, ele e Beatriz andaram a lêr juntos, nos troncos dos cedros, nas ruinas dum portico «manoelino», enlaçadas na lascivia sôfrega de velhas heras, na lapide em que foi inscrita a estrofe dos Luziadas que sublima o chôro das filhas do Mondego pela morte escura da linda Ignez», os nomes, datas, recordações dos que visitaram o retiro lendario dos amores clandestinos de Pedro, «o Cruel». E de cada uma dêssas datas, dêsses nomes, dêssas recordações, tirava motivo enternecido para bordar, em recortes singelos, os sonhos do seu amôr.

Beatriz, sob a cumplicidade da mãe e da irmã, que viam em Rodrigo um excelente marido, bastante rico para lhe dar farto quinhão de bem estar material, e provido de qualidades morais capazes de lhe garantirem a paz do lar feliz, não havia fantasias a que não deixasse trepar a alma inexperiente. O seu temperamento de amorosa despertára em sobressalto, ás primeiras desconfianças, incertamente entrevistas, de que Rodrigo gostava déla. E sem pensar em lhe resistir ou em corresponder ao afecto adivinhado, como se uma corrente suave de aguas sem murmurio a transportasse de noite, durante o sono, para um mar de rosas e afagos, encontrou-se a ama-lo, veementemente, fervorosamente, no dia em que êle faltou á sua visita habitual. De maneira que, desde que Rodrigo se abriu em confissões amorosas, ela viu-se sua mulher, em futuro proximo, apenas terminada a formatura. A vida não mais se lhe apresentaria duvidosa, nos desfalecimentos de sorte para que não encontrava paralelo. O seu Rodrigo proporcionar-lhe-ia felicidades, considerações, o orgulho de poder seguir pela existencia sem as humilhações e os vexames dos que não teem um forte braço a protege-los. Em

compensação, esforçar-se-ia por corresponder á felicidade com felicidade, poria toda a sua ternura, todos os seus cuidados na missão de lhe tornar o lar da suavidade dos ninhos, de lhe dar em cada novo dia o encanto de nova madrugada.

Além disso auxiliaria a mãe e a irmã, com extremos de que elas deduzissem o afecto que lhes devia. Se não fossem viver com ela, definitivamente, haviam de passar longas temporadas em Almendra — no enorme casarão de Almendra, de que Rodrigo lhe falava muito, maior ainda na sua imaginação, cheio de confortos e riquezas. Pelo que ele lhe dissera, o jardim da casa morrera ao abandono. Pedir-lhe-ía que o refizesse — e, havia de leva-lo até perto do seu quarto de dormir, para dulcificar o ambiente com o bafo das ervas frescas e os aromas das violetas e pionias. Uma taça com repuxo, ao centro, espalharia no sossego da herdade, dia e noite, os soluços da agua cantando o seu triste fado. Na capoeira teria muitas galinhas, patos gôrdos a grasnar, e grandes perús empavonados. E consideraria a sua vida completa, sem mais desejos do que o de conservar-se nêssa paz indefinida, se fôsse acordada, todas as manhãs, pelo arrulhar amorôso de pombas no telhado.

Chegou a lembrar a Rodrigo a conveniencia de plantar arvores, muitas arvores, em volta do solar. Ele encarou-a, a sorrir, na agradavel surpreza do conselho, e quiz saber o que o motivara.

— Não, has-de dizer—instou Rodrigo, interessado. — Porque queres que plante arvores em Almendra?

E ela, com a face congestionada, na confusão da imprudencia, não fôsse êle descobrir qualquer intuito interesseiro nas suas palavras:

— Juro-te, Rodrigo, crê, não foi por nada. Como me dizias o tamanho da casa, o estado do jardim, eu falei das arvores. Foi só por isto, crê.

Ele então sublimou dois cedros velhissimos, sobressaindo entre as outras arvores do jardim abandonado, verdadeiros patriarcas austeros a agasalharem, sob os braços amigos, uma grande parte do solar, e a encherem-no de sombra e vozes, profecias aprendidas na convivencia secular dos ninhos, dos ventos, das chuvas e do sol.

Mariana, que ouvira parte da conversa, entregue ás malhas dum «crochet» de fantasia, aproveitou a pausa de Rodrigo para dizer, curvada e com afectado ar de seriedade:

— Eu lhe explico. A Beatriz quer arvores em volta da casa de Almendra para mandar fazer muitos trapezios em que os meus sobrinhos brinquem todo o dia...

Beatriz, afogueada, repreendeu-a pela imprudencia, que não tinha graça nenhuma. Rodrigo, esforçando-se por aparentar gravidade, retorquiu, intimamente agradado da explicação:

— Fale, exceda-se, que nós vingamo-nos. Ele, o menino loiro e sonhador, chega depois de amanhã e eu vingo-me, juro-lho...

Pouco depois dirigia-se para a Couraça. Deu de rôsto, ao Arco do Bispo, com o Azevedo Lemos, á «futrica», de chapeu de côco e fraque claro. Vinha pelo braço do Manoel de Castro. Trocaram-se saudações alacres. O Castro ha muito que o não via. Não tinha ido a ferias, realmente, porque adotára o uso de ficar em Coimbra na Pascoa. Não lhe valia a pena ir a Traz-os-Montes, tão longe, por quinze dias. Nas do Natal, emfim, sacrificava-se, porque sempre era o Natal...

— Pois eu, filho, não vou a umas nem a outras — declarou o Azevedo Lemos, batendo com a bengala nas pedras, num ruido estridente de metal — porque me falta aquela grande fôrça que subjuga imperadores e imperios, e nos faculta um lugar de «segunda» nos

caminhos de ferro ... A proposito, queres saber? — Poz a mão no ombro de Rodrigo, riu, continuou: — Encontrei ontem a Palmira, muito bem posta, toda perfumes, e certa maldadesinha brégeira a florir-lhe nos labios. Cheguei-me a ela, mansamente, perguntei-lhe pelo Pedro, se tinha saudades do Pedro. Ela, impaciente, pediu que me retirasse. Insisti ainda, com novas perguntas. E então a pequena não se conteve, humilhou-se, suplicou: «Faça-me o favor. Vá-se embora. Está ali um sujeito a quem pedi para me falar...» Ah! sim?! sublinhei, a transbordar despeitos. Ela acudiu logo, com uma enorme candura no olhar e nas palavras: «Não é por nada, juro-lhe. E' o chefe do caminho de ferro. Eu tenho um irmão na linha, queria pedir-lhe para o proteger.» Encarei o sujeito. Era um padeiro da Sofia, com quem ela se ficou... a pedir pelo irmão da linha...

— E' bôa! é bôa!... — resmungava Rodrigo, assombrado.

— Qual bôa, nem qual cabaça! — uivou o Castro. — E' a ordem natural das coisas nêste regimen da bambochata! Deite-se a terra isto, esta choldra, e a mulher não terá necessidade de se vender, de atraiçoar!

— Pobre Pedro!... — monologou Rodrigo, surdo ás apostrofes subversivas do Castro. — E está apaixonado!... E' o diabo, é o diabo!

O Lemos instigou-os a que o acompanhassem. E voltou ao assunto, e interpelou, em tom carregado de duvida,

— Apaixonado?! Ora, apaixonado, o boémio!

Rodrigo emendou: não seria positivamente apaixonado, mas gostava déla, e convencera-se de que tinha néla a torre eburnea da fidelidade. Era um esplendido rapaz, sincero até ao exagero, e daí o ter a crença pronta nas aparencias sinceras dos outros. Fôra um boémio acidental, nunca tocára a boémia viciosa, a que

enrigece o coração contra as blandicias do sentimento.

E teria um desgosto grande se soubesse do caso, que ele pedia para lhe ocultarem. Havia de fazer por lhe insinuar a desconfiança da amante, sem lhe contar de chofre o que se passára.

— Olha, receita-lhe o remedio famoso que o famoso Lucas Tozzi diz ser aconselhado comumente contra o amôr, como contra as febres materiais, por soberbissimos auctores: «purgas, sangrias, cordiais, etc.». Deve ser cura infalivel, amantissimo Rodrigo.

— Não metas o caso a ridiculo, apre! — rouquejou o Castro. — Demais tu, o eterno apaixonado, o insaciavel da «pieguice», admiradôr de todas êssas «pêgas»!

— «Pêgas» é forte!... Em materia de «pêgas» só conheço aquelas a quem o Senhor onipotente proíbiu a entrada nos silencios religiosos do Bussaco, para que não alterassem, com suas palrices, a regra severa do mosteiro.

— Pois disse «pêgas» e não retiro... Toda a gente diz «pêgas». Os alfacinhas, e mais bebem do fino, é tudo a «pêga». Ora o sujeito! E o «gajo», a «placa»...

— Lisboa deu-se á exportação de Alfama ás doses, empacotada em senhores e senhoras de pendão e caldeira! — atalhou Rodrigo, todo irado pelas virtudes dezonestadas da sua lingua.

— E aquele é dos que assinam apelidos com estridores de lanças e relinchos de corceis de guerra!

O Castro despediu-se ao fundo da rua da Trindade. Os outros continuaram o seu passeio pelos bêcos desertos da Alta, achando estranho sabôr em percorrer calçadas ingremes e estreitas, durante as ferias amodorradas na pacatez inerte de cidade abandonada.

VIII

Rodrigo pediu-lhe que não fôsse ao «Mês de Maria» nêssa tarde, que simulasse dôr de cabeça, ou incomodo repentino. Ela hesitou. Era já a segunda vez, podiam desconfiar. E as visinhas, se o vissem entrar, não estando em casa a mãe e a irmã?

— Pouco importa. Fica a Brigida contigo. Diz-se mesmo á Brigida que vá até á janela, para verem que não estamos sós . . . Gosto de conversar contigo sem testemunhas . . . Estou sempre a supôr que nos ouvem . . .

Mal caíram as cinco horas, voltou a casa de D. Isabel. Entrou furtivamente, relanceando antes o olhar para o cubiculo da côxa. Fez-se muito admirado por encontrar Beatriz — não esperava encontra-la e vinha ver se deixára ali a cigarreira, calculando que a senhora Brigida estaria em casa. A servente, que acorrera da cosinha apenas êle bateu á porta, procurou no chão e em cima das cadeiras a cigarreira perdida. E Rodrigo continuou, erguendo a voz:

— Que foi isso, porque ficou em casa, D. Beatriz? Supunha-a no Colegio-Novo, no «Mês de Maria» . . .

Beatriz, muito perturbada, a face toda invadida pelo rubôr do sobressalto, tartamudeou:

— Senti-me adoentada á ultima hora. Não me foi possivel ir com elas . . . Umas tonturas de cabeça, um mal estar geral. . .

Lastimou-a, compungido. E a Brigida, ao acabar de rebuscar a sala, acercou-se, resmuneou, com um sorrisinho mordaz nos olhos matreiros:

— Não está a cigarreira, senhor doutor. Talvez a perdesse na rua. . .

— Talvez na rua, talvez . . . E tenho pena. Era um presente de minha mãe.

Quando a Brigida se escoou para o corredôr, Beatriz não pôde esconder o seu receio:

— Isto dá máu resultado. . . Não reparaste nos olhos da servente?

Sentou-se ao lado dela, suplicou-lhe que acalmasse. Que lhe importava a Brigida? Além disso a mulher não desconfiára de nada. Êssa expressão, que julgára surpreender-lhe nos olhos, era a sua expressão natural. Tomou-lhe uma das mãos, perguntou carinhosamente:

— Ainda estás muito doentinha? — Beatriz sorriu, levados todos os receios no deslisar amorôso daquela voz, que a enervava num bem estar de sonho de ventura. Respondeu-lhe baixo, os olhos fixos nos olhos dêle, a mão abandonada entre as suas mãos:

— Estou bem, agora... A mamã já não queria ir sem mim. A Mariana, que percebeu, é que instou com ela... Mas se não viessem a Lucia e as Cordeiros naturalmente não se resolvia.

Ficaram-se emudecidos, ela absorta sobre o açafate ocioso, êle a afagar-lhe a mão, brandamente, na voluptuosidade consolada de quem passasse os dêdos por veludos finos de que se evolasse perfumes. E como o silencio se prolongasse, ela recordou a Brigida. Era conveniente falarem, conversar alto, sobre qualquer

assunto. E disse, mas baixo, numa meiguice de criança amimada.

— Tinhas tanto que me dizer, e ficaste calado...

— Não sei o que é... Chego junto de ti, e esqueço-me, emudeço como parvo... Venho ás vezes de casa com mil preguntas, coordenadas, prontas para obterem resposta. Vejo-te . . e tudo passa. . — Baixou a voz, chegou-lhe os labios ao ouvido, estremecendo ao roçar-lhe o nariz um fio sôlto de cabelo :— Só não me esqueço dos teus olhos, dêste sinalzinho, e de que te amo muito, muito...

— Muito ? — inquiriu ela, como em extase.

Rodrigo balbuciou afirmativa soluçada, em que fremia funda agitação. Pôz-se a olhar a lisura da sua mão pequenina. Depois, como se descobrisse alguma coisa estranha, baixou um pouco a cabeça, e numa voz estertorosa:

— O que tens aqui ?... — Certificou-se. Tartamudeou ainda : — Ah !... não é nada. Parecia-me um sinal...— E mais agitado fez um movimento brusco, levou aos labios a pôlpa da mão, perguntou, estrangulado, como se um nó corrediço lhe apertasse a garganta : — Deixas ?...

Ela, com a mão tremula abandonada, cerrou os olhos num assentimento. E os labios de Rodrigo poisaram-lhe na pele lisa e quente, num beijo mudo, na mudez dum sôrvo.

E quedaram-se, calados e aturdidos, no ar turvo da surprêsa e da prostração. Mas Rodrigo espertou breve, voltou a beijar-lhe os dedos, a palma e as costas da mão Ela fez um esforço leve de resistencia, balbuciando :

— Rodrigo . Rodrigo. .

Rodrigo, ao deixar a rua dos Estudos, ia arrependido de a ter beijado. Em breve o arrependimento cedeu ás considerações da razão. Que significava o facto de a

beijar? Menos respeito, qualquer ideia menos honesta? Não senhor. Beijára-a numa vertigem, irrefletidamente. Aí estava tudo: o beijo vindo aos labios com a espontaneidade da benção, expressão natural do amôr, como a praga é expressão da revolta ou do odio. E tanto assim, que as mães beijam os filhos, muito ou pouco conforme o que lhes querem...

Agora, todos os dias, apenas Mariana recolhia á alcôva para falar da janela do saguão ao seu «loiro« estremecido, a scena repetía-se e ampliava-se.

Uma tarde êle queria saber quantos beijos lhe daria, se ficasse aprovado no acto, daí a oito dias. Beatriz ia responder — «os que quizeres». Não concluiu a frase, convencida de que a mãe, entrando nêsse momento, ouvira as suas palavras. Mal conseguiu chamar a irmã, dizendo que tinha ido dentro compôr o penteado. Rodrigo supôz descobrir no rosto da D Isabel contrariedade e surprêsa por os encontrar sós. Ela sentou-se no canapé, pôz-se a falar da feira do Espirito-Santo, que começava nêsse dia Mariana, correndo de dentro, corrigia ainda a massa fulva do cabelo. E achou que o Espirito-Santo caíra nêsse ano muito tarde.

— A quantos estamos hoje? interrogou a D. Isabel.

Rodrigo não sabia. Ninguem sabia.

— E faço acto de Instituições de hoje a oito dias: Calcule, D. Isabel! Esta cabeça anda á razão de juros...

— Não admira — objectou Mariana sorridente.

— Olha, filha, vê a folhinha...

Estavam a tres de junho D. Isabel suspirou fundo, recordou o Santo Antonio, de que o seu Belarmino tanto gostava! Era a sua devoção. Tambem lhe mandára rezar umas missinhas para que o santo o tomasse á sua conta.

A' despedida convidaram Rodrigo para um passeio no dia imediato a Santo Antonio dos Olivais, á roma-

ria do Espirito Santo. Aceitou. Agradeceu, saiu contente. Meteu aos Arcos do Jardim.

Ao Largo do Castelo torceu para a ladeira de S. Bento. Uma meia-tinta sanguinea, na luz indecisa do crepusculo, tocava o vulto estirado da Penitenciaria, definindo-se em frente, com as suas filas de postigos já iluminados, envolvia os predios coloridos e amaneirados do Bairro da Santa Cruz num halo esmaecido de perspectiva normanda.

Grupos alegres de estudantes e senhoras emplumadas, de futricas, e crianças, e tricanas, êstas com os chales meio caídos na fadiga do passeio, dirigiam-se para a Alta, vindos da romagem ao Espirito-Santo, num desfile pitoresco e alacre. Dentre a alegria dos movimentos e dos risos, das cantigas isoladas e dos vestidos garridos, voava, estridente e sêco. o tilintar desordenado de centenas de campainhas de barro amarelo, agitadas com ardôr.

E todos os romeiros conduziam rozarios do mesmo barro, anforas e bilhas da esbelteza gracil das olarias da Palestina, como se houvessem ressurgido de idades remotas e de festim estranho nas verduras lendarias de Canaan, sobraçando ainda bilhas e gomis que transbordaram de hidromel, de vinhos inocentes das colinas de Sorek, na celebração das bôdas de Labão ou de Jacob. Lá ao fundo, entre o muro da Penitenciaria e o arco do Aqueduto, onde se venera a imagem paciente do martir Sebastião, «char-á-bancs, phaetons, breaks», despejavam mais gente, mais romeiros, empoados e abastecidos de recordações da festa.

Caminhava para a Universidade, indisposto, mal humorado. A servente arranjára-lhe um cabeção surrado, com rugas esfarpadas que denunciavam o heroico uso contemporaneo dos estatutos universitarios. Depois fôra o bife, de rigeza invulneravel, e uma carta da mãe

a noticiar melhoras de Tereza que acabaram de o irritar. O ponto não era dificil. Sabia muito pouco de generalidades, porem, e o professor da cadeira concentraria o ataque nêssa materia, desprezando o ponto. Ainda se aquilo acabasse por ali! Bons tempos os dum acto por cada ano! Levantavam-se ainda, diante de si, mais três actos, três dias exgotantes de colicas e incertezas, de cabeção de clerigo, e calção, e sapato decotado!

O calôr sufocava. Nuvens lentas, acasteladas, semelhando montanhas de algodão em rama sobrepostas, velavam o sol no céo carrancudo. Ouvia-se ao longe, para os lados do mar, o troar arrastado do trovão.

Quando Rodrigo entrou na sala dos actos, quasi deserta, a chuva caia desabaladamente na claustra dos Gerais, num ruido de cascata. Começou a oração em voz indecisa: «Post tot tantos que labores venit...» — Um trovão abalou a Universidade, com o fragôr de montanha de bronze desabando sobre montanha de ferro, alongou-se e repercutiu a distancia. A chuva, impelida pelo vento, fustigava as vidraças com violencia.

O presidente da mêsa pôz de pé a ampulheta.

Rodrigo fazia uma venia aos mestres, voltava-se noutra venia ás bancadas desertas, terminava com reverencia: «praeclarissime Praesidens, sapientissimi doctores, amantissimi condiscipuli, concioque undequaque florentissima».

Sentou-se, declinou o conteúdo do ponto. E á primeira pergunta imprevista, estacou. A resposta veio tarda, esprimida a custo, vacilando. E todo o acto se arrastou entre o ruído das goteiras que despejavam aguas no lagedo, o tamborilar da chuva nas vidraças, e as suas hesitações, a sua incerteza nas respostas, tantas vezes rebatidas, tão falhas de propriedade ou de firmeza. Apenas concluiu, no desafôgo de quem se liberta de opressão, repetiu a venia á «mêsa», e foi esperar o resultado para os Gerais.

Faziam acto ainda três condiscipulos. Havia curiosos amodorrados ás portas das aulas. Estudantes de «volta», calção e sapato decotado, como êle, aguardavam a vez de dar a prova final das suas familiaridades com as sciencias juridicas.

A decisão veiu por fim: havia dois reprovados, um dêles Rodrigo. Não sentiu abalo, como se esperasse a reprovação.

Beatriz quasi chorou. Mariana e a mãe confortaram-na, insinuando que uma reprovação não envergonha nem deprime ninguem. O pior era o atrazo. Ele explicou, afectando indiferança:

— Nem atrazo. Posso acumular para o ano. Em vez de quatro, faço cinco cadeiras.

A D. Isabel, numa loquacidade sem limites, não os deixava sós. E Beatriz desejava com ardôr poder consola-la do desgôsto, manifestar-lhe que o sentia profunda e dolorosamente. Rodrigo, mal atendía ás suas interminaveis praticas e astutos conselhos relativos ao modo de captar a simpatia dos senhores lentes. Estava impaciente por esquecer o acto, a reprovação, todas as arrelias do dia... na bôca comovida de Beatriz. Mas chegou a hora de jantar, teve de retirar-se, apreensivo com a má sorte dêsse dia, desde que puzera pé fóra da cama. Respirou o ar refrescado pela chúva num deliciado sôrvo. Nesgas de céo, muito lavadas, apareciam entre os rasgões das nuvens.

O Temudo, ao jantar, vociferou contra os lentes, a quem chamou «fosseis quaternarios». Reprovavam um aluno, inutilisavam um homem só porque não sabia o ano da era de Cezar em que «Julianus» lançára ao bronze a lei dos Escravos. Rodrigo atalhou confessando que fôra infeliz no acto.

— Qual infeliz?! — rugiu o Temudo, indignado. — Nós somos infeliz quando êles querem. Deviam ser queimados, percebes? queimados e lançadas as cinzas ao Mon-

dego, para que, mesmo reduzidos a cinzas, não nos fizessem mal, nos não empestassem!

Comiam as nesperas da sobremesa quando Pedro apareceu, encolhido, na tristeza fúnebre de pesames. Abraçou-o, indicou-lhe as veredas suaves da resignação, quasi disposto a lembrar a cruz do Calvario, a Mãe trespassada de agonia, sem choros convulsos, resignadamente. Rodrigo riu dos seus conceitos de conselheiro dolorido.

— Sossega, Pedro. Não me aflijas. Uma reprovação!... Quem as não apanha? Não a sinto já.. Além disso, sejamos francos, eu cabulei, dei todas as faltas, as quinze, certinhas, meti todas as dispensas, não estudei atrazados, fugi á bóla... Que queria eu, afinal?

Ainda bem que o encontrava satisfeito. Despediram-se do Temudo e dos outros companheiros. No quarto, Pedro disse que tambem tivera o seu desgosto, no dia anterior.

— Então? — inquiu Rodrigo, com curiosidade.

— A Palmira... Desconfiei que dava um pouco de sorte a certo futrica da Baixa; pu-la fóra de casa. A rapariga, coitada, quiz envenenar-se. Supuz que lhe não valia. Enganei-me, ela falára-lhe, mas por causa duma prima...

Rodrigo recordou o que ouvira ao Azevedo Lemos nas ferias da Pascoa. Ia revelar-lho, curar-lhe a ferida gangrenada que ameaçava subvertê-lo, reduzi-lo a ser ignobil enrodilhado nas traições de criatura sem escrupulos. E se efectivamente o suicidio, a tentativa de suicidio, não fôra mero expediente de ludibrio? Não. Devia ter coragem, abrir-lhe os olhos, fazer-lhe vêr quanto êssa mulher abusava da sua simplicidade ingenita de honesto. Deixa-lo iludido, feliz na ilusão, por mais alguns dias, seria criminoso. Procurava meio de começar. O Temudo perguntou de fóra se queriam ir á

Baixa. E Rodrigo sentiu um alivio, como se a voz do Temudo lhe evitasse grande queda. Dir-lho-ía de ferias, em carta. Era mais suave para os dois.

Limitou-se pois a concordar:

— Sim, deve ser engano. A rapariga não seria capaz duma dêssas .

— Não me faltava mais nada, rapaz!... Sou infeliz em tudo. Sempre a infelicidade comigo... Até com as pessoas que se me afeiçoam. Para completar, depois de sacrificios, de me empenhar até aos cabêlos, tambem ela devia pregar-ma...

— Não prega... — afirmou Rodrigo, como convencido. — E se nos enganassemos? Não era daí que te vinha a infelicidade, has-de convir.

— Infelicidade bem, não .. Arrelia, forte arrelia. — Mudou abruptamente de tom, poz a mão no ombro do amigo, disse, alegre: — E com que se sai hoje um tipinho da «republica» do Maia, da rua da Matematica? Sempre ha cada madúro nêsta colmeia de sabios!

— Que foi? Conta...

— Disse-me, num grande aprumo de certeza, que tu, Rodrigo Mascarenhas, és casado ..

Rodrigo encarou-o, esgazeando o olhar, atordoado ao golpe imprevisto. E Pedro, como não notasse o terror que lhe irradiou dos olhos, que lhe atormentou a expressão:

— Chamei-lhe parvo, mostrei-lhe o inconveniente de afirmativa dêssas. O sujeito ainda insistiu. Depois lá se calou, suponho que convencido de que é realmente parvo.

— E .. disse isso assim, sem mais nem menos?...

— Não, falamos de ti, da reprovação em Instituições. E o homem declarou que te conhece de vista, que sabia do teu casamento ...

Rodrigo fez por chamar a si a serenidade que mo-

mentaneamente o abandonàra, e em voz que se esforçou por tornar calma:

— Ah! ja sei donde isso vem . . . E' que me confundiu com meu primo, chamado tambem Rodrigo, e que é casado . . .

Arrependeu-se da mentira, logo que Pedro o deixou só. A sua vida, ultimamente, assentava toda nêssa base movediça e insalubre, que o degradava, que lhe apagava na consciencia o decôro da propria palavra. Mas não se sentia com coragem para se desmascarar, e clamar alto, destemidamente, toda a verdade, com o infortunio em que o afundaram dando-lhe por mulher criatura odiosa e impossivel! Desejou morrer, ressuscitar em seguida, livre e sem mentiras, para se fundir no amôr de Beatriz, sem lhe ocultar um unico dos episodios, o mais simples, da sua vida. Porque assim, tinha de renunciar a ela. Tereza melhorava, deixava de ser a sombra a dissipar-se aos poucos, em convulsões, para vir interpôr-se entre êle e a ambicionada ventura. Precisava de reagir, pelo menos emquanto Tereza fôsse viva. O segrêdo do seu estado, conhecido por um «tipinho» da «republica» do Maia, tornar-se-ía em breve caso conhecido de todas as «republicas», da academia inteira, de Beatriz, de Mariana, da D. Isabel. Não teria mais coragem para lhes entrar em casa, sempre no pavôr de que soubessem tudo, e o despedissem, encolerisadas, justamente ofendidas.

Não foi lá durante quinze dias. Estava resolvído a não voltar — não respondeu mesmo a uma carta de Beatriz, repassada de angustia, — a despeito do cansaço das noites passadas em febre, no delirio da dôr e do desespero. Mas Pedro procurou-o para o increpar, cheio de repreensões amargas. Acusou-o de matar a pobre pequena, em tortura sem treguas desde o seu desaparecimento. Então escreveu-lhe larga carta, difusa e dilacerada, em que clamava contra o destino e aludia a

um futuro talvez proximo, lavado de borrascas, que lhes abriria franca e ampla a porta da felicidade. E não se conteve, que não suplicasse em «post-scriptum» duas linhas de resposta. Mais desafogado desceu á Baixa. Um calôr esbrazeante sufocava e no céo acobreado palpitavam estrelas mortiças.

Encaminhou-se para a Portagem, a êssa hora muito concorrida de senhoras e estudantes, no gôso da viração do rio. Encontrou num banco, no lado do cais, o Alcides, o Lebre, o Azevedo Lemos, e entre êles rapaz desconhecido, com a côrzinha da cereja madura na face quasi imberbe, e modos espremidos no falar. Não lhe estendeu a mão, esboçou venia grave. O Azevedo Lemos apresentou-os, com solemnidade:

— O Silva Campos, meu condiscipulo, «urso» de grosso calibre .. Rodrigo Mascarenhas, «musico», segundanista... — Estimaram muito conhecer-se, trocaram vivo aperto de mão.

Fizeram-lhe lugar. Ele sentou-se. E o Azevedo Lemos considerou, dirigindo-se ao Campos:

— Bonitos, estes vestidos, moldando os corpos segundo a fantasia da modista, carregados de laçarotes e vidrilhos! Não digas isso!...

Sublimou a Grecia, a divina Grecia! Aí sim, havia gôsto, havia arte! Era vêr a arte, por exemplo, das clamides de setim côr da espuma doirada dos vinhos descendentes das quebradas do Egeu — clamides pregadas com esmeraldas nos ombros semi-nus, da brancura dos marmores sagrados, caindo em desafogadas pregas ondeantes a roçar os pés calçados de sandalias de linho. A mais leve aragem cingia-as ás formas estatuarias, sem a deformação de espartilhos e chumaços, nos dias de festa desnudadas, esplendorosas, sob o sol de triunfo abençoado por Zeus.

O Silva Campos contorceu-se, e os seus olhos agudos irradiaram ironia. Achou belo, mas para o recato

da alcôva, a simplicidade do vestuario grêgo. A nudez, essa então era inadmissivel, atentava contra a mais rudimentar moralidade dos costumes e contra o pudôr, que não constituia certamente uma ficção.

Mas o Alcides, a chupar o cigarro por uma boquilha infindavel de madeira, o olho humedecido de sensualidade, apontou duas senhoras elegantes, uma delas baixa, de plastica abundante e correcta, a outra alta, leve, com a graça flexivel da palmeira a agitar-se:

— Estas pequenas, a Campos e a Roque, queria eu vê-las em trajo de festa, na culta Grecia . .

— Aí está, clara, a concepção grosseira — atalhou o Lemos, — da nudez e de fórma livre. Vocês, sob a influencia do cristianismo, que provocou o horrôr dos orgãos da propagação da especie, como se êsses orgãos fossem mais impuros porque concebem do que a bôca porque nos alimenta, ouvem falar em corpo nú e fremem de bestealidade. Não era assim entre os grêgos. Adorava-se o nú pela beleza estatuaria. E sem o pudôr cristão, da cabeça aos pés não diferençavam orgãos nobres ou impudicos. Eram todos igualmente venerados, pois todos se conjugam igualmente para a harmonia da vida, para a perpetuação da humanidade. Se resguardavam os flancos mais do que o rôsto, era pelas necessidades do clima ou do luxo. Adoravam-se os deuses nús, nos soberbos templos de marmore, ao arôma capitoso do nardo a rescender em turíbulos de ouro.

— Porisso nós, com o nosso respeito pueril pelo preconceito do pudôr — objectou Rodrigo, formalisado — somos uma raça degenerada, de aleijados e corcundas!

— E a nossa alma, e a nossa civilisação? — inquiriu o Campos, fulminante.

— Podia haver civilisação, senhores . . . — ponderou o Lebre, querendo fazer-se ouvir.

As opiniões cruzavam-se, entrechocavam-se, irreconci-

liaveis e extremas. Ninguem se entendia. O Lemos calou-se, depois suplicou uns segundos de benevolencia, e prosseguiu fazendo a apologia da beleza e da graça.

— Estais muito massadores. Impossiveis de bandarrice e de sabedorice. Não posso aturar-vos !

— Porque, Lebre? Explica...

— Não posso mais, estou saturado ! Adeus...

Seguiu pelo passeio, no passo de tenor em scena lirica, lançando de alto o fumo do charuto, apreciando de alto os vestidos garridos das mulheres que se cruzavam, que se misturavam e se perdiam entre o negro das capas e batinas.

Rodrigo tambem se levantou, despedindo-se tambem, impaciente pela resposta á carta de Beatriz. O Lemos ia com êle para a Alta. Deu-se a apreciar o Campos, e o Lebre, e as mulheres que passeavam na Portagem. O Campos tinha grossas classificações, era considerado um genio pelo curso.

— Parece-me oradôr, quero dizer, palavroso mas chôcho.

Iam a dobrar para o Arco de Almedina. O Lemos estacou, a pupila negra fuzilante, seguindo um corpo agil de mulher que se aproximava, peneirando-se.

Rodrigo perguntou, curioso :

— Quem é aquilo ?...

O outro apertou-lhe o braço, declarou-lhe ao ouvido, afadigado :

— Adeus, filho, tenho que virar de bôrdo...

— Mas vinhas para a Alta !... As mulheres de Coimbra não valem o fumo dum cigarro !

— E' o triste fado, desculpa. Ia para a Alta. Ora acontece que na Baixa descubro um seiosinho redondo, uns labios frescos a sorrirem. Esqueço a Alta e sigo os labios que sorriem. E' o destino, a negra fatalidade !

— Não valem o fumo dum cigarro ! — repetiu Rodrigo, energico.

— Conforme ... Tudo no mundo é relativo, menino. Conforme o cigarro e a mulher. Adeus. Apeteço-te viagem sem escólhos. Vou-me á grande orgia espiritual do desejo. Adeus !

Rodrigo trepou o Quebra-Costas, meteu á rua dos Coutinhos, e ao chegar á Couraça viu a visinha, a Maria de Jesus, muito quebrada na varanda, a falar com o ultimo namôro, um cadête de artilharia. Ela pigarreou alto á sua passagem e soltou um riso trocista.

Ia chamar pela Joana. Mas descobriu-a sentada ao fundo da escada, em meia penumbra, a cochichar com a adeleira do lado, a «ti» Engracia, que êle conhecia de a vêr muito á janela das Silvas. Indagou se alguem o havia procurado, se o correio trouxera carta. Elas levantaram-se, respeitosas. E a Joana respondeu, meliflua :

— Nada, senhor doutor, não vi carta nenhuma, nem que procurassem V. Ex.ª.

Meteu para os lados do Museu, pensativo, desalentado. Qual devia ser, afinal, o caminho a seguir? Precisava orientar-se duma vez para sempre. Aquela vida de incertezas, flutuando á mercê de mentiras e expedientes ocasionais, não podia continuar. Que rumo devia impôr-se ?

Fez um gesto resoluto no silencio, sacudiu a cabeça naquele ar conhecido de quem toma solução extrema. Não devia hesitar. Ia acabar de ser cobarde. Era casado ? Pouco importava ! A felicidade, a paz do lar, não provinham dos latins mascados no frio duma igreja, do assento de dois nomes no livro duma sacristia. Educa-la-ia, forçaria a sua educação de maneira a abrir-lhe o coração ao largo ideal do amor livre. E depois dir-lhe-ia tudo, para que ela, conscientemente, escolhesse entre esquecerem-se para sempre, ou para sempre viverem na felicidade indestrutivel que nasce da comunhão afectiva das almas e dos sentimentos.

Esperaria a resposta á sua carta. E se dêssa resposta não resultasse rutura entre êles, correria á rua dos Estudos, a implorar de Beatriz o perdão dos sofrimentos que lhe causara.

Demais, estavam a entrar as ferias grandes, era provavel que nem chegasse a saír dos dominios estreitos da «republica» do Maia, esfumado logo entre as preocupações dos actos, o incerto boato do seu estado civil. Esta esperança acariciou-lhe a alma com a suavidade enervante de zumbido de abelha sob a frescura de arvore coberta de flôres.

A resposta á carta entregou-lha a servente, no dia seguinte, perto do jantar.

— Uma cartinha, senhor doutor. Trouxe-a a Brigida... não sei se o senhor doutor conhece a Brigida... — e prolongou muito o «não sei se o senhor doutor conhece a Brigida», as pupilas astutas no fulgôr de sabida velhacaría.

Rasgou o sobrescrito em movimentos rapidos de impaciencia. Quatro linhas traçadas em caligrafia acidentada, traduziam sincera e intensa dôr, sangrando sob a pressão da ansiedade exacerbada. Ele leu baixo, num relance: «Rodrigo: Não sei o que pensar de tudo, do teu desaparecimento, do teu silencio, da tua carta. Por Deus, vem aqui hoje, ás oito da tarde. Espero-te. Não faltes, peço-te! Por tua mãe! Beatriz.» Beijou a assinatura, em repetidos beijos frementes, os olhos cheios de lagrimas, o coração a pulsar de comovido entusiasmo.

Foi Beatriz que lhe abriu a porta. Rodrigo entrou, a hesitar, relanceou a pupila mortiça por toda a sala á procura de Mariana. Só depois lhe apertou a mão, calado, emocionado. E a sua emoção era maior por não encontrar fio que o conduzisse ás devidas explicações, sem saber mesmo como justificar o seu desapa-

recimento de quinze dias, do que pelo vinco de sofrimento que a tristeza rasgava no rosto de Beatriz. Reparou no reposteiro amarelo da alcôva, erguido e preso a uma patéra interior, pregada a meia altura da porta, deixando vêr a alvura casta dum leito de madeira. Ao mesmo tempo notou-lhe o circulo magoado das olheiras, o desalinho do cabelo. Ia perguntar se estivera deitada, se estava doente. Ela balbuciou, porém, toda no estremecimento de perturbação feliz:

— Foram ás fogueiras, para a Baixa, com as nossas amigas... Saíram ha instantes. Eu não pude ir .. — E mudando de tom: — A Brigida sem vir, valha-me a Rainha Santa! Tem o filhito doente, foi a casa...

Rodrigo aproximou-se déla, agora direita junto do canapé de palhinha, a curva do peito a arfar, os olhos fixos nêle, e inquiriu, numa voz que a sobrexcitação tornava gutural:

— Perdoa-me... Estás doente? .. — envesgou de nôvo o olhar furtivo para o leito que branquejava em frente, como a procurar indicios de que estivera deitada, revolvendo-se talvez em febre.

Beatriz respondeu com sorriso agradecido, que lhe iluminou a face aquecida pelo sangue inquieto, numa ternura toda abérta em afirmações de perdão. Rodrigo não se conteve: cingiu-a de leve, delicadamente, murmurando:

— Fuí mau! Perdoa-me... Perdoa-me ..

Na sala pequenina e aconchegada ouviu-se, distinto, sem outro rumôr, o «tíc-tac» ligeiro do relogio na banquinha da alcôva.

Mas Beatriz teve o estremecimento brusco da reação, passou a mão pela testa latejante, pelos olhos meio velados, e desprendeu-se de Rodrigo, e correu á porta da alcôva, como se só então reparasse no reposteiro que a sua ansiedade, ao senti-lo na escada, deixára indiscretamente erguido. Rodrigo seguiu-a. Uma vertigem

turvou-lhe o olhar, escaldou-lhe a cabeça. O reposteiro caiu sobre eles, um pouco desviados para o interior do quarto.

O «tic-tac» ligeiro, na sala deserta, tornou-se menos distinto, abafado pelo estôfo amarelo. E no silencio indiferente o rumôr velado do relogio lembrava coração em alvoroço, a bater num peito sacudido de pavôres ou ansiedades.

IX

Rodrigo galgou espavoridamente a rua dos Estudos, como se fugisse de si mesmo, como se fugisse ao ruido dos seus proprios passos.

Ao atravessar a Feira lembrou-se de D. Isabel, da Mariana, com quem podia encontrar-se, a quem teria de falar. E afastou-se, mais apressado, para a «republica».

Aí estava a primeira consequencia do seu crime! Não tinha coragem para afrontar o encontro com a mãe e a irmã de Beatriz!

Rugiu para comsigo, surdamente. num desespero:

— Ah! que infamia! Que enorme infamia!

Beatriz pertencia-lhe, pelo acaso da alucinada vertigem dum instante. A razão desprevenida cedera á embriaguez surda do desejo.

Desenhavam-se-lhe á vista as consequencias da sua covardia e das suas mentiras — cadeia de mentiras amarrando-o para sempre aos remorsos dum crime.

Era um crime, com toda a aparencia fatidica da fatalidade. Afeiçoára-se a Beateiz numa dôce cegueira inconsciente. Confessára-lhe o seu amôr num movi-

mento irreflectido de fraqueza. Depois beijara-a, sem querer, lealmente. · e deixára-se escorregar para o abismo, aos poucos, sem medir a gravidade da queda!

O casarão profundo da Carregosa representou-se-lhe no espirito, toldado por um Deus prodigo em coriscos e anátemas, por um Demonio que percorria as salas de tridente em punho, a palitar os dentes com a cauda. E a Carregôsa trouxe-lhe a recordação de Tereza, a acompanha-lo pela vida fóra como aspero suplício. Tereza estava longe, especie de sombra encarcerada numa cela. E de longe mesmo o impedia de ser feliz, de reabilitar pelo casamento a mulher que perdera e o amava. Sombra revestida da consistencia inacessivel de montanha. Estendia-se, vaga e intangivel, do seu cubiculo atulhado de santos, e interceptava-se entre êle e Beatriz, rude e gelada — ela era a realidade a que se encontrava indissoluvelmente prêso, como entre fendas de rocha a raiz sequiosa do arbusto que deseja ser arvore, dar frutos, suavisar e rescender na limpida alegria das manhãs de colheita!

Tereza era sua mulher. Casara-os um padre, numa egreja escura. Nêssa egreja recebera a benção dos seus pais, dos pais de Tereza, dos parentes e amigos. Escrevera depois o seu nome por cima do nome déla, na serenidade indiferente com que subscrevia os temas das suas aulas. E amara-a? Amara-o ela? Cumpriram, na harmonia e na junção de interesses, algum dos fins assinalados ao casamento? Foram felizes, compreenderam-se, tornaram-se a carne e o sangue, a alma e a aspiração um do outro? Tiveram ao menos um filho, o laço de ternura que estreita e vincula os corações atravez dos cuidados religiosos do berço? Nada disso. E a ligação, a obrigação de se conservarem unidos, na linha do mesmo destino, subsistiam como se o latim dum padre e duas formulas canonicas suprissem os impossiveis que a educação, as tendencias, a saude, levan-

tavam entre as suas almas torturadas — como se se tivessem identificado, á maneira de duas gotas de agua que rolam sôbre a mesma fôlha, e ao debruçarem-se-lhe das bordas, se encontram, se fundem, e reflectem o mesmo raio de luz.

E aí estava um dos aspectos do casamento indissolu-vel! A prisão perpetua no mesmo carcere, no mesmo leito, de dois sêres cujas almas se aborrecem, cujos corpos se repelem. Uma formula obrigando duas criaturas que se odeiam a viver juntas, sob o mesmo tecto, dentro dos mesmos interesses — o olhar turvo de surda revolta, a alma cheia de colera irreprimivel. E êsse odio, êsse tormento, dissipar-se-iam, logo esquecidos, se outra formula os emancipasse da obrigação contraida — que, como no seu caso, provinha tantas vezes de conveniencias estranhas á vontade e á consciencia dos contraentes. Ficaria então livre para dar áquela que era sua pelo coração e pela afinidade afectiva, a partilha legal no seu destino. Rodrigo não duvidava de que assim devia ser — por ser essa a vereda assoalhada por onde a sua aspiração desafogadamente caminhava. Tinha de curvar-se, porém, á evidencia convencional dos factos, intransigente perante os seus impulsos de liberdade honesta.

De modo que a salvação, o resgate de Beatriz aos olhos implacaveis da sociedade, estava na morte de Tereza.

— Ah! se ela morresse:

Se ela morresse, todas as dôres, todos os impossiveis se reduziriam á facilidade grata de quem ergue o braço e tira da arvore o pômo apetecido e maduro. Seria emfim feliz, despertaria para a ventura que não pudéra conhecer ainda. O pior era Tereza estar capaz de resistir indefinidamente a tudo, atravez das suas oscilações continuas, a despeito dos histerismos, dos Demonios e dos desanimos da medicina. Era sombra espêssa que luz alguma conseguiria dissolver.

Ao outro dia, sem saber porquê, amanheceu com o animo limpo de opressões. Resolvera aceitar a situação como ela se apresentava. Bem, não poderia casar. E que importava? Os dissabores daí resultantes seriam, haviam de ser transitorios. Questão de amoldar Beatriz, com zêlo e prudencia, á ideia da comunidade sem formalismos dogmaticos, emquanto não alcançasse o bacharelato. Se Tereza morresse nêsse espaço, e isso era provavel, transigia com os seus escrupulos de educação, casava segundo a liturgia catolica, e tudo entrava na paz das vidas simples. Do contrario, saberia arrancar, do fundo dos seus preconceitos, o pavôr de ir para êle, sem o latim e a estola dum padre.

Custava-lhe voltar a casa da D. Isabel, falar-lhe, falar a Mariana. Mordia-o o pressentimento de que elas deviam ter desconfiado, ao encontrar Beatriz na prostração e no abatimento em que a deixára. Ele proprio não saberia manter-se sereno em face dêlas. E afigurava-se-lhe um sonho o haver tido Beatriz nos braços, sua, absolutamente sua!... Como era grato á sua alma, cheia de amôr, o amôr de mulher perfeita e afectuosa! Convencia-se mesmo de que não poderia viver mais sem Beatriz — e lembrava-lhe, a propósito, o ramo humido e vivo que pende, emurchecido, ao separarem-no do tronco em que verdeja.

la saír de casa, sem destino.

Do fundo da rua clamaram, num vozeirão retumbante:

— O' Rodrigo, ó Rodrigo!

Reconheceu o Castro, e alargou o passo, falho de disposição para o aturar. O outro seguiu-o, chamou outra vez:

— O' Rodrigo! Vais surdo?!

Parou.

— Ah! és tu... não tinha ouvido...

— Chamei vinte vezes!... Irra, ias surdo! Então, que ha de novo? Quantas cadeiras já?

— Reprovado numa . . . As outras faço-as breve. E tu?

Ele respondeu, satisfeito:

— Como sou dos da velha guarda, já tenho o meu ano pronto. Fiz ontem acto . . .

— Não sabia, muitos parabens.

— E «nemine» . . . Obrigado . . . Vocês é que já nem «nemines» têm. São todos modernismos. Modernismos nas cadeiras a mais, nos actos por cadeiras, na aprovação sem *R*, a bela aprovação classica, a dos bons tempos . . . Pois foi grande patuscada ontem. Andamos primeiro pelas fogueiras. Uma desgraça de fogueiras, tambem modernisadas . . . Valsas, polkas, um palco no meio da rua . . . E no palco musica, rabecas, flautas, rabecão. Parecem «operetta» . . . Nada das velhas fogueiras, com guitarras e violas ... Depois ceia, patuscada de rapazes cá da feição, socialistas, anarquistas, e por condescencia um republicano . . .

— E quando sais?

Não sabia. Andava a recolher uns cobres para a roupa á «futrica» e umas outras ninharias em repouso no Favas. Já lhe haviam aconselhado a que deixasse no «prégo» as barbas, em troca do fáto. Mas o Favas, o humanitario do seculo do gramofone, não lhes sabia dar o devido valor, apesar de serem, como as do Vice-Rei da India, dum bravo Castro! Não conhecia historia patria, e êssa era a questão. O velho conquistador fôra mais feliz, encontrára indios com a noção do valôr dos legitimos simbolos da honradez e da fôrça. Êsse Favas, tantas vezes providencial, tinha das barbas conceito tão falso que até pagava ao barbeiro que lhas rapava semanalmente.

— E eu que o compreendo — continuou o Castro, prolixo sob o alheamento de Rodrigo — respeito-lhe a ignorancia, entrego-lhe a capa e a batina durante as férias, ao chegar de férias dou-lhe pela capa e batina o

fáto de vêr as pequenas, lá na terra, e de visitar o sr. vereador, o sr. administrador, o amigo farmaceutico... — E ao alto da rua dos Loios, notando que Rodrigo o não ouvia, despediu-se, deu-lhe um forte abraço:

— E lá me tens na terra ás tuas ordens. E' só escrever, para o que quizeres...

Afinal Rodrigo teve um rasgo de coragem, meteu á rua dos Estudos. Ao cimo da escada, palmilhada com precauções de espionagem, ainda pensou em retroceder. Dominou a timidez, bateu á porta, mais desafogado que de costume.

Beatriz empalideceu, suspendeu por momentos a costura. Cumprimentou-o, agitada. E Mariana interpelou-o logo, olhando-o com persistencia:

— Supunha que não voltava a esta casa! Que foi isso, que mal lhe fizemos? — Ele balbuciou desculpas confusas. E ela, a investigá-lo, mais persistente: — Nem ontem se resolveu, apezar da Beatriz lhe pedir que viésse...

Beatriz atalhou, sem se desconcertar, apenas a voz meio apagada:

— Desconfias de mim... Já te disse que não veiu...

Ele corroborou, a mastigar as palavras:

— Não pude vir, por causa dum rapaz que tirou «ponto». Estivemos a estudar juntos todo o dia...

Depois foi a D. Isabel que admirou a sua ausencia inesperada. Era para julgar que as tinha esquecido, que nunca mais voltaria.

Quando fez acto de «Civil», em que passou com os dez valores da tangente, houve na casa da rua dos Estudos o vivo rumor da alegria, cheio de felicitações e entusiasmos.

Beatriz conseguiu furtar-se ainda, pouco depois, a acompanhar a irmã e a mãe certa noite em que foram fazer compras á Baixa — porque lhe doía muito a ca-

beça, porque não se encontrava disposta. Rodrigo esteve junto déla durante a hora em que a Brigida foi a casa arrumar uma camisa de que Beatriz lhe fez presente, e dar umas voltinhas, muito agradecida, com uma lagrima da gratidão ao canto do ôlho.

E á saida para férias grandes, com tres cadeiras e uma reprovação, é que foram prantos, apertos de mão confrangidos, ao alto da escada. A D. Isabel dizia á filha, comovida:

— Então, menina, não chores, êle não vai para o Brasil...

Mariana chorou tambem. Prometeram escrever-se amiudadas vezes. O Pedro acompanhou-o á estação. Ficava até ao fim de julho, retido pela ultima cadeira — a de «Finanças» em que naufragára, como na de «Administrativo», no ano anterior.

Acusava a Palmira, contristado. Andava exquisita, havia uns dias.

— Se descobrir alguma coisa largo-a, juro-te. Não estou para a aturar. E não me esqueço do teu pedido. Lá irei vêr a Beatriz e mandarei noticias. Não sei com que cara lhes hei-de aparecer. Ha mais de dois mêses sem as vêr... Tudo por causa da Palmira e a... a desavergonhada com a cabeça não sei por onde...

A' terceira badalada na sinêta da «gare» abraçaram-se. Rodrigo saltou para uma carruagem de «segunda», recomendou-lhe que não esquecesse o pedido. Um silvo agudo respondeu ao sinal de partida. E a locomotiva, arfante, resfolegando vapor, deu um impulso brusco ás carruagens, com um esticar metalico de ferragens, e todo o comprido comboio se poz em movimento. Trocaram-se ainda saudações rapidas, entre as portinholas e a «gare», onde ficavam pessoas quêdas, de pé, em acenos de despedida:

— Boa-viagem...

— Adeus...

— Boa-viagem . . .

Rodrigo, atravessando a ponte, sentia já o picar da saudade a apoquentá-lo. A' paragem em Taveiro, depois em Alfarelos, dizia comsigo que voltaria a pé para Coimbra, se pudesse . . . Encontra-la-ia dobrada sobre a costura . . . muito triste, a chorar talvez . . . E que surprêsa, que agradavel surprêsa se o visse entrar, supondo-o já muito longe ! . . .

A sua chegada poz Almendra em ruidoso regosijo. A D. Rosaria, as criadas, em cuidados sem precedentes, abraçaram-no, louvaram-lhe a bôa côr, correram a arrumar-lhe o chapéo, a dispôr-lhe os embrulhos no quarto. Ele, apenas ficou a sós com a mãe, quís saber de Tereza, informou-se de Tereza :

— Olha, filho — obtemperou a excelente senhora — não percebo tal doença. Para lá anda a penar, ora pior, ora melhor . . . E' doença que não decide. Uns dizem que é o Demo, outros . . . outros que é isto, que é aquilo. Olha, o que sei, é que não dão com o remedio . . .

— Bem, seja o que fôr. Outra coisa, minha mãe. O que disseram por aí com respeito á minha reprovação?

Ela encarou-o, hesitante, e a seguir deu ao rosto um ar risonho, murmurando, como a querer desviar-lhe o espirito do assunto :

— Não me consta nada . . . Não penses nisso, filho. Um ano mais ou menos não importa. O que quero, é que tenhas saude.

Dias depois é que soube a causa dos escrupulos da mãe ao referir-se á reprovação. Julgava que êle quizera iludi-la para lhe poupar maior desgôsto. O abade espalhára, impante de rancoroso jubilo, que o de Almendra, o perdido, havia apanhado nada menos do que duas famosas «raposas». E ponderava aos visinhos a conveniencia de guardarem as capoeiras á sua entrada no logar.

Rodrigo escrevia todos os dias a Beatriz, longas e

doloridas cartas, a que ela respondia, simples, na eloquencia dos afectos vivos e intensos. E sempre enredado em superstições, deixava invariavelmente no bolso a ultima das cartas déla até á chegada da imediata — na turva desconfiança da falta de noticias se violasse aquele preceito.

Começava a antevêr o futuro menos nebuloso, pouco a pouco convencido de que ela cederia á influencia persistente das suas promessas de sã felicidade, unindo-se a êle, livre de preconceitos, no caso de Tereza não morrer.

Mas, de subito, um novo abalo inesperado veio lançá-lo no torvelinho dos desesperos. Pelos fins de setembro Beatriz noticiou-lhe que em breves mêses o seu pecado teria de ser conhecido e amaldiçoado, se a Rainha-Santa lhe não valêsse!

Rodrigo leu a noticia no assombro de catastrofe. Releu-a, e achou-se o mais desgraçado dos homens.

— Que desgraça, que desgraça! — rugia, incapaz de pensar, de analisar a situação, aniquilado, como louco. Os seus projectos de felicidade, que ainda momentos antes se lhe afiguravam de realisação segura, tombavam agora, e sepultavam-lhe nas ruinas os derradeiros impulsos de energia.

— Que fazer, que hei-de eu fazer? Porque não fugi? Porque não tive coragem de me afastar a tempo, evitando êsta desgraça?! . . .

De tarde, a pedido da mãe, que o via abrazado de febre, saiu até á herdade. Não lhe restava duvida de que Beatriz, ao saber que não podíam casar, preferiria o suicidio ao estado falso da ligação ilegitima. Ele mesmo pensára já no suicidio. Devia suicidar-se, procurar no veneno o castigo e o esquecimento do seu delicto. Escrevera-lhe nêsse sentido, chamando-se o mais infeliz dos homens, suplicando-lhe perdão pelo infortunio a que a lançára. Depois, fatigado de correr a her-

dade, como se procurasse alguem que lhe fugira levando-lhe a paz e o equilibrio do espirito, arrependeu-se de lhe ter escrito em tais termos. Era dever anima-la, e falava-lhe em suicidio! Ela podia julgar que a escarnecia — podia ver nêssa carta apenas um documento de zombaria e cinismo! E foi compungido, arrependido, que logo ao amanhecer do outro dia lhe escreveu nova carta, gemendo contrição pelo desalento que o tomára na vespera, felicitando-se pelo filho que ia iluminar-lhes o futuro. «Tenho a sensação de que os nossos corações — escreveu — se encontraram numa vereda mergulhada em penumbra e logo uma aurora surgiu a envolvê-los — ou que tu, minha Beatriz, trazes no ventre sagrado, descoberto pelo meu amor, um mundo em que as nossas esperanças hão-de ir habitar e perpectuar-se!»

E terminava a sua vibrante carta, por lhe mandar milhares de beijos, «dados de joelhos, em adoração ao misterio da santissima trindade, ao que era um só verdadeiro, sendo a carne, o sangue e a alma de três pessoas distintas».

De resto — considerou, mais tranquilo — talvez estivesse ali o caminho para os seus projectos. Beatriz, a não se suicidar, o que êle evitaria por todos os meios ao seu alcance, não tinha senão segui-lo, para onde quere que fôsse, em sacrificio ao filho.

A esperança invadiu-o de novo. Não o duvidava: Iriam viver para longe. Venderia os seus bens, o pouco que lhe ficára do pai, e fugiriam para Espanha, para a Italia, a esconder o coração das profanações irreverentes, no isolamento, e no segrêdo dum mundo desconhecido.

Mas em Coimbra, no regresso de ferias, os desalentos voltaram. Não sabia como falar a Beatriz. Descobrira no entanto o pretexto para se esquivar ao casamento. Dir-lhe-ia que a mãe ha muito o queria casar

com uma prima, com quem se comprometera sob inviolaveis promessas. Precisavam pois esperar que a mãe cedesse, o que conseguiriam apenas lhe nascesse o filho. Iria então a Almendra com o pequerrucho, e implorar-lhe-ía o consentimento. Aceitaria ela o pretexto, subordinar-se-ía ás necessidades que tal projecto lhe impunham ?

Era mais uma mentira, mas tentaria fazê-la vingar, para salvar Beatriz dum acto de desespero.

Horas depois da viagem batia á porta da D. Isabel.

Ninguem respondeu. Não tinha avisado da sua chegada, não estariam talvez em casa. Bateu de novo, com mais força. Ouviu passos apressados no corredor. Depois a porta abriu-se e a Brigida, estacando como á aparição de duende :

— Ah ! o senhor doutor ! . . . — E num contentamento subito : — O' senhoras, o senhor doutor, o senhor doutor Rodrigo !

Na sala de jantar houve um ruido apressado de cadeiras a arrastarem. Rodrigo entrou.

— Estavam a jantar. . . Eu vinha logo . . .

— Ora êssa, teem muito gôsto. . .

Mariana chegou a correr, seguida de Beatriz :

— Bravo, uma surpreza ! Então quando veiu ? Vem mais magro, mas bela côr.

— Cheguei hoje. — Baixou a voz, murmurou : — Beatriz, como passaste ? Estás abatida ! — E reparando em D. Isabel, que entrava nêsse momento, de guarda-napo ao pescoço : — Senhora D. Isabel, como está ?

— Uma surprêsa ! Ainda o supunha lá por êsses Alemtejos ! Sua mãe, sua familia, ficaram bem ?

Ele agradeceu, comunicou a saude da mãe, o motivo porque viera tres dias mais cêdo. Estava farto de ferias grandes. Tinha necessidade de novo ar, de vida nova — e envolveu Beatriz num sorriso expressivo de ansiedade, que a D. Isabel e Mariana compreenderam.

— Estavamos a jantar, venha comnôsco para a sala — disse D. Isabel, muito familiar.

A' mêsa pormenorisaram-lhe um passeio dado á Figueira, os aborrecimentos e o calôr de agosto, vindo por fim as lamentações pelo estado de Beatriz.

D. Isabel não sabia o que era aquilo, tristeza e falta de apetite, a apoquenta-la dia e noite. Quizera chamar o medico. Ela opuzera-se. E afinal concordára, seria melhor esperarem o termo das ferias grandes — riu enternecidamente, envolvendo-os num olhar carinhoso. E Beatriz, os olhos na toalha, perturbada :

— O' mamã, sempre tem coisas ! . . .

Não lhe pôde falar nêssa tarde. Na tarde seguinte Mariana não saía de perto dêles, sempre á janela, á espera do «loiro». Foi preciso que Beatriz lhe pedisse que fôsse antes para a outra janela, emquanto a mamã «jardinava» na cosinha.

Queriam conversar á vontade.

Trocaram um beijo fugitivo e sequioso. Balbuciaram banalidades desconexas. E Rodrigo, que tinha jurado antes dizer-lhe tudo e apresentar-lhe a unica saída possivel da dificuldade, nem sequer aludiu ao assunto. Temía que ela quebrasse os laços que os estreitavam, ofendida, vendo no seu plano expediente ou porta falsa de seductor vulgar . . . para se eximir á responsabilidade da situação criáda. Na sua simplicidade inexperiente, ignorava que a mulher sincera no amôr não suspeita portas falsas nos projectos do homem a quem uma vez se deu de corpo e alma, nos mais absurdos ou nos mais falsos.

E só dias depois, tirando animo da ideia de que em breve, e sem remedio, o ventre de Beatriz os denunciaria, lhe disse a impossibilidade de se casarem já, a necessidade da fuga para êle, antes que tudo se descobrisse. A sua voz, ao propôr-lhe a fuga, tinha intermitencias de opressão.

Beatriz não lhe respondeu, no aturdimento brusco de fatalidade imprevista. Ele assustou-se, sacudiu-lhe o braço, implorativo, aflicto :

— Beatriz, Beatriz...

Mas Beatriz projectou-lhe as pupilas negras, do brilho ardente da febre, disse serenamente :

— Não te aflijas... Estou bem. Habituei-me a sofrer. E que queria eu agora .. o que sou eu agora ?

— Beatriz, pelo amôr do nosso filho ! — suplicou, quasi ao seu ouvido — Fala baixo, a Mariana póde ouvir...

— Não te assustes, Rodrigo. E que tem se ouvir ? Tanto importa sabê-lo hoje como ámanhã. Bem vês, estou tranquila.

Na sua voz havia a serenidade da resignação. No seu olhar, porém, nas crispações do seu rosto passava rapida a agitação que a revolvia e queimava. Todos os seus sonhos de felicidade pura e legitima ruiam, num segundo, no lôdo esteril de realidade nunca entrevista. A felicidade transmudava-se no maior dos infortunios, em que nem queria pensar, com receio de endoidecer ! Quando Rodrigo se despediu, sucumbido pela inutilidade dos seus esforços, convencido de que tinha sobre si, iminente, uma forte desgraça, entrou na alcôva, deixou-se caír no leito, desvairada de febre e sofrimento. Implorou da irmã segredo, que não dissesse nada á mamã : aquilo passava depressa. Mariana interrogava-a, surpreendida, amargurada :

— Então, que é isso, Beatriz, que tens Beatriz ?

Ela enlaçou-lhe o pescoço, apertou-a muito a si, num choro convulso. E a irmã, em apoquentação redobrada :

— Pelo amôr de Deus, Beatriz, dize o que tens. . Zangou-se comtigo ? Dize .. Beatriz !. .

Beatriz pôde apenas balbuciar, entrecortadamente, em soluços fundos :

— Não, filha... não é nada. Juro-te, não se zangou comigo. Chóro sem razão, nem sei porque... Deixa-me chorar. .

Mariana soltou-se-lhe dos braços, aplicou o ouvido, disse baixo :

— A mamã ! .. Espera, eu vou vêr...

A D. Isabel procurava no açafate um carrinho de linha branca. Perguntou o que estavam a fazer.

— Nada, mamã, sujámos as mãos, fomos lavá-las.

— Não encontro o carrinho. A Beatriz trabalhava com êle ainda ha pouco. O' Beatriz!...

Mariana correu para a maquina a procurar o carrinho. E instou, alvoroçada:

— Fui eu a ultima a pegar-lhe. Espere lá, mamã, deve estar aqui... — E alteando a voz : — Nada! Beatriz, não é nada...

Beatriz surgiu nêsse instante, palida, os olhos secos e esbrazeados. O carrinho apareceu emfim na gaveta da maquina. E quando Mariana olhou repreensivamente para ela, a D. Isabel, que a encarou, inquiriu se estava doente. Respondeu, já a sorrir, muito firme:

— Não, mamã. Não estou doente.

— Vejo-te tão palida, com um não sei quê tão exquisito nos olhos...

Não conseguiu dormir em toda a noite, sempre em sobressaltos, em pesadelos que lhe oprimiam o peito e escaldavam o cerebro. Levantou-se cedo, apegou-se ao trabalho apenas terminou os arranjos da casa. Não acertava os alinhavos, a agulha tremia-lhe na mão quasi inerte, a cada momento endireitava o busto, porque tinha a impressão dolorosa de que a sua cabeça, de pesada, ia rolar-lhe no chão.

Acabava de bater o meio dia na Sé-Nova recebeu carta de Rodrigo. Correu á alcôva. Abriu-a a tremer, na espectativa de nova dôr. Devia estar zangado pela sua atitude da vespera. Afinal a carta era um su-

premo grito de angustia que se roja e suplica. Rodrigo, convencido de que Beatriz persistiria no proposito de renunciar ao projecto da fuga, lembrava-lhe que o apresentára como remedio á grave situação que lhe criára. A sua mãe era velha e doente, tinha a palavra empenhada num casamento que constituía a sua ultima esperança. Tentára-a durante as ferias, convencera-se de que nada a arredaria do antigo compromisso. No entanto, se queria, se exigia que lhe provocasse a morte, cortando as relações com a mãe para legitimarem desde já a sua união, não hesitaria ante o sacrificio. Avultava-lhe a inutilidade de prova tão dura, desde que havia a certeza de que o triunfo seria certo, conquistado pelo «nétinho». Mas se o exigisse, não hesitaria. Era preciso resolver, sem perda de tempo. Os sinais da gravidez denuncia-la-iam em breve. E seria um crime evita-los. Aproveitou o ensejo para lhe pintar o filho raquitico, «um enfesado sem saúde nem espirito», se persistisse na recusa em o acompanhar, amarrada a sentimento que não compreendia nas circunstancias em que um e outro se encontravam. E pedia desculpa da carta. Faltava-lhe a coragem para lhe falar assim, frente a frente, para lhe suplicar, por êsse mesmo filho que lhe germinava nas entranhas, que cedesse ao seu pedido.

Beatriz leu aos poucos, a face afogueada, o colo arfante. E concluida a leitura, resolveu pedir que viesse falar-lhe. Escreveu-lhe duas linhas laconicas, perturbadas.

Bem, se a mãe o queria casado com outra, não devia contraria-la. Ainda se sentia com coragem capaz do sacrificio. E o seu filho? E o mundo, a visinha, a mãe, a irmã? Rodrigo entrou pouco depois. Mariana foi entreter a D. Isabel. Beatriz ia dizer-lhe que satisfizesse a vontade da mãe, que casasse com a prima. Rodrigo, que jogára timidamente o primeiro lance, achou-se reforçado de animo para remar contra a maré.

Interpelou-a, muito serio :

— Que resolveste ?

Ela curvou a cabeça, num desfalecimento. E foi desfalecida que respondeu :

— Nem sei . . .

Rodrigo sacudiu-se. E na sua voz, no seu olhar, nos movimentos rapidos e nervosos que lhe reforçaram o gesto e a voz, fremeram todas as ansiedades represadas da paixão.

— Não sabes ! Pois tem paciencia, é preciso decidir. Isto não póde prolongar-se ! Do contrario, isto terminaria pelo suicidio ou pela vergonha. E á vergonha terias a juntar a morte ou o enfezamento do nosso filho, que culpa alguma tem dos nossos amores.

Beatriz pôz-se a chorar, silenciosamente. Aterrado, numa emoção dolorida, implorou-lhe que se tranquilisasse :

— Olha que póde vir a Mariana, ou tua mãe . E que hão-de dizer? Tem coragem, Beatriz !

Ela ergueu a cabeça, a enxugar os olhos, onde parecia reflectirem-se brazas ardentes. E num timbre sereno, bem modelado :

— Bem, estou decidida, vou contigo. Para onde quizeres, pouco importa. . .

Rodrigo ficou suspenso. Queria agradecer-lhe e confortá-la ao mesmo tempo. Por fim, sob a sua mudez aniquilada, disse-lhe que iriam para Celas, para casinha que descobrira na tarde anterior, meio isolada, quasi sem visinhos. Ia tratar da mobilia, da criada, de todos os preparativos necessarios. E como não convinha demorar, nêssa mesma noite, ás duas horas, esperava-a ao fundo da rua, junto do hospital. Apertou-lhe a mão gelada, inquiriu :

— Sim ?

Beatriz disse que «sim», oscilando resignadamente a cabeça.

Saiu em pontas de pés, sem se despedir de Mariana, tendo-a obrigado a jurar, solenemente, que não faltaria.

Não descansou em toda a tarde. a mobilar a casa, uma casinha avelhentada e humilde no termo de Celas, de frente para o caminho das Sete Fontes. Depois adquiriria mobília confortavel, que não desmerecesse de instalação definitiva. Criada escolheu-a e justou-a a Joana: rapariga discrèta, a Maria Julia, filha duma das suas comadres.

A's onze da noite dirigiu-se ao seu quarto para ordenar livros e papeis que a Joana, «muito reconhecida ao senhor doutor», se encarregou de lhe mandar a Celas. Ouviu rumôr quente de vozes no quarto do Temudo. Entrou cautelosamente, para que não o suspeitassem. O Pedro sentiu-o, abalou-lhe a porta cerrada, a vociferar:

— Por onde tens andado, patife?! Isto é que se chama ingratidão! Esperas-me outro dia na estação, abraças-me, sáfas-te, e até hoje, a esta hora! Estou desde as nove á tua espera!

— Desculpa, tem paciencia... Tinha negocios urgentes a tratar. Tu desculpa.

— Negocios, sempre negocios! Pareces-me uma agencia de consignações... E olha lá: quando te resolves a pedir a Beatriz?

Ele mascou afirmações vagas, esboçando planos proximos. Então Pedro referiu-se á Palmira:

— Cortei com ela logo que recebi a tua carta Mas que queres? Ante-ontem de manhã entrou-me pela «mansarda» a chorar, a lastimar-se, que estava arrependida, que me queria muito, mil coisas, em suma... Animei-a, então? disse-lhe que ficasse, que lhe perdoava. Tu bem me conheces. Tenho genio, tenho nervos... Mas que queres? Fez-me pena a rapariga. Agora, tambem te digo, se percebo tanto como isto —

indicou a extremidade do dêdo minimo, afirmou, temivel: — rua! E para sempre!

No quarto do Temudo estalou uma gargalhada em diversos tons. Rodrigo interpelou o amigo acerca de motivo dêssa hilaridade. Temudo assomou á porta, intimou, autoritario:

— O' Pedro, depressa! Vem já... Vem, tambem, Rodrigo, vinde depressa!

Rodrigo escusou-se. Pedro arrastou-o, disse-lhe que devia ir, que aquilo tinha «piada».

Um «caloiro», de capa á maneira de manto, um vaso de noite na cabeça e uns oculos enormes de papel montados no nariz, perfilava-se imovel, em postura rigida de estatua, sobre a mala do Temudo. Em volta, comensais da «republica», visinhos doutras «republicas», sentados no sobrado, davam-se a austeridade solene de deuses nos seus nichos. E a meio do quarto, sobre cadeira armada em pulpito, o Castro lia passagens do «Palito Metrico» comentadas e adaptadas ao momento.

O Pedro informou-o ao ouvido:

— E' um caloiro de Leiria. Já lhe impuzeram o «grau» e agora habilitam-no a seguir a Via-Dolorosa da formatura em passadas imortais...

Rodrigo chamou o Pedro á porta, asseverou-lhe que lhe doía a cabeça. Precisava deitar-se. Despediram-se.

A' uma hora e meia, quando saía de casa a Maria de Jesus conversava com o cadete. Disse qualquer coisa baixo, e casquinou uma gargalhada sarcastica.

Ao outro dia a noticia do rapto circulou por toda a Alta, copiosamente condimentada de pormenores e comentarios. A «coxa», encostada á muleta, correu a colher impressões em casa da visinha engomadeira. Sentou-se num banco, com fundo «ah!» consolado, acomodou a perna lesa, e entrou a lamentar a D. Isabel, de quem era amiga:

— Tenho pena, que quer? Tão boa pessoa, tão metidinha com a sua vida...

— Sim, lá isso é verdade... Ninguem a vê, desde que lhe morreu o marído, a não ser para a sua féstinha, para a missinha do domingo...

A «coxa» pôz a mão ao canto da bôca, em fórma de concha, atalhou, em tom de confidencia:

— Aquí para nós, visinha, que ninguem nos ouve... Eu sou amiga da D. Isabel, mas ela tem a sua culpa...

— Sim?!

— Sim, tem a sua culpa, olé! Já não lhe servia senão doutor para a fílha... E mais coisas... — Tapou a bôca, murmurou: — Cala-te bôca... Lá por mim não ha-de ela perder. Isto é por falar com a visinha, que não «bocareja» estas coisas. E eu, assim a minha alma entre no reino da gloria, não me importo da vida alheia... Mas já havia...

E a outra, abandonando o ferro no descanso, foi para ela, muito curiosa:

— O quê, «ti» Ana, o quê?

— Sim... não digo que fôsse por mal... Lá por mim não perde a pequena... Que já agora, coitadinha, não perdia nada, e a Rainha Santa me perdoe, se péco...

— O que foi então?

— Que foi? — Abafou mais a voz, relanceou em tôrno o bogalho esquadrinhador do ôlho ramelôso, informou: — Ali já havia negocio... Sim, não sei se me percebe... A mãe deixava-a só em casa... Ele ia para lá depois .. Que eu não digo que a pequena se portasse mal. Olhe que não ha muito que o jurei, assim a Rainha Santa me ajude, á «ti» Maria do Rego de Agua. Agora que a mãe a deixava, é tão verdade como dizer-lho...

— Deixava-a só .. Ele é rapaz...

— E rico, pelos modos... Olhe, quer que lhe

diga ? Assim eu seja feliz, que até me custam certas coisas ! Ainda ha pouco era para aí um falatorio, porque a D. Isabel aceitava dinheiro, porque a D. Isabel mais isto, mais aquilo...

— Isso não aceitaria...

— Sim, é por dizer... que eu, crédo ! nunca vi...

Pedro soube do caso depois das aulas. Atravessava a Porta-Ferrea, viu o Azevedo Lemos e o Castro em quente discussão, junto do recinto gradeado, rumoroso de velhas arvores, em que se ergue o obelisco da memoria a Camões, o plinto de marmore com o leão de bronze rugindo ás selvas a realeza do epico cantor dos lusitanos. Acercou-se. O Azevedo Lemos interpelou-o, num gesto hiperbolico de assombro :

- Então, o Rodrigo, êsse sonsinho do Rodrigo ? ! Que belo «peixe», o maroto !

— Soberbissimo ! — repetiu o Castro.

E êle, sem perceber, o olhar pasmado :

— Belo peixe ? ! O quê ?

— Ora, o quê... O rapto, menino, o rapto !... O Rodrigo é um valente !

— Rapto ? !

O Azevedo Lemos fixou-o, agora convencido da ignorancia de Pedro e passou a elucidal-o :

— Um rapto, sim senhor. O Rodrigo raptou uma pequena da rua dos Estudos. Uma mulher de estálo !

— O Rodrigo ? ! — gemeu Pedro, abismado.

— O Rodrigo, pois então. o Rodrigo ! E' um «peixão» a pequena.

Ele ficou surpreso e atordoado. E avaliou de relance, num terror, a parcela enorme de responsabilidade que lhe cabia no acontecimento. O Lemos, de pasta de quintanista na mão, afirmou :

— Afinal fez bem. Uniram-se, cumpriram o seu fim natural. Faltou-lhes a estola, o latim, a agua benta, a esmola ao abade. Nem sempre é possivel atender a es-

sas exterioridades, postas de guarda á falsa moralidade do amor. Que o amor não devia ser profanado pelo beneplacito ou pela intercessão de indiferentes e estranhos. Queria-se livre, espontaneo como a faisca que esplende ao choque de duas correntes electricas.

Pedro, como se acordasse dum pesado sono, resmuneou:

— O Rodrigo casa ! E' impossivel que não case !...

E o Castro, logo :

— E depois ? São mais felizes ? Nem mais, nem menos. Hoje, como ámanhã, o anjo translucido, descido ás condições caseiras de companheira ou esposa, começa a tratar Rodrigo, a dar-lhe chás de tília contra os catarros, a pôr-lhe passas de Alicante... nos furunculos privados. Um horror !

— Exageras, nós exageramos... — contraditou o Lemos. — Estamos subversivos e imaginativos...

Pedro não pôde ouvir mais. Despediu-se. Representava-se-lhe a D. Isabel a lançar-lhe a culpa do seu grande desgosto, a êle, que lhe introduzira em casa o ladrão de sua filha. Não se sentia com animo para lhe afrontar a dôr e a colera. Pelo menos nos primeiros dias não tinha coragem de se aproximar déla, apezar de dever levar ali um pouco de conforto. Com Rodrigo cortaria para sempre...

Um rapaz de medicina, de barbichas rálas e ôlho libidinoso, travou-o por um braço ao fundo da rua dos Loios, interrogou-o, interessado :

— Com que então, aquele teu amigo, o Rodrigo, apanhou a pequena da rua dos Estudos ? !

Ele encolerisou-se, pronto a inquirir do porquê da sua curiosidade. O outro não o deixou falar, continuou :

— Um «peixão !» Hei-de vêr se lhe descubro o «ninho». E quando êle se desquitar.,. estás a vêr... Em segunda mão, magnifico !

Pedro voltou-lhe as costas, enfiou pelo Rego de Agua. E toda a sua indignação se resolveu no proposito justiceiro de se apartar para sempre de Rodrigo. Repetia comsigo mesmo:

— Canalha, abusou de mim! Canalha!... Pobre D. Isabel!

X

Quinze dias depois do rapto Rodrigo levantou-se cêdo, na ideia de propôr a Beatriz um passeio ao Penêdo da Meditação. Tinha quasi a certeza de que ela não cederia, enclausurada no seu inviolavel respeito pela opinião publica. Precisava no entanto levantar-lhe o espirito, começar a derruir essa muralha asfixiante.

Do seu quarto, cortando a sala de jantar, passou para a saleta de trabalho, muito modesta, com uma secretária de cerdeira, algumas cadeiras, duas délas de vêrga, miniaturas de quadros célebres nas paredes caiadas e numa jardineira um vaso de begonias. Abriu uma das janelas, derramou a vista pelo horisonte, recortado á esquerda na franja caprichosa da cidade, com a torre da Universidade a destacar sobranceiramente, alargando-se em frente e á direita, apenas intercaptado pelo outeiro vêrde da cêrca do asilo dos Velhos, a perder-se nas planuras do vale do Mondego, esfumadas em neblina, lençois de agua em que o sol, no céo de esmalte, espargia brilhos de espelho.

Respirou o ar fresco, consolado, apesar do seu vago mal estar intimo. Insurgia-se contra os terrores de Bea-

triz. No entanto, no fundo da sua alma, o mesmo terror alastrava, estragando-lhe a felicidade de a possuir, de a sentir plenamente sua. Era como se tivesse cometido um roubo e antevisse duras perseguições. Não se lhe dissipava do espirito, nem mesmo na intimidade dela, um tôrvo receio indefinido, inexplicavel.

Ao retirar da janela entrava Beatriz na sala, o rosto transtornado, os olhos congestionados.

Perguntou agitadamente o que lhe queria, porque lhe pedira que se levantasse cêdo. Rodrigo reparou-lhe no rosto e nos olhos.

— O que tens filha, o que tens ? Porque choraste?

Ela encostou-lhe a cabeça ao peito, logo num chôro silencioso. E como êle insistisse, que lhe dissesse o que tinha, porque chorava, endireitou-se, fez por se dominar, explicou, a voz cortada de soluços:

— A servente... a servente esteve com a Brigida na praça.

— E então, que tem isso ?! Ora a servente, a servente...

E Beatriz, como se o não ouvisse:

— A mamã tem estado de cama .. a Mariana coitadinha... — Rompeu de novo em choro desabalado, vencida, aniquilada. Rodrigo amparou-a, sentou-a numa cadeira sem encontrar confôrto, palavra banal de consôlo. Beatriz desabafou por fim, referiu o ataque da mãe, apenas deram pela sua fuga. Fôra preciso a intervenção do medico — e ao recuperar os sentidos abraçara-se a Mariana, implorando:

— Tu não me deixas, minha filha, não ? Tu não me dás êsse desgôsto...

Não pôde continuar, agitada, os braços prêsos á cinta de Rodrigo. Ele ouvia-a, numa prostração de derrota, alanceado pela vergonha e pela dôr que levara ao coração de D. Isabel, convencido como nunca da nulidade dos seus esforços no sentido de clarear o espirito

de Beatriz. Por mais que procurasse atenuar o remorso do seu acto, êle reaparecia a cada instante, revelava-se a todos os momentos, cerrando-lhe a alma fraca á esperança da paz desejada! O desanimo, nos primeiros dias, tomara-o, infiltrara-se-lhe na alma, á semelhança de borrão de tinta numa tira de papel pardo, tão exclusivista que lhe não dava logar a alivio, tão intransigênte que não lhe tolerava promessa de ventura. Só a muito custo o vencera. Mas não de tal fórma que êle não ressurgisse, a cada passo. . Assim, com a voz entrecortada de hesitações, forçou-se a quebrar o silencio constrangido. Assegurou que tudo havia de passar, arrastado pela vagarosa marcha do tempo, que não poupa dôres, vergonhas, alegrias e mentiras. E acrescentou, sensibilisado:

— Beatriz, reanima-te! Não posso vêr-te assim, nêssa prostração, nêssa... nêssa tortura! Tudo ha-de passar, filha, tudo. Havemos de ser felizes, juro-to, a tua mãe, a tua irmã...

Beatriz, as pupilas esgazeadas no chão, parecia inerte, agora calada, os braços ainda enlaçados á sua cinta, como refugiada nêle dum perigo que a ameaçava. Rodrigo desligou-se déla, puxou uma cadeira, sentou-se ao seu lado. Ergueu-lhe um pouco o queixo macio, delicadamente, obrigando-a a fita-lo. E muito condoído, muito carinhoso:

— Vá, Beatriz... pelo nosso filho. Reanima-te. Juro-te, fazes-me ter horror pela vida. Anda, dize, és minha amiga?

Abatida, respondeu:

— Tua amiga! Queres maior prova de que o sou?

Rodrigo beijou-a com fervor, numa devoção agradecida. Depois, dominando desanimos, tentou lançar-lhe no espirito a semente bemfazeja da resignação de que careciam para realisar um destino feliz. Seriam felizes, primeiro transfigurados pelo amor aos olhos compade-

cidos da mãe, da irmã e dos amigos, por fim unidos pelo casamento para a eternidade. E então as angustias sofridas, a vergonha duma situação equivoca provocada por necessidades fatais, seriam na sua memoria como nevoentas recordações de desgostos longinquos — a ida para o colegio, o mêdo de professor austero, o castigo por brinquedo proibido...

E vendo-a agora pensativa, teve receio de nova crise. Deitou-lhe o braço esquerdo á cintura, que, liberta da opressão intencional do espartilho, começava a avolumar sob a flanela farta do roupão. Para a distraír mudou de conversa. Não aludiu ao passeio, certo de que os seus rogos redundariam inuteis E passou a estabelecer planos de reforma dentro de casa. Tudo aquilo fôra mobilado á pressa, do mais barato, pelas exigencias da ocasião. Havia de substituir cadeiras, cortinados, o leito em que dormiam. Em baixo, no rez-do-chão, na salinha que destinavam ás visitas — ás suas futuras visitas — era tão minguado e humilde o mobiliario que nada aproveitaria. Queria ali moveis decentes, reproduções de quadros, bom espelho. O seu cuidado havia de atender, em especial, ás salinhas de trabalho e jantar. Nêsta, a mesa ficaria mesmo em frente da janela, donde gosavam o melhor e mais comunicativo panorama que seus olhos tinham visto. E assim, as refeições, correndo no perene embalo do amor que a ventura consagrava, teriam a torna-las supremamente agradaveis a luz que vinha do céu desafogado, a quiétude da cêrca, a beleza do vale, ao longe manchado de placas luzentes de agua amortecida.

E Beatriz, que estivera calada, ouvindo-o, num embevecimento:

— E uma maquina?.. Precisava duma maquina... para o enxoval...

Rodrigo opôz-se. Não, não consentia que fizesse o enxoval. Manda-lo-iam vir de Lisboa, duma das me-

lhores casas de modas. Seria um enxoval rico, digno de principe.

Ela amuou, numa agastada contrariedade. E Rodrigo, logo suplicante:

— O que tens, filha?

A voz de Beatriz, velada na melancolia dos crepusculos, queixou-se:

— Faço-te tudo, Rodrigo, obedeço-te em tudo, e tu nem êssa vontade!... O enxoval queria ser eu a faze-lo, e tu não queres...

Abraçou-a com ardor, procurou-lhe os olhos e a bôca, em beijos a que o seu entusiasmo dava a profundeza comovida da devoção. Depois disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. Betriz corou, murmurando:

— Maluquinho...

Decidiram que o enxoval fôsse confeccionado por ela, para o que iria á Baixa comprar maquina, bretanhas, rendas finas. Porque queria o seu filho todo envolto em espumas, em fantasias condensadas nos deliciosos arabescos das artes de bordar.

A seguir ao almôço. e emquanto Beatriz, agora calma, arrumava o quarto, ele seguiu para a salêta de trabalho. Andava ha tres dias para escrever a Pedro. Pressentia o agastamento do amigo, ferido pelo rapto, mais ferido ainda na sua veneração pela D. Isabel, a quem involuntariamente causara abalo mortal. E sempre á espera de disposição, só nêsse dia, o decimo oitavo depois da fuga, se resolveu a pedir-lhe a comparencia na Couraça, ás onze da noite, pois desejava falar-lhe urgentemente. Precisava além disso procurar a sua correspondencia, a da mãe em especial, a quem tinha escrito duas vezes, ao acaso. Continuaria a subscrever da Couraça as suas cartas, a fim de evitar suspeitas. Eram dez horas quando saiu, muito embuçado na capa. Beatriz, que lhe pedira insistemente pouca demora e que colhesse noticias ácerca da mãe e da irmã, sentiu

opressão desconhecida apenas se viu só na salêta, com o «Seculo» aberto sobre a mesa. A cada momento ouvia bater á porta. Não ia verificar, cheia de mêdo. Deixava de lêr o jornal, espertava o ouvido. E não apurava mais rumor do que o do ressonar do gato familiarisado na casa, enroscado aos seus pés, ou o da voz da criada na cosinha, a cantarolar num tom languido de barcarola:

O amor dos estudantes
Não dura mais que uma hora ..

A letra do fado afigurou-se-lhe um pressentimento. Sim, na verdade, nada lhe garantia que o amor de Rodrigo fôsse eterno. . E se ele um dia a abandonasse, para satisfazer caprichos da mãe, e casasse com a outra? Não devia pensar em tal. Nem sempre a desgraça havia de persegui-la. De novo supôz ouvir rumor estranho, muito perto, como se alguem tentasse forçar a porta da rua. O coração agitou-se-lhe. Pôz-se á escuta, num terror. Alí. tudo tão deserto... seria facil um assalto, sabendo-se demais a mais que Rodrigo não estava em casa. Levantou-se, cautelosamente, sem ruido, para ir á cosinha. Precisava de qualquer pessoa junto de si. Mas resolveu ficar. Fazia-lhe mal a curiosidade felina da criada, devassando-a com o olhar, da cabeça aos pés, grosseiramente.

Espreitou á vidraça cerrada da janela. Viu só o candieiro da sala, reflectido como num espelho, e o seu vulto encolhido. Chegando-se mais, a cara quasi encostada ao vidro, considerou a treva exterior, onde vagamente branquejava o casarão do asilo visinho. Mais para além a vista esbarrava na sombra como nos flancos de negra montanha.

Apenas do lado da «Quinta das Sete Fontes» um pontinho luminoso brilhava, esmorecido, estrela entre-

vista atravez de nuvens. Êssa luzinha evocou-lhe o passado, os dias calmos de trabalho e felicidade no confôrto da sua casa pequenina, mas mais afastado, mais incerto na imaginação do que se seculos tivessem decorrido entre êsse periodo e o presente. Voltou a sentar-se á mesa, passou os olhos pelo jornal, insensivelmente. E despertou das suas cogitações intimas a lêr a «Necrologia», um estendal de mortos com os respectivos retratos, uma «morgue» literaria com tocheiros de adjectivos funerarios, onde os cadaveres se alinhavam nos seus trajes mundanos, no aspecto de sêres vivos olhando arrogantes ou sorridentes as incertezas do além. Passou a outra coluna, num movimento brusco. Aquilo afigurou-se-lhe outro máu pressagio. Já por mais duma vez se lembrára que morreria de parto, e êssa idêa agora definiu-se-lhe, vincada por coincidencia que a tornava verosimil. Sim, tudo podia ser . . .

No convento de Celas, ali a dois passos, a meia noite soou, num timbre fino de sineta de côro. Contou as horas, mentalmente. E logo, numa impaciencia:

— Meia noite! E êle ainda por lá! . . . — A criada já não cantava; de dentro vinha o ruido da vassoura no sobrado. A idêa da morte tornou a saltea-la. Se morresse, a mãe e Mariana perdoavam-lhe. Ela mesmo, se tivesse consciencia de que a morte se aproximava, mandaria suplicar-lhes que viessem dizer-lhe adeus, o ultimo adeus. E o seu filho? Toda ela estremeceu ao evocar o filho. Rodrigo casaria com a tal prima, e aí ficava o desgraçadinho entregue á madrasta, que o maltrataria, que o deixaria passar fome . . . Sem que podesse sustê-las, lagrimas quentes rolaram, duas a duas, na face contristada. Ficou por muito tempo perdida nas espirais de mal estar inexplicavel. E toda ela vibrou de alvorôço ao ouvir riscar um fosforo no fundo da escada. A porta da rua fechou-se com estrondo. E' Rodrigo, disse ela para comsigo. Correu ao seu encontro,

com o candieiro na mão, ansiosa, como se ha muito o não visse.

Beijaram-se. Ele perguntou, amoravel:

— Demorei-me muito, filha? — E antes que Beatriz respondesse: — Mas venho satisfeito. Consegui o que...

Percebeu-lhe os olhos congestionados. E inquieto:

— Que tiveste? Tu choraste, Beatriz . . .

Estavam já na salêta estreita e modesta. Ela emudeceu. Rodrigo, tomando-lhe o rôsto entre as mãos, observou-a com insistencia, repetiu:

— Não, has-de dizer . . . o que tiveste?

— Nada, não chorei, não . . .

— Choraste, sim, não queiras encobrir. O que tiveste?

— Não chorei . . .

— Beatriz, não negues! — Amoleceu muito a voz, suplicou: — Beatriz, dize, porque choraste?

Ela pendurou-se-lhe do pescoço, murmurou sensibilisada:

— Não foi nada, Rodrigo, crê. As minhas tolices do costume . . .

Rodrigo teve um gesto de esmorecimento, concluiu, desalentado:

— E' isto, não sou nada para ti! Não é nada para ti o nosso filho . . .

Beatriz, num impulso de sinceridade, abraçou-o com força, jurou, colando-lhe os labios ao pescoço, que êle era tudo para ela, para as suas esperanças, êle e o seu filhinho, a quem já queria muito . . . E repetiu:

— São as minhas tolices de sempre. Não repares. Bem sabes que sou muito tua amiga. Vá, faze as pazes comigo . . .

Estreitou-a tambem, ficaram por largo tempo cingidos num abraço de ternura, os labios unidos e fremen-tes de promessas.

A criada perguntou de fóra, se precisavam alguma coisa.

— Póde deitar-se... Bôa noite — disse Beatriz, desprendendo-se dos braços de Rodrigo. E pediu, muito curiosa, esquecido já o ligeiro incidente, que lhe explicasse porque vinha satisfeito.

— Ah! já me tinha passado... Estive com o Pedro. Um belissimo rapaz, coitado! E nosso amigo. Estava disposto a não me falar mais. Afinal abraçou-me, logo que entrei no quarto, meu amigo como sempre.

— E já foi a minha...?

— A tua casa? Ainda não. Mas vai informar-se. Prometeu vir cá ámanhã.

Um véu de tristeza nublou repentinamente o rôsto de Beatriz. E como êle a interrogasse sobre êssa tristeza inesperada:

— Olha, Rodrigo, tenho vergonha. Que queres? Custa-me o encontro com êle...

Rodrigo fez por lhe dissipar pueris escrupulos, que não deviam preocupa-la, principalmente quando se tratava de receber um amigo, um velho amigo. Além disso Pedro sabia já os seus planos de vida honesta, sabia porque se viram obrigados áquele «passo»...

— Pois tu disseste-lhe?...

— E então, não havia de dizer? Que tem isso, filha? Vem, vamos deitar-nos, falaremos ámanhã sobre o assunto, quando estiveres mais sossegada.

Levou-a pelo braço, com brandura. Mas na tarde imediata, ouvindo bater na escada, ao fim do jantar, levantou-se espavorida, fugiu para o quarto. Pedro entrou a mêdo, á voz de Rodrigo que o mandou subir. Arrepanhava-lhe a face um sorriso comprometido, e o seu busto vergava sob a capa de veterano, dum negro esverdeado, com cicatrizes mal serzidas. Rodrigo poz-lhe uma cadeira ao lado, disse á Maria que trouxesse mais uma chavena. E bradava, contente:

— Ora bravo! Até que emfim! Supunha que já não vinhas!...

— Não dava com a casa. Tive de perguntar aí a umas mulhersinhas . . .

Sentou-se. A Maria, muito magra, dum amarelo fuliginoso de folha murcha, os olhinhos de doninha reluzentes e encovados, servia delicadamente o café. E emquanto Rodrigo continuava em invectivas contra as suas demoras injustificaveis, ele relanceava a vista pela sala, á espreita de alguem. Depois contorceu-se, fez-se rubro, balbuciou palavras indistintas. Rodrigo ergueu a cabeça, inquiriu:

— O que disseste?

— Não, eu não disse nada — afirmou, atabalhoadamente.

— Pareceu-me . . . Toma o café. Queres «cognac?»

Pedro tartamudeou:

— Ah, o café! Sim, um calice . . .

Rodrigo estranhava-lhe os modos timidos, a linguagem confusa. Interpelou-o, numa vaga desconfiança:

— Que diabo . . . tu tens qualquer coisa que te incomoda. Dize lá, desabafa!

O outro decidiu-se:

— E' que me tinha esquecido perguntar por . . .

— Por Beatriz?

— Por Beatriz, sim . . .

Rodrigo riu, num rir largo e consolado. Desconhecia-lhe os acanhamentos, ignorava-lhe as fraquezas de animo. la chama-la, dizer-lhe que não demorasse.

Pedro bebia o café e o «cognac» aos golos alternados, lentamente, e sentia um secreto receio pelo encontro com Beatriz. Examinava os moveis, os pratos das paredes, a toalha da mesa, o centro de vidro fôsco que espalhava na sala a suavidade do arôma de rosas-chá, os guardanapos desdobrados, com manchas de vinho, um junto do prato de Rodrigo, o outro ao lado, em frente do prato que devia ser de Beatriz. Desejava uma casinha como aquela, com aquele confôrto

modesto, no aspecto risonho que inspirava confiança. Talvez a Palmira, no prazer de ninho assim confortavel, se tornasse a amante carinhosa dos primeiros mêses. Ouviu rumor atraz de si. Ergueu-se atarantado. Beatriz, seguida de Rodrigo, deu um passo hesitante na sala, os olhos esgazeados, o rôsto na palidez do pêrgaminho nôvo. Trazia blusa preta, às pregas soltas, que se lhe desdobravam perpendicularmente sobre o ventre. E mal lhe apertou a mão, silenciosa e demorada primeiro, logo se desarticulou em soluços. Rodrigo anteviu uma crise. Segurou-a pelos ombros, implorou:

— Beatriz, coragem! Vá, coragem!

Então rompeu em chôro surdo, entrecortado de estremeções. Rodrigo amparou-a, incitou-a a sossegar. Pedro, plantado em frente, mais atarantado, cofiava o bigode, os olhos humedecidos e enlutados de amargura. E como a crise ameaçava prolongar-se, Rodrigo sentou-a, fez sinal ao amigo para que retirasse, continuou:

— Beatriz, sossega, filha. Já se foi embora... Não volta, mas has-de sossegar...

Deu-lhe um copo de agua, disse á Maria que abrisse bem a janela, refrescou-lhe os temporais com borrifos leves. A' acção da agua e do ar fresco, que lhe fez esvoaçar os cabelos soltos, acalmou. Passou a mão gelada pela testa, ergueu as pupilas aguadas para Rodrigo, que lhe amparava a cabeça e repetia ainda:

— Já se foi embora... não volta...

E em voz calma, apenas ligeiramente magoada:

— Valha-me a Rainha Santa! Que scena! Que idêa irá fazer de mim o pobre rapaz! Se a Maria o alcançasse ainda!... Queria pedir-lhe desculpa...

Rodrigo fez um gesto mudo á criada, e alto mandou-a a toda a pressa, que fôsse chamar o senhor Pedro. Esforçava-se por lhe despertar a tranquilidade:

— Vê bem, Beatriz, se não podes, vem ámanhã... Sossega, sim?

— Estou sossegada, descança . . .

Poz-se de pé, deu um geito rapido ao cabelo, puxou preocupadamente a blusa para o ventre, que mal se deformara ainda. Pedro apareceu, a sorrir, muito encolhido na capa desdobrada. Cumprimentaram-se outra vez. Agora a face toda no brilho do afogueado vivo, ela concentrou energias, pediu-lhe desculpa.

— Pelo amor de Deus, desculpe . . . Que tolice a minha! Estes nervos . . .

— Oh senhora D. Beatriz — titubiou Pedro, escarlate. — Por quem é, senhora D. Beatriz . . .

— Senhora D. Beatriz! — comentou Rodrigo, trocista: — Que é isso, êssa diplomacia, êssa senhora Dona ? !

Daí a instantes achavam graça ás formulas ceremoniosas da atrapalhação de Pedro. Rodrigo, numa disposição feliz, aclamava-o o mais desastrado, o mais gaguejante e o mais atarantado dos filhos de Minerva em situações apertadas. Depois comentaram frivolidades, assuntos academicos, coisas da cidade, na intenção desvelada de a distraír. E davam dez horas quando Pedro retirou, prometendo informar-se logo que visse a Brigida do que havia pela rua dos Estudos. Rodrigo acompanhou-o até ao fundo da rua das Lapas, a capa pela cabeça. A' despedida instou-o a que não esquecesse a ida diaria á Couraça, por causa do correio, que lhe devia ser entregue a êle mesmo, só a êle — e repetiu, cauteloso — só a mim, com toda a reserva, hein ?

Pedro veiu mais cêdo do que na vespera. Iam jantar. Beatriz interpelou-o logo a respeito da mãe e da irmã. Não pudéra informar-se. Passára uma boa duzia de vezes na rua do «Cotovelo», com o cheiro na Brigida, mas em vão.

— Não desanimo... A'manhã vou procura-la ás dez, ás onze horas da noite.

— A's dez, em casa — disse Beatriz, resignada.

— Eu podia ter-lhe deixado recado por qualquer visinha. Receei despertar curiosidades, suposições...

— Fizeste bem... E' melhor ir pelo seguro — aprovou Rodrigo, servindo a sôpa. E insistiu, cheío de franqueza : — Janta comnosco. Ora, qual é o homem, principalmente o lidimo minhoto, que não tem estomago para dois jantares, pelo menos para dois ?

Recusou-se, invulneravel. Rodrigo poz-lhe em frente um calice de «cognac», e quiz saber o que ia por êssa «urbs», por êssa Universidade.

— Tudo na mesma. Os mesmos tôlos, as mesmas pretenções, os mesmos colarinhos a dar geitos de canudos de foguetes aos pescoços ornamentais.

— E o nosso prestimoso Alcides ?

— A chama ameaça subir-lhe á cabeleira e queimar-lha com os miólos. Trabalha agora um «episodio» dramatico, que vai ser levado á scena no nosso Principe Real, aplaudidissimo pela nossa academia.

Fez-se silencio. Pedro, para espertar o espirito abatido de Beatriz, disse que ia contar-lhes uma partida feliz, que atingira um magnifico caloiro, aluno de teologia, dos suburbios da «mansarda».

— Temos trupe, brutalidade...

— Nada disso, menino, vais ver.

Pôz-se a contar a partida feliz, dirigindo-se a Beatriz, sacudindo o interesse de Beatriz, a cada pormenor mais saliente, no desejo de a absorvêr, de lhe prender a atenção. O caloiro tinha «pêlo». Adoecera de «cabulite». Como a reitoria, no intuito previdente de evitar que a «cabulite» se convertesse em epidemia, costumava mandar um lente de medicina verificar o estado dos doentes, um dia, estando o caloiro á mêsa, anunciam-lhe o dr. Alipio de Sousa. Confusão, terror, fuga precipitada. Alipio de Sousa, barbaçudo, vai encontra-lo no quarto já enfiado entre a roupa. Manda-lhe aplicar sinapismos e

tintura de iodo. Depois, os companheiros de casa, excitam a furia duma velha da rua de S. Jeronimo, chamando-lhe dr. Alipio de Sousa. Quando o caloiro se dispõe a pedir o atestado ao medico universitario, para justificar as faltas, convencem-no de que ele mora na rua de S. Jeronimo. E nêsse mesmo dia assistem ao espectaculo estranho do teólogo fugindo rua fóra a velha atraz dêle a praguejar e a brandir uma vaçoura.

— Nem parece do reinado da semsaboria! — declarou Rodrigo, que sublinhara a gargalhadas as melhores passagens do episodio comico.

— Pobre rapaz...

— Só em casa, ao jantar, sob saraivadas de troça, êle soube que o doutor Alipio de Sousa, o espadaúdo, o que lhe puzera o peito em carne viva, era quintanista de medicina — e que o verdadeiro, franzino e loiro, morava na rua dos Grilos.

Discutiram outros episodios de Coimbra, a feição nova da vida academica. Tudo decaía na banalidade crassa das secretarias dos negocios da Fazenda. Se uma vez por acaso um insubmisso se declarava hostil á crósta de tédio que pesava sobre a melhor esperança do paiz— esperança com ares de desilusão — isso era tão raro, que nem chegava a constituir caracteristica.

A caracteristica do meio era a luva «pele de cão», a batina com tendencias de sobrecasaca, o colarinho de doze centimetros, o monoculo no olho, a pomada na melena. Com o aperitivo do «canelão» e da trupe desaparecera o que havia de superior na vida academica: a brutalidade e o espirito.

Pedro despediu-se mais cedo, para procurar a Brigida. E como na vespera, Rodrigo acompanhou-o. Apenas na rua, apossou-se-lhe do braço, inquiriu impaciente:

— Houve carta?

Pedro remexia o bolso interior da batina. Entregou-lhe uma carta, e disse sorridentemente:

— Os teus companheiros de casa sentiram-me, caíram sobre mim como corvos. Todos com curiosidade, queriam saber onde estás, o que fazes, mil coisas... O Temudo o mais curioso de todos... E' verdade, está radiante, publicou um folheto em verso. Os jornais chamam-lhe aprimorado escritor, elegem-no astro de primeira. E os versos são oiro em folha, cinzeladuras, e não sei quê mais, de ourivesaria. Muitos dêsses jornais não falaram no livro do Azevedo Lemos!... Uma bambochata!

— Mas que lhes disseste.. sim, o que disseste?

— Que estavas no Imperio do Sol, á sombra da grande muralha, lendo os cálculos filosoficos do Chi-An-Telin. E convenci-os a não dar á lingua, prometi-lhes que breve baixarias ao imperio terrestre.

— Pois claro, vou baixar... O pior é se não encontras a Brigida... A Beatriz, coitada, está cheia de impaciencia.

— Espera, ia informar-te. Já falei á Brigida. A D Isabel vai melhor. A Mariana é que não faz senão chorar as saudades da irmã. Custou-me falar-lhe nisto. E' melhor mesmo ocultar-lho. E olha, sabes? lembrei-me de aproveitar as saudades da Mariana a favor dum perdão. Talvez viésse a vossa casa

Rodrigo, como se falasse comsigo mesmo, murmurou:

— Magnifico! Mas não, não se consegue...

— Quem sabe? Não desanimes. Hei de empregar os esforços. Preciso dizer-lhe quando casais. Agora, meu amigo, não deves hesitar. Custa-me aludir ao assunto. Tu sabes melhor do que eu o que te convém. Mas compreendes, é preciso, para as acalmar...

Rodrigo não respondeu. Foram calados até á Cruz de Celas. Pedro saiu da sua mudez concentrada para lembrar que não fosse mais abaixo. Beatriz devia esperal-o. Então Rodrigo estacou, apertou-lhe a mão calorosamente, disse-lhe, enigmatico:

— Preciso muito de conversar contigo a sós. Vem amanhã mais cêdo. Jantas comigo. Vens?

— Venho.

— Logo a seguir ás aulas... Preciso imenso de te falar.

— E tu, quando vais ás aulas?

— Ainda não pensei nisso. Devo ir para a semana. Tenho faltas a dar, dou-as todas, A Beatriz queria que eu fôsse já na segunda-feira. Não me senti com coragem...

Entrou na salêta de trabalho, onde a luz do candieiro esmorecia, na resolução de contar a vida ao Pedro. Fechou-se por dentro. Leu a carta da mãe. Noticiava-lhe que o tio de Aveiro iria em breve a Almendra, onde passava o Natal. Prometera visital-o a êle em Coimbra. Referia-se á proxima colheita da azeitona, fechava com os beijos do costume.

A visita do tio de Aveiro aterrou-o. Era um incidente desastroso. Podia lançar por terra a felicidade escassa que começava a desfrutar. Precisava combinar com o Pedro os meios de afastar de si a ameaça do perigo.

Beatriz perguntou se ainda demorava. Escondeu a carta, abriu precipitadamente a porta, disse que se fechára por habito, estivera a dispôr uns papeis. E foram deitar-se, muito ternos, êle cingindo-a pela cintura, ela roçando-lhe a cabeça no peito.

Beatriz, já entre a roupa, fez o sinal da cruz com o dedinho minimo arrebitado. Depois escoou-se na frialdade dos lençois, chegou muito para êle, num arrepio, o seu lindo côrpo de curvas macias, aludindo á necessidade de principiar o enxoval. E como Rodrigo apagasse a luz, e lhe procurasse a rosa viva da bôca, ela titubeou, sumidamente:

— A maquina... tens-te esquecido da maquina...

Rodrigo, na salêta de estudo, prometia a Beatriz, sen-

tada no seu colo, o braço esquerdo em volta do pescoço, a cabeça encostada á cabeça dêle, o ir ás aulas na semana seguinte. Tinha faltas a dar, não lhe faziam diferença. Trabalhando depois um pouco mais, ligaria toda a veneranda doutrina dos jurisconsultos e dos legistas. Conversaram ainda a respeito do enxoval e da maquina. De vez em quando ela recaía na sua tristeza scismadôra. Rodrigo acudia, assustado :

— Que é isso, Beatriz ? Vá, anima-te. O Pedro não tarda aí, e traz noticías de tua casa... E verás, ele ha-de conseguir muito a nosso favôr...

— Coitadinha da mamã!... Como estará ela a esta hora ? E a Mariana ?

— Cala-te, falemos do nosso filho, do nosso futuro

A's duas horas e meia Pedro chamou-o da rua. Rodrigo deixou Beatriz na cadeira, correu á janela, e pediu-lhe que subisse.

— Supuz que a chuva não parava hoje. Miudinha, mas molhava. — E percebendo que Beatriz esperava, sofrega, as noticias prometidas :

— Lá estive com a mulher. A D. Isabel está melhor, A Mariana bem... E até me parece que se faz alguma coisa déla...

— O quê, diga?...

— Que se arranja a estabelecer a paz, que venha visital-os.

Beatriz teve um gesto esmorecido de descrença, murmurou :

— Era felicidade demasiada... Lá para diante... mais para diante .

Rodrigo interveiu, acusou-a de pessimista. Pedro, tendo considerado a necessidade de chamarem á benevolencia e ao perdão a alma compassiva de Mariana, sugeriu a idêa de Beatriz lhe escrever. Rodrigo concordou. E como ela achasse acertado o alvitre, resolveram que a carta fôsse escrita nêsse mesmo dia, afim de Pe-

dro a fazer chegar breve ao seu destino. Os dois iam dar um passeio até ao Penêdo da Meditação, e ela ficava a escrever.

Concordaram. Saíram. Nuvens baixas barravam o céo, lambiam a crista dos pinheiros bravos, lá ao longe.

Os seus passos amorteciam-se na lama do caminho, fechado entre muros de quintas. Pouco alem dum portão de ferro, encimado por velho brazão heraldico, encolheram-se contra o muro para dar passagem a carro de bois que se dirigia á cidade, pejado de sacos. Os bois, pachorrentos, de cabeça esticada sob a canga, escorregavam no chão viscoso. Um rapazito, com a carapuça negra enterrada até ás orelhas, e aguilhada ao ombro, seguia á frente a assobiar. As rodas salpicaram-lhes os pés, deixando no caminho dois sulcos paralelos.

— E' feliz este moço — asseverou Rodrigo, quebrando a mudez em que caminhavam. — Trabalha debaixo do sol e da chuva, os pés descalços, o corpo desagasalhado, mas não sente os tormentos de tantos que só por fóra parecem bem acomodados na vida. Gosa a felicidade dos simples.

— E ás vezes êssa felicidade está na nossa imaginação... Quem adivinha lá o que êles sentem!...

Recaíram no silencio. Ouvia-se o assobio melancolico do rapaz a perder-se na distancia. Uma nesga de céo, da pureza imaculada de pupila de criança, entalhou-se nos recortes movediços das nuvens, clareou a perspectiva escurecida.

Rodrigo não atinava com o meio de abordar a sua historia, tomado dos seus perpetuos receios, suspeitando que Pedro lhe não perdoasse o segredo por tanto tempo guardado e a impossibilidade de sanar o mal que fizera. Sempre impulsivo, a decisão surgiu por fim, brusca e rasgada. Achegou-se muito do amigo, entrou

a falar do pai, dedicadissimo, mas autoritario nas suas ordens, a que impunha o caracter imperativo de leís. Do autoritarismo inflexível do pai seguiu para a sua inexperiencia em questões de amor, em problemas de coração. Um dia, seu pai, sem procurar saber se lhe abria as portas da felicidade, se o sepultava no inferno, ordenára-lhe um sacrificio...

A decisão encolheu-se, enrodilhou-se-lhe na alma de fraco, á maneira de pelicula posta ao calor duma chama. De maneira que, as ultimas palavras pronunciou-as abafadas como se pretendesse evitar que fossem ouvidas Fez uma pausa, simulando o escorregar de pé na ladeira pedregosa que desemboca na plataforma do «Penedo da Meditação». Pedro fitou o céu côr da lama em que os seus pés chapinhavam. Pensou na chuva, que podia desabar num instante. E não tinham ali um refugio, um abrigo.

O ar humido repassava-lhe o pano coçado da batina. Envolveu-se na capa. E ao chegar á borda do precipicio, franjado pelas arestas negras do penedo, que semelhavam blócos de ferro fundido entre folhagens, olhou a profundidade, observou baixo:

— Esplendido! E torna-se mais tocante nêste tom duvidoso de luz...

Rodrigo não lhe respondeu, imovel no rebôrdo da penha agreste cortada verticalmente sobre o vale estreito e verdejante. Parecia distraído, a ouvir um canto que vinha de baixo, mais lento do que o tagarelar placido do regato que por entre canas e oliveiras refresca as hortas do sitio.

Essa voz de cavador, cavando o seu torrão, repercutia-se na quebrada fronteira, revestida da gravidade austera dum pinhal, estendia-se pelo vale apertado e longo, e tornava-se triste e comovida como se viesse impregnada da tristeza da paisagem, como se fôsse o soluçar da terra rasgada pela enxada, revivendo

a dôr laboriosa dos que sofreram sobre os seus misterios, de todos os que activaram os seus estremecimentos genesicos para a colheita do pão e da vida. Sentiu o desejo de se deixar caír, e de se esquecer para sempre, na suavidade resignada dêssa terra humilde e prodigiosa, das suas mentiras, das suas opressões. Reagiu contra o desejo — Beatriz pensaria a êssa hora no enxoval, no berço que muito breve teriam de proteger, por um esforço conjugado, feito de todas as suas energias e aspirações.

Pedro continuou, embevecido:

— Ha um fundo estranho de melancolia em toda a paisagem de Coimbra. Chega a gente a pensar que isto, tudo isto, arvores, relva, a propria luz, sente a saudade dos que se foram, dos que eram novos e envelheceram, e morreram.

Rodrigo então ergueu a voz, emocionado:

— Quem me dera a disposição de espirito do primeiro dia em que vim aqui!

— Eras caloiro?

— Era caloiro. Vim com o Temudo, com o Pizarro... ah, não .. com o Pizarro não, com o Carneiro e o Alves. Tinhamos bebido em Celas uns calices de vinho do Porto. O Temudo e o Alves ficaram um pouco «tórtos». Deitaram-se no chão, sobre a capa, onde tu estás agora. O Temudo suplicou-nos silencio para escutar as meditações do Penêdo. Nós riamos. Ele então rompeu num pranto desfeito, abraçado ao Alves, que lhe jurava um amor sem fim. E dizia, entre soluços, «que tinha prometido á namorada um pouco das meditações do Penêdo», mas que estava surdo, que lhas não ouvia...

Duas gotas de agua bateram no rosto de Pedro. Estendeu a mão no ar frio, considerou o céu baixo e tôrvo. E travando do braço de Rodrigo:

— Embora, temos chuva...

Ao desembocarem no caminho das «Sete Fontes» a chuva miuda e serena punha vibrações friorentas na folhagem prateada das oliveiras. Pedro deitou a capa pela cabeça.

E como Rodrigo retomasse a sua mudez taciturna, interpelou-o:

— Afinal, ha pouco, vinhas a falar dum sacrifício... do autoritarismo de teu pai, e nem disseste a que proposito abordaste êssa coisa.

Não podia manter-se em reserva. De resto, precisava traçar a orientação definitiva da sua vida, começar a mostrar-se verdadeíro, sem refolhos escusos. E foi na placidez de voz que o fez pensar em alto destíno, conquistado pela serenidade fria dos fortes, que desabafou:

— Olha, Pedro — parou, fitou-o de frente preciso de te falar com franqueza. . Lembras-te de te afirmarem, no ano passado, que eu era casado? Lembras-te? Pois é verdade. Sou casado... Não brinco. Ouve, sou casado... Não to disse quando devia, que queres? Não foi por falta de confiança, juro-to sob palavra de honra. Juro-to! Não foi... Eu sou casado... Foi uma fatalidade, uma grande fatalidade...

O outro, que o supuzera a gracejar, que se ríra da declaração ás primeiras palavras, foi-se tornando pouco a pouco triste, como luz que se apaga á falta de combustivel, até ficar na tenebrosa mudez do assombro. Puzeram-se em marcha, devagar, cada vez mais devagar, como se a gravidade da revelação lhes pesasse, lhes dificultasse o passo. A chuva cessára. Pedro tirou a capa da cabeça.

E quando Rodrigo, intrigado pelo seu silencio, deixou entrevêr, agora com tremuras na voz, a suspeita de que ele lhe não perdoaria, Pedro, numa funda vibração de sinceridade, parou de novo, envolveu-o no seu olhar leal e amigo:

— Ofendes-me! Não sei o que te hei-de dizer, e aí está tudo... Lamento-vos, a ti, a ela, coitadinha...

Rodrigo agradeceu-lhe de lagrimas nos olhos. Continuaram a andar.

— E juro-to, Pedro, acredita-me, Pedro, não te falei em que era casado, nos primeiros tempos por sistema. Tinha resolvido não falar na mulher de quem estou separado ha três anos... Depois... olha, depois a fatalidade... sempre o receio... o receio proveniente talvez do amor que começava a dominar-me... E tinha evitado tudo isto...

— Sim, tinhas evitado...

Contou-lhe então os seus martirios na companhia da mulher, os histerimos dela, as probabilidades da morte proxima, avultando-as de exageros propositados. Tinham sido êssas probabilidades, por vezes com caracter de quasí certeza, que concorreram para o ligar a Beatriz.

Em frente surgiu-lhes uma camponeza, robusta e córada, a saia puxada ao ventre por uma faixa, sobre a faixa o avental em ventarola, deixando ver um pouco da nudez sanguinea da perna. Levava um cesto de verga á cabeça, as saías curtas bamboleavam ao sabor do passo ligeiro. Rodrigo calou-se. Ela passou, lançando o seu cumprimento de canto e melodia:

— Deus lhes dê boas tardes...

Pedro fitou-a com avidez, olhou depois para traz, a admirar-lhe a opulencia ondeante. O tempo estiára. Uma aragem leve começava a encrespar as ramagens humedecidas.

Rodrigo voltára ao seu caso. Descrevia-lhe o namoro com Breatriz, os esforços empregados para lhe resistir. Nisto veem aparecer o Castro, inesperado, numa curva do caminho, a ofegar do cansaço. Não poderam esquivar-se ao cumprimento. Ele regougou um «oh!» de surpreza em frente de Rodrigo, atirou o vozeirão:

— Tu!... Tu, o Rodrigo Mascarenhas! Supunha-te na Palestina, entre sicomoros.

E como êles se limitassem a apertar-lhe a mão, reservados:

— Não vistes uma pequena, forte, com uma cesta à cabeça?

— Vai aí adiante...

Despediu-se, desejou muitas felicidades a Rodrigo — e muitos meninos. E já um pouco afastado, chamou o Pedro, tornou a tràs, intimou-o a comparecer no Julião, na noite seguinte.

— E' para uma ceia em honra do Alcides, por causa da «peça». E' ceia decente, não mete mulheres. Has-de ir, ouviste? Temos lá o Chico, o Lemos, o Campos, o Lebre. Leva a guitarra. Vai tambem o Virgilio... Esperamos-te. — E dirigindo-se a Rodrigo: — Adeus, Rodrigo, vou com pressa. A ti não te convido, estás encravado...

E seguiu, quasi a correr, no encalço da rapariga sadia e peneirada.

Pedro retirou para a cidade ás dez horas, levando a carta que prometera entregar pessoalmente a Mariana. Uma secreta dôr remordia-o, insistente, pela situação de Beatriz, pelo labirinto de dificuldades em que Rodrigo se perdera. A não se dar a hipotese da morte da mulher, não vía probabilidade de que êle se furtasse ás consequencias da sua loucura. E pareceu-lhe que lhe queria agora mais, muito mais do que nunca, ao vêl-o entregue aos acasos da desventura. Sentia-se indisposto para divertímentos. Ia á ceia instado pelo Rodrigo. Rodrigo teimára, queria conhecer os pormenores do grande festim intelectual — cedia aos desejos do amigo.

XI

Pedro levantou-se a custo, espreguiçando-se, bocejando, cauteloso, para não acordar a Palmira que dormia e ressonava. Tinha aula ás oito horas e um quarto. A «cabra», lá ao alto, vibrava as ultimas badaladas no sílencio da manhã. Não estudára a lição, esgotára já as dispensas e tinha necessidade de reservar algumas para mais tarde. Pediria dispensa «por bôca». Ao dobrar a porta da rua, muito embuçado na capa, notou com agradavel surprêsa que o céo, limpo de nuvens, despertára num azul transparente de quebra-luz de seda.

No atrio da Universidade encontrou-se com o Virgilio Reis, seu antigo companheiro de guitarradas, alto e esguio como choupo, o bigode negro arrebitado á «Kaiser». Trazia a capa meio enrolada ao pescoço, movia-se em atitudes encolhidas e friorentas. Estendeu-lhe a mão enluvada em «pele de cão». Depois esboçou um gesto de enfado, observou, sonolento, anazalado:

— A' «brocha», meu amigo, á «brochissima!» E' um horror êste frio... — Dobrou o vulto esguio, aconchegou a capa, e piscando um pouco os olhos dum negro sensual: — E a respeito de lição... nada. Enorme,

uma brutalidade de lição ! Tive serenata até ás duas. Deixei o candieiro acêso para iludir o visinho, o lente .. e estás a vêr... um grande brodio...

— A vigessima conquista?...

Separaram-se nos «geraes», a essa hora apenas ocupados pelo seu curso. Da torre caiu um quarto de hora. Um archeiro abriu a porta da aula. E um lente atravessou por entre os rapazes, a capa traçada á apostolo, indo perfilar-se á porta escancarada. O curso começou a entrar, em vénias rapidas, sob a rigidez grave do mestre. Estudantes ronceiros entregavam-lhe os cartões, metiam «a sua farpa». Pedro, encostado a uma coluna, esperava a entrada do curso para solicitar díspensa verbal. Quando o bedél se acercou, com o livro das faltas na mão, com o punhal a tiracolo meio resguardado pela capa curta, êle adiantou-se, dobrou a espinha, um cumprimento ceremonioso, e amolecendo a palavra implorativa, queixou-se duma «dôr de dentes, que o não deixára estudar».

O lente desceu o sobrôlho. Pedro anteviu negativa formal, que o forçaria a faltar ou a arrostar com a chamada, desprovido do recheio da sebenta. Apelou para a energia retraída. Falou confusamente num atestado medico, para provar, se S. Ex.ª o exigisse... E calou-se, rubro, à espera da resposta. O lente cerrou as palpebras, em sinal de assentimento.

Entrou na sala vexado, sob o olhar curioso e sorridente dos condiscipulos, que lhe perguntavam, em surdina :

— Então ?

Pedro atirou-se para o logar, humilhado, num desapontamento. E no instante em que o «bedel» escolhia a «bola» no fundo da saquinha vermelha de veludo, apesar de isento da chamada, confrangeu-se, o coração bateu-lhe desordenadamente no silencio que pesou sobre a sala.

A' saída correu atrás do Virgilio Reis, recomendou-lhe que não esquecesse a viola. Tambem ia á ceia do Alcides e levava a guitarra.

Deitou para a rua dos Estudos, no intuito de entregar a carta a Mariana.

Na rua dos Estudos achou mais pratico manda-la pela Brigida, na previsão de temporal, se subisse. Foi ao Cotovêlo, pediu a uma filha da servente que prevenisse a mãe de que a procurava ás quatro horas. E como era cêdo, dirigiu-se á rua Larga, penetrou no «José Maria». Um oficial do exercito falava do *Teatro Academico*, com exuberancia de gésto e de palavra. Um grupo de estudantes, sentados a duas mesas de marmore, ouvia-o sem pestanejar. Um rapaz imberbe, por traz do balcão atulhado de garrafas, cabeceava de sono. E o José Maria, pequenino, saltitante, jogava o bilhar com estudante morêno e forte.

Pedro, impaciente, poz-se a passear no cais fronteiro. A's quatro horas seguiu em cata da Brigida. Ainda não estava. Deu uma volta pela rua de S. Jeronimo. E quando tornou a casa da servente, encontrou-a a jantar, e os filhos em redôr. Prometeu-lhe bôa gorgeta se entregasse a carta a Mariana sem que D. Isabel soubesse. Informou-se do que se passára nos ultimos dias. Foi jantar, e ás cinco e meia largou para Celas.

Regressou ás dez horas. A ceia começava ás dez e meia. Recordou-se de que prometêra levar a guitarra — e adiantou o passo, meteu para a «mansarda».

Encontrou a Palmira, que não o esperava, penteada de fresco, rescendendo a «Violeta», a apertar a saia branca e lustrosa. Ficou agitada, mas correu para êle, enlaçou-o num abraço voluptuoso e felino, segredou num tom firme de sinceridade:

— Queria fazer-te surprêsa... Mas, vieste antes do tempo .. Para vêr se me não conhecias, quando chegasses...

Pedro, que tivera um rebate de desconfiança, submeteu-se ao calôr aveludado dos seus braços. Beijou-a na bôca, fez-lhe cocegas na orelha. Ela estremeceu toda, rindo nervosamente. Ainda arriscou a pergunta :

— Já não ha ceia?.. — E como Pedro saísse e dissesse que sim, e que lhe ia esquecendo a guitarra, ao cimo da escada suplicou, amorosa :

— Não vens tarde? Ora, só ás duas . . Custa-me tanto estar sósinha !...

No Julião aguardava-se a sua chegada para a ceia literaria. Acolheu-o um forte brado, que estrugiu por toda a casa, desde o bilhar modesto, com os seus quadros de caçadas de ursos sobre neves eternas, á cosinha acanhada em que a sertã chiava monotonamente. O Lebre ergueu-se, de copo na mão :

— A' ultima reliquia da boémia coimbrã !

— A' reliquia !...

Ele agradeceu. Estabeleceu-se silencio de respeito no gabinete reservado, em que a ceia se celebrava, quando Alcides, de pé ao alto da mêsa, bradou :

Calem-se ! Perdão, senhores ! Ouçam... — e ao requere-lo, os seus colarinhos de fustão branco, de pontas agudas sobre o peito, no gôsto arqueologico dos «bacalhaus» medievais, palpitavam brandamente.

Feito silencio o Chico de Lencastre pôde afirmar, em copioso gesto de dêdos e braços, que a musica era a «expressão harmonica de todo o sentimento humano».

Pedro examinava a parede, por trás do Alcides — e viu a cima do vulto dêle, encobrindo garatujas a lapis, figuras e palavras obscenas, o nome do poeta, a letras de hera. Mais abaixo, abraçado nos caprichos dum galhardete de verdura, o titulo da peça festejada — «Visionario». E em redôr do nome do poeta e do titulo da peça verdejavam titulos de contos, escorriam titulos de poesias dispersas, arrastava-se, aranha de pernas de

louro, a evocação do «Poema em braza». Sobre a toalha manchada de vinho alinhavam-se guardanapos alegoricos, «menùs» com a efigie do Alcides entre palmas e liras. Os guardanapos eram largas tiras de papel de sêda, rendilhadas de arabescos, enobrecidas com versos do «Visionario».

O Chico terminou, e o Alcides, majestoso, deu-se a confiar ao Castro e ao Lemos as suas ideias rejuvenescedoras sobre arte dramatica.

Um criado barbeado e de sobrecasaca iniciou o serviço. Estalaram protestos contra a sobrecasaca. Era burguez e pelintra. Devia trazer um manto de purpura, lira e corôa de louros. Queriam gozar a impressão de que eram servidos pelo divino Apolo, nos misterios do Olimpo. Porque, embora fôsse um Apolo troglodita, sempre teria aparencias de deus. O criado sorria, com a enorme travessa de barro vidrado cogulada de iscas de figado «á Lebre» — segundo indicação do «menú» — que ia passando para os pratos asperos, de ramagens azues. Canecas de vinho, vastas como jarros, esvasiavam-se para largos copos embaciados.

O Alcides, mastigando, deu-se então a discorrer ácerca da peça, do «Visionario».

— Não será uma peça por aí além, nem eu lhe quiz dar intuito sociologico. Foi apenas um ensaio, com o fim de apanhar o segredo da scena. Sincera e honesta é que é!

— Honesta, sim senhor — aplaudiu o Castro. — E toda a gente gostou... as mulheres estavam doidinhas...

Sobranceiro, Alcides alisou a bambinela lustrosa da testa, puxou o pígarro, cuspinhou para o lado. E no vidro do monoculo reflectiu-se, dardejante, o luzir do seu olho tenebroso e a côr transparente de rubi do vinho que espumava.

— Mas êsses sujeitos que criticam, êssas bestas,

hão-de vêr o que é peça... peça de tése, peça de intuito.. Eles hão-de vêr!

E como o Lemos, que se distraíra em discussão com o Campos, declarasse que o romance moderno, com o seu aspecto de inventario frio de factos e modalidades psiquicas, tinha um fundo amplo e socialmente moralisador, interrompeu o mastigar, brandiu o garfo, afirmou decisivo:

— Lá de moralisador, virgula... Quem me quizer moralisar não me dá a ler o «Primo Bazilio», ora o «gajo!»...

— O «Primo Bazilio», o adulterio, as scenas do Paraiso! — considerou o Campos, ponderoso.

— Justamente, o «Primo Bazilio» — avançou Lemos, sorrindo e limpando as barbas aos versos do guardanapo. — Mostra o adulterio, os prazeres do adulterio, no intuito sadio de estabelecer o confronto entre o prazer passageiro do amor ilegal e as dores de que ele é por vezes o veículo. O fim tragico de Luiza, os terrores continuos de Luiza depois do crime, a humilhação de Luiza perante a criada na posse do seu segredo, todo esse fundo lumínoso e dramatico em que a dôr lateja e se roja, são a maior das lições contra o adulterio. Eu entendo que todo o homem, no dia do seu casamento, entre as prendas da noiva devia insinuar um exemplar do «Primo Bazilio»...

Houve em roda um rumor de troça. Apenas a voz do Lebre e a do Reis aplaudiram, timidas no ambiente hostil. E como a discussão serenasse, o Chico asseverou, olhando por cima da luneta:

O José! Se te ouvisse, ó Lemos, êsse é que gostava...

— O José?! — interpelaram do lado. E o Lemos, sem perceber:

Qual José?...

— O José Maria, meninos, o autor da «Reliquia»,

do «Primo Bazilio»... Eu não lhe chamava senão José, o meu José... — Os outros riam e exaltavam as familiaridades do Chico com o seu José. Ele explicou, a ageitar a lunêta: — O Eça era ainda meu primo, por parte duma prima que lhe casou lá na familia .. Que ele não tinha disto — indicou as veias tumidas do pulso magro e cabeludo — deste «sanguinho» azul, que vem lá dos velhos, dos Castros, dos Pereiras, dos de Aljubarrota. E como era primo, davamo-nos, tratavamo-nos por meu Chico cá, meu José lá... Olhai, meninos, foi até com o José que em Paris dei alimentinho de consolo a esta alma... E êle, apenas me via, na minha sobrecasaca pinhão, era logo a rir — o Chico ria, num rir gargarejado que lhe punha os dentes a descoberto — e a celebrar o descendente famoso dos descobridores da India e conquistadores de Ormuz. — E eu era logo, muito sério: «Viva il forte! Viva il grande!»

O criado vinha servir novo prato, que o Castro e o Lebre saudaram estrepitosamente, desfraldando o «menu» ilustrado: salada de bacalhau á «Alcides» — um mimo que o Castro lhe preparára por surpresa, segundo receita culinaria famosa na sua provincia.

A discussão ácerca do romance continuava, viva e tempestuosa. Mas o Chico, que não acabára, dizia para o Alcides:

— E quando ele veiu da Palestina, trouxe-nos recordações: a mim deu-me um amorsinho duma recordação que trago sempre aqui, dia e noite — apontou o peito, meneou languidamente a cabeça, contorceu-se, piscou e arregalou o ôlho bugalhudo sob a lunêta. E prosseguiu, na sua voz mais terna: — Eu desconfio que é um pedacinho do cueiro do «Menino...». A prima Menezes... conhecem a prima Menezes? Ah, não conhecem! Pois queria-o, mas eu, crédo, não dava a reliquiasinha!... Que a prima Menezes até lhe re-

zava. E' muita devota. Piedosa como aquilo nem ha... Ninguem faz Mês-de-Maria como o dela, em Lisboa. Tambem, sem modestia, deve-o um pouco — fez uma pausa, pôz o dedo na garganta, concluiu: — deve-o cá ao orgão... que no orgão ninguem me bate ..

O Alcides corroborou a excelencia do orgão intangivel, e cuspinhou, entalando o monoculo.

— Caspité, é a quarta vez, cuidado! — rugiu o Virgilio, dirigindo-se ao Alcides.

— Mas o quê, o quê?!

— O quê?!... Já é a quarta vez que me cuspinhas na capa, tem paciencia!

O incidente foi logo abafado pelos gritos do Lemos, que exclamava, soerguido no banco:

— Escuta-me, pelo amor de Deus!... Ouve-me, Campos! Espera!... Bem, assim... Não é só condenar, citar passagens, escuta-me!

O outro, esfalfado de argumentar, numa côr rubra de ferro ao fogo, limpou os labios ao guardanapo, escutou-o.

— Queres então que o escritor moderno escreva á Manüel Bernardes, á João de Barros? De modo algum... Tudo muda, tudo evoluciona...

— Silencio, silencio! — intimou o Castro, batendo as palmas. — O Alcides vai recitar um trecho do «Visionario».

O criado mudava os pratos para servir o camarão á «Castro». Fizeram-lhe um «schiu!»... intimativo. E emquanto o Alcides, de pé, o braço descrevendo curvas largas, no encalço do vôo largo dos versos, garganteava rimas num timbre rico de vate fidalgo da Meia-Idade, o criado, suspenso, com um prato na mão, olhava embasbacado aquele sermão alexandrino.

Uma salva de palmas cobriu o ultimo verso, quasi soluçado pelo poeta. E o vinho celebrou, com calor, a exuberancia do estro excelente.

— Soberbo! – rouquejou o Castro.

— Artistico, tem arte — concedeu o Lebre.

E o Lemos, complacente:

— Acho artistico. Sim... tem arte...

Então o Virgilio ergueu a voz solene, em cadencias metrificadas, num brinde ao festejado:

— Não sublimo qualidades. A alma é nobre, o verso é rijo... O «Visionario» o seu escudo. Eu brindo ao poeta do «Visionario!»

— Hurrah! Hurrah pelo poeta do «Visionario!».

Os copos chocaram-se tilintando. Houve apertos de mão. Derramaram-se olhares generosos.

Os espiritos exaltavam-se. Pedro largou a discutir politica com o Castro. O Castro queria mais do que socialismo, queria anarquismo, a felicidade perfeita, os homens despidos de egoismos, sem leis e sem governos, confraternisando como ideias homogeneas nas paginas dum livro. Pedro achava impossivel, e vociferava, no ruido confuso:

— Homens sem egoismo? Era o mesmo que tirar o carvão a uma maquina... não ouves? era tirar-nos a fôrça motríz dos bons e maus impulsos... Só homens protozoarios... E êsses mesmo teriam egoismo...

— Bravo, estás a falar bem — notou o Lemos. E erguendo-se, de copo em riste: — Honra a Báco, o inspirador de sabios, poetas e boemios!

Um grito atroador respondeu ao brado do Lemos. O Lebre, meio oscilante, o monoculo a tilintar num botão do colete, pediu tambem um brinde, «na forma bizarra em que os galanteadores gentis dos velhos castelos senhoriais ofereciam uma rosa á palida mulher dos seus amores. O seu brinde, com a galhardia vermelha da flôr do amaranto, era para as mulheres de Coimbra, para as bonitas e para as feias». E terminou, tirando da voz tonalidades de afagar:

— A's mulheres de Coimbra, ás lindas e ás feias!

Beberam ás mulheres de Coimbra, ás lindas e ás feias — excépto o Lemos, que conferia ás feias a sua compadecida simpatia, mas não erguia por elas a taça das libações. O Virgilio Reis declarou que não havia mulheres feias. Toda a mulher namorava pelo menos uma vez na vida — e era bonita nêsse instante pelo menos. Alem disso, que procurassem nos milhões de volumes dos milhões de poetas de todos os tempos uma mulher feia — mais facil seria encontrar um diamante negro nas areias do Mondêgo. E se percorressem um a um os albuns galantes e os leques perfumados, em que o pensamento amoroso cristalisa em madrigais, não veriam senão olhos mais belos do que o apontar das auroras, bôcas mais frescas do que as odes bucolicas..

— E' um paradoxo, é um paradoxo — sentenciou Alcides, perdida a linha rigida de Deus recebendo o culto dos homens. O Pedro e o Chico concordaram no paradoxo. Mas o Silva Campos, que antes atirava murros sobre a mêsa e explicava ao Castro, boquiaberto, a evolução do direito «das gentes» no seio barbaro dos ostrogodos, pousou o garfo, apertou generosamente a mão do Virgilio, declarou:

— Disseste uma grande verdade; não é tal paradoxo!...

— Sim, foi por dizer... — corrigíu o Chico, convencido. O proprio Alcides se mostrou abatido, em face do verbo do urso que se pronunciára.

— O que não é paradoxo, é a linha farta e soberba da Laura Pedroso! — clamou o Lemos. — Eu bebo á Laura Pedroso, e ao seu ar majestoso de deusa passeando sobre estrelas!

O Virgilio não gostava da Laura Pedroso. O seu fraco era pelas mulheres franzinas, da leveza eterea de santas de painel, como as mulheres de Lamartine.

Servia-se a sobremêsa, em que havia um «puding»

de pão «á Lemos», quando o Castro se ergueu, apoplético, rugindo, partindo o copo sobre a mêsa:

— Mas eu quero a sociedade anarquista, e aí está! Cantemos a «Internacional!» Viva a anarquia! E um brinde ao Alcides!.. — Encarou o Alcides, a bambolear: — A ti, amigo, a ti, talento, a primeira coluna do zimborio da literatura academica!

Mais brados, mais palmas á coluna do zimborio.

A confusão estabeleceu-se, cheia de apostrofes declamatorias, de gritos de revolta, de confissões de amor e prantos enternecidos. O Pedro já beijava o Chico, já lhe chamava languidamente a sua Palmirinha. Então o Chico esfalfou-se, a intimar silencio, para ensaiar um «orfeon». E quando atirava a voz gritante em notas agudas de clarim, o Lemos pediu serenata. Levantaram-se para a retirada. O Castro arrancou da parede o galhardete que envolvia o nome da peça festejada e enterrou-o na cabeça brilhante do Alcides, em ar de corôa de louros. Mas o Lebre, que antes chorava e suplicava ao Chico um «pas-de-quatre» sobre a mesa, ficára-se a ressonar, de monoculo a luzir na toalha, e um braço estendido entre copos gordurosos e nuvens de vinho. Foi o Lemos quem o acordou, amparando-o até á Praça-Velha. Ainda recitou um soneto aos mil lumes que brilhavam no espaço estreito dum candieiro. E o Virgilio, ao acabar a afinação da viola, em oscilações de pendulo, deixou-se caír num banco, declarou «inegualavel o prazer de amar e de cantar fados á guitarra!»

Beatriz, sentada na cadeira baixa, na sala de jantar, alinhavava uma camisinha de bretanha. Rodrigo saíra na vespera á noite e trouxera-lhe os primeiros preparativos para o enxoval, contratando a maquina a prestações. A criada punha a mesa, cantarolava em surdina. E de fóra, com a doçura da paisagem, vinha a

inefavel suavidade da tarde branda de inverno. Rodrigo, que estivera durante uma hora a dispôr livros e a coordenar lições, resolvido a integrar-se na vida activa dos que trabalham, entrou vagaroso, foi sentar-se junto déla, todo possuido de fé na felicidade e na paz que começavam a acaricia-lo e que julgára perdidas.

— Estás satisfeita?

Ela sorriu amoravelmente, deu um geito a uma prega da camisa, asseverou, numa ternura indolente:

— Muito... O pior é se a mamã desconfia da vinda da Mariana...

— Não desconfia. O Pedro arranjou as coisas bem. Não foi lá para evitar suspeitas, de maneira que tua mãe acreditou na ida a casa das tais amigas, por causa do bordado...

— Muito amigas, não ha duvida...

— Vá, deixa-te disso. Que importa que as mulherzinhas voltassem ou não a tua casa?

— Da «côxa» não admiro eu que falasse... Sempre tive aversão áquela mulher.

Rodrigo tratou de lhe desviar do espirito lembranças que pudessem escurecer-lho. Era ainda com magua que reproduzia intimamente a scena da entrada de Mariana na sala, depois de almoço. Chegára a convencer-se de que Beatriz tinha morrido, na violencia da crise provocáda. Felizmente não passára dum desmaio, no momento agudo caracterisado por insensibilidade quasi comatosa, mas dissipado, com a devida prudencia, pelo ar fresco e uns burrifos de agua. De maneira que fez derivar a sua atenção para o enxoval, inquiriu se estava contente com a maquina.

— E' muito leve, nem se sente trabalhar..

A Maria tinha acabado de pôr a mesa, e fez saber que o jantar estava pronto.

— Vá para dentro — disse Rodrigo. — Quando qui-

zermos, eu chamo. — Ajoelhou junto dêla, numa satisfação festiva que lhe dava anseios de a beijar muito, de a envolver em caricias, de a apertar contra o seu corpo. Beatriz abandonava-se-lhe ás ternuras, beijava-lhe agradecidamente as mãos que lhe afagavam a face e o negro lustroso dos cabêlos. Depois compoz-lhe o bigode farto, dum loiro carregado, muito feliz, muito enervada. E quando Rodrigo, beijando-a nos labios, quís aperta-la a si, ela furtou-se ao abraço, relanceu o olhar para o ventre, murmurou:

— Rodrigo!. .

Compreendeu-a. Riu da sua loucura arrebatada, pozse de pé, perguntou-lhe se queria jantar.

— Pois sim... Hoje tenho mesmo apetite.

— E eu estou até capaz de te devorar, a ti propria! — Chamou a criada, que trouxesse o jantar, foi ajuda-la a levantar-se. Estendeu-lhe as mãos, simulou um grande esforço: — U-upa!..

Beatriz, ao arrumar a costura, ergueu na ponta dos dêdos, com a delicadeza religiosa do padre erguendo a hostia no altar, a bretanha leve em que pregára já um entremeio de linho. E mostrou-a a Rodrigo, num transporte feliz:

— Vês? uma das camisinhas...

Foi como se o proprio filho lhe surgisse, envolto na maciêsa da bretanha, os braços róseos aos refêgos, as mãosinhas papudas esboçando gestos inconscientes. Pegou néla, levou-a á altura dos olhos, embevecidos, a elogiar-lha com subtilezas de entendido — pela elegancia do córte, pela regularidade das prégas, pela combinação artistica dos entremeios. E com as pupilas humedecidas, comovido e satisfeito, desejou que o filho aquecesse já, com a sua carnesinha virginal, a doçura daquele tecido.

Pousou-a com devoção sobre a maquina. E Beatriz, amimada:

— Não tarda muito... Daqui a pouco já o vemos a gatinhar atraz de nós: «papá, mamã...»

Entraram no quarto para lavar as mãos. A' mêsa, servida a sôpa, Rodrigo preguntou:

— E se fôsse um rapaz, ó Beatriz?...

— Quem sabe... Mas se fôsse menina, não lhe queria menos...

— Claro, era a mesma coisa para o nosso afecto... Agora eu gostava mais dum rapaz... Não dá tantas preocupações pelo futuro, que é menos contingente...

— A's vezes...

Calaram-se, ela tomando a sôpa de vagar, com os olhos distraídos na borda do prato, êle a olhar a janela, por onde a lua entrava esmorecida. E ambos seguiam as linhas quimericas dum sonho ocupado pelo filho, que tão depressa entrava na vida rudimentar dos recemnascidos, logo lhe aparecia robusto e formoso, alegrando e orgulhando os ultimos dias que o destino lhes marcasse.

Foi Beatriz que interrompeu o mutismo em que caíram, para afirmar, condoída:

— Veiu-me agora á ideia o que a Mariana disse da mamã. Como ela tem sofrido, coitadinha... E desconfio bem de que a Mariana não é capaz de conseguir o perdão.

— A tua irmã é uma santa rapariga. E não parecia, com aquele feitio de trocista, de arreliadora...

— E' mesmo uma santa e... E muito minha amiga. Coitada, como deixou logo o namôro para acalmar a mamã!...

Uma lagrima rebrilhou-lhe na franja espessa das pestanas, e uma amargura pesou-lhe no rôsto conturbado. Rodrigo quiz abordar outro assunto.

— Deixa-me falar, Rodrigo... Eu não me aflijo, crê.. E como ela estava anciosa por que eu lhe escrevesse, para me vir vêr! Se ontem não fôsse do-

mingo, tinha vindo ontem mesmo. Oxalá que a mamã não desconfie. Era capaz de não consentir mais que saisse só... E' verdade: o Pedro hoje não vem, não?

— Não, não vem. —E desconsoladamente: — Aquela Palmira desmoralisa-o, dá cabo dêle. E tanto importa avisa-lo como estar calado...

— Êssas mulheres, ás vezes, fazem bruxêdos...

Rodrigo troçou dos bruxêdos. O bruxêdo estava na bondade dêle, na sua simplicidade ingenita, que o havia de fazer sempre escravo de aventureiros e hipocritas. Nas ferias grandes, numa carta, puzera-lhe as coisas a limpo, dissera-lhe o que ela fazia em Coimbra durante a sua ausencia. Ele tomou a tenção firme de a riscar da sua companhia. Meia duzia de mentiras, com duas lagrimas fingídas, e tanto bastou para o render novamente ao seu predominio caro e imoral. A respeito de ferias Rodrigo lembrou que andava ainda atrás dum meio que o desobrigasse da ida ao Alemtejo no Natal. Beatriz objectou, muito froixa:

— Vai, Rodrigo.. Coitadinha da tua mãe! Não lhe dês êsse desgosto... Embora te demores pouco, vai...

— Não, filha. Prometi ficar, de modo nenhum atraiçôo o meu compromisso. E não só o meu compromisso: a necessidade de te saber perto de mim.. Nem tu calculas o que me custa ir já depois de ámanhã ás aulas, aturar lentes, condiscipulos, longe da minha mulherzinha durante horas seguidas..

Ela calculava bem, por si própria. Nem por isso aceitaria o sacrificio do desgosto que a pobre senhora havia de sentir.

E todo o resto do jantar decorreu entre as esperanças de Rodrigo, dispôsto a não a deixar por um dia só, fôsse pelo que fôsse, e as recordações da visita de Mariana, que Beatríz reconstruía a proposito e a desproposito de tudo. A' sobremêsa tornou a avolumar a

contrariedade da D. Rosaria, da pobre senhora, privada por sua causa de comêr a «missura» com o filho, ao calôr tradicional do tóro de zimbro, na noite confortavel do Natal.

Quando Rodrigo dobrou a Porta-Ferrea levava o acanhamento de quem receia defrontar a multidão. Esperou que batessem os dois quartos de hora depois das dez para aparecer nos «Gerais». Apesar disso, apenas entrou na aula, os condiscipulos exaltaram o seu regresso á comunidade de Minerva, sublinhando a sua magreza com disfarçada ironia. Houve mesmo um baixito e travesso que lhe mandou um bilhete, assinado por D. Sancho, o povoador, a «dar-lhe foral de isenção de imposto por seu zelo no povoamento de Coimbra e têrmo...»

Rodrigo, no intervalo para a segunda aula, encontrou-se com o Pedro. Combinaram ir juntos á Couraça depois das aulas. Sentia-se deslocado, tinha a impressão de que o apontavam, de que todos comentavam o seu caso entre risadas e acusações. A saída da aula foi um quarto antes da hora. Esperou fóra, junto ao recinto do Teatro Academico.

A' chegada do Pedro, o Lemos, que o seguia de perto, apertado á Porta-Ferrea pela turba comprimida para lêr um «Aviso á Academia», atirou-lhe o nome com regosijo, foi direito a êle, exultando, porque o via entregue á monotonia dissolvente das lições e das aulas.

— E' a minha vingança, patife! — rematou, malicioso e familiar.

A meio da rua de S. João, Rodrigo confessou que lhe custava ir á Couraça. A mãe, nas suas duas ultimas cartas, não falára em Tereza — o que até certo ponto lhe conviera para as mostrar a Beatriz. Precisava no entanto de se informar, de saber qual a marcha da doença,

e em Celas não se sentia á vontade para escrever certas cartas...

— Vens. E que tem isso? Não te batem...

— Bem sei que não me batem... Mas custa-me encontrar o Temudo, a girafa da Maria de Jesus... Bem, é o mesmo, vou. E ouve: porque estiveste três dias sem ir a minha casa? E eu sempre á espera de noticias do «agape» famoso... A Mariana foi lá na segunda, como te disse já. Beatriz desmaiou, mas ficou satisfeitissima... Prometeu voltar, esforçar-se por obter o perdão da D. Izabel. Tu não tencionas visita-la mais?

Pedro desculpou-se da ausencia de três dias. Tinha recebido no domingo uma carta de Ponte do Lima que lhe noticiava Etelvina muito doente. Ainda lhe queria. E aquilo viera certifica-lo mais uma vez de que não podia ter uma hora alegre, sem que se lhe seguissem quatro dias de tormento. Divertira-se na ceia Alcinidea, em que o vinho subira ás aguas-furtadas da maioria dos convivas. Relatou episodios da ceia. Mas tivera uma arrelia, mal chegára a casa. Se o não jurava, podia quasi afirma-lo: a Palmira havia entrado tambem naquele momento. E no dia seguinte, ao levantar-se, zás! a carta de Ponte do Lima, que o mergulhára em amargura. Emfim, preferia que ela fôsse de outro e viva, a não a tornar a vêr, a sabê-la morta, arrefecida para sempre. E quanto á D. Isabel prometia voltar lá, a vêr se aplanava o caminho.

Na Couraça, logo defronte do «Café Trasmontano», Rodrigo descobriu a Maria de Jesus à janela. Ia desviar os olhos. Ela retirou-se, precipitadamente, batendo as vidraças com estrondo.

— Olha, a Maria de Jesus, mal me viu, ficou como cobra assanhada!... Fechou-me a janela na cara...

Subiram os degraus estreitos da «republica». A «ti»

Joana Grila, que o Pedro, evitando barulho, foi chamar ao segundo andar, entrou no quarto a resfolegar e a rir. Abriu os braços gordalhufos, estreitou Rodrigo:

— Ha tanto tempo, senhor doutor!... Da outra vez que aí veiu á noite, recebi o recado para deixar a chave, mas não o pude vir vêr... E está mais bonito... Os ares de Celas fazem-lhe bôa côr...

Ao gralhar da sua voz de requinta o Temudo acudiu tambem, de chinelos de ourelo e a pena atrás da orelha:

— Ora viva! Venham de lá êsses ossos! Quem havia de dizer, han?

Rodrigo, contrariado, abraçou-o.

A servente trouxe-lhe a seguir uma «cartinha» chegada na vespera.

— Se o senhor doutor Pedro a não viesse buscar nêsse dia, tinha resolvido mandar-lha a Celas.

— Não, não é preciso mandar-me nada para Celas. E decidiu avisa-la a sós, não fosse a mulherzinha desarranjar-lhe o sossêgo tão custosamente adquirido.

Rodrigo pediu licença para lêr. Era da mãe. Queixava-se das suas noticias curtas e espaçadas — emfim desculpava-o, porque calculava o seu trabalho com as cinco cadeiras. Referia-se depois ao tio de Aveiro. Já no ano anterior não pudera passar o Natal em Almendra por causa do reumatismo. Estava a vêr que êste ano lhe sucedia o mesmo. O desgraçado não se levantava, havia mais de quinze dias, com dores nas pernas e nas «cruzes». E não aludia sequer a Tereza! Ficava assim arredado o perigo do tio. Lamentava-lhe o reumatismo, mas preferia o reumatismo á projectada visita. O não se referir a Tereza, pela terceira vez, intrigou-o.

O Temudo falava ao Pedro dos seus triunfos, do tom entusiastico da imprensa ao falar do poema. Tratava já de outro, em dois volumes — um cantando a Juventude, o outro chorando a Velhice.

E como Rodrigo fosse levantar a vidraça, na sofreguidão dum pouco de ar, êle seguiu-o, a relatar-lhe os aplausos. Viu sumir-se o vulto esgrouviado da visinha. Contou então os ciumes da Maria de Jesus, em seguida «ao seu belo gesto de D. Juan»...

— Calcula tu — asseverou ao lado de Rodrigo — no dia seguinte, dizia aqui ás visinhas da esquerda que tinhas raptado uma costureirita da Baixa, que te vira fugir levando-a debaixo da capa, percebes? eram duas horas da manhã. Que andavas apaixonado por ela, mas que não estava para te aturar... — Pedro e Rodrigo achavam engraçados os assomos da despeitada — Espera, não é tudo. Agora namora dois cadetes a um tempo para mostrar, han? que preferia corresponder á academia inteira, á academia inteira! a trocar um simples olhar com o tal Mascarenhas ..

— E' uma histerica. Coitada, inspira dó...

— Deixa-te de coisas... tu foste cruel! Fizeste-lhe a côrte e deixaste-a sem mais nem menos... E não ias mal, percebes? francamente, não ias mal... Ela tem belos bragais, umas leiras ali para o Almegue... Ris-te? Pois olha que o Sousa, han? anda agora á «lebre», coitado, comendo hoje nêsta «republica», amanhã na visinha, por ter estafado tudo no jôgo... Se ela o quizesse... E é um belo rapaz!...

Rodrigo não duvidava que o Sousa fôsse um belo rapaz. Acreditava-o e pedia-lhe o grande favor de lhe emprestar tinteiro e tinta para escrever á mãe. E emquanto o Temudo enaltecia ao Pedro, fechado na taciturnidade das corujas, as excelencias do Sousa, Rodrigo avolumava na carta as asperezas das cinco cadeiras, um incomodo de dias seguidos, felizmente combatido a tempo, o que lhe atrazára muito as lições, concluindo por pedir noticias de Tereza.

Ao fechar o sobrescrito admirava-se da fluencia da mentira escorregando-lhe da pena ou da bôca. Era pre-

ciso, porém. Falára-lhe das lições atrazadas, no intuito reservado de preparar motivo que justificasse a sua falta nas ferias. E preveniria a probabilidade de lhe aconselhar que levasse as lições para Almendra, dizendo-lhe a seu tempo que não tirára na biblioteca os apontamentos necessarios para bem as preparar.

Abraçando-o na despedida o Temudo desejou-lhe infinitas felicidades.

Pedro só a muito custo acedeu ao convite de jantar em Celas. Ia avisar a Palmira. Rodrigo ficou a espera-lo na quinta de Santa Cruz, á sombra densa das arvores, onde discretamente as aguas murmuram velhos recreios de frades fidalgos, psalmeando versiculos do «Ecclesiastes» no recolhimento e no misterio dos ramos contemplativos.

Uma luz dubia de crepusculo tocava ligeiramente as coisas, ampliando-lhes e transformando-lhes os contornos. A' entrada em Celas, Rodrigo, satisfeito, via desaparecer um a um os motivos de amarguras. E Pedro alargava-se em projectos, em que entrava a compra duma «chaise-longue» placida e convidativa para os ocios do seu amor.

XII

O Natal passou chuvoso e agreste, na sonolencia bocejada das ferias em Coimbra. Rodrigo preparava-se para saír quando Pedro o chamou da rua. Insistiu para que subisse, muito surpreendido. Almoçou á pressa, e descobriu que o amigo, num silencio acabrunhado, desejava abrir-se em confidencia. A Palmira fizera-lhe arrelia — pensava. Nem fôra á aula da manhã, o pobre rapaz... Apenas puzeram o pé na rua, ele apossou-se-lhe do braço, rouquejou:

— Sabes? Morreu a Etelvina...

— A Etelvina morreu?!

Não pôde continuar, com um soluço represado a apertar-lhe a garganta. Meteram á rua do Pateo e em frente da Cruz de Celas a voz veiu-lhe desimpedida, mas amargurada:

— Morreu ao outro dia da minha chegada a Ponte do Lima. Nem de proposito. Assisti ao casamento... fui assistir ao enterro...

— Foi de parto?

— Não, do tifo, morreu do tifo...

Ao fundo de Santa Cruz, no intuito apiedado de o

distraír, Rodrigo dizia-lhe os passeios que dera com Beatriz, nas escassas horas de céu limpo, os esforços empregados antes para que ela o acompanhasse, inteiramente encerrada no seu respeito pelas conveniencias sociais. Fôra preciso a intervenção de Mariana, que os visitava uma vez por semana. O que não conseguia, nem conseguiria por certo, era que a D. Isabel lhes perdoasse. Beatriz escrevera-lhe nêsse sentido, na noite de consoada; Mariana pedira-lhe de joelhos, pela alma do pai; mas nada a removera da sua resistencia obstinada e dolorosa. Porque ela sofria resistindo...

Os lentes não chamaram, a requerimento verbal dos «ursos» de cada curso. A seguír ás aulas foram á «republica» da Couraça. A Joana não estava, tinha ido a um recado á Baixa. Esperaram, para saber se havia correio. A mãe não lhe escrevêra senão um vez, desoladissima desde que recebera a noticia de que não ia a ferias.

Pedro passeava no quarto recolhido ao seu cogitar. Rodrigo observava-o, compadecido, sentado na borda do leito de ferro, com os colchões e os travesseiros a descoberto. E não se atrevia a cortar-lhe o fio dos pensamentos adivinhados atravez do silencio de sonambulo. Foi o outro que se chegou para ele, fechando a porta, e lhe disse o que sofrêra com a morte de Etelvina. Tivera coragem de a acompanhar ao cemiterio. Depois ficára durante oito dias numa prostração de idiota. E porque, afinal, se ela era doutro? Mas queria-lhe, doidamente. Os seus unicos instantes de repouso e confôrto, depois disso, eram os do sono, que ele prolongava a ponto de passar dias inteiros a dormir. Sonhava com ela — e aí estava a causa dos seus instantes tranquilos. A vida do sonho era preferivel á da realidade. Desejava dormir, dormir sempre, sonhar sempre. A sonhar falava-lhe, tinha-a junto de si, com o seu sorriso altivo e dôce como arôma de orquidea... e tão sua,

como se êle e ela vivessem na harmonia de duas fôlhas da mesma haste . .

Rodrigo tinha desejo de lhe impôr silencio. Esses sonhos de histerico faziam-lhe mal, obrigavam-no a pensar nos receios de Beatriz, nos tormentos da hora dolorosa. Pedro continuou, estrangulando a voz:

— E não será o sonho o unico aspecto toleravel da vida? Eu queria adormecer para sempre, sonhar sempre, sonhar, sonhar. .

Rodrigo desconhecia-o. Interrompeu-o, pediu-lhe acalmação e sossêgo. A Joana bateu á porta, foi-lhe entregar uma carta recebida de manhã.

Era da mãe. Leu-a. E à medida que a lia, os olhos alargavam-se-lhe de espanto. A maguada senhora lamentava os motivos que o impediram de ir a ferias. Soubera-os — e antes os desconhecesse toda a vida!— por pessôa que fôra a Evora, no Natal, e que por acaso falára com um estudante de Coimbra a seu respeito. Ela achára tão monstruoso que o seu filho, o seu Rodrigo, estivesse em vida de pecado com mulher que não era a sua, que não lhe falára em nada sem se certificar. Infelizmente era verdade. Assim o confirmava pessoa de Coimbra a quem escrevera. Tinha a impressão de que enlouquecia. E terminava por lhe suplicar, pela memoria veneranda do que fôra seu pai, que deixasse êssa mulher.

Rodrigo teve aquele gesto que no melodrama indica o aniquilamento. Pedro continuava no passeio, ruminando a necessidade de sonhar. E como reparasse no aspecto sucumbido do amigo, esqueceu o sonho, acercou-se da realidade.

— Que é isso, o que tens?

Deu-lhe a carta a lêr, sem uma palavra. E ficaram mudos, abismados, a olhar um para o outro, aturdidamente.

— Espera, pensemos no meio de iludir tua mãe — aconselhou Pedro.

E Rodrigo, muito froixo :

— E que importa isso? O pior é que o caso começa a espalhar-se, a circular. E se chega aos ouvidos déla?!

— Não, não ha-de chegar... — afirmou Pedro, convicto. Propoz-lhe planos, meios seguros de defeza.

Despediram-se no largo de Santa Cruz. Sim senhor! A sua vida, que durante semanas parecia singrar em plena calmaria, novamente se acidentava de incertezas! E quem seria êssa pessôa que informou a mãe? Suspeitou do padre Martinho... Devia ter sido êle, na sua visita ao senhor bispo, pelo Natal... Sempre o Padre Martinho e a mulher, a sombra, a apertarem-lhe o destino dentro de tormentos e terrores. Uniu-os, no desespero da suspeita, no mesmo odio surdo e concentrado. Ve-los-ía morrer, sem estremecimento de piedade. E se ela morresse, que falta faria? Não fazia falta e deixava de sofrer... E êle poderia logo legitimar a sua ligação com Beatriz, aspirar o grande ar da felicidade sem receios. Se a carta da mãe, em vez de lhe dar a previsão de desgraça iminente, lhe trouxesse êssa noticia, com que ansiedade se aproximaria de casa! Chegaria junto de Beatriz, confessar-lhe-ía tudo, ajustariam logo o casamento para daí a dias.

Lembrou-se de que só um expediente poderia arranca-lo de torturas. Era contar tudo a Beatríz, prevení-la contra o choque violento da verdade revelada por estranhos. Não, não podia fazê-lo nêssa altura, devido ao seu estado. Reservava-se para depois do nascimento do filho ..

O filho nasceria dentro em pouco. O seu filho! Amava-o já freneticamente. Agora o futuro, porém, preocupava-o mais do que nunca. A sociedade renega-lo-ía. Havia de compensa-lo, todavia, pelos extremos do seu amor, da injustiça da sociedade. O desgraçadinho seria o unico culpado, perante a execração dos homens, dêle se não condenar a viver perpetuamente en-

cerrado na sombra da mulher que lhe impuzeram. Nem o seu nome poderia usar!... De maneira que o filho, na sua inocencia, alheio aos crimes do pai, seria materialmente responsavel por êles.

A' esquerda da «Cruz de Celas», na «Carreira de tiro», disparavam espingardas, em detonações repetidas. Ouvia essas detonações todos os dias, em sua casa, e á passagem por ali. E nunca lhe produziram o efeito dêssa tarde. Era como se lhe estalassem dentro do craneo, como se lho despedaçassem.

Encontrou Beatriz na costura. Fez por se mostrar alegre.

Mas daí a pouco fechava-se na saleta de trabalho. Ia responder á mãe. Era preciso desnortea-la.

Tinha escrito quatro linhas convulsas, começava a acentuar que se considerava solteiro, «livre para todos os efeitos», quando nós de dêdos discrétos bateram á porta.

Escondeu a carta, nervosamente, entre os papeis da pasta, perguntou:

— Quem é?

— Sou eu, Rodrigo, abre... — disse Beatriz, no seu timbre dolente de melodia.

Ele agitou-se num movimento de mau humôr, e pela primeira vez aspero desde que se conheciam:

— Tem paciencia, agora não posso. — Arrependeu-se, foi abrir, teimou para que entrasse. Ela não queria. Só a muito custo cedeu. Não lhe passou despercebida a contrariedade, o mal estar que o agitava. Quís saber o que tinha...

— Tenho lições enormes para ámanhã... E' o que eu tenho, filha... e um pequerrucho logo que tu queiras...

Ela persistiu:

— Não negues, estás incomodado... O teu olhar não me engana.. Ora olha bem para mim.. Assim... Vês? Já não mereço a tua confiança.. Sorris com os labios e os teus olhos choram sem lagrimas...

Chamou-lhe maluquinha, beijou-a, inventou scenas de interesse, desenroladas nêsse dia no seio da maternal Universidade...

O passeio á noite foi demorado. Meteram para os lados do «Penêdo» ainda antes de acêsa a iluminação publica, muito chegados, ela pelo braço dêle. Beatriz ia inquieta. Definira-se-lhe a certeza de que havia qualquer coisa de grave que lhe ocultava. E era grave, não conseguia esconder-lho. Quasi nem comera ao jantar.

Perto do cruzamento do caminho do «Penêdo» com o de Vale-Meão sentaram-se. Em frente, no atrio gradeado de casa enorme, um cão de guarda ladrava com furôr.

A noite estava calma, duma pacificação biblica e enternecida. No céo profundo, rôxo escuro, a limpidez das estrelas palpitava como olhos feridos por luz demasiada, e os planetas tinham o brilho fixo de buracos por onde se visse outro sol. Em redor, na penumbra, projectavam-se vultos meio diluídos de arvores e sebes. Os ralos cantavam nos campos marginais, no estridor de serras serrando, acompanhados pelo contraponto lento e espaçado dos sapos.

Rodrigo esforçava-se por falar. E tudo o que lhe deslizava do labio amortecido, exalava apoquentação intima. Era Beatríz, agora condoída, que o distraía discorrendo acêrca do filho, vendo-o perder-se, pouco a pouco, nos enlevos da vida que estava para florir.

— Fica então combinado — disse ela. — Se fôr rapaz ha-de chamar-se Mario, se fôr rapariga dá-se-lhe o nome de tua mãe ..

— Da minha mãe, sim, ou da tua.

— Ah! já sei — observou Beatriz, vendo-o de novo triste, como se descobrisse emfim o fundo da sua tristeza. — O medico esteve aí outro dia. Não o tornaste a encontrar. Já sei, viste-o hoje, disse-te que morro de

parto .. Não encubras, disse, já sei... daí a tua aflição. Mas não te aflijas. Eu não tenho mêdo!

Rodrigo teve um instante de riso, tocado pelo imprevisto da descoberta. Encostou-a a si, chamou-lhe tolinha, asseverou em tom sincero:

— Juro-te, palavra de honra, nem o medico vi .. E outro dia achou-te magnificamente dispósta. E eu não estou triste, filha. . Falemos noutra coisa. — E de repente: — Ólha, vês aquelas estrelas, a «Grande Ursa»?

Rodrigo alçou o braço, indicou com o dedo a constelação no céo puro e silencioso.

— Ali? — inquiriu ela, a apontar mais para o norte.

— Não... espera... segue a direcção do meu dêdo — colocou-lho em frente do nariz. — Vês quatro estrelas, formando quasi um quadrado, ali, olha, ali? ..

— Ah! já vejo... são quatro, com muito brilho...

— Sim, êssas .. Pois quando estava em férias, não se passava noite que as não fitasse... E lembrava-me que tambem tu as vias, que podia ser que olhasses para elas, que o nosso olhar se cruzasse no espaço...

— Tem graça! — comentou docemente. — Eu fazia o mesmo com a lua, quando a via da janela...

Conversaram ainda acerca das saudades curtidas durante as férias. Rodrigo começava a sentir frio. Era melhor retirarem-se. Ela, por sua vontade, ficava para sempre naquela quietação religiosa, junto do seu Rodrigo. E queria que fôsse sempre noite, de maneira que ninguem os interrompesse na sua paz egoisticamente isolada.

— E o sol? Sem o sol não ha vida...

— Eu gosto do sol, mas não sei porquê, ultimamente tenho-lhe mêdo.

Disse infantilidádes do sol e do mêdo que lhe despertava.

Em frente, numa sebe, houve o rumor de ramos

sêcos. Ela estremeceu, chegou-se muito para Rodrigo, segredou-lhe aterrada: — Ouviste? — e esgazeou o olhar na escuridão, voltada para a sebe.

Rodrigo foi verificar. O ruido repetiu-se, ligeiro e leve. E êle, rindo:

— Medrosa... Deve ser um sapo que vai em visita nupcial á sua «sapa»... »

Tambem ela riu do mêdo. E seguiram para Celas, outra vez em projectos em volta do destino do filho.

Era uma hora da noite e ela esperava-o ainda. Rodrigo fechára-se na saleta de trabalho no intuito firme de escrever á mãe, de lhe contar a verdade toda. Para que negar-lhe que vivia com Beatriz, que ia ter em breve um filho de Beatriz, que a amava, que lhe queria tanto que não poderia querer mais a esposa legalisada e carinhosa? A mãe julgava-o amantisado com uma mulher qualquer, um corpo de luxo ou de gôso que se paga por tempo fixo. Depreendera-o claramente da sua carta, e isso maguára-o. Precisava de a informar com verdade, de lhe revelar que Beatriz, virgem, fôra iniciada por êle nos segredos carnais do amor. E ela então havia de perdoar-lhe, de transigir com a situação, de falar néla respeitosamente.

Rebuscou entre os papeis a carta que começára de dia. Não devia orientá-la assim. Era melhor levá-la pela brandura, carinhosamente.

O puxador da porta deu um estalido aspero. Escondeu os papeis, fixou a porta com pavôr. De fóra veiu uma voz humilde, arrastada:

— Rodrigo!...

— Já vou, abro já...

— Ainda demoras? E' tão tarde!...

Levantou-se, foi á porta, implorou:

— Vai-te deitar, filha. Ainda tenho uma lição em

claro . . . Bem vês, tinha muitas lições por estudar . . . Demoro pouco, vai para o quarto.

Beatriz afastou-se, resignada.

Mas, como golpe que corta e lança por terra tronco novo e débil, a voz de Beatriz, na sua humildade passiva, fê-lo caír nos desfalecimentos de toda a tarde. Confessar a verdade seria provocar um desastre. A mãe era bôa e compassiva, mas os defeitos de educação, os prejuizos do meio não lhe deixariam interpretar a necessidade irremediavel de viver com mulher que não era a sua mulher. A divida da virgindade, o proprio filho, não justificavam a persistencia no erro...

E se lhe mentisse, se lhe jurasse que tudo era falso? Podia informar-se outra vez, pedir ao tio de Aveiro que procurasse inteirar-se do que havia, e o perigo agravava-se pelo efeito moral da mentira.

O que se lhe representava irremissivel, era a necessidade de evitar que a mãe escrevesse a Beatriz, declarando-lhe o seu estado, evitar que cortasse com êle, pelo desgôsto com que lhe amargurava os dias da velhice.

E como, como havia de evitar?

Fincou os cotovelos na mesa, apoiou a cabeça entre as mãos, e ficou por largo tempo sem investigar um plano, um meio que o libertasse da situação. Via Beatriz perdida, êle doido de angustia e fugindo para terras desconhecidas onde pudesse morrêr sem um olhar de piedade.

A seguir afigurava-se-lhe impossivel o fugir, deixá-la, houvesse o que houvesse. Era preferivel acabar de vez com êssa vida que só sofrimentos comportava.

— Rodrigo! . . .

Estremeceu, carregou o sobrôlho, e numa rispidez subita:

— Ainda estás a pé?! E' demais . . . Devias ter-te deitado! . . . Já vou . . .

— E' tão tarde, Rodrigo! Quasi duas horas! Faz-te

mal . . . — disse ela, na sua voz dolorida de humildade, cheia de pressentimentos amargos.

— Deita-te, dorme, eu vou já, falta pouco — insistiu, impaciente.

— Não durmo . . . não posso sossegar . . .

Êle condoeu-se da sua passividade lamuriosa, teve remorsos pela rispidez com que lhe falou, pediu com enternecimento:

— Vai, sim, filha? Juro-te, demoro muito pouco.

E aí estava ao que se reduzira a sua vida! A mentiras! Mentia a si proprio quando se deixava levar para a rua dos Estudos pelo sentimento que se lhe apossava da alma. Mentira ao amigo; mentia-lhe a ela, á mãe, a toda a gente, quasi na naturalidade facil de quem só diz a verdade. Encerrava-se em mentiras, erguia em torno de si muralhas de mentiras, para resistir contra o destino . . . E êsse era o seu grande erro. A base da muralha era de areia. A falta dum simples grão a desmoronaria . . .

Teve vontade de gritar por Beatriz, de lhe pôr a descoberto o seu tormento, de lhe confessar as suas mentiras, de lhe pedir em seguida que escolhesse . . . ou o seu amôr, tal como podia dar-lho, ou o respeito pelo mundo e desligarem-se de compromissos.

— Póde lá ser! . . . — exclamou para comsigo, desalentado. — Eu estou doido . . . Desligarmo-nos . . . Como se isso fôsse possivel nêsta altura! Nada a separaria de mim. O melhor é dizer-lhe tudo, apenas esteja em condições de o saber. E só então, devido aos seus nervos, ao seu temperamento excitavel . . . fico desoprimido, livre de inquietações, e ela em estado de certeza quanto ao futuro.

Mas para que o ignorasse até lá, precisava remover todas as ameaças.

la escrever á mãe. E como não convinha negar nem afirmar, dir-lhe-ia sómente que não procedia de maneira

a infamar-se ou a infamar a sua familia. E no dia em que alguem, a quem pelo respeito e pelo amôr devesse obediencia, pretendesse fiscalisar a sua vida particular, êle preferia acabar com êssa vida de que uma vez dispuzeram á vontade, como se dispõe duma coisa, dum trapo.

A carta era dura, custou-lhe mesmo a escreve-la, mas só nêsses termos produziria efeito seguro.

Pareceu-lhe ter ouvido rumôr na sala de jantar. Devia ser Beatriz. Meteu a carta dentro dum livro, apagou o candieiro e seguiu para o quarto.

Beatriz estava sentada na cama, muito murcha, ainda por despir. Ele repreendeu-a amorosamente:

— Oh Beatriz! Pois isso faz-se? Parece incrivel! E se eu não viesse hoje?

— Que queres? Ralha-me, mas não podia. Que queres? Não me deitava sem tu vires...

E logo, numa intenção reservada:

— Estudaste a lição?

Não a estudára completamente. Era enorme. Depois tivera que revêr atrazados, uma infinidade de atrazados. Não receiava a chamada, apezar de tudo...

Beatriz ouvia-o e surpreendia-lhe a necessidade de lhe ocultar alguma coisa, fôsse o que fôsse, que ela não devia saber... Levou quasi o resto da noite a rebuscar na imaginação o que seria que Rodrigo lhe ocultava — e que a fazia sofrer na sua inconsistencia indeterminada de suspeita...

Tinha acabado de saír para as aulas. Ela levantou-se da mesa, entrou na salêta de trabalho a fim de proceder aos arranjos da manhã. Varreu-a, limpou a poeira das cadeiras e da secretaria. Sentia-se quebrada de fadiga. E não afastava de si, por muito que procurasse ocupar-se dos seus deveres domesticos, a tortura adivinhada no intimo de Rodrigo. De vez em quando a ideia

de que devia ser falta de dinheiro, salteava-a e definia-se. E se fôsse? Doía-lhe então o não ser rica, para não ter de lhe ocasionar uma dificuldade, a mais ligeira. Sentou-se em frente da secretaria, lassa, incapaz dum esforço. Começou a revolver distraídamente os papeis que êle deixára espalhados ao acaso. Se fôsse rica, tambem não havia oposições para o casamento . . . Era bem triste uma pessoa ser pobre, não ter no mundo senão o seu trabalho, uma mãe e uma irmã muito amigas . . .

— Que cabeça a minha! — pensou, por fim.—E tenho tanto que fazer! . . .

Abriu a pasta para arrumar os papeis dispersos. E ao ordená-los, meticulosamente, viu uma folha de papel de carta com letra de Rodrigo. Leu ao alto «Minha querida mãe». Seguiam-se duas linhas apenas: «Eu não posso deixar de me considerar solteiro, livre para todos os efeitos». Leu segunda vez . . . que queria dizer aquilo? Não podia deixar de se considerar solteiro! A que proposito dizia Rodrigo á mãe que não podia deixar de se considerar solteiro? Sim, a que proposito?

Esteve por muito tempo abismada sobre a carta, como se tentasse apanhar a decifração do enigma entre caracteres indecisos. Depois, repentinamente, ergueu a cabeça, hesitou um instante, balbuciou, como quem se vê livre de asfixia:

— Ora o grande segrêdo!... É isto... E já sei porque me não mostra as cartas da mãe, ha uns dias! Percebo tudo. A mãe soube, escreveu-lhe a repreendê-lo... e êle respondeu-lhe que se considerava solteiro!...

Pareceu-lhe pouco proprio aquêle modo de dizer — «considerar-se solteiro». O compromisso com a outra, a tal prima, não devia ser tão apertado que a mãe o supozesse casado. A impressão desagradavel desfez-se, porém, como o fumo tenue em atmosfera agitada. E toda ela ficou a vibrar de comoção pela dôr do

seu Rodrigo, que lhe ocultára tudo, que preferia sofrer só a proporcionar-lhe desgôsto. Pobre Rodrigo, tão seu amigo! Agradecia ao acaso aquela revelação inesperada. Porque não o duvidava — a causa dos seus desfalecimentos, das suas demoras no quarto, na noite anterior, tinha-a clara nêssa carta.

Guardava-a na pasta, no proposito de não lhe deixar perceber que lêra e sabia tudo, quando ouviu vozes na escada.

— Ah! está só?

— Sim, minha senhora... Mas eu vou dizer...

— Não é preciso, espere, eu subo...

Era Mariana. Beatriz correu ao quarto e cobriu um chale, apanhando-o sobre o ventre. Encontrou-a já na sala de jantar. Abraçaram-se, beijaram-se.

— A mamã?

— Está assim, assim... Um pouco constipada, coisa sem importancia.

Entraram na salêta de estudo. E ficaram-se a olhar uma para a outra, na plena felicidade de se verem juntas, como se esperassem simultaneamente alguma revelação, qualquer noticia. Foi Mariana que ergueu a voz para saber de Rodrigo.

— Não vai mal... Foi ha pouco para as aulas.

— A mamã parece que já desconfiou de que venho ver-te... E não leva a mal, o que me deixou contente... A tua carta do Natal abalou-a muito. Não perdoou? Comoveu-se.

Beatriz caíu numa tristeza resignada, como se se abatesse em face de merecida condenação. Passeava os dedos froixos pelo estôfo felpudo do chale, em afagos lentos. Mariana arrastou a sua cadeira para junto déla, falou-lhe baixo, condoída:

— Então, Beatrez, a mamã é muito tua amiga .. Mas bem vês, tem idade, tem rabugices... Eu tanto hei-de pedir que éla ha-de perdoar, verás...

Beatriz fitou-a num acésso de comoção agradecida. Enlaçou-a num abraço, beijou-a muito, murmurando, meio sufocada:

— Minha Mariana, minha irmãsinha, minha rica Mariana...

Mariana, enervada, sobre a onda tepida de carinho que a envolvia, encostou-lhe a cabeça loira ao ombro, tocando-lhe no pescoço com a aba do chapéu.

Depois perguntou, a medo, se Rodrigo não se «resolvia».

Beatriz poz-se escarlate, e desculpou-o, seguindo com o olhar o movimento dos dedos, outra vez a afagarem o chale, referindo a persistencia da mãe dêle na teimosia do casamento com a tal prima, em que lhe falára dias antes. Havia de ceder, que Rodrigo era muito seu amigo, e não desistiria de abrandar a mãe...

— Se não fôsses pobre, não se opunha, havendo o que ha... E' o que diz a mamã .

— Não é isso... Comprometeu-se com a outra... E' dêstas pessoas antigas, que não quebram facilmente a sua palavra...

— Aqui, nêste caso...

Beatriz desculpava-a tambem. Rodrigo resolvera não lhe dizer a situação em que viviam, por entender que ela a não compreenderia. Reservava-se para as ferias grandes... la lá de proposito, unicamente no intuito de obter o seu consentimento...

Em seguida conversaram a respeito de Lucia e das Cordeiros. Maria achava graça principalmente á Lucia. Não tornára lá a casa, e não fugira com um estudante do liceu, no ano anterior, porque êle se recusára...

— Deixemo-las, perdoemos-lhes... — acentuou Beatriz.

— São umas impostoras, umas hipocritas... — Perguntou as horas. Deviam ser onze e meia. Levantou-se,

deu um geito ao chapéu. — Vóu-me embora, filha. São horas... A mamã ficou á minha espera...

— Só mais um instantinho. — Levantou-se por sua vez, foi-lhe mostrar uma estatueta de faiança que Rodrigo adquirira na ante-vespera — uma mulher esguia, meio dobrada em requebros de dança, os braços alçados em gesto ondeante, com a cabeça penteada em bandós e as saias em leque cingidas ás pernas. Louvou-lhe o bom gôsto.

— Vem á sala de jantar. Quero mostrar-te uma caneca de cobre, arte nova, comprada tambem ante-ontem.

Achou-a linda, cheia de ritmo coreografico.

O relogio do convento bateu meia hora.

— Ai, valha-me a Rainha-Santa, tão tarde!

— Espera, tens vindo a nossa casa e ainda não chegaste á janela...

Abriu a janela. Mariana ficou deslumbrada, vendo a paisagem larga, no esplendôr glorioso do sol que a envolvia como num halo de triunfo, alagando de riso verduras e aguas. Beatriz apontava com o dedo, numa pontinha de vaidade lisongeada:

— Para além é o vale... Aquela agua é do Mondego-Velho... São João do Campo, a povoação que se vê ali, a fumegar... Sim, ali... Para êste lado é o Penedo da Meditação... Aqui é a cerca do asilo dos velhos...

Mariana interrompeu-a para observar, pondo a mão em pala sobre os olhos semi-velados:

— Olha, a torre da Universidade! E é como se estivess ea dois passos. Deixa ver se descubro as horas...

Quasi meio dia! Tão tarde! Abraçaram-se. Beatriz pediu-lhe mesmo que désse muitos beijos e muitos abraços á mamã, «embora ela não soubesse que lhos mandava». E já a irmã ia ao fundo da escada, preveniu:

— É verdade... e se houver alguma coisa, avisa mesmo por carta, sim?

— Aviso, adeus...

Rodrigo não teve a segunda aula. Ia dar uma volta pelo jardim Botanico, até ás duas horas. Queria ler a carta ao Pedro, ouvir o conselho do amigo. Ao meio da rua Larga deu de frente com o Chico, que caminhava para a Universidade no seu passinho curto, hesitante, em meneios lentos de cabeça, como garça timida a estender o pescoço coleante caminhando á margem dum rio. Abriu a bôca num «oh!» amigavel, estendeu-lhe a mão descarnada, e caloroso:

— «Caro mio!... Manco male»...

— Então, para onde vais?

— Sem rumo, sem rumo certo... Deu-me a preguiça, nanei até agora... Estive a fazer musica, a minha musicazinha, até quasi á hora em que os passarinhos acordam... Eu queria ser passarinho, ó Rodrigo! Tu, não querias ser passarinho?

Rodrigo sorriu, declarou não se encontrar preparado para resposta segura.

— Pois eu era um gôsto, mesmo um regalo se fôsse passarinho... Olha que os passaros são artistas... O ninho, o canto, até nos logares que escolhem... Ah! se eu fôsse passarinho, que regalo, era a cantar sempre, num italiano muito dôce, logo de manhã, muito cêdo, até aparecerem as ultimas estrelas. Não tinha cá êsta massada das aulas, ir ás aulas, estar nas aulas, ficar reprovado... — Mudou abruptamente de tom, perguntou:

— Onde ias tu?

— Tambem sem destino... Não tive aula...

— Ah! muita felicidade! Passeemos, queres?

Rodrigo disse que sim. O Chico cofiou o bigode farto, com pancadinhas leves, ageitou as lunetas, continuou:

— A minha artesinha!... Eu, se podesse, era todo

para a minha arte. Ora, só ha arte, no mundo só ha arte! Não te parece? Olha, vem ao meu quarto, é aqui a dois passos, quero mostrar-te uma ilustração musical deliciosa, dum alto «musicóne», e um catalogo de pianos ultima novidade.

Rodrigo deixou-se conduzir, muito mole. O outro dizia-lhe agora todo o seu amôr pela arte, recitava-lhe versos que fizera na praia, no verão anterior. E acentuou, numa inflexão untuosa e grave:

— Dantes era o piano, o canto e o espiritismo . . . Não sabias? Fui todo de espiritismos. Um «medium» daqui indicou o lobulo da orelha. — Olha, previ a morte do primo conde de Formoselha . . . conhecias? Muito conhecido... Previ-lhe a morte com dois mezes de antecedencia, precisamente dois mezes. E com um mês, ao meu primo da Redinha. Andei impressionado, abatido . . . — Adoçou a voz, riu em gargalhadinhas rapidas: — Até o nuncio de Sua Santidade o soube, Monsenhor Rondi . . . Eu estava em Lisbôa. Mandou-me logo chamar á nunciatura . . . E' um santinho, um rico santinho, muito meu amigo. E disse-me, assim a querer fazer-se sério, apenas eu entrei: «Chiquinho, vais deixar o espiritismo . . .» E eu tambem muito sério: «O' senhor Nuncio, custa-me tanto! . . .» E êle, a teimar, a teimar... Ah, estava lá o primo Menezes, o conde . . . E depois Monsenhor Rondi começou a pedir e a bater-me na cara com dois dêdos, assim, devagarinho, e o anélzinho a reluzir — o Chico imitava com os dêdos magros o bater dos dêdos reluzentes de Monsenhor Rondi. E continuava a rir, no seu rir sêco e breve reproduzindo a voz cardinalicia de Monsenhor: — «Deixas o espiritismo?» O primo Menezes a rir tambem... Eu respondia: «Eu custa-me tanto» . . . E êle, a bater, a bater, o anélzinho sempre a reluzir . . . «E se te pedir pela mamã?» «Ah, se pedir pela mamã! . . . Eu quando me pedem pela mamã,

não posso dizer que não . . .» E nunca mais! «Giammái! . . .»

Rodrigo ouvia-o na atitude compenetrada de quem admira. Não queria subir ao quarto, tinha de estar ás duas á Porta-Ferrea. O Chico consultou o relogio:

— Falta meia hora, meia, «caro mio . . .» Tens muito tempo . . . E ai amorsinho, apenas soube que o espiritismo era reprovado pela Sagrada Congregação . . . Foi Monsenhor Rondi que mo disse . . . Reprovado pela Sagrada Congregação! . . . «Giammái!...»

O Chico abriu uma pasta de marroquim com a alegoria da musica a oleo na capa, de azas brancas e batuta erguida. Mostrou-lhe a revista e o catalogo dos pianos. Depois cantarolou, em meio tom, a aria do Rigoleto. E no fim, para assignalar a visita do «grande Rodrigo ofereceu-lhe uma gôta do seu».

Uma «gôta do seu» era um calice de Porto, conservado em frasco de essencia de «Opopanax», com o rotulo intacto, a revestidura de carneira e o laço de seda branca na rôlha. Tinha além disso vinho «Violeta, Trevo, Peau d'Espagne» nos frascos respectivos. E explicou:

— «Opopanax» é o meu vinho preferido . . . «Egli é di fare piangere!» E' o dos deuses... Ofereci-te «opopanax»... «Egli é addolcitivo . . .»

Rodrigo agradeceu. Chico elucidou ainda:

— O «Violeta» é para o sexo «frêle», para os amorzinhos de rendas. Os outros ofereço-os, indistintamente.

Rodrigo ia-se embora. Eram horas.

— Adeus, obrigado . . .

— «Addío . . . Lasciatemi morire!»

Leu a carta ao Pedro. Ele aprovou-lhe a energia. Na sua opinião a mãe não se referiria mais áquele facto.

Deixando-se inclinar, gratamente, para a opinião do

amigo, Rodrigo terminou por se mostrar limpo de apreensões, e quís saber o motivo do ar tôrvo de Pedro, se Pedro ainda se mantinha em estado efectivo de sonho.

— E sonho tragico, horripilante...

O outro ia melhor. Estava até, nêsse dia, relativamente desanuviado. Ele era um pouco como as vidraças dos quartos em que se dorme. Quando aparecem de manhã embaciadas, o céu de tarde está limpo como safira.

XIII

Pedro entrou na «republica» da Couraça, de fugida, e perguntou á servente se havia correspondencia para o sr. Mascarenhas. Não havia. O Temudo sentiu-o, abriu açodadamente a porta do quarto, pediu-lhe que entrasse, pois desejava falar-lhe em assunto de vulto. E disparou logo a sua curiosidade:

— Então? Dizem para aí que o Rodrigo é casado... Eu desmenti, han? Teimam, juram...

Pedro não encontrou reparo facil contra o golpe que o aturdiu. E quando o Temudo insinuou que êle devia saber, que devia estar em condições de informar, recalcou o abalo da surprêsa, respondeu, esforçando-se por lhe achar graça:

— Essa é magnifica! E quem disse tal coisa? E' uma dêssas afirmações a que não se responde... O Rodrigo casado! Tem graça, chega a ter graça, palavra!...

— Pois ouvi; toda a gente o diz...

Toda a gente! Pedro, num secreto pavôr, quis saber se era realmente toda a gente, instou para que indicasse algumas pessôas.

— Não sei indicar... Toda a gente o assevera, percebes? toda a gente...

— Então de toda êssa gente não te lembras duma pessôa?

— Olha, espera... ainda ontem... ontem foi sexta? Que cabeça esta! Ontem foi sabado... Ante-ontem, sexta-feira, percebes? estava ali, á porta do café Trasmontano, e um rapaz alto, moreno, que é lá dos sitios do Rodrigo, passava a afirma-lo a uns outros rapaz...

— E quem era, quem era êsse rapaz?

— Não lhe sei o nome, conheço-o de vista...

Pedro continuou na negativa formal, pediu mesmo a Temudo que desmentisse. Garantia-lhe a falsidade da afirmação. Mas ao retirar dali, levava a alma sob inquietação sufocante.

Antevia as consequencias desastrosas da divulgação do caso. E o caso espalhava-se, circulava com a rapidez aplaudida das más novas. Valia-lhes talvez o parto proximo, e Rodrigo ter tenção de confessar tudo a Beatriz logo que ela melhorasse. E quem seria êsse rapaz alto, moreno, dos sitios de Rodrigo? Lembrou-se do Virgilio Reis... Devia ser o Virgilio Reis. Procurou-o antes de ir a Celas. Não estava em casa, nem lhe souberam dar noticia exacta dêle nos logares de que era frequentador assiduo. Em Celas manteve-se alegre. Rodrigo resplandecia de claro contentamento. Uma carta da mãe, recebida dois dias antes — resposta á que lhe escrevera acentuando que não permitiria que lhe fiscalisassem a vida — incutira-lhe alentos e promessas venturosas. Referia-se cautelosamente ao assunto, nêsta passagem vaga e destacada: «Era melhor esperares que Tereza morresse... E não durará muito. Tem piorado nos ultimos dias, com o frio. Depois farias o que entendesses...» Deixou-se dominar pela esperança de que em breve a liberdade surgiria — e a liberdade

alargava-se-lhe no espirito com a radiação nova de campo cheio de sol.

Acompanhando o amigo, que estava com pressa, para lá da Cruz de Celas, Rodrigo mostrou-lhe o projecto arquitectado para o caso provavel da morte de Tereza — já acariciado como realidade efectiva. Seria logo o casamento, viria a mãe assistir, queria que Pedro fôsse o padrinho.

Pedro tornou a indagar do Virgilio. Devia estar na rua Sá da Bandeira, em casa do Felgueiras — informaram. Custava-lhe ir a casa do Felgueiras, o «Felgueirinhas», notabilisado pelo luxo aparatoso de que se cercava. Só a ideia de percorrer as salas de que ouvira descrever a pompa suntuosa, lhe provocava amolecimentos medrosos. Mas chamava o Virgilio fóra e pedia-lhe que chegasse á rua.

Entrou a porta do «Bom-Conforto», a Sá da Bandeira, todo em timidas indecisões. Sentia-se mal ao subir a escada em que o ruído dos pés amortecia numa passadeira vermelha, com pegadeiras de metal amarelo, sob um jôrro de luz «Auer». Ao cimo da escada um «groom» de farda agaloada simulava a rigidez das estatuas. Pedro perguntou, numa reverencia, se estava o senhor Virgilio Reis.

— V. Ex.ª queira entrar... Na casa de jôgo...

— Não posso entrar—disse, atrapalhado.—Fazia-me favor, chamava-o aqui...

O Felgueiras veiu para êle, comunicativo, um sorriso acolhedor nos labios vermelhos, os olhos pestanudos e rasgados em amendoa, numa expressão que atraía e lisongeava, o vulto perdído na cabaia de seda com flôres de chá e pagodes.

— Pedro Zagalo, não é verdade ?

— Sim, Pedro Zagalo — titubeou, gaguejante.

— Queira sentar-se, jogar se lhe dá prazer...

— Eu vinha procurar o Virgilio Reis...

— Ah ! o Virgilio... O' Virgilio ! Procuram-te.

A voz do Virgilio veiu duma saleta á esquerda, onde se jogava.

— Não demoro, estou a acabar uma partida.

Havia em toda a casa um rumor solene. Um grupo de estudantes, dois dêles preguiçosamente estirados em «chaise-longue» de veludo, discutía sonolento. Um dos do grupo era o Lebre, de sobrecasaca e ramo de violetas a rescender na lapela.

A sua voz, na atmosfera luxuosa, ganhava inflexões magnificas. Atirava-a com o fumo do charuto, em falas de principe reinante. Assestou-lhe o monoculo, acenou-lhe com dois dêdos :

— Ah ! por cá ? ! Adeus !...

O Felgueiras pediu licença, ia dentro desalojar o Virgilio do «covil do vicio».

Pedro relanceou o olho abismado para o «covil do vício» — donde vinha o rumor da discussão de jôgo, cortada pelo tilintar metalico de dinheiro. Notou a coincidencia da côr verde da sala : do verde das cadeiras, do papel da parêde, dos quadros, dos cortinados. Pensou na alegoria da côr — o verde ambiente em harmonia com o pano da mêsa fatidica. Desandou para o fundo da sala, muito encolhído, estranhando a demora. Na parêde havía mais retratos, escoltados de fotografias de cães, de cavalos e paisagens. Eram retratos de mulheres decotadas, de mulheres em traje de passeio, sobressaindo ao alto, a espreitar dentre a neve rendilhada de mantilha sevilhana, um rôsto perfeito e nobre de correção helenica, em que esvoaçava um sorriso com graças de madrigal.

O Virgilio saiu por fim do «covil», a reboque do Felgueiras, que lhe gritava, a agitar a manga farta da cabaia :

— Juro-te... cinco mil francos !... Só duma vez, sim senhor. Eu e a princeza de «Charpentier», nêssa noite, fizemos duas «vacas» de dez mil francos...

— Ora bolas, meu amigo! — ruglu o Virgilio, descrente. — E' como as dos bufalos e dos veados...

O Virgilio correu para o Pedro, suplicou-lhe desculpa.

— Queria falar-te, só um instante — gaguejou Pedro.

— Eu vou já... Deixa-me levar a capa. — Pedro despediu-se ceremoniosamente do Felgueiras, que lhe ofereceu a casa. Na rua sorveu com delicia o ar fresco e livre. E admirou o luxo do Felgueiras.

— E' do segundo ano de Direito?

— E' segundanista, sim. E ainda tu não viste o quarto de dormir, com o docel, a lampada gotica, a imitar o luxo estridente da «Toca». E não viste a santa das suas devoções...

— Uma santa?

— Sim, uma santa... que lhe custa somas fabulosas... E isto só para cêra... — Ah! é verdade: o que me querias...

— Tambem me esquecia, a invejar o luxo e a santa... — E graduando a voz pelo melindre da pergunta: — Desculpa procurar-te para o fim que me trouxe aqui... Francamente, custa-me...

— Não ha duvida, dize lá...

Pedro entrou abruptamente no assunto:

— Ouve: tu afirmaste a alguem que o Rodrigo, o Rodrigo Mascarenhas, é casado?

— Eu?! O Rodrigo Mascarenhas?! Não, eu nem sabia!...

— Palavra?

— O' homem, juro-te, palavra de honra... Disseram-te que eu tinha afirmado tal coisa?

Pedro explicou o que se dera, o que o obrigára a procura-lo. E protestava com energia indignada contra o boato que tanto podia prejudicar o amigo. Trocaram considerações donde avultou a má lingua de Coimbra, para a qual não encontravam confronto.

— Apre ! E' demais ! Inventam-nas de Cristo !

— De Cristo, sim senhor ! Infames, uns infames !

As apreensões de Pedro haviam recrudescido ao aproximar-se da «mansarda». Via a noticia correndo, propalada por êsse rapaz alto e vago, sem poder opôr-lhe o obstaculo do seu desmentido. E quasi não estranhou, como se a esperasse já, a carta anonima que Rodrigo lhe deu a lêr dias depois, sucumbido, na previsão do fim proximo e dramatico do seu romance.

— E de quem te parece êsta infamia ? — bramou êle, logo que Pedro leu.

— Não sei, não descubro — asseverou, dominado pelo terror do amigo.

— Não descobres ! Pois é facil... — Irritou-se, crispou as mãos, garantiu : — E' da Maria de Jesus ! . E como saberia ela, como saberia ? Queria poder rasgar-lha na cara, cuspir-lhe nas mãos infamissimas. .

— Não será... — disse o outro, vasio de ideias e de palavras.

— Não será ?! Conheço-lhe o estilo... A letra está mal disfarçada... Pois de quem havia de ser êste papel abominavel ? — Leu-o alto, como para tornar indubitavel a afirmação :

«Senhor Mascarenhas :

«As boninas mimosas do campo não se alimentam só com a agua que lhes dá Nosso Senhor. Querem tambem agua cristalina das fontes e estimam-na como as brisas da aurora que lhes beijam as meigas petalas assetinadas.

«Não lhe parece poetica a imagem ? O senhor Mascarenhas casado, no Alentejo, com a mulher que Nosso-Senhor lhe deu, a viver em Coimbra com a linda costureira, que é a agua cristalína das fontes ?

«Veja lá, senhor Mascarenhas, marido da senhora da Carregosa, não se afogue na pura linfa...

Narciso.»

— Então, de quem poderá ser isto, esta prosa delambida e perfida, senão da girafa de má morte ? — rugiu, transtornado, furioso. — E como saberia ela que sou casado, que casei na Carregosa ? Não ha duvida : foi o tal sujeito que veiu de Evora. Espalhou-o, deu publicidade ao caso...

Pedro torcia o bigode, os olhos esgazeados no chão, encolhido e mudo. Não podia desvanecer o nevoeiro denso que pouco a pouco envolvia o destino de Rodrigo e Beatriz. Rodrigo continuava na sua raiva impotente para suster a marcha aterrorisante da desgraça pressentida.

— E agora, o que hei-de fazer ? Se vem outra carta quando eu não estiver ? Se Beatriz a abre ? ! Esta, quasi via entregar-ma. Não se dar isto mesmo daqui a mez e meio, depois de estar em condições de receber o abalo sem risco para a sua vida ! Porque então eu não hesitava um momento. Chegava ao pé déla, ajoelhava-me junto déla, contava-lhe tudo, pedia-lhe perdão de tudo... E Beatriz conformava-se...

Pedro interrompeu-o, com ares de iluminado por subito clarão.

— Alto, espera... Evita-se que receba cartas... Falas ao carteiro, dás-lhe uns tostões, e êle guarda toda a correspondencia que fôr dirigida para Celas, em teu nome ou no de Beatriz.

Rodrigo pensou um instante. E logo, mas ainda na indecisão de quem teme vêr fugir o ultimo recurso :

— Sim, dizes bem... E se mandam carta por mão própria ?... Não, tambem se evita... Sim, póde evitar-se. Arranjo isso com a Maria...

Estabeleceram então o plano a opôr a quem quer que por maldade ou despeito tentasse desaloja-los do seu largo sonho de felicidade honesta e sã. Falaria ao carteiro, peitaria a criada, e, se o boato não chegasse aos ouvidos da D. Isabel ou da Mariana, guarda-la-ia assim do golpe mortal.

Em breve se abandonou todo, cansado de lutar, a novo tormento — apenas ligeiramente cortado pela noticia da doença agravada de Tereza. Sentia o correio e corria numa precipitação para a escada. Depois desconfiava da criada, das visinhas. Logo que Mariana aparecia, colocava-se-lhe á ilharga, com a persistencia vigilante de sentinela, sempre na suspeita de que já soubesse. Pensou mesmo em cortejar a Maria de Jesus... Como Pedro se revoltasse contra a insensatez, afagou a ídeia de lhe falar, dizer-lhe que estava para ter um filho, apieda-la, cortar-lhe os impulsos vingativos pela comiseração. Deu-se aos mais desordenados planos, tão depressa esboçados como desfeitos nas arestas do caracter indeciso.

Nunca chegava a casa que não se puzesse de ouvido á escuta, ao fundo da escada, na espectativa de acontecimentos funestos durante a sua ausencia. Depois subia a mêdo, não se aproximava de Beatriz emquanto ela o não chamava. E ao beija-la, sentia uma desopressão, porque tinha mais um dia repousado ao abrigo da sua bondade casta e amoravel.

Rodrigo resolvera aproveitar dois feriados dum acto de «teses», nos dois ultimos e luminosos dias de fevereiro, para estudar lições atrazadas, lêr um pouco e escrever a um proprietario rico das proximidades de Almendra a pedir dinheiro por hipoteca sobre um dos seus «montes». Para que a mãe não tivesse direito a censura-lo, obstinava-se em não aceitar mais dinheiro do que o da mesada. E precisava de se prevenir para a ocasião do parto.

Pedro, ao segundo dia, entrou-lhe no quarto logo de manhã, a acusa-lo de se isolar demasiado:

— Eu tambem assim fazia nos primeiros tempos. Compreendi que não convém, que é necessario comunicarmos, e comunico, homem!...

Rodrigo justificou-se. Conhecia muito bem a sua situação, donde resultava a necessidade de se isolar. Todavia, agora não ficara em casa por isso: tinha obrigações a cumprir.

— Pois sim, mas hoje vais saír. Não podes perder o acto do Manoel Lacerda. Está tudo interessado pelo acto. Esperam-se mesmo manifestações na sala dos Capêlos, se os lentes o tratarem mal como ontem.

Ele desculpava-se, não podia acompanha-lo. O outro não aceitou desculpas, exigiu-lhe o sacrificio. Além do interesse que o acto revestia, precisava de aliviar o espirito de inquietações, de pensamentos nebulosos.

Rodrigo admirou a concorrencia anormal da rua Larga. E não pôde deixar de rir com os ramos de louro espetados nas grades da escada central e a todo o comprimento da Via-Latina.

— Acho ridiculo... Dá-me ideia duma festa do S. João...

— E isto paga-se, custa dinheiro... O louro... a taboleta do «tasco»...

Encontraram na Via Latina, entre a concorrencia agitada, o Lemos a passear e a discutir com o Campos. Cumprimentaram-se ligeiramente. O acto ia quasi em meio. Quís penetrar na sala dos Capêlos. Dois archeiros, vestidos de gala, com calção, banda azul e branca a tiracolo e a alabarda em descanço, comprimiam-se á porta, apertados pelo formigar dos curiosos. Não conseguiram ir além do começo dos «doutorais», donde um lente lançava a voz e o gesto oratorios sentado entre outros lentes de Direito. Rodrigo passeou o olhar pelos reis mudos nas suas nobres telas, perfilados ao longo das paredes forradas de vermelho. Nas galerias havia senhoras, numa indiferença despreocupada e galante, em morosas evoluções de «lorgnon». Lá ao fundo, na catedra levantada sobre os «doutorais», o decano da Faculdade, de capêlo e borla, seguia atento o desdobrar acidentado do duelo.

Agarrou-se a um balaústre, elevou a cabeça acima da multidão, no desejo de descobrir o Lacerda. Viu-o de lapis em punho, sentado a uma mesa vestida de lona vermelha, a abrir os braços, a desarticular-se no calôr do ataque e da defêsa.

A atmosfera oprimia. E já se retirava, quando o bedel de Direito, encostado a um canto do espaço reservado ao candidato, tombou a ampulheta, sobraçou a massa de prata, e «deu a hora» ao arguente, com uma venia funda, repetindo a venia ao lente que se lhe sucedia na impugnação das «teses». Tinha terminado o segundo argumento, iam entrar no terceiro. E a um sinal de campainha, a Real Charamela, de casaca, atacou arrogantemente uma valsa. Um sussurro de troça correu na sala. Os dois retiraram. Desceram ao atrio ajardinado. Na rotunda, sob as arvores núas, descobriram o Azevedo Lemos e o Castro sentados e gesticulando. Acercaram-se.

— Então ? — interpelou o Lemos, fitando as pupilas de Rodrigo. — Que dizes á hostilidade dos mestres ? Estiveste lá dentro ?...

— Estive pouco tempo. Morre-se asfixiado... Parece-me que realmente o não tratam bem...

— Não o tratam bem! Tratam-no mal, acintosamente, porque o homem se filiou no partido republicano!

O Campos atalhou, formalisado:

— Mas já te disse, Lemos, deixemo-nos de paixões... Tratam-no mal? Talvez... Não o tratam com injustiça sob o ponto de vista scientifico. A dissertação é uma desgraça...

— E' o que has-de demonstrar... — despediu o Lemos, convicto.

Num grupo que descia a Via-Latina, destacava o Castro, atirando o vozeirão profundo e exclamativo. Chamaram-no:

— O' Castro, ó anarquista!

Foi ter com êles, disparou a sua indignação declamatoria:

— Aquilo não se faz! Reprovassem-no, sim senhor. Mas nem deviam reprova-lo em «téses». Não ha exemplo disso. Que o cortassem logo em licenceado. Não o fizeram? Reprovassem-no em concurso! E não se trata assim um homem! E' a inquisição! E' a Bastilha! E' a sciencia... de ampulheta! A ampulheta: a contemporanea da tirania, da Idade-Média! — E reforçando o tom: — Irra, é preciso acabar com isto!

Rodrigo, a gracejar, quís saber se lhe tinham vestido «sambenito e carocha».

Encarou-o, apoplético:

— Não lhe vestiram sambenito, mas lançam-no ás fogueiras!

Os outros riram. O Azevedo Lemos declarou que dentro em breve o Lacerda seria canonisado e venerado nas capelas, com o martir S. Sebastião...

O Castro não se conteve. Arguiu-os de carolas, de reacionarios, acusou-os de pactuarem com a seita negra, o que era prenuncio de tremendas opressões....

— Cairemos em breve no cativeiro de Babilonia — acudiu o Campos.

O Castro voltou-lhe as costas, indignado.

A discussão continuou. No telhado da reitoria duas pombas azuladas arrulhavam, espanejavam-se em requebros sensuais.

Na Via-Latina o ruido crescia. E num momento a sala esvasiou-se, a onda humana alastrou até ao Observatorio. Aguardava-se a decisão. A porta da sala dos Capêlos, agora cerrada, tinha qualquer coisa de enigmatico. Quando os primeiros lentes atravessaram a multidão, em direcção á Porta-Ferrea, seguiu-os um rancôr murmurado. E ao grito duma voz, do alto da escada, de que o Lacerda fôra reprovado, correspondeu um cla-

môr imenso, que atroou o pateo amplo, que se repercutiu pelas ruas calmas da Alta. Foi como se toda êssa multidão se convulcionasse, numa colera unica e vingadora. Os «morras» á Universidade, á Inquisição, aos lentes de Direito, sucediam-se, a massa humana ondulava, refluia para a Via-Latina, comprimia-se na ansia de admirar a «victima». O Lacerda surgiu emfim, palido, encolhido na capa. Estrugiram palmas. E a onda negra, impelindo-se, como que tentava absorvê-lo no seu entusiasmo para o submergir no esquecimento da iniquidade, para o arremessar á justiça que o engeitára. Depois viu-se o Lacerda acima da multidão, erguido em triunfo. Fez-se um cortejo, que desfilou pela rua Larga, pelo Largo do Castelo, calçada de S. Bento, Santa Cruz, a caminho da Baixa. O entusiasmo crescia sempre, a onda avolumava sempre, tomava as ruas, impedia o transito, bramia em impetos largos de revolta.

— Morra a Universidade!

— Abaixo a Inquisição!

— Viva Manoel Lacerda!

De todas as ruas afluiam curiosos, que se incorporavam no desfile, ou que se ficavam a contempla-lo, pasmados e emudecidos.

Rodrigo, á passagem em Santa Cruz não pôde refrear a impaciencia de voltar a casa. Despediu-se de Pedro. Ia informar Beatriz. Mas retraiu-se ao entrar a porta. Escutou ao fundo da escada, no seu permanente receio. Afinal encontrou-a incomodada, com uma dôr aguda no coração. Quís recorrer ao medico. Ela opôz-se, aquilo passava, era devido ao seu estado.

Afigurava-se-lhe quasi infalivel a coincidencia: desde que entrasse em casa na ansiedade de lhe transmitir ocorrencia excepcional, ou motivo forte de alegria, encontrava-a doente.

A dôr dissipou-se; e Rodrigo pôde contar, com acentos hiperbolicos, a manifestação ao Lacerda.

— Queira a Rainha Santa que isso não dê mau resultado... — comentou Beatriz.

E Rodrigo, exaltado:

— Vós sois sempre medrosas. Qual mau resultado? Era preciso! Não sei se o homem tem ou não valor. Trataram-no mal...

E ficou toda a noite inquieto, no desejo de saber o que se dera na Baixa. O Pedro apareceu ao outro dia, no momento em que êle ia saír para as aulas.

— Não ha aulas, já não ha aulas! — gritou da rua.

Os dois correram a inquirir porque não havia aulas. Ele queria informa-los dum folego, desordenamente, mesmo no corredor. Rodrigo pedia-lhe calma: Pedro nem o ouvia!

— Ontem á noite houve o diabo! Vidraças partidas, «morras», cutiladas da policia. Mas espera. Primeiro o cortejo. Depois que o deixaste, parou na Calçada, em frente do França Amado. Aí os «morras» aos lentes de Direito, á Universidade, abalavam as casas. Nem um terramoto. O Santos Cunha subiu a uma janela e proferiu um discurso incendiario.

Pedro suava e arquejava de cansaço.

— Vamos para a sala — lembrou Rodrigo.

Ele não se sentava, sentia-se melhor de pé. E continuou a narrativa, excitado, sob admiração apreensiva de Beatriz. O Santos Cunha proferira um discurso incendiario. Excomungára a Universidade, os lentes, as formulas fradescas, os seus odios inexoraveis. E erguendo a vozinha aguda, abanando a cabeleira, ageitando a capa, intimára á Academia a obrigação de unir-se num protesto que fôsse a primeira jornada vitoriosa para o ressurgimento da mocidade portugueza. O discurso ecoára na alma da multidão, que marchára dali para casa do Lacerda, na Estrada da Beira, sempre tumultuosa e vibrante. Na estrada da Beira houvera mais discursos, mais efusões de solidariedade na injustiça.

Pedro limpava a testa. Beatriz aproveitou um silencio para considerar:

— Se isso lhes trás qualquer desgôsto?...

— Não, não trás. E não ficou por aqui. A' noite houve assembleia geral.

Descreveu a assembleia geral. Fôra a mais concorrida a que tinha assistido. Resolvera-se, depois de muito discutir, patear os lentes nas aulas, como protesto contra a reprovação do Lacerda.

— O quê? — interrompeu Rodrigo, incredulo. — Estás a desfrutar-me. Além disso, menino, o Lacerda não merecia o sacrificio...

— A mania de filosofares. Cala-te... Ai, perdão... Desculpe-me, D. Beatriz... Estou fóra de mim. Dizia eu que resolveram patear os mestres nas aulas. Sim, isso mesmo... E terminada a assembleia os rapazes seguiram em massa pelas ruas da Alta, aos «morras» á Universidade e aos lentes, parando junto da residencia dos de Direito. Foram partidas as vidraças da Torre de Anto, onde vive o Capelinha.

Rodrigo indignou-se, apoiado por Beatriz:

— Isso não se fazia. E' indecorôso! Não se recorre nunca a tais meios de combate.

Pedro concordou. Mas que queria? Eram os excessos de todos os movimentos. Pedia que o deixassem continuar. A's oito horas da manhã, nos «Gerais», só a custo se podia entrar. Nunca os vira tão completos, concorridos por estudantes de todas as faculdades. De vez em quando estalava um grito, correspondido por centenas de vozes. A's oito horas e um quarto entrou o primeiro lente, o Evaristo, para dar a primeira aula, a dos caloiros. Fez-se um silencio de espectativa e ansiedade, como se os entusiasmos de repente esfriassem e morressem. O lente atravessou a turba, altivo, a capa apanhada debaixo do braço, num tilintar de esporas. E ao perfilar se junto da porta da aula, os caloiros, que

na assembleia foram julgados incapazes de auxiliar o movimento, recuam e rompem numa pateada enorme, que num momento se generalisa, se torna formidavel clamôr de tempestede. A pateada não era já dos caloiros: era de todos os cursos. E no momento em que o professôr atravessava de novo a multidão, sobranceiro e inalteravel, parecia que o velho edificio escolar ruia pelos aliceres, que os seus deuses pagãos e os seus simbolos de justiça baqueavam na confusão dos escombros.

— Mas isso é verdade?! — interpelou Rodrigo, de mãos apertadas na cabeça.

Beatriz, aterrada, previa o fim do mundo, catastrofes iminentes.

— Verdade, sim, é verdade! Vieram mais dois lentes. A pateada repetiu-se. Depois foram invadidas as aulas de teologia, de filosofia, de medicina, e aclamados os professôres, pedindo-se-lhes que interrompessem os trabalhos...

De maneira que ás nove horas estava encerrada a Universidade, por ordem do Reitor, para evitar que as manifestações continuassem.

— E agora?! — interrogou Rodrigo dominado pela surprêsa.

— Não sei, veremos. Logo ha assembleia geral. Pensa-se em ir a Lisbôa pedir sindicancia ao acto.

— E' tolice! Não se consegue, nem é viavel... Sindicancia a um acto?

— Consegue, consegue-se tudo! Tu vens á assembleia?

Rodrigo disse que sim. Beatriz interpoz-se, sobressaltada:

— Filho, não vás... Póde acontecer desgraça...

Ele fez-lhe um afago, chamou-lhe pessimista. E prometeu não se meter em «balburdias». Que ficasse tranquila.

A assembleia geral decorreu animada e declamada. Decidiu-se a ida da Academia a Lisbôa reclamar a reforma da Universidade, o ensino livre, a extincção do fôro academico, a sindicancia ao acto de Manoel Lacerda. E como garantia de solidariedade perfeita propoz-se, entre vivas aclamações, que riscasse o seu nome do «Anuario» todo o estudante que não aprovasse as deliberações tomadas e a pateada aos lentes. Não foi riscado um unico — a Academia declarava assim, tacitamente, a sua unidade nas reivindicações e nas responsabilidades.

A' saida foram pela Couraça. A Maria de Jesus indicou Rodrigo a uma visinha, de modo que êle ouvisse:

— E' êsse...

Ia erguer a cabeça e responder-lhe. Conteve-se, porém, no receio do escandalo. O Temudo rompeu pelo quarto a cantar a «Marselheza». E trovejou, arrebatado:

— Estamos redimidos! Era preciso mostrar-lhes que a escravatura já não existe! E' uma nova era que surge!

Rodrigo sorrindo, interveiu:

— Veremos... Se não se repetir o caso da «gréve» de noventa e dois...

O Temudo e o Pedro sacudiram-se, mostraram que nada autorisava suspeitas afrontosas para quem procedera com tão alto desassombro.

A Joana interrompeu-os. Dirigiu-se a Rodrigo, disse-lhe que não tinha carta. E chorou aquela desgraça — «constava além disso que expulsavam de Coimbra os estudantes»!...

Ao outro dia a «Revolução» era de facto intimada a recolher, no prazo de vinte e quatro horas, ao seio pacifico das familias. Pedro e Rodrigo foram declarar ao comissariado que ficavam — porque tinham parentes em

Coimbra. Os jornais de Lisbôa noticiavam, com aplausos profeticos, a serenidade dos trezentos estudantes que levaram ao Parlamento as reclamações da colectividade. Êssa manifestação revestira caracter de imponente grandeza — era como que o amanhecer de força nova, consciente e disciplinada, ressuscitando as energias dum povo gasto por seculos de passividade fradesca, de tirania e inquisição.

— Apesar disso — comentava Rodrigo — o governo recebeu-os na ponta da bota.

Pedro não descoroçoava pela má vontade do governo. O seu espirito conservador devia sofrer com a atitude rasgada dos rapazes. Que continuassem serenos e intransigentes, e tinham por seu lado a victoria, a despeito dos sceticos como Rodrigo.

Rodrigo exaltou-se. Não era scetico. Avaliava os homens pelo seu passado. Os de hoje não tinham saído de raça mais forte do que os de ontem. Porque o seu desejo pronunciava-se pelo triunfo da Academia.

— E é evidente — continuou Rodrigo — a minha simpatia, todo o meu entusismo estão com os camaradas. Se receio pelo resultado, é que recordo as outras «gréves».

— Irra! Esta nada tem com as outras! Se esta é do Portugal novo, as outras eram do Portugal velho. E' preciso acabar com o exclusivo do estudo de Direito na Universidade, com o fôro academico...

— Nem eu digo o contrario.

— Revolta, então? que no seculo XX, no templo do Direito moderno, haja tribunais secretos, que o réu não seja ouvido, nem o defensor, e os juizes sejam os queixosos! E que se expulsem duma cidade, sem culpa formada, mil cidadãos livres...

Separaram-se já quasi noite. Rodrigo suspeitava que a doença de Tereza se tivesse agravado, pelo silencio da

mãe dias seguidos. E se assim fôsse? Pensava na felicidade logo conquistada, mas a medo, como se o pensar nela podesse afasta-la. Escrevera á mãe a contar-lhe o que se déra na Universidade, a dizer-lhe que ficára em Coimbra porque se esperava que as aulas abrissem dum para outro dia. E não aludira tambem a Tereza — fazia-o por precaução, para não avolumar suspeitas. Ela informa-lo-ia por certo na resposta.

No dia seguinte nova carta anonima, na mesma letra mal disfarçada, no mesmo estilo delambido. E agora recomendava-lhe humanidade para com a «costureira», pois não a tivera com a «sua infeliz esposa, a quem maltratára depois de viver alguns anos á sua custa».

Rodrigo supoz endoidecer. A calunia unia-se á perfidia. Era infame, monstruoso! Meteu em direcção á Couraça no proposito vago de praticar um acto energico que o puzesse a salvo dêssa mulher má. Porque estava na convicção intima de que as cartas eram de Maria de Jesus. Mas ao entrar na Couraça toda a sua colera se fundiu na ideia de lhe escrever, a pedir-lhe que o recebessse em casa. Era necessario abranda-la, obriga-la a confessar a autoria das cartas, com a promessa de que não mais tentaria perturbar a sua vida.

Em frente do papel e da tinta, no seu antigo quarto, começaram a avolumar, uns apos outros, os inconvenientes do plano. Ela não o receberia — e a sua carta, revelando-lhe mêdo e fraqueza, não serviria senão para lhe estimular a perversidade satisfeita.

A Joana apareceu a chorar, a limpar os olhos ao avental.

— Que tem, «ti» Joana, que lhe aconteceu?

Ela explicou, no seu falsête desafinado:

— Foi o senhor Temudo.... Poz tudo no «prégo».

— Sim, eu reparei, quando fui buscar ao quarto papel e tinta. Só tinha a estante...

— Foi tudo para o «prégo». mêsa, lavatorio, capa e batina. A cama já a lá tinha, ha mais de duas semanas. Emprestei-lhe umas arrecadas, um dinheirinho.. que me mandava de casa o dinheirinho, e a cautela, e nada... E' um «pilão», ando aqui com necessidades por causa daquele «pílão»...

Rodrigo deu-lhe umas placas em niquel. Não tinha mais. E que escrevesse, talvez o homem acordasse do esquecimento.

— Não acorda, não, senhor doutor... — asseverou, já confortada. — Se todos fossem como V. Ex.ª, não andavamos a gente aqui em «entalanços»...

Rodrigo lembrou-se de tirar déla, de investigar se já estava de posse do «segredo». Sondou-a com prudencias ardilosas, inquirindo se falavam dêle lá pela rua, se lhe cortavam na pele.

Negou, cheia de exclamações e de respeito:

— Crédo! quem se atreveria a falar-me do senhor doutor?

Rodrigo insistiu, prometeu-lhe uma «lembrança» na Pascoa. Ela então acercou-se mais, confiou, num ar de confidencia:

— V. Ex.ª não compromete a gente... Olhe, o senhor Temudo é que dizia para aí a uns e a outros que V. Ex.ª... mas nem sei se diga...

— Diga, diga... — animou, impaciente.

— Que V. Ex.ª... olhe, senhor doutor, ninguem lhe deu ouvidos .. Crédo! eu ao menos, nunca! Que V. Ex.ª era casado, que V. Ex.ª vivia separado da sua senhora... Depois tambem ouvi que alí a visinha, a do Silva, falava nisso... Eu neguei, assim Deus me salve! Podia lá ser! ..

A duvida desvanecia-se, mais clara do que a luz. Era ela, o estafermo da Silva, que lhe mandava as cartas anonimas. E o Temudo, êsse patife a quem só tinha prestado favores, devendo-lhe dinheiro, dinheiro que

não esperava sequer reaver, era o seu informador, era o informador de toda a gente em Colmbra. No seu odio subito e revoltado contra o Temudo nem ouvia já a confidencia da servente. Havia de arrancar-lhe as orelhas, escarrar-lhe na cara, chicotea-lo...

Mas como saberia, como teria êle sabido de tudo?

XIV

Viu as horas. Passava do meio dia. Rodrigo sentia a sua inquietação recrudescer como fogueira espertada pelo vento. Levantou-se mais uma vez, chegou à janela, investigou a rua deserta, alagada de chuva... Depois foi pé ante pé e colou o ouvido á porta do quarto. Não ouviu rumor. Voltou á salêta de trabalho. Uma batega de agua, impelida pela ventania, fustigou a vidraça. E Pedro sem vir! Naturalmente não tinha conseguido nada da D. Isabel, não encontrára sequer o medico. Esperaria meia hora mais; se até lá não chegasse, êle mesmo correria á cidade. Se a visse salva, se Beatriz atravessasse a hora atribulada do parto livre de perigo, a sua vida entraria então na paz deliciosa dos que não temem sombras nem encruzilhadas. Dir-lhe-ia o que era, quem era, sem lhe esconder o mais escuro recanto do seu passado — e todos os tormentos se reduziriam ao fumo que se perde no ar, no socego de clara manhã. Ainda que não fôsse senão pelo filho, Beatriz conformar-se-ia, viria a convencer-se de que a felicidade provém apenas do acordo mutuo entre sentimentos e desejos. A ideia do filho, do ignorado que se

revelaria dentro de poucas horas, dominava-o... Mas Pedro entrou esbaforido, com a grenha humida e revolta, a capa ensopada. E Rodrigo, ansiadamente:

— Então?

— Medico vem já... Demorei por causa da chuva... E por causa da D. Isabel. Nada, não consegui nada...

— Nada?

— Não houve meio. Pedi-lhe, disse-lhe que Beatriz está mal, que está aterrorisada pela ideia da morte, que não queria morrer sem lhe pedir perdão... Desfez-se em chôro, lamentou-a... mas não vem!

— E a Mariana?

— Pediu como eu! Até de joelhos... pela alma do pai... e nada! Só deu ordem para trazerem o relicario.

Rodrigo deu uns passos agitados no quarto. E parando, num gesto duro:

— E' de mais! Que vá para o diabo com os escrupulos! Nêsta ocasião!

Pedro acudiu logo, suplicou que falasse baixo. Ela podia ouvir no quarto. E era preciso iludi-la, dizer-lhe que a mãe prometera vir...

— Sim, tens razão... E' preciso iludi-la! Até agora preciso mentir! — e apertou a cabeça entre as mãos, desolado.

Um grito aspero feriu-lhe o ouvido. Encararam-se confrangidos. Rodrigo correu ao quarto.

Beatriz, deitada de costas, o encrespado negro dos cabêlos fechado em touca branca, contorcia-se, num gemido, com as mãos enclavinhadas na barra do leito. Ao lado, a parteira, quarentona da côr sadia do paio alemtejano, baixa e roliça, falava-lhe no tom discreto e sorridente de criatura aclimada em meias penumbras de alcovas de doentes. Por cima das cadeiras, na comoda de nogueira, via-se um estendal confuso de

roupas brancas, ligaduras e maços de algodão hidrofilo.

Ela abriu muito os olhos, ao senti-lo, na expressão dolorosa dos que suplicam alivios. Perguntou, entre lamentos:

— E a mamã, a mamã não vem?

— Vem, filha, sossega. Chegou agora o Pedro, esteve com ela. Prometeu vir ao escurecer.

— Só ao escurecer?

— Parece-te que demora muito, mas não... — Consultou o relogio, continuou: — Pouco falta, filha. E o medico está a chegar tambem.

— O medico! — resmuneou num tregeito de contrariedade.

— E' melhor, então... O teu estado não oferece perigo. Mas é melhor, para abreviar o sofrimento.

A parteira declarou modestamente que o medico não vinha abreviar. Sabia poucochinho, mas avaliava. Beatriz teve uma convulsão, cerrou os olhos, soltou um uivo lancinante, em que vibravam todas as dôres do corpo que se dilacera. Rodrigo incutiu-lhe coragem, baixinho, enternecidamente, passeando-lhe os dêdos tremulos pela testa humedecida de suor:

— Beatriz... animo! Tem coragem... E' o nosso filho, Beatriz, pensa no nosso filhinho, Beatriz...

Soltou dois gritos, revolvendo-se, abrindo por vezes desvairadamente os olhos, como se quizesse deixar passar atravez das palpebras a dôr que lhe rasgava os flancos, a vida que se agitava nos transes do alvorecer. Depois abateu-se, prostrada, a arquejar, a bôca entreaberta no espasmo da fadiga. Ele afagava-a ainda, metia-lhe sob a touca os cabêlos dispersos. Beatriz descerrou os olhos, numa expressão agradecida e dolorosa:

— A mamã que venha depressa! Eu môrro!... E que traga o relicario...

— Não digas que morres, Beatriz. Não desanimes, Beatriz. Eu mando já a Maria a casa de tua mãe, mas não desanimes.

Foi escrever um bilhete a Mariana, pedindo-lhe pela ultima vez que arrancasse a mãe da sua pertinacia, porque Beatriz, no receio de morrer, lhe suplicava que viesse. A portadora devia trazer o relicario.

— O medico demora-se — considerou Pedro, encolhido, a lêr as «Novidades».

Rodrigo correu á janela, recomendou á Maria que fôsse a casa do medico.

— O doutor Jorge Rebelo?

— Sim, Jorge Rebelo, ao fundo da rua de S. João. Que venha já! — Aproximou-se de Pedro, com a face no brilho da esperança: — Eu nem quero pensar em que Beatriz pòde estar salva, daqui a pouco, e que serei então pai! O meu filho, o meu pequerrucho! De o desejar chego a convencer-me de que o sinto, de que o tenho entre os braços! E a Beatriz, coitadinha, sofre imenso... Oxalá que a D. Isabel viesse... — E logo, numa decisão planeada: — Se tudo correr bem, apenas a veja restabelecida, conto-lho a historia do casamento. Se ela quizer, vendo o pouco que tenho, vamos para o estrangeiro, trabalho para vivermos. Isto no caso da outra não morrer...

— E a formatura?

— Deixo isto! Não serve de nada a formatura. E' como o titulo pomposo de livro em branco. E tu calculas lá a minha indignação, quando soube que foram julgados e expulsos da Universidade, por um acto de toda a Academia, sete estudantes! Nem tenho coragem de voltar às aulas.

A' porta da rua parou um trem. Eles levantaram-se apressados. A campainha retiniu.

— O medico! — disse Rodrigo. Abalaram para a escada.

O doutor Rebelo subiu, cumprimentando-os com um «olá!» afectuoso e expansivo. E a sua face de rapaz, quasi imberbe, abriu-se num sorriso afavel, em contraste com a sua fria rigidez aparente. Deixou o chapéu e a bengala na sala de jantar, encarando Rodrigo, afirmando com bonomia:

— Olha que cara! E' como se o tivessem desenterrado. Você é que está de parto!.

O vulto gordalhudo da parteira dobrou-se na venia ao «senhor doutor». Beatriz, de palpebras veladas, os dentes cravados no labio inferior, tinha o rôsto contraído na distensão da agonia.

— Então, minha senhora, que é isso? — inquiriu o doutor Rebelo, animoso. — Isso não é nada, minha senhora. Vamos, é preciso coragem. Ora vá, isso passa breve, não é nada!

Ela abriu os olhos, sorriu, como se a dôr realmente se dissipasse. Rodrigo, do lado oposto da cama, seguia-lhe a expressão fisionomica, atentamente, como se procurasse decifrar nos olhos, nas contrações faciais do medico aquilo que a sua palavra poderia tentar encobrir-lhe.

Examinou-a com cuidado, animando-a, troçando o aspecto confrangido de Rodrigo. Ao apalpar-lhe o ventre ela teve um grito de angustia.

— Grite, minha senhora, grite á vontade. Faz-lhe bem. E quando puder, olhe para o seu marido... Parece que é êle que está com as dôres. V. Ex.ª tem mais coragem, apesar de tudo.

A parteira ria e comentava:

— Não que o caso não é para brincadeiras...

Na salêta de trabalho Rodrigo interrogou-o, desassossegado.

— Não está mal... Ainda demora umas horas. — E fitando o olhar na estatueta colocada ao canto do quarto: —Você tem aqui uma estatueta de gôsto!...

Mas não está mal. Aí pelas nove horas devemos ter novidade...

— Então, senhor doutor, não volta?

— O' homem, tranquilise-se! Não é coisa de perigo. Volto, sim... E adeus, até logo, estou com pressa.

Rodrigo, ao sentir o rodar do carro na calçada, teve desejo de correr, de pedir ao medico que ficasse ali, que a não abandonasse um instante. Pedro acalmou-o. E acrescentou:

— Belo homem, este Jorge Rebelo...

— Quasi faz esquecer os sofrimentos ao doente com os seus repentes, os seus gracejos. Tem pelos doentes interesse de amigo. Deviam ser assim todos os medicos.

A chuva, agora, fustigava ruidosamente as vidraças.

A criada chegou em seguida; disse que a senhora D. Mariana respondia logo á carta. Molhára-se um pouco o relicario — uma caixa de lata oxidada, denunciando pelo aspecto a idade secular, com um osso garantido da tibia de S. Serafim a negrejar ao fundo. Tinha com ela o prestigio e o fulgôr de dezenas de milagres em casos de partos dificeis.

Rodrigo, ao tomar a caixa, falou de fetichismo, de exploração gananciosa.

Mas levou-a a Beatriz, avançou no quarto em passos mais leves do que se receásse acorda-la.

Ela envolveu-o no seu olhar aflicto, cheio de angustia, quiz saber se o doutor a achára muito mal.

— Não, filha, palavra de honra, garantiu-me que estás até muito bem disposta.

— Eu é que sei como estou, eu é que sinto. Bem sei que môrro... E não vejo a minha querida mãe, a minha irmãsinha. — Agarrou sofrega o relicario, beijou o vidro fôsco, numa suplica gutural:—Salvai-me! Môrro! Eu môrro! — Voltou-se para Rodrigo, apertou-lhe muito a mão, murmurou quasi sufocada:

— Eu môrro!...

Rodrigo sentiu uma lagrima correr-lhe na cara. Limpou-a furtivamente. E numa voz hesitante e entrecortada:

— Não morres, filha, tem paciencia... Anima-te, tem coragem. E a tua mãe não tarda. Bem vês, está a chover muito.

A parteira compunha as ligaduras, colocava lençois dobrados ao fundo da cama. E resmuneava num tom descansado e confiante:

— Não morre, não... Todas assim dizem. Ainda não vi uma unica que não morresse... e vai-se a vêr poucas são as que morrem...

Beatriz, numa prostação subita, ficou como adormecida em profundo sono. A parteira tirou-lhe cautelosamente o relicario de entre as mãos, pousou-o no marmore da banquinha. Rodrigo saiu pé ante pé, recomendou que o chamasse, se houvesse novidade. Apareceu na saleta de trabalho desvairado, num desespero febril. Abateu-se numa cadeira, asseverou cavamente:

— A minha cabeça! Não sei o que sinto cá dentro! E' como se trouxesse um vendaval entre as paredes do craneo! Vai nascer o meu filho, e estou como se esperasse condenação á morte! Que vida, que maldita vida!

— Mas que é isso, dize?! — pediu o outro, alarmado. — Está pior? Ainda ha pouco te via tão satisfeito...

Ele poz-se de pé; e passando a mão pela testa:

— Não, não está pior... Mas o nascimento do meu filho faz-me temer o futuro. E é aquela mulher, a «giráfa», que eu vejo semeando-o de pavores. Para que fui eu viver na Couraça, para que puz os olhos naquele estafermo?

O outro deu-se a acalma-lo, a mostrar-lhe que o futuro não devia apoquenta-lo desde que persistisse em preparar Beatriz contra qualquer investida da «girafa».

E no seu entender, o mais seguro era ir com ela para longe de intrigas e bisbilhotices.

A Maria foi dizer que estava pronto o jantar. Pedro arrastou-o atrás de si, porque precisava comer, porque não tinha motivos para esmorecimentos, agora que amanhecia o dia da tranquilidade.

Rodrigo, antes de se sentar á mêsa, tornou a espreitar á porta do quarto. A parteira poz um dêdo no nariz, em sinal de silencio. E baixinho:

— Ficou-se agora mesmo. Jante o senhor doutor descansado, que isto não está para já.

Acenderam o candieiro. A chuva, tocada pelo vento forte do sul, batia nas vidraças e escorria em línhas sinuosas. Quando o vento amainava, ouvia-se o cantarolar ruidoso da agua na calçada. Então, as gôtas suspensas no rebordo dos caixilhos, iluminavam-se á luz do candieiro, luziam como diamantes, tombavam como lagrimas.

Os dois, muito calados, sorviam a sôpa ás colheradas. Pedro, ao cosido, entrou a conversar, a atraír-lhe a atenção para a «gréve», para a indiferença da população de Coimbra em face dos acontecimentos.

O comercio tinha representado ao governo para que a faculdade de Direito não fosse desdobrada — contra o que pretendiam os estudantes. Claro, o comercio de Coimbra considerava a faculdade de Direito a sua mais rendosa mercadoria. O estudante só teria a lucrar com o desdobramento? Lucraria o ensino nacional? Ora, que se importava o comercio com frioleiras?... O comercio, o que queria, era a mercadoria a render o maior numero de réis por volume.

Rodrigo começava a interessar-se, a intervir nas considerações do amigo. Concordou com êle, disse mesmo:

— E o melhor é que nos odeia... Tem por nós o asco que nos inspira o petroleo. Só lhe tocamos quando queremos luz. Ele quando quer dinheiro. E daí a

indiferença manifestada pela expulsão dos «sete»... A respeito do encerramento da Universidade não se mexeu, porque tem mêdo... Remoe a prudencia celebrada de Sancho Pansa.

Na sineta do convento vibraram sete horas, sacudidas pelo vento.

— Sete horas! E é noite! — disse Rodrigo, interrompendo o amigo. — A D. Isabel não vem, já não vem...

Pedro rotomou a conversa. Do quarto partiu um grito estertoroso. Rodrigo levantou-se, escoando-se pela porta logo fechada.

D. Isabel, apenas a criada de Beatriz desceu a escada com o relicario, abandonou-se sobre o canapé, em soluços angustiados.

Mariana, que acabava de encostar a porta, foi para ela, dolorida:

— Mamã, minha mamã! Não chore!

— O coração diz-me que ela morre, que a minha pobre filha morre...

— Vamos vê-la... E se ela morre? Perdoe-lhe, mamã!

D. Isabel fitou o açafate da costura, imovel e pensativa, com um lenço branco apertado na mão direita. E como a filha insistisse, julgando-a inclinada a ceder, retorquiu, placidamente, mas a custo:

— Olha, filha, a Rainha Santa bem sabe que lhe perdôo do coração. Mas não tenho coragem de ir lá, de estar em casa dêle, que ma roubou.

E concentrou-se de novo, as pupilas humidas e brilhantes vagamente fixas no açafate. A chuva fustigava as vidraças. Poz-se a scismar na morte da filha e do néto, por um dia assim invernoso, tendo de ser sepultados num coval ensopado, sem o abrigo de ramo de cipreste. E nunca mais veria a desgraçadinha!

Mariana aproveitou a sua concentração para tentar mais uma vez estabelecer um traço de harmonia entre mãe e filha. Sentou-se ao lado dela. E o seu falar lento, da suavidade de melodia, irradiava simplicidade e carinho. Se lhe perdoava do coração, qne lhe importava Rodrigo, que culpa tinha Beatriz de que não perdoasse a Rodrigo? Iam a Celas, evitavam mesmo conversar com êle. Chegavam, viam Beatriz, levavam-lhe êsse grande alivio, e vinham-se embora. A mãe temia a lingua das visinhas?... As visinhas escusavam de o saber. Podiam mandar a Brigida para casa e nem ela sequer o suspeitaria. E se as visinhas soubessem? Não era vergonha a mãe perdoar á filha...

Tomou-lhe a mão, beijou-a, suplicou:

— Vá, mamãsinha, diga que sim...

Ela atalhou, banhada em lagrimas:

— Cala-te, filha, pelo amor de Deus, cala-te!...

E na verdade: que culpa tinha a Beatriz de que não perdoasse ao Rodrigo? Porque a êle não lhe perdoaria nunca... Compreendia bem o motivo que a obrigára a deixar a casa, a pobre rapariga, os seus incomodos, a sua palidez durante o verão. Confiára nos bons sentimentos do intruso e o infame abusára dêssa confiança, na sua propria casa. D. Isabel ergueu a voz, como se despertasse de largo sonho:

— E vá a gente fiar-se em homens! Todos o mesmo barro...

— O que diz a mamã? — interpelou Mariana, que não atingira o sentido das suas palavras destacadas.

— Dizia que ninguem se deve fiar em homens. Aquele parecia um santo, e era pior do que os outros. E tão bom é êle como a mãe... A mãe, boa pessôa, não se oporia ao casamento. Ora, opõe-se!... Ele não está em idade de precisar de consentimentos.

Mariana repetiu-lhe os compromissos da pobre senhora, velha e doente, a tenção firme de Rodrigo, que

esperava o nascimento do filhinho para obter o consentimento, sem lhe provocar abalos, sem perder a mesada.

— E não se importou de me causar abalo a mim que o recebia como filho... E se é por causa da mesada... nós somos pobres, a Rainha Santa sabe como vivemos... mas onde comem tres, tambem comem quatro!...

As ultimas palavras pronunciou-as em soluços, limpando as lagrimas. A filha abraçou-a, beijou-a nos olhos, implorou:

— Mamã, não chore, não vale a pena chorar...

— Se teu pai fôsse vivo, tinha morrido de vergonha!... O que me estava reservado, Rainha Santa!...

A's oito horas mandou a servente para casa. Abafava, tinha necessidade dum pouco de ar. Disse a Mariana que se vestisse:

— Agora chove pouco, veste-te, preciso de ar. E' como se estivesse para morrer com um nó aqui, aqui... — e indicou a garganta.

Ao Largo do Castelo, D. Isabel hesitou — mas deixou-se guiar para a ladeira de S. Bento, caminho de Celas.

Um chuvisco espesso arrefecia-lhes o rôsto, molhava-lhes as mãos apesar do guarda chuva.

Chegavam-se uma para a outra, como para se protegerem melhor. E D. Isabel a cada passo voltava a cabeça, numa preocupação persistente. Ao fundo da calçada parou com a impressão de que ouvia atrás de si o «tac-tac» impertinente da muleta da «coxa». A filha, intrigada, quiz saber por que parára.

— Não foi por nada... Era para descansar...

Em frente da Penitenciaria recusou-se a adiantar o passeio.

— Mamã! — suplicou Mariana, puxando-a pelo braço. — Vamos só até ás Arcas de Agua... Tambem

preciso de ar, ainda não me sinto bem. E deixou de chover...

A chuva era já apenas um nevoeiro leve que formava aureolas coloridas em volta dos bicos de gaz.

A's Arcas de Agua queixou-se dum mal estar geral. Mariana arriscou-se a pedir :

— Mamã! Estamos tão perto! E' já ali a dois passos...

— Não, filha, não me peças isso. Não peças!

Mas a sua voz vinha fraca, tão abafada pela ressonancia da lucta intima, que mal se ouviu a suplicar. Retrocedeu. Tinha dado alguns passos em direcção á cidade, quando lembrou :

— Olha, voltamos, e descemos ao Largo de Santa Cruz. — Iam descer a rua Lourenço de Azevedo. A D. Isabel tornou a parar, disse baixo, como se temesse que a ouvissem :

— Bem, se queres, chegamos até Celas. Não entramos, ouves? E' só para sabermos...

Calou-se, a voz estrangulada na garganta.

Mariana reanimava-se. E numa intenção reservada :

— Olhe, mamã, podemos perguntar por ali perto, vêr mesmo se alguem sai lá de casa...

— Sim...

Apressaram o passo. E ao atravessarem a rua do Pateo, a D. Isabel olhou ainda para trás, ainda sob a inquietação da muleta. Reparou em certas janelas que resplandeciam de luz. Perguntou, alvoraçada, quasi ofegante :

— E' ali?

— Não, mamã, é um pouco mais acima.

Junto da casa de Rodrigo detiveram-se, encostando-se ao muro fronteiro. De janela meio cerrada vinha uma faixa de luz obliqua, que se projectava na caliça humida do muro. E a mudez do abandono pairava em torno, enigmatica e desoladôra. D. Isabel

prescrutava a janela, no desejo de descobrir ao menos a sombra de vulto que passasse. Depois, acercou-se da porta fechada. Fixou o ouvido: supoz distinguir gemidos, correrias precipitadas. Mariana aproximou-se tambem. Ela ergueu a mão, fez-lhe sinal de silencio. Esperou, atenta, anciosa, o coração aos saltos, o rôsto contraído, os olhos angustiados. Murmurava, muito baixo:

— Rainha Santa... Minha filha... Tende piedade... — e erguia o olhar turvo de lagrimas para o céo tenebroso e frio, para a janela iluminada e baça.

— Mamã! — gemeu ao lado Mariana.

D. Isabel ia bater á porta, numa decisão em que fremeu todo o seu instinto maternal exacerbado. Um trem dobrou o cotovelo da rua, avançou velozmente, com as lanternas acêsas, como olhos de animal fabuloso varando o nevoeiro. Recuaram no caminho deserto, esperaram, um pouco afastadas.

O carro estacou em frente da casa.

— E' o medico! — disse D. Isabel, sentindo crescer os pavores. Então dirigiu-se, seguida por Mariana, para a porta da rua, resolvida a subir. A porta ficára aberta. O cocheiro, embuçado na capa de oleado, olhou-as de soslaio.

— Não, espera! — implorou a desolada senhora. — Espera, deixa vir o medico...

O medico desceu instantes depois — e atravez dêsses instantes elas tiveram a sensação de que envelheciam, de que esperavam cem anos. A portinhola do carro bateu com estrépito. A D. Isabel adiantou-se. Rodrigo reconheceu-as ao dar-lhes em cheio a luz da lanterna. Foi ao seu encontro, num impulso irrefreavel, apontou-lhes a escada:

— Façam favor. Está por instantes...

Elas olharam-se, espavoridas. Mariana ainda gaguejou: — Por instantes!... E precipitaram-se, desvaira-

das. Pedro, que as pressentiu, esperou-as na sala de jantar. A D. Isabel interrogou-o, na sua turbação dolorida:

— Onde está?

Rodrigo porém anteviu um choque violento, que naquele transe decidiria da vida de Beatriz. Pediu-lhes que esperassem, que a hora cruciante estava por minutos. Cederam, sentaram-se, sufocadas por emoções abaladoras. Mariana chorava em silencio, sacudida pelos gritos da irmã, que agora se elevavam, angustiosos, infindaveis. A mãe parecia rezar. Aos gritos estertorosos sucedeu um silencio profundo. A seguir, a parteira, em voz apressada, exclamou:

— Senhor doutor, senhor doutor!...

Elas ergueram-se atarantadas. Rodrigo atirou-se para o interior do quarto. Pouco depois aparecia de nôvo, a face resplandecente de felicidade, mostrando, entre as dobras dum lençol, um rostosinho disforme e arroxeado, de olhos embaciados, meio abertos na indecisão da luz. Soluçava, radiante:

— Uma menina, uma menina!...

D. Isabel esqueceu as suas dôres, os seus ressentimentos, a vergonha que Rodrigo lhe lançára em casa. Tomou nas mãos o corpo pequenino, tremula, num transporte feliz, num rir nervoso de alegria. E repetia, sufocada:

— A minha nétinha... a minha nétinha! — Beijava-a, furtava-a a Mariana. que ria e chorava. E Pedro, no seu contentamento vitorioso, apertou o tronco arquejante de Rodrigo num abraço que lhe fez ranger os ossos. — Que linda! — dizia a avó.

Beatriz sentava-se já no leito, recostada em almofadões. Tinham decorrido cinco dias sobre a hora dolorosa e mostrava o aspecto de restabelecida. Atribuia as melhoras rapidas á ventura do perdão da sua mãe, á

satisfação de ter muito leite para criar a filhinha, a Isabel, como decidiram que se chamasse. Porque era ela que a amamentava, a despeito da contrariedade de Rodrigo. Queria completar a sua obra, afirmava, num grande jubilo — não a deixaria por mãos indiferentes de mercenarias. Nêssa tarde estranhou Rodrigo, ao vê-lo entrar com os olhos fulgurando alegria. Chamou-o junto de si, interrogou-o na voz discreta de convalescente.

— Que tens hoje, Rodrigo? Que tens, dize?

— Não tenho nada de extraordinario, filha. Ando alegre, que queres? ando alegre por te vêr livre de perigo, a nossa pequerrucha bem constituida, a tua mãe nossa amiga...

Mas quando Pedro chegou, ás seis horas, fechou-se com êle na salêta de estudo, tirou uma carta do bolso da batina, e entregou-lha, laconico:

— Lê...

Pedro leu, sorrindo. D. Rosaria participava-lhe que Tereza, na vespera, tivera um ataque, caíndo no lagêdo da cosinha e ferindo-se gravemente na cabeça. Consideravam-na perdida... Dizia ainda que telegrafava, se sobreviesse desenlace fatal, a fim de êle assistir ao enterro. E fazia votos por que não perdesse o ano devido á loucura da «gréve».

Ao dobrar a carta Pedro falava de remorsos pelo contentamento proveniente do estado grave da criatura. Era mais uma consequencia do absurdo que só deixava uma porta aberta para a saída do matrimonio — a da morte. Se Rodrigo pudesse realisar a felicidade a que aspirava independentemente do desaparecimento de Tereza, lamentariam até o triste incidente. Era um absurdo — prosseguiu Pedro, animado — obrigar um homem válido a ser duma histerica infecunda, impedindo-o de gosar a ventura de mulher dedicada e sadia, que lhe alargasse o futuro em viçosas florações de vida e amor!

Rodrigo escutava-o, atento. Como êle se dispuzesse a alargar-se, cortou os voadoiros ao verbo conceituoso.

— Cala-te, deixa-te de filosofias. Isso fica para mais tarde. A questão é que posso ficar livre dum momento para o outro. Se não ficar, não haverá duvida. As incertezas cederam o logar á energia firme, bem temperada, nascida á mesma hora em que me nasceu uma filha. Vais vêr: se Tereza resistir, apenas Beatriz recupere as forças gastas, chamo-a aqui, a êsta sala, e conto-lhe a minha vida toda, sem faltar uma virgula. Se ela quizer, vendo os meus bocados, e adeus, safamo-nos para o estrangeiro. E' ponto assente . . .

Ia da janela para a secretária, da secretária para a janela, em movimentos rápidos. Pedro, estirado na cadeira de verga, olhava-o satisfeito pela sua satisfação toda fremente de esperanças. Ele prosseguiu:

— Tenho cá dentro não sei o quê a dizer-me que vai acabar a minha vida de inquietações e tormentos. Já não é sem tempo. Desde que conheço Beatriz quasi não tive dia de sossêgo. E' curioso, ó Pedro — encarou-o, poz-lhe a mão no ombro, afavelmente: — nunca vem uma alegria que não venham muitas juntas . . .

— Alegrias e tristezas . . . São como as andorinhas. Só chegam aos bandos.

— No mesmo dia, imagina: o nascimento da Isabel; Beatriz livre de perigo; a seguir o emprestimo do dinheiro sem hipoteca; esta carta; as pazes com a D. Isabel . . . — Comoveu-se, deu alguns passos em silencio, e tornando junto do amigo: — E' uma bôa alma, a D. Isabel. Mal amanhece, ela aí está, doidinha pela neta, não consentindo até que a parteira a lave. Quer fazer tudo, tudo lhe parece pouco . . . Nem palavra de censura a mim ou á filha . . .

— O Belarmino era tambem um santo homem. Conhecia-o desde os preparatorios.

— A minha mãe é que supõe que não me torna a

vêr. Coitada, ela tem razão! Desde as férias grandes sem ir a casa. No Natal por causa das lições, agora por causa da «gréve . . .»

Pedro poz-se de pé e falou copiosamente da «gréve».

— Sabes? E já aí está cavalaria, policia de Lisbôa, cento e tantos guardas, suponho que vem artilharia, tudo para garantir a entrada na Universidade aos que quizerem ir ás aulas! . . .

— Já sabia. A D. Isabel e a parteira falaram hoje nisso, afflictas, dizendo que vai haver sangue, mortes!

Pedro concordava com o sangue e com as mortes. Se por um lado os catolicos continuavam a minar na sombra, dispostos a atraiçoar o movimento, a maioria da Academia mantinha-se, pronta a invadir as aulas, a fazer arruaça, a interrompe-las. Então intervinha a força armada e haveria cutiladas e tiros, nos «Gerais», nas aulas, na Via-Latina. Mas seria um movimento esplendido, unico, a «gréve» de todas as escolas do paiz! Porque todas aderiam calorosamente.

— E o melhor — objectou Rodrigo, deixando-se levar na corrente do entusiasmo do outro — é que já não se fala no Lacerda. O Lacerda desapareceu da questão. Foi um incidente.

— Foi o pretexto para as nossas reenvindicações. Agora queremos vida nova e os «sete» readmitidos. O dia oito de abril, depois de ámanhã, vai ficar memoravel. Será uma formidavel lição, ou um pavoroso desastre.

Rodrigo inclinava-se para o desastre. O mal todo estava nos catolicos, nos «furistas». «Furada» por cem rapazes, os outros, viam a causa prejudicada, não se continham. E tendo chegado á janela, chamou o Pedro, de pressa, que fôsse vêr.

O sol, na linha do horisonte, meio velado em gaze de purpura, semelhava um balão de hidrogenio, rubro e esférico, suspenso no fundo luminôso sobre a renda

dos pinheirais longinguos, imoveis como panos de muralha. E a sua claridade, dum vermelho livido, envolvia as coisas em tons estranhos de fantasia scenica.

Rodrigo não conhecia poentes melhores do que os de Coimbra, vistos dali. Não podia esquecer o poente da vespera, formidavel explosão de luz que lhe fizera lembrar uma téla em que Deus surge entre nuvens e esplendores a expulsar Adão e Eva do Paraizo.

Bateram á porta do quarto. Ele foi abrir.

— A senhora perguntou pelo senhor doutor — disse a Maria, respeitosa.

— Bem, adeus, até ámanhã . . .

— Vem cêdo, jantas comigo . . . Adeus.

No quarto, de janelas meio cerradas, havia a luz esmorecida de capela gotica. Rodrigo abriu-as de par em par. Paralela ao leito em que Beatriz repousava dos trabalhos lacerantes do parto, com a cabeça sob a touca côr de rosa que espalhava rubores de carmim na sua palidez assetinada, via-se o berço de Isabel, em que o seu corpinho se definia no alteamento da roupa.

Rodrigo sentou-se na borda da cama, e em voz muito branda:

— Estás melhorsinha?

— Estou quasi bôa . . . — afirmou, com um sorriso feliz. — Depois de ámanhã já me levanto.

— Não, não levantas!

— Pois se eu estou melhor, filho! Parece que me queres vêr toda a vida de cama . . . Deixas-me levantar, deixas . . .

— Não, tem paciencia, não deixo. O medico disse pelo menos quinze dias.

Ela amuou, queixou-se das suas exigencias. Ora, podia lá ser, quinze dias!

— Bem, outra coisa, filha — rematou Rodrigo. — Depois de ámanhã falaremos . . . — E mudando de tom:

— Estás mais bonita. Fica-te tão bem essa côr! . . . E olha, o buço, conhece-se mais o buço . . .

— Não fales no buço . . . — escondeu-o com a mão, num gesto de vergonha. — Tenho um desgôsto com isto! — E como se se lembrasse de repente: — Has-de dizer-me o que tens hoje . . . Desconheço-te, vejo-te tão alegre, com os olhos a brilhar de alegria . . .

Ele riu, tomou-lhe uma das mãos, afilada e macia. E acariciando-a, de leve, disse que a sua alegria provinha toda de a vêr salva, apesar dos pressentimentos e dos terrores, de ter ali a sua filhinha, tão gôrda, tão rosada que lhe lembrava um anjinho dos que ornamentam as colunas de altar-mór nas igrejas Renascença. Além disso a mãe dela, cheia de cuidados pela neta, toda perdão para êles, tornava-o feliz como nunca julgára poder ser.

Rodrigo falava lentamente, e acariciava a com as mãos e o olhar. Sentia dilatar-se no seu intimo, inundando-o, amortecendo-lhe a voz, o desejo de lhe confiar o motivo da alegria que lhe entrava na alma, como sol glorioso que a abrasasse de felicidade.

Mas a filha vagiu, mexeu-se entre a roupa do berço. Beatriz dobrou-se para ela, as palpebras diligentes alargadas. E na sua voz mais carinhosa:

— Acordou . . . quer maminha . . .

Ele ergueu-a com o cuidado desageitado de quem levanta um peso enorme. A pequerrucha gemeu-lhe entre as mãos embaraçadas. Beijou-a com fervores de devoção mistica, e passou-a para os braços suplicantes de Beatriz, que ria da sua atrapalhação.

— Parece que se me parte nas mãos . . . — observou Rodrigo.

Ela desapertou a camisa, e envolvendo a filha num sorriso de extase, todo maternal, aconchegou-a sob o chale. Rodrigo seguia-lhe os movimentos: a mãe a estreitar a si a filha pequenina, a boquita dela a abrir-se, a procurar, sugando logo, o bico vermelho do peito que

se lhe oferecia, muito tumido, muito redondo, como hemisferio de jaspe, em que as veias azuladas, meio diluidas na alvura da pele, representavam linhas limitando continentes e mares.

Ficaram-se calados, num enlevo, ouvindo o ruido do sorver ofegante, emquanto as mãositas papudas, com covinhas, tateavam a fonte consoladora donde a vida manava no leite que havia de transforma-la na mulher forte do futuro.

Rodrigo não encontrava expressão que se ajustasse ao quadro comovedor. Tudo se lhe representava frouxo e banal em face da simplicidade encantadora de Beatriz amamentando o sêrsinho que encarnava a sua maior aspiração. Teve vontade de ajoelhar, de se abater em adoração perante a forma definitiva e sagrada do seu amor!

— A nossa filhinha! — disse Beatriz, cingindo-a muito ao seio.

— Que lindo! — resumiu ele, meio sufocado.

E nunca, como naquele instante, o invadiu, o subjugou, numa explosão de honesta sinceridade, a ansia de entregar á mãe amantissima da sua filha, sua legitima mulher pelo afecto e pela mutua identificação de interesses desvelados, a tranquilidade de espirito que as exigencias sociais lhe impunham. Amá-la e purificá-la aos olhos de intransigencias estabelecidas . . . E porque não?

Porque não! Lembrou-lhe a Carregosa, o luto do casarão embebido na penumbra e superstição, frio e desolado como sepulcro. Nem raio de sol, nem olhar carinhoso, nem a graça fugaz de sorriso — um terreno esteril onde não vegeta arbusto, onde não ha verdura, nem luz, nem canto de ave. O senhor Bentes na sua rigidez de morgado orgulhoso; a D. Angelica abatida na contrição apavorada do pecado; Tereza mirrada, angulosa, em delirios histericos, vaga

como sombra; e entre todos êles a papeira abjecta do padre Martinho, a latejar de opressão asmatica, e o seu rapé, e as suas praticas, de que se exalavam o horror da morte, maldições e castigos eternos. Tudo funebre, cerrado em trevas, sem aberta para a luz onde a vida pulula na fermentação permanente das seivas e do sangue! E era ali que êle devia enclausurar a sua mocidade, o seu desejo exaustivo de viver . . .

— Rodrigo . . .

Êle estremeceu, olhou vagamente o vulto curvado de Beatriz. Ela apontou-lhe a filha, em silencio, as pupilas humedecidas no fluido da comoção. A filha adormecera, largára o bico do seio, em que branquejava uma gôta de leite. E á flôr da bôca pequenina de Isabel, a lingua, que parecia uma petala em manhã de nevoeiro, titilava, de leve, como se premesse ainda a doçura do mamilo.

* * *

Tinham dado as duas horas da noite. Rodrigo, deitado num colchão, ao lado da cama da convalescente, não conseguia dormir. Revolvia-se, cobria os ouvidos com a roupa, estendia os braços num abandono, bocejava num mal estar nervôso. Daí a horas abria a Universidade. A Academia ia ser chamada a praticar uma vergonha, ou a enobrecer-se pelo dever.

Não conseguia dormir. Fechava os olhos. Representavam-se-lhe então centenas de criaturas, mães, irmãs, noivas, todas amarguradas, transidas de inquietação, no pavor do dia tremendo. Via tudo cheio de policia — «Gerais», Via Latina, Porta-Ferrea... Ao mais pequeno grito a horda armada e selvagem a caír sobre os rapazes, no furor da chacina! Quantas criaturas não confiavam a sorte dos seus, nêsse mesmo instante, aos santos das suas devoções? !

Contorceu-se, suspirou alto. Beatriz, que êle supunha a dormir, mexeu-se no leito, perguntou:

— Ainda estás acordado?

— Estou. Não posso dormir. E tu, acordaste agora?

— Tambem não durmo... Estou só a lembrar-me que és ferido ámanhã, que te vejo entrar em casa nos braços de homens... Já te disse, ha pouco, ámanhã levanto-me, se te demorares... E se sentir barulho...

Ele fez por lhe acalmar o espirito:

— Ouve... Eu tenho de ir. Era uma vergonha não aparecer. Supunham-me com mêdo. Não me meto em coisa alguma, juro-te. Se houver barulho, volto para casa. — E num tom que traia pouca confiança. — Mas não ha. Os rapazes portam-se bem, não vão ás aulas...

— Ai está para que expulsaram os sete!...»

— Então? E ninguem o esperava. O governo assim o quis!... Ha-de apanhar uma lição, verás. — Falou ainda da lição, numa esperança simulada.

E só de madrugada adormeceram, sob a fadiga que o esgotamento nervoso provocára.

XV

Caminhava para a Universidade oprimido de ansiedade e incerteza. Levantára-se à pressa, mal almoçára, recomendando à D. Isabel, fiel ao amor como nas outras manhãs, que não deixasse levantar a filha. E ás nove horas seguiu em direcção á casa veneranda de Minerva.

A cada passo supunha ouvir gritos, rumores confusos. Tinha desejo de interrogar toda a gente. Em frente do liceu notou movimento desusado de policia. Ao chegar ao Largo do Castelo, esbaforido, com a capa de rastos, experimentou a surprêsa do aparato grave da cavalaria, em linha de combate. Circulavam patrulhas a trote largo. E a sua surprêsa foi maior á entrada na rua Larga, onde estacionava, no silencio de ceremonia funebre, multidão espessa de estudantes, operarios e futricas.

Perguntou a um condiscipulo o que havia. Mas ouviu-se uma salva estrepitosa de palmas, vinda da Porta-Ferrea. Correu para lá. Um trem retrocedia, vagaroso, por entre alas de estudantes — o pai dum aluno de Direito, que acompanhava o filho ás aulas, associára-se á

«gréve» ao defrontar com a serenidade admiravel dos «grévistas», que se conservavam fóra da Universidade.

— Mas então, então ? — inquiriu Rodrigo, dirigindo-se a outros condiscipulos.

— A «gréve» mantem-se ! — clamavam, entusiasmados. — Além dos militares, apenas foram ás aulas três rapazes de Direito, e os de teologia. A «gréve» está portanto assegurada !

O silencio refizera-se, solene e profundo. Lembrava os dias abafados de soalheira, em que o ar parado vibra como bôca de fornalha. A' Porta-Ferrea a policia formava em duas filas taciturnas, de mãos espalmadas sobre o ventre. «Reporters» dos jornais diarios de Lisboa e Porto apanhavam notas. Um fotografo lisboeta, com traços acentuados de israelita, focava aspectos curiosos da multidão. Rodrigo encontrou-se com o Azevedo Lemos e o Pedro, que passeavam ao lado do monumento. E o Pedro logo, triunfante :

— Anda, dize agora que a Academia de hoje deve ser como as outras ! Têsa é que ela é, tesissima !

— Ai tens... os proprios catolicos declinam a responsabilidade do manifesto !

— O resto tudo em «gréve», mesmo os do liceu ! — secundou o Lemos, no seu entusiasmo comedido. — E com esta afirmação luminosa a academia redime-se de muitas fraquezas, de muitas leviandades do passado. Este acto de altivez, calmo e firme, é uma esplendida lição para os velhos, para os que nos governam...

— E' pena que os de Teologia se abstenham, para isto ser completo — comentou Rodrigo. — Os militares, êsses, são obrigados...

O Lemos e Pedro interromperam-no. Queriam falar ao mesmo tempo. Por fim o Pedro concedeu a voz ao Lemos :

— Os teologos cedem. Diz-se que já não vão ás aulas ámanhã. Mas se fossem ? Não é meia duzia de es-

tudantes que inutilisa o efeito moral dêste brado de solidariedade, ámanhã secundado por todas as escolas do paiz !

O Chico de Lencastre passou em frente, morôso, olhando por cima da luneta. O Lemos berrou-lhe o nome, perguntou o que lhe parecia aquilo.

— Magnifico, menino, magnifico ! A questão é que lá se vai pela segunda vez o meu rico quinto ano. O governo fecha a Universidade, tudo perdido...

Os outros protestaram. Não se sacrificava assim o ano de milhares de estudantes, o que iria afectar milhares de familias por êsse Portugal fóra. O governo teria de reconsiderar... Aquela mesma cordura, aquele mesmo silencio, abalariam vivamente a sobranceria desdenhosa dos governantes, revelando-lhes no movimento, não incidente ocasional de arruaceiros, mas garantia consciente de criaturas ná certeza da sua força.

O Castro apareceu tambem. Confiou-lhes um segrêdo — havia preparado «bombas», para o caso de se ter furado a «gréve». Iria tudo pelos ares !

Rodrigo seguiu dalí para a Couraça. Não tinha carta. Saiu logo, e nem deu pela gargalhada que vibrou na varanda das Silvas, á sua passagem. Tomava-o a febre de informar Beatriz, de lhe mostrar que se enganára julgando a «gréve» novo desastre da Academia.

Beatriz, sentada na cama e embrulhada em cobertores, animou-se ao senti-lo. A Maria, de pé, ao lado déla, embalava levemente o berço.

— Tão tarde ! — disse, sorridente. — Se não fôsse a Mariana afiançar-me que estava tudo socegado na rua Larga, morria aqui de aflição .

— Ora, porque havias de morrer de aflição, filha, se te garanti que me vinha embora, se houvesse conflito ? E a Mariana, porque não ficou ?

— Eu teimei... A mamã esperava-a... Vem jantar ámanhã comnôsco.

Rodrigo sentou-se na cama, ainda afogueado pelos sobressaltos recebidos, e desdobrou-lhe os pormenores ampliados da «gréve».

Beatriz, apenas de longe a longe, arriscava apreciação receiosa. Concluiu, no entanto, por se mostrar convencida de que os rapazes não fraquejavam. O pior era se perdiam o ano . . .

No dia imediato, ao seguir para a Universidade, ela afirmava-lhe que se sentia na melhor disposição, que se levantaria, se não fôsse o medo de o contrariar.

Ao largo de Santa Cruz viu a adeleira da Couraça dos Apostolos, a «ti» Engracia, muito da casa das Silvas, acocorada num banco, sob a miscelanea berrante de saias e corpetes, de chapeus e botas usadas, de saiotes e meias de homem. Teve a impressão confusa de que a velha lhe deitára o olho de soslaio, desconfiado e turvo. Depressa a impressão se desfez, e achou-se ridiculo pela suspeita pueril.

Na rua Larga o mesmo silencio da vespera, os mesmos entusiasmos sufocados. Os de teologia tinham aderido á «gréve», sob o estimulo de manifesto assinado por três alunos da Faculdade. Dos juristas só um persistia na ida às aulas, a despeito dos protestos e das humilhações a que o submetiam — e que êle oferecía ao Cristo crucificado, de que desejava aproximar-se pelo sacrificio e pela penitencia. A policia de Lisboa, já de aspecto risonho, conversava com os «grévistas», mostrava-se humana e sociavel. As patrulhas de cavalaria continuavam a bater as calçadas, no aborrecimento lasso da sua propria inutilidade.

Só á chegada dos jornais do Porto e Lisboa a multidão serena se agitou e ondulou. E o espectaculo da rua Larga impunha-se pelo imprevisto e pelo pitoresco: centos de rapazes, num momento buliçosos e ageis, envolviam-se, enrodilhavam-se nos vendedores de jornais, espalhavam-se a seguir pelos passeios, sentavam-se no

chão, encostavam-se ás paredes caiadas, sorvendo avidamente as noticias longas e pormenorisadas, os artigos esfusiantes de adjectivos de efeito — todos no insofrido interesse de ver em letra de imprensa os factos que haviam testemunhado, de que haviam sido actores ou comparsas no dia anterior.

Os jornais aplaudiam o movimento, consideravam-no o golpe de morte, decisivo e fatal, na vida do governo.

Era uma hora quando Rodrigo meteu para Celas. Ao alto de Santa Cruz uma mulher, que descia afadigada, abordou-o. E antes mesmo que lhe preguntasse o que queria :

— Senhor doutor, venha depressa, a senhora está muito mal . . .

Ele encarou-a, numa fixidez atarantada. Volveu, a mêdo :

— Mas quem está mal ?

— A senhora D. Beatriz, senhor doutor.

Rodrigo largou a correr. A mulher, palradora, acompanhava-o e continuava, ofegante :

— Mandaram-me á procura do senhor doutor. . . Demorava-se muito, eu ia vêr se estava na rua Larga. Diz que a senhora se levantou da cama e caiu no chão, sem fala. . .

Cortaram ligeiros a povoação pacifica e amodorrada. A's portas espreitavam cabeças curiosas.

Mulheres da visinhança tinham evadido a escada, a sala de jantar e o quarto. A Maria, encostada ao leito, molhava com vinagre os temporais de Beatriz. E ela, na palidez do marfim, as pupilas dilatadas, vagamente fixas, tinha na atitude e na fisionomia a crispação do terrôr. O corpo conservava-o dobrado para a esquerda e apertava as mãos, do lado direito, sobre o seio, no gesto contorcido da angustia. Inclinou-se, inquiriu :

— Que foi Beatriz, o que tiveste?

Ela não teve estremecimento, simples alteração fugitiva — na rigidez violenta de marmore dolorido. Apalpou-lhe a testa. Abrasava. Interrogou de novo, rouco de angustia:

— Beatriz, dize, pelo amor de Deus, dize o que tiveste?

Beatriz permanecia inerte, na sua imobilidade contorcida. Mas entrou a gemer, em «ais» rapidos, agonisados. Dos lados vinham vozes de lamuria:

— Coitadinha, foi ar que lhe deu...

— Tão bôa senhora, com uma filhinha de dias!

— Eu parece-me que foi o parto que lhe subiu á cabeça..

Rodrigo endireitou-se, ordenou-lhes rispidamente que saissem. Uma délas ainda se ofereceu:

— Se fôr preciso dar o peito á menina, móro ali no bêco, á esquerda... E' só chamar. Ana Vieira, para o que lhe servir...

— Beatriz, fala!... — continuava. E dirigindo-se á Maria: — O que foi isto? Anda, dize tu ..

Ela fez-lhe sinal para que a seguisse. Rodrigo deixou Beatriz só, meteu á salêta de estudo, fechou a porta. A Maria limpou a lagrima á ponta do avental, começou por dizer que pouco depois do senhor doutor ter ido para as aulas... — nos olhos dêle ardia a sêde de absorver a revelação desejada e tormentosa — pouco depois de ter descido a escada, a «ti» Engracia, a adeleira da Couraça, batera á porta.

— A Engracia?! A adeleira?! — repetiu, aterrado.

— Sim, a adeleira. Mandára saber da senhora, se queria alguma coisa, uma sainha, um vestidinho, quasi novo, para criança, ou se tinha que vender já usado. A senhora não queria vender nem comprar.

Rodrigo intimou, impaciente:

— Depressa, conta depressa...

Então a «ti» Engracia fôra subindo a escada, a dizer «que a senhora comprava um vestidinho, se o visse, pois havia de gostar» ; até que chegára á sala e pedira licença para entrar no quarto. A senhora dera-lhe licença, muito envergonhada. Só vira, depois disso, a mulhersinha sentada ao lado da cama, a queixar-se de cansaço, duma pontadita sobre o coração. E deixára-as a conversar, fôra á sua vida...

Rodrigo abrangeu de relance o drama lancinante. A adeleira, amiga das Silvas, indo ali, como emissaria do seu odio despeitado, levar a Beatriz a noticia de que êle era casado — na suspeita da ineficacia das cartas anonimas. E via a velha a esvurmar o veneno preparado pela outra, até ao momento em que a pobre rapariga, sacudida pelo inesperado choque, tombára na prostração em que a encontrou. E êle tivera o rebate surdo da desconfiança ao passar pela adeleira. O olhar déla, obliquo, rancorôso, não lhe fôra despercebido... Porque não tornára para trás? Teria evitado aquela fatalidade!...

E como a Maria, depois duma pausa, em que se assoou e enxugou os olhos, fôsse continuar, êle sentiu-se invadido por colera brusca.

— E para que a deixaste entrar, minha estupida?!

A rapariga encolheu-se de encontro á parede. Rodrigo, de punhos cerrados, avançou para ela:

— Porque não a deitaste da escada a baixo, grande estupida?! Ainda hoje sais dêsta casa, nem mais um dia!

Ela rompeu em choro surdo, com as mãos fechadas sobre os olhos. E êle, agora abafando a voz, todo exaltado:

— Vê bem o que fizeste! Fôste tu a culpada da senhora se encontrar naquele estado!... Podia meter-te na cadeia, ouviste!

Deu passos rapidos na sala. Reparou num papel de carta amarrotado no chão, na pasta aberta e revol-

vida sobre a secretária, nas cadeiras em desordem. Levantou a carta — reconheceu as linhas traçadas num dia de tormenta moral, no dia em que resolvera declarar á mãe que se considerava solteiro. Supunha inutilisado êsse papel. Porque motivo lhe aparecia, e intacto?

A Maria, a fungar, amuada, fez-lhe saber o motivo:

— O senhor doutor nem me deixou acabar... Eu já ia dizer ao senhor doutor... Lá como o papel veiu parar aqui, não sei eu. Mas foi aqui que eu dei com a senhora sem fala...

— Aqui? ! — insistiu, aturdido.

— Sim, meu senhor... aqui mesmo, estendida ao pé da mesa, em camisa...

— Mas como foi isso? Mas porquê, porquê?! — andava dum lado para o outro, os temporais premidos entre as mãos tremulas. — Eudoideço! Eu endoideço!

A Maria, calada, deu-se a arrumar as cadeiras. Rodrigo parou em frente déla, e em voz de amargura:

— E a mulher?... a adeleira?...

— Não a vi mais...

— Fugiu?

— Não sei, meu senhor. Eu cheguei ao quarto, não vi a senhora na cama, fiquei aflicta, e vim acha-la estendida no chão... Gritei pelas visinhas...

— E a menina?

— Esteve caladinha... Deu-lhe de mamar aquela mulher alta, que móra no bêco...

Rodrigo mandou-a para o quarto, que a senhora não podia estar só. E deixou-se caír numa cadeira, prostrado, vencido, como sob a vibração de vertigem. E tinha a sensação atroz de que as parêdes, o sobrado, a mêsa, as cadeiras, a propria estatueta, animada do sorriso enigmatico que o gelava, voavam em tôrno de si, num redemoinho infernal, na furia de zombaria.

Não pensava, não tentava sequer erguer o véu que lhe encobria o motivo que levára Beatriz áquela sala, o enigma da carta deixada no chão, como se por trás dêsse véo suspeitasse negrumes nunca entrevistos.

Rodrigo julgou ouvir gemido agudo e breve. E como se só então despertasse nêle a consciencia do estado de Beatriz, escreveu atabalhoadamente duas cartas laconicas — ao Pedro e ao medico. Pedia-lhes que viessem sem demora. Reclamava os caso grave e urgente.

Chamou a criada: que entregasse as cartas a uma visinha para as levar ao seu destino.

Tinha necessidade de se aproximar agora de Beatriz. E faltava-lhe a coragem, as pernas tremiam-lhe, todo êle mergulhado em mêdo e amargura. Ela sabia tudo. Devia odial-o, devia ter por êle um repulsivo rancôr. O seu silencio, a fixidêz vitria do seu olhar, a contracção do seu corpo, as süas mãos crispadas sobre o peito, a sua propria febre, eram indicios do odio que refervia e lhe abrazava a alma. E tinha razão. Mentira-lhe, enganára-a, ludibriára-a... Fôra com intenção toda revestida de receio e de carinho — mas ela ignorava a intenção, conhecia apenas o crime!

E se Beatriz morria, com tão fundo abalo sobre o esgotamento do parto? Pareceu-lhe mais fraca e mais debil do que luz mortiça — ligeiro sôpro poderia apaga-la.

A seguir veiu-lhe a revolta do desespero contra a adeleira, contra a Maria de Jesus — a quem atribuiria a morte de Beatriz, se na morte realmente estivesse o remate do incidente. Não, nem queria pensar na possibilidade do desenlace tragico. E devia ir para o quarto, não podia deixa-la só. Devia mesmo aproveitar aberta de sossêgo para lhe confessar tudo, agora que ela já conhecia o aspecto mau da verdade.

Dirigiu-se ao quarto, confrangido.

Beatriz gemia surdamente, estremecia em arrepios intermitentes, com as mãos ora enclavinhadas no peito, ora traçando gestos desordenados. Rodrigo compoz-lhe a roupa, afagou-a. Evitava-lhe porém o olhar, como se no seu olhar crepitassem coleras fulminantes. E no momento em que lhe surpreendeu as pupilas esgazeadas prescrutando-o, numa avidez sinistra, ficou mais perturbado do que se lhe arremeçasse a acusação das suas mentiras. Dobrou-se sobre o berço, beijou a facesinha adormecida da filha.

A voz déla, pastosa e mortiça, ergueu-se na mudez constrangida:

— Agua, quero agua...

la chegar-lhe um copo. E se lhe agravasse o mal? Correu á cozinha, para quebrar a frialdade da agua. A Maria não tinha chegado ainda. Pareceu-lhe que o medico demorava indefinidamente.

Bebeu dum sorvo, muito sofrega. E ao amparar-lhe o corpo, mais sentiu crescer as suas inquietações, sentindo mais intensa a ardencia que a escaldava. Decidiu revelar-se-lhe, abrir na treva adivinhada no intimo dêssa criatura, que o amor fizera sua, a claridade viva e consoladora do perdão.

— Beatríz, escuta-me... — disse, arrebatadamente. Quasi se deitou junto dela, a cabeça apoiada no travesseiro. — Ouve-me, Beatriz; escuta-me...

Ela seguia-lhe os movimentos com os olhos dilatados e inconscientes, na incerteza vaga do olhar sem percepção. Respirava a custo, no esforço acelerado da fadiga. E vendo que se mantinha tão insensivel á ansiedade da sua voz como corpo inanimado ás rezas da encomendação, apoderou-se-lhe duma das mãos, beijou-lha com enternecimento. Ainda arriscou nova pregunta:

— Que te doi, Beatriz?

Ela continuava a gemer, a apertar o seio, do lado di-

reito, como a querer rasga-lo para arrancar brasa que lho queimasse. Então Rodrigo endireitou-se, foi até á janela. Tinha ali Beatriz doente, muito mal, e ainda lhe custava a crêr no que os seus olhos, os seus ouvidos, o seu amor alarmado lhe mostravam iniludivelmente. Era como capitulo inverosimil de romance cortado de lances de tragedia. Pois se nêssa mesma manhã a vira tão bôa, livre de perigo, como era possível que uma mulher, êssa intrusa, chegasse a sua casa, a sua própria casa, e com meia duzia de palavras grosseiras lhe sepultasse a felicidade em desalento e amargura?

Voltou-se para o leito... Infelizmente não podia duvidar. A verdade era de tal fórma tangivel que não havia iludir-lhe o negrume dos traços. O que se passaria dentro daquêle craneo, no tumulto da febre? Como êle desejava penetrar êssas paredes frageis e surpreender, sem ser pressentido, os pensamentos que o revolviam! E que demora a da criada, a do medico, a do Pedro! Era como se todos o abandonassem ao desespero da sua situação.

E a D. Isabel, e Mariana, assim que soubessem? Dava-lhe vontade de fugir, de desaparecer, á idea de que elas, agora, haviam de saber tudo, irrevogavelmente tudo! O que fariam, o que diriam? E Mariana vinha jantar com êles, nêssa tarde! Se pudesse mandar-lhe dizer que não viesse! Não, não, era impossivel...

Depois, passeando de vagar, lembrou-se de que estava ha dias sem noticias de Tereza. Telegrafaria para Almendra por intermedio do Pedro. Se êla morresse, talvez conseguisse salvar Beatriz.

A Maria, com a face fuliginosa apanhada no geito do acanhamento, veiu dizer que tinham partido duas mulheres para a cidade, cada uma com sua carta. A seguir pediu o favor de chegar á sala, que lhe «queria duas palavrinhas».

— Eu, como o senhor doutor me pôz fóra... — começou, amarfanhada, baixando os olhos.

Rodrigo não a deixou concluir:

— Já sei o que vais dizer. Fica, fica... Eu estava transtornado. E as mulheres, foram ha muito?

A criada condescendeu. Ficava, visto o senhor doutor pedir. As cartas já deviam estar entregues.

— E a menina, se tiver fominha? — interpelou êla, prudentemente.

Rodrigo, na sua perturbação alucinada, quasi esquecera a pequerrucha. Arranjava-se uma ama. Como, duma hora para a outra?

— Se o senhor doutor quizer... servia aquela mulhersinha de ha bocado.

— Sim, sim, êssa mulher... Vai vêr isso, dize-lhe que pagarei bem.

Demais, a mulher convinha-lhe ali, junto de Beatriz. Sentia-se melhor acompanhado. Ela não teria tanto ensejo de o acusar, no acesso irreprimivel da indignação. Porque tinha a desconfiança dalguma coisa de hostil, de reservadamente hostil, na fixidez metalica das suas pupilas, que o incomodava, que lhe infundia terror.

Eram duas horas e meia quando a voz de Mariana cantou ao fundo da escada:

— Dás licença, Beatriz? Ah, não falas? Eu cá vou subindo.

Ele desejou ao mesmo tempo dissolver-se, fugir, morrer naquêle instante. Achava preferivel tudo, a ter de encarar Mariana, a ter de lhe contar a fatalidade. E se Beatriz falasse?

Os tacões ligeiros batiam já no corredor. Recalcou a sua inquietação, foi ao encontro dela.

Mariana estendeu-lhe a mão afilada. E êle, logo, atabalhoado:

— A Beatriz está doente...

— Doente?!

— Sim, doente... Silencio, não se apoquente!... E' uma febre, uma dôr no peito. — E como ela tentasse adiantar-se: — Cuidado, não a faça afligir!...

Entraram juntos. Beatriz, com um colorido vivo de cereja na face chupada, arfava, num respirar mais violento, tinha a mesma fixidez inconsciente nas pupilas. A irmã abeirou-se do leito, pôz-lhe a mão na testa, interrogou-a, despertas todas as branduras aveludadas da sua alma. Ela gemia sempre, impassível ás perguntas e aos desvelos amorosos. E ficaram por fim calados largo tempo, e abatidos como num assombro.

— Que é que me queres? — disse Pedro, esbaforido, já na sala de trabalho. Rodrigo atirou-se-lhe aos braços, afogado de soluços, mais vencido na presença do amigo. Este, numa surprêsa embaraçada, repetiu: — O que tens? O que tens tu? Dize, dize o que tens?

Ele foi-se tranquilisando, relatou por fim como se lhe deparára Beatriz, o seu estado febril, a gravidade da doença, a suposta revelação da adeleira...

— A adeleira, a Engracia?! E como entrou aqui êssa mulher?

Rodrigo mostrou-lhe apoquentação pela demora do medico. Depois dêle vir contar-lhe-ía o que se déra. O outro prestou-se a chegar á rua de S. João. Foi logo. Mas ao extremo de Celas o trem do doutor Jorge Rebelo subia a estrada, vagaroso. Tornou para trás, acompanhando-o de perto.

O medico trepou a escada a gracejar, na sua mais despreocupada bonomia.

— Então, o que temos nós, meu caro amigo? E' morte de homem, han?

Mas a face sombreava-se-lhe, pouco a pouco, á medida que Rodrigo recapitulava a fuga da cama, em ca-

misa, «num acesso inexplicavel», a sincope, com a janela escancarada, os arrepios, o delirio...

— Vamos lá vêr isso... Ora o diabo, ora o diabo! — e encaminhou-se muito curvado para o quarto. Tomou o pulso da doente, e uma contracção ligeira encrespou-lhe o rôsto. A seguir pediu uma toalha, colocou-lha no peito, e auscultou-a sobre os pulmões, sobre o coração.

A visinha, aninhada a um canto, embalava o berço e lamentava-a em surdina. Rodrigo e Mariana assistiam ao exame do medico numa opressão torturante. Apenas o doutor Rebelo passou á sala de jantar, êle abordou-o, quís saber tudo, a verdade toda.

— Sossegue, homem .. Não se exalte, que isso é pior... Não lhe digo que a doença seja sem importancia... E' uma pneumonia. Mas de pneumonia nem sempre se morre... E vamos opôr-lhe resistencia tenaz, han ? Ora compreendeu ? E' preciso ter coragem. Sobretudo evitar-lhe o menor abalo moral... Sossego, absoluto sossego. E calmantes... Vem já «digitalis...» Alimenta-se só a leite, e de duas em duas horas uma colher de «digitalis», han ? E vou aplicar-lhe ventosas no peito, do lado direito...

Vieram as ventosas da farmacia. As pontadas, como a sufocação não cederam.

Apenas o carro abalou, Mariana foi ao encontro de Rodrigo, e no tom da impaciencia, repassado de pressentimentos :

— Então, o que diz o medico ?

— Que não é coisa de maior — gaguejou, em confusão. — Recomendou sossego, o maximo sossego... Aconselhou-me até a tirar a Isabel do quarto. E que ha-de curar-se.

Mas ao ver-se só com o Pedro o seu desanimo trasbordou, como volumosa corrente de agua de repente estrangulada em passagem estreita.

— Morre, a pneumonia mata-a! Demais a mais sobre o parto... E o Rebelo não pôde ocultar a gravidade da doença.

Pedro exprobou-lhe a falta de energia, o pessimismo incorrigivel, desprovido do criterio das justas proporções. O Jorge Rebelo não deixára transparecer gravidade que alarmasse. Ele ouvira-o. Êssa gravidade estava toda na sua imaginação. A doença demandava cuidados? Muito bem. Isso de modo algum correspondia a uma condenação formal. E pediu-lhe os pormenores da entrada de Engracia no quarto.

Rodrigo, mais tranquilo, desfiou um por um os episodios reconstruidos pela Maria, até ao momento em que a encontrou estendida na sala de estudo.

Pedro interceptou-lhe a palavra:

— Aqui, nêsta sala?!

— Sim, aqui na sala. E estava em camisa, imagina! Em camisa, com a janela aberta! Tinha ao lado uma carta começada, para minha mãe, ácerca daquela scena das férias do Natal, recordas-te? quando me falou da minha vida com certa mulher... Julguei inutilisada êssa carta. E é isto o que mais me intriga! Te-la-ía visto antes? Correria á sala, com qualquer fim reservado, e descobrir-lha-ía então na pasta?

— E o que dizia a carta?

— Olha, lê. São duas linhas... — Tirou o papel amarfanhado do bolso, deu-lho para a mão. Continuou: — Não percebo, não posso perceber...

O outro cogitava, sobre os caracteres irregulares, tentando penetrar e resolver o enigma. E foi de parecer que ela devia ter lido antes êssas duas linhas.

— Falava-me nisso...

— Talvez não falasse, por delicadeza, por escrupulo, por não lhe ter dado na ocasião o devido peso .. por qualquer motivo, emfim. Naturalmente, ouvida a afirmação da velha, a ideia da carta salteou-lhe o espirito.

Rodrigo agarrou-o pelos ombros, implorou:

— Não, não digas mais... Deixa-me ao menos esta incerteza... Eu queria saber, mas tenho mêdo, o mêdo horrivel da verdade .. Prefiro a duvida. — E no tom da raiva concentrada: — Aquela Maria de Jesus! Aquele Temudo! Eu não sei o que lhes faço, juro-te, se a Beatriz morre!... Que mal lhes fiz eu, que mal fiz a êssas infamissimas criaturas?!

Pedro intimou-o a falar baixo.

— Não te exaltes. Olha que podem ouvir lá dentro. E não penses nêles. Deixa-os para mais tarde.

— Eu agora penso principalmente, apavoradamente, na D. Isabel... Na D. Isabel! O que hei-de dizer-lhe, como hei-de explicar-lhe isto?

Era realmente de causar pavor — concordou Pedro Mas impunha-se a necessidade de lhe encobrir a origem do acidente, se a intriga a tivesse poupado. E se nos delirios ela revelasse a verdade? Ora, os delirios! Ninguem atribuia importancia a revelações desordenadas de delirio.

A' despedida, Pedro prometeu ir pelo telegrafo e transmitir para Almendra o telegrama por ambos redigido.

E á saída de Mariana, noite já, fê-la prometer que não falaria á mamã na doença de Beatriz. Podia ser incomodo passageiro, no dia seguinte debelado, e para que alvoroçar a pobre senhora?

Mas em toda êssa noite, velada junto da doente, a ouvir-lhe, aterrado, os delirios e as gargalhadas, a prescrutar-lhe, confrangido, as pupilas fosforescentes, a imaginação mortificou-o, reconstituiu implacavelmente a scena provavel da adeleira, a fuga louca de Beatriz para a sala, á procura da carta, a queda no sobrado, desamparada e fatal. E êssa scena representava-se-lhe, alternadamente, ora em contornos esfumados de lance de novela, ora em linhas firmes, bem vincadas, pal-

pitantes de verdade, que o rir convulso, que as palavras guturais dos delirios avivavam — e sempre, por entre os contornos esfumados, atravez dos traços reais, o Temudo, a Maria de Jesus, a adeleira, lhe surdiam, a rir, no gôso satisfeito da sua obra.

Os seus pavores aumentaram porém á aproximação da visita da D. Isabel. Invadia-o, tomava-o lentamente um amolecimento que se lhe filtrava nos membros, na vontade, na energia. Por mais duma vez esteve para saír, sob qualquer pretexto.

Acabava de lhe dar o remedio, que ela só a muito custo aceitou. Ouviu passos na escada. Encorajou-se. Era preciso arrostar com o que viésse.

A D. Isabel, como de costume, bateu devagarinho. E numa entonação serena e dôce:

— Posso entrar? — Como ninguem lhe respondesse, repetiu, mais alto: — Posso entrar, Beatriz?

Ele abriu a porta, muito resoluto. Mas toda a sua resolução esmoreceu ao vê-la caminhar para o leito, as pupilas na filha, de repente esgazeadas, cheias de angustia. Precipitou-se sobre ela, agitou-a, no alvoroço do seu amor em alarme:

— Que tens, filha? Tu que tens, minha filha?

Beatriz levou a mão crispada ao peito, envolveu-a no seu olhar de sofredora, agora em lampejos conscientes.

— Doi-te aí, doi? Dize, minha filha...

Ao alvoroço da D. Isabel não correspondeu mais do que um olhar febril, o arquejar fundo do cansaço. Voltou-se para Rodrigo, como a pedir-lhe explicação do que via, dobrou-se de novo para o leito. Êle acercou-se, puxou-lhe pelos braços, suavemente, e recomendou baixo, comovido:

— Cuidado, não a altere . . E' o perigo todo, diz o medico.

— Mas... o que é isto?

Saíram do quarto. D. Isabel tinha a sensação de mau sonho, em que a sua sensibilidade repercutia dores e sobresaltos nunca sentidos, ouvindo a voz maguada de Rodrigo, que lhe dizia a scena tremenda, a fuga da cama, a queda na sala de trabalho, a febre e «as esperanças do medico». E ocultou-lhe a intervenção da Engracia no drama imprevisto, como já fizera a Mariana.

— O meu coração adivinhou desgraça — comentou ela, desolada. — Percebi que a Mariana estava triste, apesar de negar, e logo desconfiei de desgraça.

Nêssa mesma tarde D. Isabel e Mariana mudaram para Celas, no intuito de velar a enferma durante a noite, revesando-se.

Ao sexto dia de crise, na casinha agitada de Celas, todos tinham o aspecto devastado das longas vigilias.

Pedro chegou de tarde, na sua missão desvelada de consolar e pacificar. Rodrigo, na saleta, arrolava a filha, sentada nas suas pernas. Teve bela surprêsa ao vêr-lhe o olhar alegre, alagado de esperança. Informou-se do estado de Beatriz, beijou a pequenita.

— O medico diz que vai melhor. A mim tambem me parece... Respira com menos dificuldade. A febre não decresceu, mas o Rebelo entende que não é mau sintoma...

O outro animou-o, fortalecendo-o na confiança das melhoras.

Rodrigo já se abandonava a projectos de felicidade, estreitando a si o corpito debil de Isabel. Pedro aproveitou um silencio para lhe comunicar a ultima resolução do governo ácerca da «gréve». Ninguem havia perdido o ano. A Univeraidade, as escolas de Lisboa e Porto estavam novamente fechadas, á falta de alunos. Não se sabia qual a solução ultima do conflicto. Os boatos circulavam aos centos, os mais desencontrados, os mais disparatados. E outra vez fôra ordenado que os

estudantes evacuassem a cidade no prazo de vinte o quatro horas. Ele não saía. Que o prendessem, se quizessem. E estava convencido de que os «sete« seriam readmitidos, porque todos os rapazes, milhares de rapazes, se entrincheiravam na «gréve», irredutivelmente, emquanto o governo os não atendesse.

Rodrigo mostrava-se tão despreocupado do conflicto, na absorpção dos encantos da filha, a passear-lhe os dedos leves pela testa, pelas sobrancelhas mal definidas, com um sorriso enlevado e feliz, que Pedro entendeu dever calar-se. Pouco depois falava dum sonho com a Etelvina, nêssa noite... Rodrigo atalhou, assustado:

— Cala-te, não digas... Bem me basta o lembrar os sonhos que me contaste ha tempos, á vinda das ferias do Natal. A cada passo me sacodem de calafrios... porque vejo Beatriz tambem no cemiterio, tambem... um horror, um horror!

— Bem, não conto... Não era nada que te causasse sustos, mas não conto.

Rodrigo levantou-se, foi entregar a filha á ama. E pouco depois considerou-o, afirmou:

— Tu afinal tinhas razão... O sonho é o unico aspecto toleravel da vida. Olha que tenho chegado tambem a desejar adormecer, dormir sempre, sonhar sempre. E' nos raros momentos de sonho que sou feliz. Porque a tenho visto com o seu ar juvenil de outros tempos, fresca e risonha, a perfumar-me a vida como jardim cheio de rosas... Quanto mais adoece, mais rejuvenescida me surge durante o sono. E a outra, a Tereza, aparece-me afastada, como se a conhecesse apenas de nome, em passado remoto... — Fez uma pausa, continuou: — Eu convenço-me de que ela melhora. Porque me parece impossivel a morte de pessoa a quem quero tanto... Ao mesmo tempo duvido. Acho felicidade demasiada. Além disso, o facto do medico lhe ter receitado cafeina ..

Pedro avultou-lhe o estado perigoso de doentes, a quem receitaram cafeína, salvos e magníficos para a vida. A cafeína tinha por fim levantar o sistema nervoso, não devia intimida-lo.

A sua esperança tornou se mais consistente na madrugada seguinte. Mariana e D. Izabel haviam-se deitado. Ele ficara só com Beatriz. A febre era alta, mas como que renasciam nela as energias perdidas, a lucidez do espirito.

Rodrigo passeava no quarto, com as portas da janela meio abertas. Uma vez por outra parava, e percorria com a vista os campos silenciosos, banhados de luar e melancolia. As arvores, na claridade leitosa, tinham atitudes espectrais, gestos de desolação. Tornava junto da cama, observava Beatriz, agora em pacificação amodôrrada. Respirava no ruido aspero dos dias anteriores.

Tinham caído as quatro horas, lentas e argentinas, no relogio do convento. Deu-lhe a terceira colher de cafeína. E ficou-se a contempla-la, insistente, como que numa ideia oculta, que intimamente o subjugava.

Supôz ouvir-lhe qualquer coisa indistinto, em ar de segrêdo. Sentou-se á borda da cama, chegou-lhe quasi a bôca ao ouvido :

— Beatriz... estás melhorsinha?

Ela fez um sim perceptivel, baixando as palpebras. E então revolveu-o, com todos os estremecimentos de impulso generoso e largo, a ansia de lhe espargir na alma a frescura dum alivio. Confessar que mentira pelo muito que a amava. Essa confissão poderia ser o remedio eficaz, a confiança entreaberta para as suavidades do futuro. Beijou-lhe a testa que queimava, suplicou :

— Beatríz, ouve, escuta-me só um momento...

Ela estendeu a mão descarnada, roçou-lha pela face, em caricia tremula. E em tom sumido, num supremo esforço, percorrendo o aposento com a vista frouxa :

— A Isabel ?

— Espera...

Correu ao quarto da criada. Ninguem o sentiu. Trouxe a filha, que dormia. Beatriz tentou erguer os braços, que lhe caíram desamparados. Aproximou-lha dos labios. Poz-lhe beijos nas mãosinhas papudas, nos refêgos do rôsto. Fez um aceno a Rodrigo para que se curvasse. Ele curvou-se, e sentiu um beijo escaldante na orelha, que o perturbou. Deu-lhe mesmo vontade de gritar, sem saber pelo quê. E logo, a voz déla, gosmosa, na opressão da agonía :

— Não a deixes... has-de ser muito amigo da nossa filhinha... sempre...

Rodrigo apertou-lhe a mão com força, estrangulado de emoção. Viu-lhe brilhar uma lagrima nas pestanas, que se perdeu na palidez desbotada da face. A pequenita chorou. A D. Isabel acudiu, muito admirada pelo chôro da neta no quarto, áquela hora. Levou-a á ama, carinhosamente.

Beatriz, outra vez na prostração da febre, tinha outra vez o respirar estertoroso, semelhante ao ronronar dos gatos. Daí a pouco abria as palpebras em forçada dilatação, soltava «ais» rapidos, lamentosos. Sobreveiu-lhe o delirio. Ria, gritava. A mãe acudiu. Depois sorria, como a afagar um corpo pequenino. E cantarolava, em rouquejo aspero :

Quem tem filhinhos pequenos,
Por força ha-de cantar...

Rodrigo, esmagado ao canto da janela, olhava amargamente o nascer dubio da manhã, indeciso entre a esperança e o desanimo — e a luz dubia da madrugada marcava-lhe mais viva a saudade dos dias felizes. A D. Isabel pedia á filha que socegasse, cobria-lhe os braços, que ela lançava fóra da roupa, a amarfanhar nos dedos crispados a malha da colcha branca.

Quando bateu o meio-dia, a febre havia crescido. A respiração tornára-se mais acelerada, mais funda — como se viesse atravez de ralo estreito. Houve um momento mesmo em que Beatriz se quedou, como corpo môrto.

Mariana atirou um grito rouco, desvairada, fugindo para a sala de jantar. A D. Isabel seguiu-a, estreitou-a a si, suplicou :

— Cuidado, filha, tem cuidado... Olha que não morreu... E póde ouvír... Não chores alto...

O medico chegou ás duas horas. Auscultou-a — e teve um gesto de esmorecimento. Mal lhe sentia o coração. Perguntou se não espectorava.

— Desde as onze horas que não espectora — disse Rodrigo, sucumbido. E na saleta agarrou-lhe pela cinta, trespassado de anciedade : — Está perdida, doutor, não se salva ?...

Ele baixou os olhos, prescreveu, quasi a fugir:

— Dê-lhe duas colheres de vinho do Porto. E' o diabo, a falta de espectoração. Eu volto, adeus...

Pedro subia nêsse instante. Percebeu que alguma coisa de grave ocorria, pelo alvoroço que reinava na casa.

— O que foi ? O que disse o medico ?

Rodrigo gritou pela criada.

— Vai depressa, trás uma garrafa de vinho do Porto... Depressa !

Trouxeram o vinho. Pedro seguiu o amigo, no desejo de o auxiliar.

Mariana, em chôro reprimido, ajoelhada á borda da cama, fricionava com amorosa ternura as mãos de Beatriz, em que se definiam manchas roxas, donde a onde, levemente esbatidas. E murmurava para comsigo :

— Jesus, Jesus... Rainha Santa, ó minha Rainha Santa !...

Rodrigo entornou o vinho na colher. D. Isabel saíu

precipitadamente. Beatriz, com o busto pousado em travesseirões altos, mal respirava, oscilando de leve a cabeça. Os olhos negros, quasi apagados sob as palpebras que se cerravam, com tremuras rapidas, escondiam-se em circulo fundo e negro, como se se afogassem em treva...

— Beatriz ! — implorou, esforçando-se por lhe fazer engulir o vinho. Mas a colher batia-lhe de encontro aos dentes fechados, e o liquido escorria-lhe, como fio de saliva, ao canto flacido da bôca.

Pedro não pôde mais. Passou á sala de jantar. Deu com D. Isabel de joelhos, á janela, as mãos enclavinhadas e erguídas na direcção do convento. No quarto, a voz de Mariana fendeu o silencio, estridente, horrorisada.

— Mamã ! Mamã !

Lançaram-se ambos pela porta aberta. Beatriz inclinára a cabeça para a direita, distendera os braços magros sobre a colcha — e as suas unhas, de roxas, lembravam violetas frescas... Teve uma contracção, como num soluço, entreabriu a bôca desbotada, e agora livida e inerte, parecia ter caído no espasmo da fadiga.

A ama acercou-se de Pedro, segredou-lhe ao ouvido :

— Ficou-se ..

Mariana estava prostrada, sem sentidos, com a cabeça aos pés da cama. D. Isabel agarrava-se ao corpo da filha, para sempre frio, agitava-o, beijava-o, como se quizesse insuflar-lhe o calôr e a vida dos seus beijos. E Rodrigo, como num acesso de idiotismo, numa voz em que a esperança ainda fremia :

— Beatriz ! Olha para o teu Rodrigo... Ouve-me, Beatriz... Não morras, Beatriz !...

Pedro, no tormento de toda a sua sensibilidade exacerbada, ergueu-o pelos braços, arrastou-o consigo, mudo, aturdído. Ao transpôrem a porta êle quiz retroceder. Segurou-o, disse-lhe entre soluços :

— Não, tem paciencia! E' preciso coragem, vamos!

E Rodrigo revelou na verdade forte coragem. Emquanto por toda a casa voavam, angustiosos, os gritos lancinantes de D. Isabel e Mariana, e Pedro tentava conforma-las com a desgraça, êle, na sala de estudo, estirado na cadeira de verga, os olhos enxutos, o coração em pulsações regulares, apenas uma ou outra vez descia os labios frios sobre a testa da filha, a dormir no berço pequenino — e tinha a impressão fugitiva de que beijava Beatriz, nos dias longinquos de castidade e de sonho...

XVI

Não, devia ter paciencia, tudo no mundo era transitorio : idolos, leis, verdades. Tudo obedecia fatalmente à unica força eterna e imutavel : a da transformação — asseverava o Azevedo Lemos, á «futrica», de colete vermelho sob o ouro fôsco da corrente, passeando na rua Larga com o Chico, vistoso no luxo exquisito do seu calção tufado e do seu casaco de cinto, guarnecido de viezes pespontados. — A musica de Wagner não podia ser eterna, embora Wagner se tivesse eternisado. As predilecções, a educação, as tendencias esteticas evolucionavam sem cessar. E essa flutuação progressiva ou retrograda arrastaria consigo a necessidade de outra musica, inteiramente diferenciada da musica «wagneriana».

Nem sequer os deuses se furtavam á vertigem corrosiva do tempo, e eram deuses . . . A propria Biblia, a Biblia que êle, Chico de Lencastre, afirmava escrita por Deus, estava na fase da decadencia . . .

— Perdão, menino, là com a religião não brinques... É mania ! Não se discute contigo que não venhas ridicularisar a religião. Pois olha : homens dos mais sabios

a teem venerado, ouviste? — e esbogalhou os olhos languidos, sob a luneta, compoz nervosamente o leque no bolso superior do casaco, meneou mais os quadris. — Voltemos ao nosso querido Wagner . . .

Da rua do Borralho desembocou o Pedro, taciturno e lento. Foi para êles:

— Vivam vocês . . . Chegaram ha muito?

— Eu fiquei, como sempre . . . — disse o Azevedo Lemos.

— Eu cheguei ontem e já encerrei a minha matriculasinha.

— Tu, já encerraste, Chico? Logo no primeiro dia?!

— E não querias? Esplendido, amorzinho. Actos sem mais aulas . . . magnifico! Ir ás aulas até fevereiro, fazer agora o meu acto, acabar com isto!... E sobretudo contrariar os republicanos... Porque o movimento é todo republicano, olé! Ora, sacrificar um ano por êssa cafila, pelos Santos Cunhas que para aí enxameiam, uns «va-nu-pieds», crédo! Era de perder a nossa alma.

— O movimento é dos republicanos?! — repetiu Pedro, abismado.

— Eu já quís convencer êste homem de que o movimento era dêle, monarquico-catolico, como é meu, de todos nós, porque nenhum de nós o repudiou a tempo, e porque todos fizemos a «greve» de abril. Não ha meio de o conduzir á verdade. Argumenta-me com a campanha dos jornais republicanos...

— Pois claro, «amico carissimo», pois claro... Era preciso não saber lêr... — corroborou o Chico, revirando os olhos, ageitando as lunetas.

— Ui, o que aí vai de frazes, de literatura esbanjada! — gritou ao lado o Campos, que vinha dos lados da Universidade.

— «Caro mio! Gloria o chi vince!...» — exclamou o Chico, caloroso.

E o Lemos, ironico:

— Donde vens?

— Não se pergunta, Lemos, isso não se pergunta. De encerrar matricula. Eu não sirvo de joguete aos caprichos da politica sediciosa.

O Chico havia puxado do leque, abanou-se dengosamente, sublinhou:

— Joguete, sim, muito bem. — E então de quem filhos, de quem? Oh! — abriu muito a bôca, a deixar passar a enormidade do seu oh! — de maltrapilhos, de Santos Cunhas, uns «va-nu-pieds...» Ai lei 13 de fevereiro! Era tudo para Timor, tudo, e no alto mar, uma bóla ao pescoço, e zás — fez o gesto de lançar ao mar — a limpezasinha! Até Nosso Senhor se regalava todo!

Pedro despediu-se, indignado.

Quatro dias depois a Reitoria publicava a nota oficial das matriculas encerradas — donde ressaltava a transigencia da maior parte da Academia. Fôra prorogado indefinidamente o prazo dos encerramentos. Um furor de galopinagem alastrava, avassalador. Pedro tinha sido intimado pelo pai a fazer acto. Mas não se submetia. Perderia o ano e a mesada do pai, salvando a dignidade empenhada no compromisso.

Saiu em direcção á rua Larga, ávido de noticias. Uma chuva miudinha como poeira filtrava-se das nuvens baixas, impregnava os corpos de humidade e moleza.

Viu o Azevedo Lemos a conversar, esmorecido, á porta da «Casa Felíz». Tomou-lhe o braço, veiu com êle para a rua, interpelou-o:

— Então, o que fizeste?

O Lemos exaltou-se, falou dos jornais que os abandonaram. Apostrofou o país, que assistia indiferente á queda da Academia.

Pedro concordava com o Lemos. Propôz que dobrassem para a Baixa. O outro continuou:

— E o peior dos resultados da solução está precisamente na quebra da harmonia entre os rapazes. É a dissolvencia da já poída camaradagem academica. É a derrocada moral do mais belo quinhão da mocidade dum paiz...

E mudando de tom:

— Deixemos isto... Olha lá? O que é feito do Rodrigo? Já ontem quís falar-te dêle. Não encerra matricula? Ouvi dizer que é casado... que lhe morrera a amante...

O rosto sereno de Pedro conturbou-se. E lento, no fundo tremor da magua:

— Sim, é casado... E foi o casamento o seu grande mal.

— O marôto, casado, e com amante, hein? E amante daquele tecido!

Pedro, emocionado, pediu-lhe que não se referisse assim a Beatriz e a Rodrigo. Mereciam só estima e respeito. Rodrigo tinha casado aos dezanove anos. Narroulhe as circunstancias do casamento, a impossibilidade de chamar a mulher á comunhão da vida do matrimonio, a sua esterilidade e o seu histerismo. Depois a paixão nascida da convivencia com Beatriz, sem êle sequer a suspeitar. E caíram por fim naquilo, ela ignorando o seu estado, êle esperando dia a dia a morte da mulhér, na intenção de regularisar a união com Beatriz. O seu erro fôra não lhe confessar de principio toda a verdade, não a ter afeiçoado logo á ideia do amor livre — porque ela viera a saber tudo por intriga malevola sobre os estragos do parto recente, o que lhe provocou febre mortal, o que lhe decidiu da vida. O Temudo fôra cumplice na intriga...

— O Temudo?! — inquiriu o Lemos atonito. — Bandido! Eu desconfiei sempre do caracter do sujeito... E o que é feito do filhinho?

— Espera, eu digo já... Rodrigo foi para a terra...

Deixou a filha, é uma filha, em casa da avó, ali á rua dos Estudos. E mandou-a buscar há dias para Almendra, por uma ama.

Falou a seguir no tormento da mãe de Beatriz e da irmã, na sua dôr ao separarem-se da pequenina. Mas realmente Rodrigo precisava-a junto de si. Seria o seu unico alivio... Não voltava a Coimbra.

— E a mulher, não morreu?

— Êssa vive, apesar do histerismo e da condenação dos medicos.

O Lemos embrenhou-se em considerações ácerca da lei monstruosa que junge até á morte um ser a outro ser — ainda que um seja a antitese moral e fisiologica do outro.

Na Portagem, sob a «marquise» do café Montanha, resguardados do chuvisco impertinente, encontraram o Alcides, á «futrica», de gravata vermelha em amôr-perfeito, sangrando sobre o casaco preto, e de chapeu mole à «intelectual». Barafustava, increpava o Castro, o monoculo em lampejos no olho colerico. O outro escutava-o, num sorrir indiferente:

— E's um pulha! Um «gajo» que queria armar em Danton, nas reuniões da comissão, que falava em bombas, no diabo, e encerra matricula!... — Puchou o pigarro, cuspinhou, reforçou o tom para o carímbar mais uma vez de pulha, e rodou para a Calçada, solene e bem vingado.

Pedro abeirou-se do Castro, e num brado em que toda a sua ingenuidade vibrou de magua:

— Mas já me tinham dito isso. E que não sais de Santa Tereza... Custa-me a acreditar, francamente! Tu, anarquista!...

Ele, atalhou, num sorriso placido:

— Olhai, meninos, a vós, ainda vos dou explicações... Mas lá a êsse senhor Alcides, o do «Poema em braza», o das «series» de psicologia femenina, é como se o não

conhecesse. Não aparo o jôgo... Sim, aqui para nós, convenci-me de que nisto andava manobra dos republicanos, que quereis?

— Tambem tu? E só agora? E tu mesmo não te entendias com os republicanos?!

— Mudei, então, não estou para servir de degráu a patifes... E não temos sempre vinte anos! Além disso, convenci-me de que só se serve ideia avançada dentro do seio da conservação... — Soltou gargalhadinha ambigua, chegou-se ao Pedro, que se não mexeu, e segredou-lhe, pondo-se logo em marcha para a Alta:

— Tenho um arranjo soberbo, protegido pela «catolica»... E' um «rôr de contos», menino... E não custa nada... ir por Santa Tereza, falar ao «melhor» cá do burgo, dar murros leves no peito... Depois volto para as barricadas. Segue o meu exemplo!...

— Que patife! — rugiu Pedro, congestionado, vendo perder-se na Couraça o vulto forte e atarracado do Castro.

— E são estes os homens do futuro, é com esta gente que os que promoveram o subôrno e a intriga conta ámanhã! — comentou o Lemos, na sua exaltação moderada. — Mas deixemos os patifes. A Palmira, que dizes a respeito da Palmira?

— Fez para aí umas tolices... — Comoveu-se, disse sinceramente: — Está arrependida. E lá vamos vivendo... Afinal não é má rapariga...

Do lado da Estrada da Beira o silvo prolongado da locomotiva fendeu o ar humido e triste. Eles calaram-se, de olhos fitos á espera... Um comboio avançou, meio diluido no nevoeiro, cortando a Portagem em direcção á Estação-Nova, silvando sempre, arfando como monstro cansado, borrifando as arvores do fumo espesso que a chaminé vomitava ás golfadas.

Coimbra — agosto de 1907 a março de 1908.

LIVRARIA EDITORA

GUIMARÃES & C.ª

68, Rua do Mundo, 70 — LISBOA

CANCIONEIRO GERAL, de Garcia de Resende. 5 vols. de 400 pags . . . . . 75$00
ROMANCEIRO, de Garrett. 3 vols. . . . . 20$00
O DESERTO, de Manuel Ribeiro. Edição de luxo, ilustrada, numerada e assinada pelo auctor . . . . . 50$00
A CATEDRAL, de Manuel Ribeiro. Edição de luxo, ilustrada, numerada e assinada pelo auctor . . . . . 50$00
CRONICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES (1209-1285) 2 vol. in 8.º grande . . . . . 50$00
CRONICA DA TOMADA DE CEUTA por El-Rei D. João I, de Zurara. 1 vol. . . . . 40$00
D. PEDRO I E A SUA EPOCA, por J. E. de Moraes Sarmento. 1 vol . . . . . 25$00
D. FRANCISCO MANUEL DE MELO. Esboço biografico, por E. Prestage. 1 vol. . . . . 50$00
CARTAS DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, 1 vol. 15$00
ETERNO FEMININO, por Fernandes Costa. 1 vol. ed. de luxo 30$00
DESCENDENCIA DE S. M. EL-REI D JOÃO VI, por Frederico Perry Vidal. 1 vol. ilustrado com 240 retratos, edição de luxo . . . . . 80$00
HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA, por S. Rocha Pita. 1 vol, ilustrado . . . . . 15$00
DOCUMENTOS ARÁBICOS, para a historia portugueza, vertidos em português, por Frei João de Sousa 1 vol., edição de 1796 (raro) . . . . . 30$00
VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL por Frei João de Sousa 1 vol. (raro) . . . . . 30$00
VIDA E OBRAS DE LUIZ DE CAMÕES, por W. Stork, vertido do original alemão e anotado por Carolina Michaelis de Vasconcelos. 1 grosso vol. (raro) . . . . 150$00
MEDALHAS PORTUGUEZAS E ESTRANGEIRAS, referentes a Portugal, por A. Lamas. 1 grosso volume de 570 paginas e 407 de gravuras . . . . . 30$00
SUA MAGESTADE EL-REI D CARLOS I e a sua obra artistica e scientifica. 1 vol in 4.º ilustrado . . . 15$00
EL-REI D. MIGUEL, por Faustino Fonseca 1 vol ilustrado. 12$00
O MEDICO Á FORÇA, de Moliere, trad de Castilho. 1 vol 7$50
MEMORIAS DE JUDAS, romance dos tempos de Christo, por P Dela Gatina. 2 vols . . . . . 20$00
PARNASO português moderno. de Theofilo Braga, 1 vol. . 10$00
BAPTISMO DAS NAUS, poemeto, » » » 1 v l . 5$00
CINTRA PINTURESCA. Memoria de Cintra. Colares e seus arredores, 1 vol. in 4.º profusamente ilustrado . . . 30$00

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
000012784 87